



UNIVERSIDADE DO ALGARVE/ FACULDADE DE
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA/ESCOLA SUPERIOR DE
EDUCAÇÃO



**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM CONTEXTO
DE UMA COMUNIDADE EDUCATIVA**

Limitações a uma cultura de parceria

DISSERTAÇÃO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, NA VERTENTE
DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE ADULTOS

ANA MARIA ROMBA

FARO 2007



UNIVERSIDADE DO ALGARVE/ /FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA/ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM CONTEXTO DE UMA
COMUNIDADE EDUCATIVA**

Limitações a uma cultura de parceria

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, ESPECIALIZAÇÃO EM
EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE ADULTOS

FARO, 2007

3781 T.

10.04 of 69502

374.7

ROM + Rep

Ao abrigo da alínea b) do artigo 5º do Decreto-Lei nº 216/92 de 13 de Outubro, eu
Ana Maria Romba atesto a originalidade desta dissertação.

NOME: ANA MARIA ROMBA

DEPARTAMENTO : Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do
Algarve

ORIENTADOR: Prof. Doutor Fernando Gonçalves

Data: 6 de Março de 2007

Título da Dissertação: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM CONTEXTO DE UMA

COMUNIDADE EDUCATIVA

Limitações a Uma Cultura de Parceria

JÚRI:

Presidente : Doutora Teresa Pires Carreira, Professora Associada da

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve

Vogais : Doutor Fernando Ribeiro Gonçalves, Professor Catedrático da

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve

Presidente : Doutor José Lopes Verdasca, Professor Auxiliar da Universidade de Évora

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos vão, em primeiro lugar, para o Professor Doutor Fernando Gonçalves, sem o qual este estudo não teria sido possível. Ao longo do nosso percurso a qualidade das suas orientações e críticas e, sobretudo, o elevado grau de empatia sempre manifestado assumiram-se como determinantes para a sua consecução. Sem ele, a investigação seria certamente menos rica e o caminho a seguir o mais longo e difícil.

À Dr^a Sandra Saúde pelo apoio que sempre nos prestou. De forma incondicional, esteve sempre disponível na resolução das dúvidas com que nos confrontámos no estudo, principalmente ao nível da análise de dados obtidos com a aplicação dos instrumentos de pesquisa, nomeadamente as entrevistas exploratórias e o questionário de representações sociais.

Aos especialistas da Área das Ciências Sociais e da Educação que nos ajudaram a validar os instrumentos de pesquisa e recolha de dados, nomeadamente o inquérito por questionário de representações sociais, aqui deixamos o testemunho do nosso agradecimento.

O estudo só se tornou possível em termos logísticos, graças ao apoio da Santa Casa da Misericórdia de Mértola. A esta instituição ficamos profundamente gratos.

Aos responsáveis pelas instituições e organizações que sempre se disponibilizaram para que o estudo tivesse um efectivo sucesso, e que permitiram uma contextualização precisa do ambiente em que o mesmo se desenvolveu, gostaríamos de deixar o nosso obrigado.

A todos os membros da Comunidade que, de qualquer forma, permitiram que este estudo se efectivasse, o nosso muito obrigado.

RESUMO

É aceite universalmente que as políticas de desenvolvimento local estão fortemente associadas a parcerias sócio-culturais, cuja responsabilidade no gerar de dinâmicas numa Comunidade é, simultaneamente, factor de valorização das diversas dimensões educativa, cultural, social e económica duma população/concelho.

Estes pressupostos de base, determinaram todo o processo de investigação metodológica que desenvolvemos, cujo fulcro se situou no tipo de representação social da comunidade em estudo, entendida no interface escola-família-comunidade, no seu todo e em sentido global, assumindo-se que o posicionamento face à problemática por parte do universo em questão, poderia determinar linhas de orientação estratégica, que permitam reduzir os constrangimentos e limitações identificadas em termos de culturas de parceria existentes e, simultaneamente, contribuir para “encontrar novos caminhos” para otimizar os processos de desenvolvimento em curso.

PALAVRAS-CHAVE:

Representação Social; Desenvolvimento Local; Partenariado sócio-cultural; relação escola-família-comunidade

ABSTRACT

It is universally accepted that local development policies are strongly associated with socio-cultural partnership, the responsibility of which in generating dynamics within a certain community is, at the same time, a factor to be taken into account when valuing the several dimensions of a population/municipality: educational, cultural, social and economic.

These general principles determined the whole methodological process developed in this research, the focus of which was the type of social representation of the community being studied, understood in the interface school-family-community, and seen as a whole. We also assumed that the position towards the problem on the part of the universe in question could determine strategic guidelines that might reduce the limitations identified in terms of existing partnership cultures and, simultaneously, contribute to “find new paths” to optimize the development processes in progress.

KEYWORDS:

social representation; local development; socio-cultural partnership; relation school-family-community

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO CONTEXTO DE UMA COMUNIDADE EDUCATIVA	
II – AS RELAÇÕES ESCOLA-COMUNIDADE NO CONTEXTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO	
	16
CAPÍTULO II – A PROBLEMÁTICA DO ESTUDO E O SEU OBJECTO CONCRETO	
II1 – Enquadramento Geral	19
II2 – A pergunta de partida e o objecto concreto da investigação	21
II3 – Os objectivos orientadores do estudo	22
II4 – O Universo do estudo	23
CAPÍTULO III – REVISÃO DA LITERATURA	
III1 – reflexão em torno do conceito de representação social	26
III2 – A medição de representações sociais, pressupostos de fundamentação	28
III3 – Representações da Família/Comunidade face à escola	30
III4 – (Dês)Articulações escola-família-comunidade	36
III5- Parceria(s) Jardim de Infância-Família-Comunidade:relações possíveis e desejáveis	41
CAPÍTULO IV – DESENHO GERAL DO ESTUDO	
IV.1 – A opção metodológica.....	45
IV2 - ENQUADRAMENTO GERAL DO ESTUDO	46
IV3 – O MODELO GERAL DE ANÁLISE	52
IV4 – OPERACIONALIZAÇÃO DAS VARIÁVEIS DO ESTUDO	55
IV5 – INSTRUMENTOS DE PESQUISA E RECOLHA DE DADOS	(IX)

IV5.1.ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO DE PRESENTAÇÕES	
IV5.1.1. – A ENTREVISTA EXPLORATÓRIA	56
IV5.1.2. – A ANÁLISE DE CONTEÚDO DA ENTREVISTA	59
IV5.1.3 – A FASE DO PRÉ-QUESTIONÁRIO (O PRÉ-TESTE)	62
IV5.1.4 – O QUESTIONÁRIO NA SUA VERSÃO FINAL	64
A) ENQUADRAMENTO GERAL	64
B) A ESTRUTURA DO QUESTIONÁRIO	65
C) AS CATEGORIAS DA ESCALA E O SEU CONTEÚDO	65
IV5.1.5 – SELECÇÃO DA AMOSTRA E APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO	67
IV5.2 . A ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA AOS ÓRGÃOS DE GESTÃO E DIRECÇÃO	69
CAPÍTULO V – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS DO ESTUDO	
V1 – Metodologia de Análise e Apresentação de Resultados	71
V2 – Resultados Relativos ao Questionário de Representações	72
V2.1. Dados de caracterização individual	72
V2.2. A representação Social da Comunidade em função da categoria de análise	
V2.2. 1 – Categoria articulação escola-família-comunidade	76
V2.2.2. – Categoria Limitações à cultura de parceria	78
V2.2.3 – Categoria Papéis Institucionais	82
V2.2.4 – Categoria Vantagens da Cultura de Parceria	89
V2.2.5 – Categoria Estratégia para uma cultura de parceria	91
V3 – Resultados Relativos às Entrevistas Semi-Estruturadas a Membros da Comunidade	95
V3. 1 – Categoria articulação escola-família-comunidade	96
V3.2. – Categoria Limitações à cultura de parceria	99
V3.3 – Categoria Papéis Institucionais	106
V3.4 – Categoria Vantagens da Cultura de Parceria	111

V3.5 – Categoria Estratégia para uma cultura de parceria	115
CAPÍTULO VI – FIDELIDADE E VALIDADE DOS INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS	
VII1 – A fidelidade do questionário	119
VII2 – A validação dos instrumentos	121
CAPÍTULO VII – CONCLUSÕES GERAIS DO ESTUDO	
VIII1 – Nota Inicial	124
VIII2 – Conclusões relativas à Categoria articulação escola-família-comunidade	124
VIII3 - Categoria Limitações à cultura de parceria	125
VIII4 - Categoria Papéis Institucionais	126
VIII5 - Categoria Vantagens da Cultura de Parceria	127
VIII6 –Categoria Estratégias para uma cultura de parceria	127
CAPÍTULO VIII – LIMITAÇÕES DO ESTUDO E SUGESTÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES	129
REFERÊNCIAS	133
ANEXOS	140
ANEXO 1 – GUIÃO DE ENTREVISTA	140
ANEXO 2 – GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO	144
ANEXO 3 – PRÉ-TESTE (VERSÃO ESPECIALISTAS)	146
ANEXO 4 – PRÉ-TESTE (VERSÃO COMUNIDADE)	162
ANEXO 5 – QUESTIONÁRIO FINAL	174
ANEXO 6 – PROTOCOLO DE ENTREVISTA	185

Embora seja abusivo estender as representações sociais a todos os problemas que se manifestam no campo escolar, elas não deixam de estar aí presentes a vários níveis – expectativas, projectos, motivações, aprendizagens – assumindo um lugar de relevo na elucidação da diversidade dos fenómenos educativos. (Santiago, 1993:12)

INTRODUÇÃO

“Não há paisagem tão lindamente portuguesa como a combinação dos montados de sobreiros e azinheiras, onde pastam as varas de porcos e as vacadas vermelhas, com os olivais, que refulgem nos chãs, à beira de infinitas searas de trigo ou de cevada. Essa é a imagem emblemática do campo alentejano, sob um céu eternamente azul e os raios do sol quente, que se recusa a desfalecer”, diria Urbano Tavares Rodrigues (s/d) a propósito do Alentejo imutável nas suas sombras, nos seus sonhos, na sua vontade constante de vencer. É esta imagem que nos transporta de Beja a Mértola, entre planícies e searas, entre serena beleza, até encontrarmos ao longo da margem esquerda do Guadiana o esplendor mourisco desta vila.

Localizada no extremo sudoeste da Região Alentejo, um dos maiores concelhos de Portugal, sente-se o espectro do isolamento geográfico face aos centros de decisão e a ameaça da desertificação com evidentes efeitos na memória e no viver das suas gentes, o que, logicamente, tem implicações de ordem diversa, nomeadamente ao nível dos investimentos de matriz económico-social (falta de estruturas industriais) e educativa (elevados índices de mobilidade de docentes). Terra de uma profunda riqueza em património cultural material e imaterial, enquanto registo de experiências significativas, que a sua história percorreu desde a Romanização, os tempos actuais são, à semelhança de toda a região Alentejo Interior, de uma profunda luta pela salvaguarda dos mais elementares valores das populações e pela revitalização da comunidade.¹ A este

¹ O censo de 2001 (INE, 2001) apresenta a evolução e estrutura demográfica da população do concelho, com uma matriz de características envelhecidas, tanto na base como no topo (refira-se, a título exemplificativo, o facto de a população inferior a 14 anos ser unicamente 12% do total; e 32% ter mais de 65 anos).

propósito, parece-nos importante recordar as palavras de Giacometti (s/d), na sua obra *A Cultura Popular Portuguesa*

Temos para nós que o conhecimento objectivo da realidade histórica e cultural do nosso povo apresenta-se como uma das tarefas primordiais dos intelectuais empenhados na construção de uma sociedade nova. Assim, a aproximação das formas específicas de sentir o passado, viver o presente e projectar o futuro por parte de largas camadas da nossa população rural acarreta para todos nós uma pesada responsabilidade. Portanto, longe de restringir a nossa compreensão dos fenómenos de cultura popular tão-só a simples exercícios teorizantes, a militância cultural deve levar-nos a práticas que, a partir do entendimento global da realidade nacional, tendam à preservação, estímulo ou reanimação das expressões artísticas populares de mais profundo enraizamento.

Neste contexto global, assumimos como linha de pensamento inicial, fundamental e sempre presente nesta investigação, que as políticas de desenvolvimento local estão intimamente associadas a parcerias sócio-culturais, na lógica de que boas relações de parceria² escola/família/comunidade, permitirão activar toda uma Comunidade e, conseqüentemente, o seu desenvolvimento, nas dimensões educativa/cultural, social e económica. Ao reflectimos estas questões vectorizados para a realidade do concelho de Mértola, o conhecimento empírico que possuímos do mesmo e os contactos exploratórios

² A este respeito Bettencourt Canário (1999) referiu que o parceria é hoje uma realidade multifacetada, com fins diversos, nomeadamente culturais, entre instituições ou organizações que prosseguem a consecução de objectivos comuns, com viabilidade e utilidade na comunidade local.

que realizámos no concelho³, permitiram-nos equacionar um conjunto de questões iniciais, ponto de partida para a problemática do estudo:

- Que razões justificam a fragilidade e o limitado número de parcerias sócio-culturais e educativas existentes no concelho?
- Estará o problema relacionado com questões de falta de articulação entre as instituições educativas?
- Estará o fenómeno associado a representações sociais dos agentes das diferentes instituições relativamente à problemática?
- Estará relacionado com razões de ordem histórica? Ou cultural, ou de mentalidades?
- Será que a falta de articulação Escola-Família-Comunidade em geral, está associada a um desconhecimento mútuo da realidade específica de cada uma das instituições?

A linha de pensamento expressa e as razões que fundamentam o estudo a desenvolver, conforme o capítulo seguinte detalhadamente explicita, determinaram as linhas gerais que presidiram ao mesmo. Com efeito, o conjunto de capítulos que incluímos, assumiu corpo e substância, tendo sempre subjacente o corpo de objectivos orientadores definidos, característica relevante de um estudo exploratório. Em rigor, a sua essência, é a seguinte:

³ Estes contactos permitiram-nos constatar alguma contradição nas respostas em termos da eficácia das parcerias culturais existentes, a qual, em nossa opinião, se poderá justificar por determinantes de ordem política. No entanto, parece ser comum, na quase generalidade dos contactos que, embora exista alguma eficácia nas parcerias existentes elas são consideradas muito insuficientes e poderão, na opinião dos inquiridos, serem bastante melhoradas.

- na parte introdutória presidiu a ideia de situar a problemática em termos gerais, contextualizando a mesma, e explicitando um conjunto de questões gerais orientadoras do estudo, ponto de partida para a sua fundamentação e para todo o desenho de investigação;
- no Capítulo I (*Sociedade da Informação e representações sociais no contexto de uma comunidade educativa*) presidiu a intenção de enquadrar o estudo no contexto actual duma sociedade em que as tecnologias da informação se assumem ser, cada vez mais relevantes em todos os seus sectores da sociedade, colocando-se a tónica na necessidade de existência de culturas de parceria na comunidade educativa, entendida esta como um todo sistémica em que interagem as diversas instituições e organismos de uma comunidade social (neste caso, um concelho rural);
- no capítulo seguinte, o segundo, situa a problemática e sua fundamentação, o objecto concreto da investigação, colocando a tónica na importância do estudo das representações sociais, no contexto das interacções que se manifestam no interior de uma Comunidade e de que forma é que estas influenciam o desenvolvimento local. Apresentamos, igualmente, os objectivos orientadores do estudo e o universo em análise;
- na mesma lógica, pareceu-nos ser fundamental, tratar os conceitos determinantes do objecto do estudo, de forma a entender o seu enquadramento no mesmo e, simultaneamente, a sua operacionalização, traduzida de forma reflexiva no Capítulo da Análise e Interpretação dos Resultados do Questionário de Representações Sociais. Desta forma, o Capítulo III (Revisão da Literatura) delineou conceptualmente os principais conceitos operativos do estudo, a saber: representação social e sua medição/avaliação, a relação de parceria entre a Escola/Família/Comunidade os obstáculos à mesma, as questões da participação dos pais/família na escola.

No capítulo IV (Desenho Geral do Estudo) procuramos descrever todo o processo metodológico do estudo, sendo tratados: a opção metodológica, a definição operacional das variáveis, o desenho global da investigação, a fundamentação, descrição estrutural dos instrumentos utilizados e os procedimentos relativos à sua aplicação e, por último, os testes estatísticos aplicados.

Esta fase, deve considerar-se de extrema importância, no que respeita aos instrumentos utilizados (entrevista exploratória, pré-questionário e questionário de representações sociais). Efectivamente, importava delinear, de forma exaustiva, o quadro de procedimentos cujo somatório seria a construção e validação do questionário final e, por outro lado, justificar todo o tratamento estatístico efectuado.

Estas condições estiveram sempre presentes ao longo do percurso que desenvolvemos, desde a delimitação e enquadramento teórico da temática específica que nos propúnhamos tratar, até à formulação do quadro de recomendações propostas, que deverão ser entendidas numa lógica de eventuais pistas para futuras investigações.;

No Capítulo V, o mais longo, apresentamos os resultados obtidos com a aplicação do questionário de representações sociais e da entrevista semi-estruturada, sendo feita a sua análise e tratamento de acordo com as suas secções estruturantes.

Relativamente à Secção I do questionário (Dados Pessoais), importava considerar um quadro de variáveis que, obviamente, seriam de extrema importância na análise a efectuar, porque nos permitiria relacionar aspectos importantes, com o tipo de representação assumida face à problemática em questão e as suas vertentes estruturantes –

a existência ou não de uma cultura de parceria na comunidade rural em análise, factores condicionantes e limitações identificadas.

No que respeita à Secção II (as representações), importava interpretar o volume de informação obtida através das respostas dos inquiridos da amostra, relativamente ao vasto conjunto de itens estruturantes. Por outro lado, importava relacionar o corpo de variáveis independentes do estudo, com a tipologia da representação em função da categoria, que foi objecto de análise aprofundada.

As questões implícitas na verificação da fidelidade e validade dos instrumentos, as conclusões de ordem geral/sugestões para futuras investigações foram objecto dos capítulos seguintes.

Este corpo estruturante configura um todo homogéneo e sistémico, em que se assume integralmente o quadro de pressupostos que fundamentam um estudo científico. Efectivamente, desde a delimitação conceptual do objecto concreto da investigação até ao quadro de propostas enunciadas como recomendações para futuras investigações, está sempre subjacente uma lógica de estudo e reflexão acerca de processos que permitam a transformação/renovação de práticas pré-estabelecidas na Comunidade em questão.

Por outro lado, a investigação desenvolvida ao permitir uma comunidade de diálogo suscitou o envolvimento da Comunidade Educativa no seu todo, gerando pólos de reflexão sobre práticas efectivamente desenvolvidas, indiciando, igualmente, propostas e sugestões de estratégias conducentes à optimização das relações de parceria existentes e a criar.

CAPÍTULO I – SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO CONTEXTO DE UMA COMUNIDADE EDUCATIVA

II – As relações escola – comunidade no contexto da Sociedade da Informação⁴

(...) qualquer encarregado de educação, seja de que tipo for, espera uma atitude de protagonismo, por parte da escola. A escola espera colaboração, participação, capacidade de iniciativa, isto é, protagonismo por parte do “pai parceiro”, assim como espera resistência ou distância em relação ao projecto que propõe, porque diferente, do projecto do “pai indiferente ou oposto.
(Carvalho, 2000)

A sociedade dos inícios do terceiro milénio é uma sociedade de mudança e de informação. Mudanças por vezes tão radicais que, pelas suas características, impõem necessidades ao nível de diferentes *know-how*, de forma a permitir ao ser humano fazer face às transformações sociais globais, em que as relações de poder se situam no controle dos meios de informação e dos *media* que produzem riqueza.

É um facto incontestado que vivemos numa época onde o saber se desenvolve e modifica a um ritmo vertiginoso, transformando bruscamente as condições de vida e de trabalho de todos os sectores da actividade humana, determinando novos paradigmas, associados aos novos meios de comunicação e aos recursos que a tecnologia disponibiliza à sociedade, nomeadamente às instituições educativas. Barajás (1995) ao reflectir já acerca do choque social provocado pela Sociedade da Informação considera que o mesmo irá configurar aspectos positivos e novos problemas. Em sua opinião, os efeitos serão marcantes ao

⁴ O conceito de Escola deve ser entendido na sua dimensão ampla, incorporando as características próprias de qualquer instituição de educação/ensino, desde o pré-escolar até ao superior. Na vertente concreta deste estudo, as relações a estudar e os processos a desenvolver devem entender-se, principalmente, na dimensão específica da educação pré-escolar.

nível do trabalho e das organizações, que serão obrigadas a (re)adaptar as suas condições de trabalho e formar os seus trabalhadores para fazer face à mudança brusca; em termos educativos, implica repensar os seus paradigmas clássicos à luz das novas realidades e desafios da tecnologia.

A *infoera*, na acepção de Melly (1997:66), está globalizando a informação com lógicas consequências na sociedade em geral. Ao referir-se à vertente específica da educação/ensino/formação afirmou que

Acontecerá uma verdadeira revolução, implicando na maneira como as pessoas irão ser «educadas a aprender». As pessoas vão ser obrigadas a aprender constantemente, em função da velocidade tecnológica e da mudança que ela impõe – é o que se chama de just in time learning (encontrar a informação no momento necessário) e continuous education (estar sempre em actualização).

Uma economia em permanente mutação e uma sociedade eminentemente tecnológica implicam, logicamente, uma reflexão cuidada em torno das determinantes fundamentais que configuram o viver em sociedade e as relações contextuais Escola – Comunidade – Família. Por outro lado, assume-se a evidência da necessidade de promover uma efectiva articulação da ESCOLA, na sua dimensão ampla, e da Comunidade envolvente, estabelecendo parcerias institucionais e protocolos de colaboração, que permitam potenciar a massa crítica disponível e existente e, obviamente racionalizar e otimizar os recursos. Como sublinha o Livro Branco (1996:88), na vertente específica da relação Escola-empresa

A escola e a empresa são locais de aquisição de saberes complementares, que é necessário aproximar. Em certos países europeus, esta aproximação verificou-se há muito

tempo, Noutros, só ocorreu tardia e progressivamente, ou subsiste a compartimentação entre o mundo da educação e o da produção.

Lançar ou consolidar as pontes entre a escola e a empresa só pode ser benéfico, tanto para uma como para a outra, e de molde a reforçar a igualdade de oportunidades perante o emprego, bem como a igualdade profissional entre homens e mulheres.

A evidência da necessidade de promover articulações no Sistema Social é particularmente relevante no subsistema educativo onde, conforme o demonstram estudos diversos (e.g. São Pedro e al., 2000), embora seja reconhecida a importância da relação Escola/Comunidade, a mesma é avaliada como sendo frágil, na prática, colocando a tónica na necessidade de desenvolvimento de uma cultura de parceria, entre o poder autárquico e as entidades recreativas/culturais/Escola da comunidade em questão.

CAPÍTULO II - A PROBLEMÁTICA DO ESTUDO E SEU OBJECTO CONCRETO

III – Enquadramento Geral

Os pressupostos implícitos na contextualização anterior foram referenciais determinantes para a justificação do estudo, cujo fulcro se situa ao nível “da representação social das instituições Escola-Família-Comunidade⁵, relativamente ao papel e missão a desempenhar na articulação considerada desejável”, enquanto factor de uma cultura de parceria consistente, situando a temática global da Articulação Escola-Família-Comunidade, enquanto factor de Desenvolvimento Local.

Segundo Gil (1989, cit.por Carioca, 1997:22) “*a relevância prática de um problema está nos benefícios que podem decorrer da sua solução.*” Efectivamente, acreditamos que o estudo irá contribuir para a reflexão e aprofundamento de questões, no contexto de um espaço de extrema relevância no campo da Educação e Formação de Adultos, no seu sentido amplo, assumindo-se uma noção de educação numa lógica permanente, fora de um espaço físico contextualizado, que pode acontecer em todos os momentos da vida, dentro e fora da escola. Assumimos assim, neste estudo, o pensamento de Canário (2000:5) quando refere que

Hoje, as iniciativas mais interessantes procuram descobrir as oportunidades educativas que existem nos espaços de trabalho e de vida social. A formação é um processo que não se deixa controlar facilmente. Acontece mais vezes quando não esperamos do que quando a programamos. O que conta é criar meios e ensejos de formação, colocar ao dispor de

adultos um repertório de possibilidades que lhes permitam compreender melhor o seu trabalho e aperfeiçoar as suas competências profissionais, reflectir sobre os seus percursos pessoais e sociais (...).

O estudo das representações sociais de uma Comunidade, dos seus percursos e a forma como transparecem os mesmos em termos das relações institucionais, das formas culturais de transmissão de saberes próprios das gentes, da forma como intervém na ténue articulação existente, devem entender-se, em nossa opinião, no quadro da educação não formal, inseridas num contexto mais vasto que é o próprio Desenvolvimento Local nas suas manifestações mais características. Assume-se aqui, a lógica de uma educação de adultos suportada numa política de *educação socializante de adultos*⁶ (Canário, 2000), em que se valorizam as aquisições culturais, a aquisição de competências transversais, numa lógica de “uma filosofia da educação que repousa sobre o desenvolvimento da capacidade das pessoas em proveito do desenvolvimento da comunidade”(Canário, id.: 22).

A experiência e o conhecimento existente acerca da comunidade em questão, permitem verificar a fragilidade das relações de parceria. Efectivamente, da observação atenta das parcerias institucionais existentes, é nossa opinião que as mesmas ocupam um coeficiente percentual muito reduzido,⁷ em termos das suas possibilidades, principalmente

⁵ O conceito de Comunidade é aqui entendido, na sua dimensão sistémica, no interior da qual se configuram diferentes instituições que a integram e corporizam.

⁶ Esta dimensão de análise situa-se ao nível das considerações e conclusões obtidas por Bogard (1991), no âmbito de um projecto de investigação conduzido pelo Conselho de Europa, e intitulado “Educação de adultos e mudanças sociais”.

⁷ Refira-se a este propósito, a existência de alguns projectos que, em nossa opinião, traduzem de forma muito reduzida, as possibilidades de parceria institucional entre a Santa Casa da Misericórdia, a Câmara Municipal, o Agrupamento de Escolas e outras organizações desta comunidade rural (<http://www.ebl-mertola.rcts.pt/agrupamento/nucleomertola.htm>)

se tivermos em conta o passado recente e a actualidade do concelho, em termos históricos⁸.

II2 – A pergunta de partida e o objecto concreto da investigação

A partir da delimitação da problemática, do objecto concreto do estudo, e tendo em conta as questões iniciais referidas, estruturámos a questão fundamental de partida, tendo em consideração Quivy e Campenhautd (1998:44), segundo os quais

A melhor forma de começar um trabalho de investigação em ciências sociais consiste em esforçar-se por enunciar o projecto sob a forma de uma pergunta de partida. Com esta pergunta, o investigador tenta exprimir o mais exactamente possível aquilo que procura elucidar e compreender melhor de partida.

Nesta linha de análise, formulámos como questão de partida:

Será que a articulação Escola-Família-Comunidade é influenciada pelas representações tidas pelos agentes de cada uma das instituições, acerca do papel e missão a desempenhar por cada uma delas?

Ainda, na mesma linha de Quivy e Campenhautd (1998) assumiram-se os critérios da clareza, exequibilidade e pertinência, orientando a investigação para um rumo concreto, de acordo com um conjunto de objectivos a operacionalizar.

⁸ Deve referir-se, pela sua importância, o trabalho que se tem desenvolvido nesta comunidade, no âmbito do estudo e divulgação da cultura muçulmana, do seu passado e presente, o que a permitiu colocar em lugar cimeiro da investigação nesta área.

II3 – Os objectivos orientadores do estudo

Este quadro de pressupostos e o conjunto de preocupações identificadas, que enquadram o problema da investigação, constituíram-se como critérios determinantes para a formulação do corpo de objectivos, a saber:

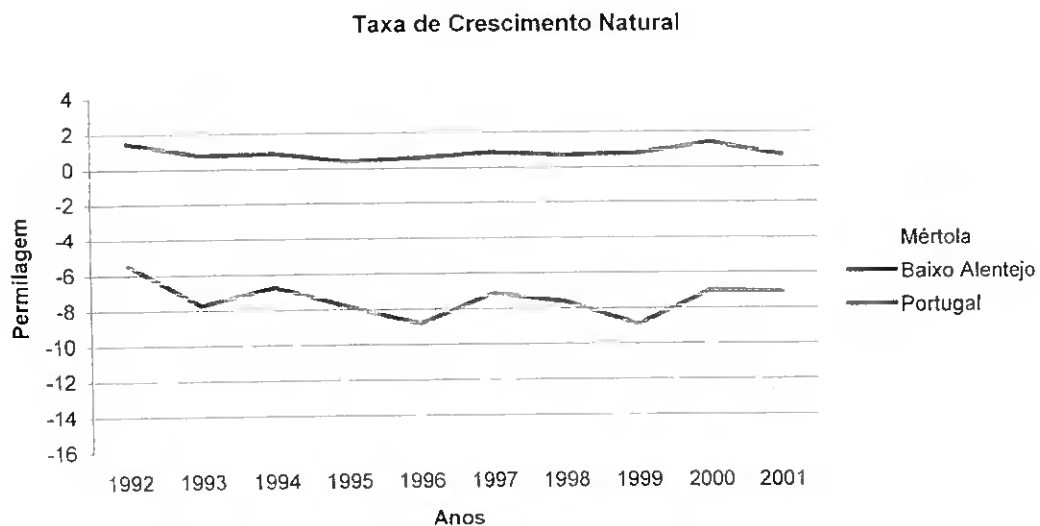
- Avaliar em que medida a representação social dos diversos agentes da Comunidade, se assume como variável determinante na fragilidade das interacções visíveis na mesma;
- Identificar as limitações próprias da comunidade em estudo, em matéria de parcerias, no sentido de intervir, a curto prazo, e no quadro da actividade profissional que desenvolvemos, enquanto educadora de infância, na formação cívica e cultural da comunidade, para uma melhoria relação Escola/Jardim de Infância/Família/Comunidade;
- Promover a mobilização da Comunidade Local para o desenvolvimento de parcerias que promovam e (re) activem formas diversificadas de cultura, através de recomendações e sugestões emergentes do estudo em questão.

Este conjunto de objectivos permitiria delinear o quadro da estratégia global do estudo, nomeadamente ao nível da identificação do quadro metodológico a seguir, do modelo de análise e dos instrumentos de recolha de dados a utilizar. Por outro lado, e em função dos resultados a obter, este quadro orientador permitirá elaborar um conjunto de sugestões e recomendações para futuras investigações nesta campo temático.

II4 – O Universo do Estudo

Mértola é sede de concelho de uma das regiões mais deprimidas do espaço territorial que compreende a União Europeia. A estrutura empresarial é bastante debilitada, dependendo fundamentalmente dos sectores da agricultura e do comércio e serviços, sendo a Câmara Municipal a maior entidade empregadora, conjuntamente com a empresa Somincor. As regras da P.A.C. e as novas exigências, fruto da competição nos europeus, associados a uma população com uma estrutura etária bastante envelhecida, têm dificultado o desenvolvimento local, nas suas dimensões mais relevantes. O gráfico nº 1 seguinte atesta estes pressupostos, em termos da evolução demográfica do concelho:

Gráfico nº1



A escolha do universo do estudo, toda a Comunidade em que se inscreveu o estudo na sua dimensão ampla, foi feita de forma a ser possível dar resposta ao conjunto de questões orientadoras, e permitir um elevado nível de consecução dos objectivos. Presidiram como critérios:

- O facto de possuímos um elevado conhecimento do concelho onde iríamos desenvolver a investigação, tendo em conta que nele realizamos a nossa actividade profissional, enquanto educadora de infância;
- O facto de existir já um contacto prévio e um conhecimento da realidade de muitas das instituições a considerar no estudo, o que facilitaria todo o percurso metodológico a desenvolver⁹;
- A inteira disponibilidade sempre manifestada pelos órgãos de direcção e gestão das instituições onde temos desenvolvido os projectos durante a parte curricular do mestrado¹⁰.

No quadro destes pressupostos, a população-alvo do estudo utilizada correspondeu ao conjunto total de indivíduos residentes no concelho de Mértola, reportada ao recenseamento de 2001 e segundo dados do INE. Por outro lado, e dadas as características do estudo, não foi considerado o grupo etário até aos 15 anos nas diversas freguesias do concelho, tendo sido feita uma distribuição etária segundo 3 estratos (Entre 15 e 24 anos - jovens; a partir de 25 e até 65 – adultos; a partir de 65 - idosos), conforme o quadro nº1 atesta:

⁹ No âmbito da parte curricular do Mestrado em Educação e Formação de Adultos, desenvolvemos vários projectos, nomeadamente na valência do Jardim de Infância e no estudo dos imigrantes no concelho e a sua ligação às instituições de formação do mesmo.

¹⁰ Pela sua importância, importa referenciar, em particular, a disponibilidade e apoio da Direcção da Santa Casa da Misericórdia de Mértola, para a realização desta dissertação.

Quadro nº1

População residente, segundo o grupo etário, por freguesia, em 2001

	15 a 24 anos	25 a 64 anos	65 ou mais anos	Total
Alçaria Ruiva	96	449	334	879
Corte do Pinto	117	464	384	965
Espírito Santo	37	201	161	399
Mértola	370	1482	813	2665
Santana de Cambas	101	370	305	776
S. João dos Caldeireiros	78	326	245	649
S. Miguel do Pinheiro	92	372	351	815
S. Pedro de Sólis	35	141	115	291
S. Sebastião dos Carros	25	130	110	265
Total	947	3939	2818	7704

Fonte: INE (2001)

CAPÍTULO III - REVISÃO DA LITERATURA

III.1 – Reflexão em torno do conceito de representação social

Muito se tem escrito acerca do conceito de “representação social”, sendo nossa opinião, que a sua clarificação conceptual, se configura uma tarefa não muito fácil, devido à sua polissemia (Negreiros, 1995). O seu campo de caracterização conceptual é vasto e complexo, uma vez que, como qualquer constructo teórico, pode sofrer influências externas determinantes e visíveis, em termos de reformulação conceptual e, igualmente, porque se articula de forma muito estreita com noções psicológicas e sociológicas. A este respeito Vala (1986:6) afirmou que

Dada a pertinência da análise dos modos de pensamento e sistemas de elaboração do real e da sua articulação com as práticas sociais, é hoje possível encontrar referências implícitas ou explícitas ao conceito de representação social em quase todas as ciências sociais.

Assumido e reflectido inicialmente por Moscovici, na sua obra “*La psychanalyse, son image et son publique*” a representação social aparece como um universo de opiniões organizado à volta de uma significação central. Constitui assim, um sistema cognitivo de significação e de interpretação da realidade, que reflecte as relações sociais no seio e interior duma Comunidade, influenciando a comunicação e a conduta social na mesma. Na opinião de Saúde (1998), a representação social é o resultado da dupla influência do psicólogo e do social, e da análise do acto de representar emanam assim, elementos fundamentais e, entre eles:

- a representação social é definido por um conteúdo (informações, imagens, atitudes, etc);
- a representação é sempre a representação de um objecto;
- a representação é sempre a representação de um sujeito) indivíduo, família, grupo, classe), em relação a um outro sujeito;
- a representação social não é uma simples representação do real, não é um puro reflexo do mundo exterior. Implica uma parte de autonomia e criatividade individual ou colectiva;
- a representação social refere-se a categorias que a estruturam e a exprimem no âmbito de uma linguagem comum.

Ao abordar esta questão, Bidarra (1986) afirmou que “a representação social” deve ser entendida como um processo de construção social da realidade, que influencia directamente os estímulos e as respostas aos mesmos. A mesma autora afirmaria que, para uma melhor compreensão do conceito, é necessário precisar o significado do adjetivo “social”, que está intimamente associado ao termo “representação”. Reforça ainda esta ideia, em referência a Moscovici, ao concluir que se deve assumir que “uma representação é social na medida em que é partilhada por um grupo de indivíduos, produzida colectivamente, e ainda enquanto preenche a função da construção da realidade e orientação dos comportamentos e comunicações” (Bidarra,id:378).

No contexto deste estudo as questões centram-se na análise dos processos que levam os sujeitos a construir significações diferentes da realidade, bem como os resultados da influência destas na mesma. Em termos práticos, procurou-se identificar a opinião/representação dos inquiridos e entrevistados, relativamente à problemática fulcral

em questão, que a pergunta de partida principal documenta – as limitações a uma efectiva cultura de parceria demonstradas pela comunidade no seu todo, e particularizadas nos seus diferentes órgãos, pessoas e instituições.

Nesta linha de pensamento, e de acordo com Santiago (1993) as representações são assumidas como formas partilhadas de conhecimento social acerca da realidade em que nos situamos diariamente, onde a actividade mental dos sujeitos se estrutura com base na sua experiência profissional e no seu conhecimento empírico-especulativo, na informação e nas formas de comunicação entre os indivíduos, nos seus saberes e nos modos de pensamento instituído.

III2 – A medição de representações sociais, pressupostos de fundamentação

De forma idêntica às atitudes, também as representações sociais podem ser objecto de medição se, para o efeito, dispusermos de um instrumento adequado. Ao considerarmos as questões e pressupostos próprios da análise e medição de representações sociais tivemos em conta, por um lado, as questões gerais da psicometria que indicam a possibilidade de utilizar escalas e/ou indicadores, como instrumentos eficazes para o efeito.

Esta assunção é suportada pelo pressuposto de que a representação evidencia, como componentes estruturantes:

- Uma componente cognitiva, enquanto maneira de interpretar e reflectir a realidade;

- Uma componente afectiva-valorativa, enquanto sistema de valores, de normas e de ideologia, de partilha de códigos sócio-culturais comuns, na acepção de Santiago (1993);
- Uma componente conativa, quando se encaram como modalidades de pensamento prático, ligadas a processos de comunicação, influenciadoras da posição do indivíduo, acerca de determinado objecto (Santiago, 1993).

A tónica dominante coloca-se no facto de “a representação social” se bascar no pressuposto de que conduz sempre à manifestação de sentimentos, através da expressão de opiniões do indivíduo acerca do objecto em questão. No nosso estudo, o fulcro situava-se na representação dos agentes culturais, i.e. , da comunidade educativa no seu todo, relativamente à precaridade das parcerias, e as suas evidentes consequências no desenvolvimento local. A tónica centra-se no estudo das representações da comunidade, no seu todo, face à escola e no seu próprio interior, enquanto um todo que se deseja que seja sistémico funcionando. Nesta linha de pensamento, o mesmo Santiago (1993:8) referiu que

O pressuposto que neste estudo então pode ser colocado em evidência, e que constantemente surgirá como pano de fundo dos desenvolvimentos posteriores, enraíza-se no facto de as representações da escola nos alunos, pais e professores, se inserirem de uma forma determinante na realidade escolar na qual agem estes actores, sendo deste modo, importantes para a compreensão das suas posições enquanto nível mais específico da sua acção sócio-institucional.

Acreditamos assim e na mesma linha de pensamento de Santiago (1993) que uma maior aproximação dos actores sociais à escola enriquece as interacções da própria comunidade no seu todo.

Neste quadro de fundamentação, assumiu-se a utilização de uma escala tipo Likert, com cinco níveis de valoração, como o instrumento fulcral para a medição da representação social (opinião do inquirido), procurando, com as lógicas adaptações, elaborar a mesma com critérios de rigor científico, próprio deste tipo de instrumentos, fundamentalmente ao nível de todo o processo metodológico que conduziu à elaboração do questionário final (cf.Trindade, 1991; Carioca, 1997), e que o capítulo do Desenho da Investigação detalhadamente explicita.

Por outro lado, e conforme se detalha no capítulo referido no parágrafo anterior, a análise de conteúdo (cf.Estrela, 1986; Bardin, 1991), foi assumida como fundamental para a análise exaustiva do volume de informação obtido com as entrevistas a informantes privilegiados da comunidade, parte também fundamental no estudo, e essencial para identificar indicadores de resposta às questões orientadoras do estudo.

III3 – Representações da Família/Comunidade face à Escola

É universalmente aceite que a Escola, a Família e a Comunidade são três contextos predominantes numa Comunidade dita educativa, urbana ou rural, e que o desenvolvimento de efectivas culturas de parceria podem constituir instrumentos poderosos para a melhoria da qualidade das aprendizagens formais e/ou informais da comunidade no seu todo, para construir uma imagem sempre renovada da escola e promover a dinamização da vida local, numa lógica de desenvolvimento local.

No quadro destes pressupostos se têm desenvolvido estudos (e.g. São Pedro et al. 2000), cujo objectivo fulcral se tem centrado na definição de estratégias que permitam dinamizar parcerias de matriz sócio-cultural¹¹, na promoção da reflexão e da formação de forma a melhorar a qualidade das aprendizagens na escola formal e na escola paralela, onde se desenvolvem contínuas interações das distintas organizações e, igualmente, encontrar meios e formas de mobilizar os professores, os pais/famílias e os agentes comunitários, numa lógica de se constituir parcerias de desenvolvimento sócio-cultural.

Igualmente, se têm desenvolvido estudos que se situam na dimensão da “representação” da comunidade/família face à escola/jardim de infância. Esta tem sido, efectivamente, uma matéria objecto de perspectivas diversificadas, que configuram a maior parte das vezes análises no campo da participação e atitudes das famílias e da comunidade no seu todo, na vida da escola e da partilha das decisões da comunidade escolar (e.g. Davies et al., 1997; Ávila de Lima, 2002).

Ao abordar estas matérias, na sua acepção ampla, Amiguiinho (2004:395) analisa a questão do ponto de vista dos professores e do seu posicionamento face a esta problemática

A escola não se pode desligar da comunidade, faz parte integrante dela e a comunidade valoriza a escola. É importante para as duas partes. Quando nós trabalhamos os currículos baseando-nos nos registos que os meninos trazem das pesquisas que eles fazem, quando vamos tentar saber como é que eram os aspectos da vida dos avós, estou-me a referir, em concreto, ao projecto que estamos agora, que desenvolvemos durante este ano, os meninos aprendem a

¹¹ Merece-nos uma referência particular a observação feita por Kaddovei (cit. por Estaco, 1998) ao parceria enquanto construção negociada entre actores.

respeitar todo o legado que as famílias lhe dão. E os avós, os pais e as mães todos sentem que, de alguma forma, estão a contribuir para a formação dos filhos, que aquilo que eles sabem também é importante. (...).(Entrevista à Prof^a Alegria, Nisa, Julho 2001)

Esta autor, coloca a tónica na optimização pedagógica da relação Escola-Família/Comunidade, na perspectiva de que o conhecimento do meio potencia a aprendizagem da criança e, simultaneamente, valoriza a própria comunidade. Por outro lado, e em sua opinião, esta articulação poderá contribuir para uma maior valorização das comunidades

A relação da escola com o local e a comunidade não tem como principal objectivo que a escola conheça as crianças e as famílias, no entanto, o professor só poderá ter projectos cuja finalidade seja a valorização do local e da comunidade se antes conhecer bem as crianças, as famílias e a própria comunidade. No 1º CEB não se pode trabalhar sem conhecer bem as crianças e as famílias. Essa relação é absolutamente necessária. (Entrevista à Prof^a Júlia, Nisa, Julho de 2000) (Amiguinho, 2004:396)

É interessante também reflectir esta ideia da necessidade de um efectivo compromisso/relação Escola –Família, agora na perspectiva da família. Amiguinho (2004:398) trata estas questões de uma forma exaustiva, colocando a tónica na importância das interacções sócio-educativas que se estabelecem e a partilha de saberes que são, sem dúvida, delas consequência

Sr. Professor (era assim que me tratava), eu ia com a alegria porque estava a criar a minha neta e eu é que tinha a responsabilidade. E como me

pediam para eu dizer as coisas, o que sabia ia dizendo, fosse bem dito, eu dizia como sabia. O Sr. Professor ou os outros que estavam lá com o Sr. Professor compreendiam mais ou menos o que eu ia dizendo. Assim, a falar como o Sr. Professor, certas coisas eu não as sei dizer. Não sou capaz, mas digo como sei (A Sra Gracinda acha que é importante ir lá ensinar essas coisas às crianças de agora) (...) (Entrevista à Sra Gracinda, Santo Aleixo, Julho de 2001).

As reflexões de Amiguiño (2004) reforçam a nossa ideia inicial, de que o sentido da representação da família/comunidade face à escola e vice-versa se situa, muitas vezes, nas abordagens acerca da participação das famílias/da comunidade nas organizações escolares. A participação da família e a relação que se estabelece com a Escola é um assumir contínuo de estratégias que, na opinião de Montandon e Perrenoud (2001) dependem das suas representações recíprocas, influenciando as interpretações e a compreensão dos acontecimentos e interferindo nas reacções emocionais dos sujeitos, orientando as estratégias que pretendem implementar.

Efectivamente, e apreciando agora o posicionamento/opinião do professor em geral, reportamo-nos a Villas-Boas (2000) que sistematiza desta forma, o mesmo:

- i) a maior parte dos docentes considera de forma negativa a intervenção das famílias na escola, arriscando até como “a escola serve como depósito dos filhos, ocupando-se deles enquanto os pais trabalham”;
- ii) igualmente, se nota uma atitude de relutância relativamente à participação dos pais na escola, afirmando-se que o seu papel deve ser meramente consultivo, e que a colaboração só deve existir quando solicitada pelos professores;

- iii) um outro aspecto, prende-se com a defesa do estatuto profissional, principalmente em aspectos de avaliação. Ou dos alunos ou de si próprio;
- iv) outras referências apontam a ideia de preferência pelos pais da classe média, colocando a tónica na visão de um modelo de “bons pais, bons lares e bons filhos”, modelo esse que a maior parte dos docentes transporta consigo. Esta ideia tem, muitas vezes, efeitos muito perversos nas instituições e concretiza-se no efeito de Pigmalião.

Uma outra abordagem do sentido da representação, prende-se com o estudo em torno da forma como pais de diferentes meios sócio-culturais entendem a escola e a percebem. Ao analisar estas questões Benavente (1990) referiu que os pais de crianças de um meio desfavorecido não são indiferentes à educação dos filhos, e a sua forma de estar prende-se com a pouca confiança que têm nas suas capacidades para os ajudar a ter sucesso na escola. Essa é, na opinião da autora, uma das variáveis justificativas do facto dos pais não terem uma intervenção mais activa no percurso escolar dos seus filhos, não significando o não interesse. Para a mesma autora, um outro aspecto próprio das classes mãos desfavorecidas, é o baixo nível de escolaridade e, resultado disso, a sua incapacidade em descodificar a mensagem própria da escola.

Um outro aspecto abordado e reflectido prende-se com a representação/atitude das famílias/pais face à escola, em função da sua própria experiência escolar. A este respeito Diogo (1998) afirma que os pais pretendem transferir a sua experiência para a dos filhos e, desta forma, os que tiveram insucesso no seu percurso, têm contactos muito reduzidos com a instituição. Esta forma de estar prende-se, em nossa opinião, e na linha de pensamento deste autor, com as representações que cada individuo constrói acerca do

mundo em que vive, colocando a tónica no seu sistema prévio de representações, da sua matriz anterior de classificação.

Ao analisar estas questões o estudo de Davies et. al. (1989) constatou que as representações negativas dos pais de meios mais desfavorecidos se prendiam, fundamentalmente, com o facto de possuírem um conhecimento muito pouco consistente acerca da organização escolar. A tónica parece centrar-se na falta de domínio do espaço-escola, onde interagem actores diversificados e predomina uma outra linguagem.

Outros estudos (e.g. Benavente, 1990; Santiago, 1993) abordam estas questões da influência do meio sócio-económico na representação face à escola. A primeira autora (Benavente, 1990) num estudo realizado no início da década de 90, tendo como fulcro o grau de satisfação dos pais face à escola primária, constatou diferentes posicionamentos em função do meio. Efectivamente, os pais operários têm representações mais tradicionais da escola, com críticas acerca das actuais concepções de aprendizagem e aos modos de trabalhar na escola, não vendo muito bem, qual o seu sentido. Por seu turno, Santiago (1993) refere que os pais de categorias sociais desfavorecidas valorizam a escola do passado e desvalorizam a actual. Os de categorias mais favorecidas mostram-se receptivos aos métodos activos actuais, criticando os modelos baseados na simples memorização.

Os estudos reflectidos traduzem importantes abordagens e vertentes de reflexão de uma problemática – a representação face à escola – que, em nossa opinião, é condicionante da tipologia de interacções que se estabelecem no próprio contexto mais amplo, que é a comunidade no seu todo. Efectivamente, a forma como a escola e a família interagem e se relacionam extrapolam para as organizações e diferentes instituições de toda a

Comunidade Educativa essas vivências, formas de estar e posicionamentos. Em comunidades rurais com a do estudo que desenvolvemos este factor – o tipo de relação – é fundamental para o estabelecer de efectivas parcerias sócio-culturais que permitam, para além da optimização dos processos ao nível da microdecisão (a sala de aula, melhor formação para as crianças), activar os mesmos ao nível de meso e macrodecisões próprias de uma organização ou de um colectivo organizacional, a própria comunidade. E, logicamente, optimizar todas as condições que permitam um maior Desenvolvimento Local.

III4 - (Des)Articulações escola – família – comunidade¹²

Assume-se hoje, como fundamental e evidente, que a Escola, a Família e a Comunidade são três contextos determinantes no mundo da criança e que uma cultura de parceria, de matriz sócio-cultural na sua dimensão ampla, pode constituir um poderoso instrumento para a melhoria da qualidade da aprendizagem, da imagem da escola e do próprio desenvolvimento local. Efectivamente, uma das dimensões mais significativas da escola é a sua inserção na dinâmica da comunidade em que se insere. A escola, enquanto comunidade educativa, contribuirá assim para promover um percurso educativo equilibrado integrando as aprendizagens na vivência do quotidiano, num processo respeitador da cooperação, da solidariedade e promotor da autonomia.

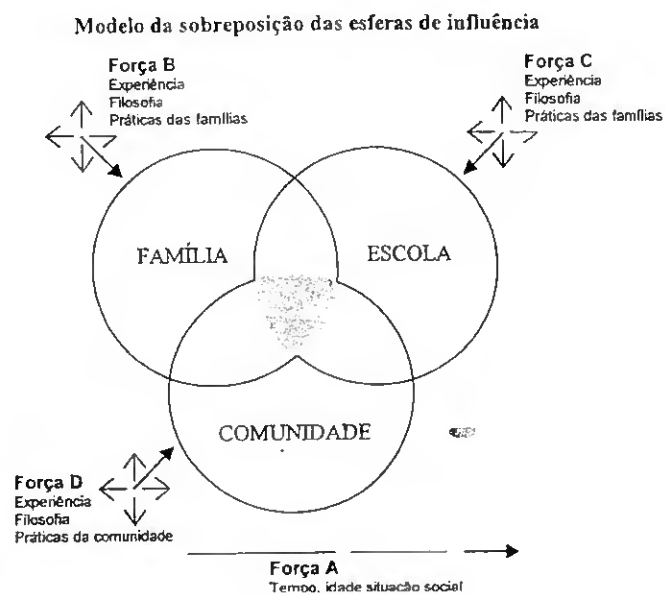
¹² Ao assumirmos que uma das variáveis fundamentais que determina e condiciona o Desenvolvimento Local, na sua acepção ampla, se situa no campo das interações no interior da Comunidade Educativa, admitimos, igualmente, que este processo é extremamente limitativo em comunidades com pouca experiência neste campo, ou porque não existe uma cultura própria que o determine. Entenda-se assim e no contexto deste estudo a ideia de (DES) desarticulações, como a falta de interacção/articulação.

Por outro lado, e conforme já referido, assume-se que a interacção Escola/Jardim de Infância-família-comunidade, deve ser entendida na lógica de um todo sistémico, implicando o trabalho e colaboração efectiva entre a Comunidade educativa, a escola, as famílias, as instituições sediadas no concelho (e.g. Câmara Municipal, Agrupamento de Escolas, ADPM, entre outras), para além das interações próprias intrínsecas à Santa Casa da Misericórdia que sedia o Jardim de Infância, a partir do qual se desenvolvem as reflexões/abordagens e relações a estabelecer e a dinamizar no interior do todo que é a própria Comunidade Rural.

Neste quadro colaborativo, a família deve assumir um papel de relevância, quer porque são os pais os primeiros responsáveis pela educação das crianças, quer porque são estes os pilares da transformação da escola, através da participação na sua administração. A tónica é assim colocada na reciprocidade na colaboração, fundamental para a concretização dos objectivos da Escola.

As questões próprias da relação Escola/Família foram, desde sempre, objecto de reflexão, sendo na sua fase tradicional vistas de uma forma estanque. Efectivamente, a relação tradicional entre a escola e a família tinha como pressuposto o funcionamento com separação de funções: as responsabilidades próprias da família e as da escola, contribuindo de forma individualizada para a socialização da criança.

Ao abordar estas questões Davies et al. (1992¹³, cits. por Villas-Boas, 2000) afirmaram que a escola e a família concorrem para o mesmo objectivo – a educação da criança. Nesta lógica, foi conceptualizado o “modelo de sobreposição de esferas de influência (fig.nº1).



Fonte: Davies et al. (1992). In Villas-Boas, 2000

Este modelo, parcializado, assenta no pressuposto do contributo próprio e do contributo comum. Pais, professores e restante comunidade têm áreas específicas de influência, existindo, no entanto, um espaço comum, que necessita de ser gerido em comum, por negociação das partes. Ao reflectir estas questões Villas-Boas (2000: 26) referiu que

Toda a relação pedagógica é negociação e compromisso quer a nível teórico, entre os professores quanto às suas experiências e dúvidas, entre aqueles e os pais e alunos a respeito do progresso dos últimos e, ainda, entre os professores e a sociedade, quanto à procura dos objectivos e meios para que os alunos se tornem seres responsáveis e integrados numa sociedade onde deverão participar de uma forma activa.

Em nossa opinião e ao situarmos as questões que se prendem com a interacção entre os sistemas escola-família-comunidade, situamos a sua esfera de influência a dois níveis: i) um primeiro, prende-se com o desenvolvimento da criança/educando; ii) um segundo, está associado ao próprio desenvolvimento local. A sobreposição e interacção das esferas de influência nos três subsistemas identificados, operacionalizado sob a forma de parcerias educativas, assume-se assim como fundamental, para a optimização dos dois níveis identificados.

No primeiro caso, pais, docentes e restante comunidade, com distintas áreas de influência, deverão gerir, em comum, espaços de convergência que permitam contribuir para uma visão ampla dos processos de aprendizagem do educando. No segundo caso, o desenvolvimento local deve entender-se, profundamente associado aos conceitos de participação e endogeneidade (Canário,2000) da comunidade pois, e na opinião do

¹³ Este modelo tem em conta a influência de ambas as instituições - escola/família/comunidade - no desenvolvimento da criança. Valoriza a experiência, as práticas e a filosofia (valores). considerando as

mesmo Canário (2000: 65) “ (...) a participação dos actores locais (ao nível da tomada de decisões, concretização das decisões e avaliação dos resultados) é que permite transformar o processo de desenvolvimento num trabalho que uma comunidade realiza sobre si própria, aprendendo a conhecer-se, a conhecer a realidade e a transformá-la”.

Ao abordar estas questões Alberto de Melo e Priscilla Soares (cits. por Canário, 2000:65) afirmaram que

(...) o desenvolvimento local é, antes de mais, uma vontade comum de melhorar o quotidiano: essa vontade é feita de confiança nos recursos próprios e na capacidade de os combinar de forma racional para a construção de um melhor futuro. É aquilo a que se chama frequentemente a “cultura de desenvolvimento”: a situação atingida por uma população ao sentir-se e ao capacitar-se para analisar os problemas actuais, para pôr em equação necessidades e recursos, para conceber projectos de melhoria (...) e, para abranger com esses projectos finalidades de desenvolvimento global-pessoal, como colectivo económico, cultural, sociopolítico.

Por outro lado, e na constelação semântica do que é entendido por endogeneidade¹⁴, impõe-se a valorização dos recursos humanos, os actores locais, valorizando-se a interacção e o trabalho de toda uma comunidade na resolução dos problemas locais. Desta forma, e na opinião de Nóvoa et al. (1992, cit. por Canário, 2000: 66-67) devem ser instituídas dinâmicas locais, educativas e de desenvolvimento, com as seguintes características: “Primazia do particular e do específico (...); Predominância da acção e da auto-organização dos actores locais (...); Tónica na valorização dos recursos qualitativos

interacções desenvolvidas dentro de cada esfera de influência, e entre diferentes esferas.

locais (...); Perspectiva do desenvolvimento como um processo participado e negociado (...).”

Nas últimas décadas, especialistas de diferentes áreas, incluindo a da educação, têm vindo a realizar estudos diversos no âmbito da relação escola/família. A este propósito, Silva (2002:18) afirmaria que *a relação escola – família constitui, inegavelmente, uma relação que se tem vindo a tornar cada vez mais visível na nossa sociedade, o que também aumenta a visibilidade de alguns dos paradoxos.*

O interesse pela temática da cooperação entre a escola e a família, tem vindo a promover, nos últimos anos, e cada vez mais frequentes, debates sobre educação, em propostas de reforma de sistemas e em trabalhos de investigação. Há cada vez mais necessidade de explicar as funções e finalidades destas duas grandes instituições. É certo que a família e a escola embora com diferenças na sua natureza, têm os mesmos interesses, objectivos e partilham muitas vezes das mesmas preocupações no que diz respeito aos seus educandos.

A dimensão teorizante em torno da ideia de escola, da sua função na promoção de uma cultura de parceria, assumiu desde sempre, contornos mais evidentes e marcantes com o conceito de “escola como comunidade educativa” (Formosinho, 1997). Nesta filosofia de análise da dimensão teorizante e prática de escola, ultrapassava-se o modelo de escola-serviço de estado, na lógica de escola-comunidade escolar, e alarga-se o campo de intervenção epistemológico, com evidência prática, alargando-se o campo de intervenção a todos os interessados no processo educativo.

Assumimos assim, no quadro dos pressupostos reflectidos, tendo como base o quadro de estudos indicados, a evidente necessidades de existência de parcerias efectivas, de matriz

¹⁴ Canário (2000:65) situa este conceito em termos do modo como são identificados e mobilizados os

cultural, no trinómio no contexto do trinómio Escola – Comunidade – Família, o que permitirá potenciar a própria comunidade no seu todo, e logicamente, o Desenvolvimento Local. É um facto que a família exerce um enorme poder, quer sobre a integração, quer sobre o desenvolvimento dos filhos. A sua realidade e contexto familiar (atitudes, comportamentos, traços de personalidade, potencial intelectual, estatuto e meio social dos pais), reflectem-se no desenvolvimento e formação da criança. A comunidade, no seu todo, exerce um efeito potenciador de aprendizagens paralelas (escola paralela). E é, igualmente evidente, que a escola sendo uma instituição que actua em conjunto com a família e, conseqüentemente com a sociedade apresenta-se como uma resposta social às suas exigências.

É desta interacção, no seu sentido restrito e amplo, que resultarão proficuas parcerias e um maior Desenvolvimento Local.

III5 – Parceria(s) Jardim de Infância – Família - Comunidade: relações possíveis e desejáveis

O jardim-de-infância é uma instituição que presta serviços com uma orientação específica para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, proporcionando actividades educativas e de apoio à família, sendo um espaço estruturado em função das crianças, conforme o edifício legislativo de suporte explícita (e.g. a Lei de Bases do Sistema Educativo, 1986; Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 1997, entre outros).

O segundo documento –as Orientações Curriculares – explícita que o contacto e a comunicação entre o Educador/Pais/Jardim-de-Infância/Família, facilita a procura de

respostas mais adequadas às necessidades das crianças e das suas famílias. A este respeito Silva (2002:89) afirmou que

A participação dos pais na instituição educativa surge actualmente comum uma realidade que se impõe com grande acuidade. Os Pais são os primeiros e principais educadores dos seus filhos, de tal modo que quando estes faltam podemos afirmar que a educação não será cumprida na sua totalidade. Eles desempenham um papel fundamental na interiorização dos valores que constituem o tecido social e influenciam a conduta moral dos filhos.

Nesta lógica, a educação pré-escolar tornou-se um serviço social básico de apoio às famílias, no apoio à tarefa da educação da criança, no sentido de lhe proporcionar oportunidades de autonomia e socialização, tendo em vista uma integração equilibrada em sociedade.

Por outro lado, assume-se o contributo fulcral dos pais no trabalho desenvolvido no jardim e infância, e que, na opinião de Silva (2002:92) “Os pais não são meros receptores de informação, mas são chamados a intervir e a participar, sendo valorizado o contributo dos seus saberes e das suas competências, como meio de largar e enriquecer as situações de aprendizagem.”.A este respeito, Marques (1997) refere que, em Portugal, se desenvolverem estudos diversificados no âmbito desta problemática – a relação escola – famílias - que provaram que uma colaboração efectiva permitiu reduzir o absentismo escolar e aumentar o aproveitamento e sucesso das crianças. Igualmente, Silva e Stoer (2005:20) afirmaram que

A escola tem um poder de penetração nas famílias, sendo também por elas penetrada. Embora esta relação de interpenetração seja estruturalmente

assimétrica (condicionada por factores como a classe social, o género e a etnia), o certo é que parece exercer aqui um certo controlo mútuo regulado por uma outra instância, o Estado.

Esta linha de pensamento, coloca a tónica na necessidade de estabelecer um clima de interacção entre a instituição e a família, de forma a identificar interesses das crianças através dos pais; envolver a família em projectos do jardim-de-infância. Recorde-se, a este propósito, o posicionamento de Musgrave (cit. por Carracho, 1999) em que se refere que a escola e a família, embora sejam de natureza diferente, têm objectivos, interesses e preocupações comuns, advindo daí a vantagem de uma boa articulação e harmonização, assumindo-se a família como “um poderoso agente de socialização” (p.45).

Os estudos acerca da relação escola/família (comunidade no seu todo) desde sempre têm sido uma vertente fulcral da investigação, e nem sempre as forma de analisar a problemática assumiu consensos, antes houve uma evolução do sentido menos optimista para a actualidade, mais positiva. Conforme se refere no mesmo estudo de Silva (2002:90)

A legislação portuguesa pós-25 de Abril tem vindo gradualmente a reconhecer a participação dos pais nos estabelecimentos de educação e ensino. Tal importância é reconhecida na articulação entre educação familiar/jardim de infância/educação escolar. Através de um processo evolutivo, lento e tímido, por um lado, arrojado e significativo, por outro, a participação do pais tem tido uma visibilidade emergente nas políticas educativas, passando por diferentes contextos que se entrecruzam em diferentes períodos.

A mesma autora, reflectindo as questões da aproximação jardim de infância-família, retoma a problemática dos “percursos que se entrecruzam” (p.108) afirmando que “os pais são os principais educadores dos seus filhos e são eles os primeiros agentes educativos e socializadores”.

CAPÍTULO IV - DESENHO GERAL DO ESTUDO

IV1 - A opção metodológica

O estudo a desenvolver, de natureza qualitativa, assume-se como sendo exploratório, porque desconhecíamos, à partida, as relações entre as variáveis determinantes da temática global. Desta forma e de acordo com Borg e Gall (1989, cits. por Passarinho, 2003:69) em estudos de natureza exploratória, estes “*tend not to be guided by hypotheses, because the researcher not have sufficient understanding of the phenomena to form conjectures about relationships between constructs*”, centrando-se a investigação, fundamentalmente, na procura de estratégias que permitam a consecução dos objectivos e propósitos definidos para o estudo. O estudo correlacional das variáveis independentes (Secção I) do instrumento final – questionário de representações – permitiria identificar o sentimento da comunidade em estudo face à problemática geral, fornecendo também o posicionamento em função de aspectos como o sexo, a profissão, a idade, entre outros. Por outro lado, permitiria organizar o pensamento, no sentido de organizar um conjunto de recomendações e hipóteses de trabalho para futuras investigações nesta vertente.

No entender de Cervo e Bervian (1996:49) “ a pesquisa exploratória realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre os elementos componentes da mesma”, colocando-se a tónica numa maior familiaridade com a problemática e a aquisição de um número alargado de informação que permita uma radiografia muito mais precisa do problema e das formas possíveis de intervenção. Esta era outra das nossas intenções/objectivos, operacionalizada através do estudo das representações dos membros da Comunidade, relativamente às relações de parceria existentes, o que permitiria identificar as limitações e obstáculos à efectiva articulação

existente entre a Escola - Família - Comunidade em matéria de parceria socio-educativa e cultural e, em complemento, sugerir e recomendar linhas estratégicas, no sentido de reduzir e/ou superar os constrangimentos identificados. Por outro lado, estas recomendações finais poderão ser pistas para futuras investigações que, logicamente, irão complementar e aprofundar este estudo.

Em nossa opinião, ao possibilitar um conhecimento mais exaustivo da realidade em questão, de forma a perceber como ela funciona efectivamente, esta metodologia permite aumentar a objectividade da própria pesquisa, o que, coloca a tónica na necessidade de realizar entrevistas exploratórias iniciais, com um cunho de profundidade, de tipo semi-estruturado, de forma a permitir análises detalhadas e informações rigorosas da realidade em análise.

Esta fase inicial permitiria estruturar instrumentos de pré-testagem e o inquérito final de representações da comunidade face à problemática fulcral: a inexistência de uma cultura de parceria, limitações e constrangimentos à mesma.

IV2 – Enquadramento geral do estudo

Um estudo como o que nos propúnhamos realizar, tendo em conta o quadro de objectivos, implicava um conhecimento do seu âmbito, necessário a um tipo de trabalho que, pelas suas limitações¹⁵, certamente nos iria colocar situações problemáticas ao longo do seu percurso.

¹⁵ Em nossa opinião, algumas das mais importantes situavam-se na dificuldade de obtenção de dados para reflexão, resultante do relativo distanciamento existentes entre as instituições e da novidade do próprio estudo. A falta de tradição em matéria de estudos deste tipo, visando a articulação e os interfaces Escola – Comunidade, poderiam ser, evidentes limitações ao seu desenvolvimento.

Por outro lado, a sua organização implicava uma fundamentação teórica do mesmo, de forma a constituir os referenciais necessários ao seu desenvolvimento metodológico. Um primeiro levantamento da informação permitiu identificar um universo de publicações no âmbito da temática que nos propúnhamos tratar, concretamente no campo das representações sociais em contextos de uma Comunidade Rural (c.g. Santiago, 1993; Saúde, 1998).

Nesse sentido foram consultadas, entre outras, a base de dados ERIC¹⁶ (referencial de materiais educativos produzidos pelo Centro de Informação de Recursos Educativos dos Estados Unidos), a base nacional de dados bibliográficos portugueses (PORBASE), e a motores de pesquisa da Internet (e.g. Google; Yahoo) e, por último, a base de dados do CEDEFOP, que sistematiza a informação sobre a formação profissional na União Europeia. Estas fontes permitiram situar a temática e verificar com mais exactidão qual o universo de informação existente, associando descritores às questões-chave do estudo. A consulta bibliográfica foi feita, com base no acervo da Biblioteca do Instituto Politécnico de Beja, da Universidade do Algarve e da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Recorremos também a revistas especializadas sobre a matéria, nomeadamente, INOVAÇÃO, Cadernos de Educação de Infância, Perspectivar Educação, entre outras.

Refiramos também, que o estudo não teria sido possível, sem as orientações metodológicas dos estudos de Tuckman (2000), Quivy e Campenhoudt (1998), Almeida e Freire (2000), Estrela (1986), Moreira (1994) entre outros, obras que parametrizam as indicações teórico-metodológicas presentes na elaboração.

¹⁶ Educational Resources Information Center (www.eric.org/)

Referidos os parâmetros genéricos que permitiram, por um lado, situar e circunscrever o estudo com a justificação da sua validade e pertinência, a definição de objectivos, a caracterização do universo, e, por outro, orientar e conduzir o seu percurso metodológico, a fundamentação da escolha das técnicas e dos instrumentos utilizados na recolha de dados constitui-se como o passo seguinte na explicitação da metodologia adoptada. Tendo em conta a questão de partida principal e as complementares, o processo metodológico global situar-se-ia a dois níveis: A) – Elaboração de um questionário de representações sociais, para inquirir a opinião da comunidade rural relativamente a eventuais culturas de parceria entre a escola-família-comunidade, no seu todo; B) – realização de entrevistas semi-estruturadas aos órgãos de gestão e direcção das instituições e a outros elementos considerados fundamentais. Esta fase, permitiria complementar a informação anterior, resultante da análise dos questionários de representações

Relativamente ao primeiro nível de intervenção - o questionário de representações - o processo metodológico foi conceptualizado de acordo com o faseamento que o quadro seguinte, o nº2, sistematiza. Conforme se verifica no quadro, são explicitados todos os procedimentos até à construção do questionário final de representações sociais, tendo como suporte um elevado rigor na sua construção, e que as fases que o constituem atestam, nomeadamente uma pesquisa rigorosa das fontes, o painel de juízes e a aplicação do pré-questionário a um número significativo da amostra. Todas estas componentes estruturantes e o faseamento continuamente validado do processo asseguram uma elevada validade aos instrumentos.

Quadro nº2

<u>Fase I</u>	<ul style="list-style-type: none">• reflexão sobre o objecto da pesquisa através de leituras situadas no âmbito temático do estudo;• elaboração de guião de entrevista exploratória, com base nas leituras feitas e no conhecimento empírico-especulativo que possuíamos sobre o assunto;• apresentação deste instrumento ao orientador do estudo e a especialistas na área das Ciências Sociais e da Educação. Esta consulta permitiu estruturar o guião da entrevista na sua versão definitiva;• realização de entrevistas exploratórias a um número determinado de sujeitos do universo considerado, que permitiu elaborar um conjunto de itens a incluir no <i>conjunto total de itens</i> da secção II do pré-questionário.
<u>Fase II</u>	<ul style="list-style-type: none">• com base no conjunto de dados obtidos, após a aplicação da análise de conteúdo, foi elaborado um "<i>conjunto total de itens</i>" que após análise minuciosa, originou a secção II do pré-questionário de representações;• aplicação do pré-teste do pré-questionário (Anexo IV) a um número determinado de sujeitos do universo de docentes considerado e a especialistas (Anexo V) .

<u>Fase III</u>	<ul style="list-style-type: none"> • A aplicação da versão final do questionário foi feita a uma amostra, seleccionada com base em critérios definidos em função das características do estudo, e aleatoriamente entre o total do universo considerado¹⁷. • Assumimos, na secção II, uma escala tipo Likert (Raposo, 1981; Toucinho da Silva, 1994; Trindade, 1991; Carioca, 1997), com as necessárias e lógicas adaptações, em função do tipo de estudo, que respeitava a medição de representações e não de atitudes.
<u>Fase IV:</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Tendo como objectivos de estudo o quadro anteriormente identificado, a estratégia de análise e interpretação de dados centrou-se essencialmente numa abordagem quantitativa e qualitativa do instrumento, de acordo com as suas secções estruturantes.

Tendo em conta as condições e meios existentes, a abordagem não experimental, do tipo exploratória, foi considerada como a mais adequada para o presente estudo. A estratégia analítica adequada pareceu-nos ser o método "survey" (Saúde, 1998), pois a nossa intenção era determinar as características e implicações do problema identificado, de forma a equacionar estratégias de superação e/ou resolução de áreas limitativas identificadas.

Relativamente ao segundo nível, no caso concreto, os informantes privilegiados da informação recolhida e analisada, foram:

⁽¹⁷⁾ Procurou-se, de forma idêntica ao considerado para a validação do pré-questionário, que houvesse uma escolha aleatória equitativa entre os docentes dos dois distritos do universo do estudo.

- Os órgãos de gestão e direcção das organizações consideradas de relevância no processo, nomeadamente o Presidente e o Vereador da Cultura da Câmara Municipal, o Presidente do Conselho Executivo do Agrupamento Vertical de Escolas, o Presidente da Associação de Defesa do Património de Mértola (ADPM), o Provedor da Santa Casa da Misericórdia, a responsável técnica pela valência da infância da Santa Casa da Misericórdia, entre outros;
- O representante da Associação de Pais do concelho;
- O corpo de educadores de infância da Santa Casa da Misericórdia e da Rede Pública;
- Responsáveis dos diferentes níveis de ensino, no Conselho Executivo do Agrupamento de Escolas;
- Outros docentes e elementos da comunidade a considerar.

Para a recolha da informação inicial., fundamental para a elaboração do questionário de estudo das representações - utilizou-se o inquérito por entrevista, do tipo semi-estruturada, tendo por base o Guião que se apresenta no ANEXO I. A validade do inquérito por entrevista foi assegurada por um painel de especialistas com conhecimentos na área das metodologias de investigação em Ciências da Educação/Sociologia, o que permitiu aferir da validade científica das questões em função do tipo de informação a obter. Este inquérito por entrevista foi, igualmente, utilizado para o segundo nível de intervenção, i.e., a obtenção de informação complementar através das entrevistas.

A metodologia adoptada, de análise da informação recolhida, inscreve-se no quadro interpretativo, uma vez que procurou-se identificar e compreender, para além do que é

transversal e comum, o que é diferente e representativo de uma combinação única de factores. A interpretação da informação recolhida através das entrevistas exploratórias foi feita através da análise de conteúdo categorial temática. Esta análise permitiu agregar as respostas e construir categorias com conteúdo temático semelhante (Bardin,1997).

Os pontos seguintes apresentam uma análise detalhada do processo de análise de conteúdo utilizado, para tratar o volume de informação obtido através das entrevistas exploratórias e, igualmente, as questões abertas do questionário definitivo de estudo das representações.

A interpretação do conteúdo funcional do volume de informação obtido pelas entrevistas permitiu estruturar a primeira versão do inquérito por questionário, que iria medir as representações sociais da comunidade face à problemática central do estudo – a (in)existência de uma cultura de parceria cultural e seus efeitos no desenvolvimento local. A fase seguinte, a da aplicação do pré-teste a 2,5% da população permitiria validar o instrumento final e a informação obtida foi tratada na lógica de uma análise qualitativa/quantitativa.

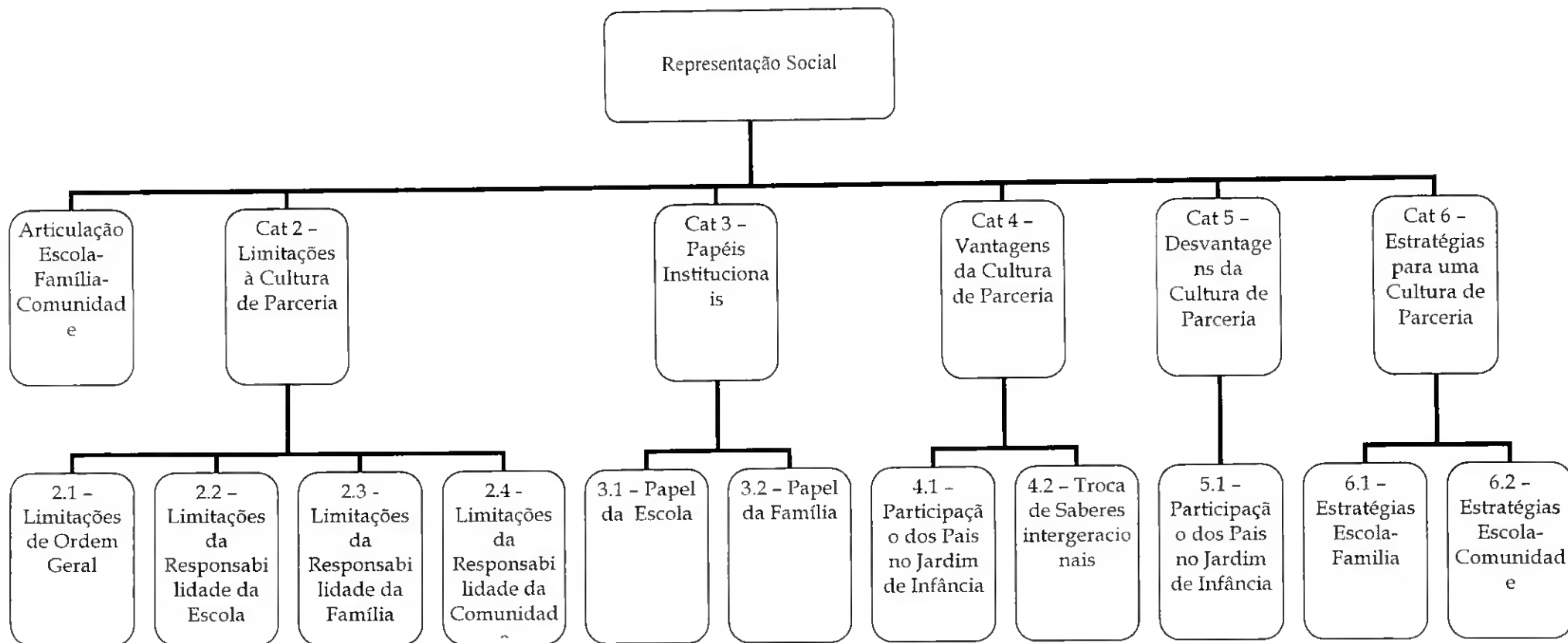
A última fase, a aplicação do questionário de representações foi tratada numa lógica interpretativa e correlacional dos dados, o que permitiria medir e identificar as representações, tendo em conta um conjunto de variáveis independentes, que constam da Secção I (caracterização individual), deste instrumento final.

IV3 -O MODELO GERAL DE ANÁLISE

Tendo em conta os objectivos do estudo, considerou-se pertinente adoptar um protocolo de procedimentos de acordo com a fundamentação epistemológica e teórica que serviu de

suporte ao estudo, nomeadamente as questões próprias das representações sociais da comunidade enquanto um todo; as relações contextuais Escola/Jardim de Infância, Família e Comunidade em geral; as limitações e constrangimentos ao estabelecer de parcerias entre os diferentes órgãos, organismos e organizações da comunidade em estudo, com as lógicas implicações no desenvolvimento local.

Este protocolo de procedimentos, que pretende traduzir as relações e as variáveis em estudo, apresenta-se na figura nº2



IV4 - Operacionalização das Variáveis do Estudo

A identificação e selecção das variáveis significativamente relevantes para o estudo correlacional, foi feita com base na exaustiva pesquisa bibliográfica, com o objectivo de, por um lado, situar a problemática concreta a investigar e, por outro, elaborar o primeiro corpo de instrumentos de recolha de dados, concretamente a entrevista exploratória e, a partir dela, um conjunto de itens a incluir no pré-questionário de representações sociais (pré-testagem).

Tendo em conta o quadro de objectivos definidos para o estudo, foram consideradas as variáveis que a seguir se referenciam:

A1 – Variáveis independentes (variáveis de caracterização individual)

i) Género ; ii) Idade; iii) Local de residência; iv) Habilitações académicas; v) Profissão actual; vi) Situação actual na profissão; vii) ter filhos em idade escolar; viii) Ter filhos a estudar na sede de concelho.

A2 – Variável dependente

- A representação social do inquirido relativamente à cultura de parceria

Estas variáveis foram consideradas porque era nossa intenção verificar se existiam diferenças significativas, em função delas, na comunidade em estudo, relativamente às representações identificadas.

IV5 - INSTRUMENTOS DE PESQUISA E RECOLHA DE DADOS

IV5.1 – A Elaboração do Questionário de Representações

IV5.1.1 – A Entrevista Exploratória

Ao situar a importância da entrevista exploratória Tuckman (2000) identifica-a como determinante para obter descrições e interpretações de realidades múltiplas. A sua configuração estrutural e características de conteúdo funcional são assumidas como variáveis de relevância para a obtenção de dados em banda alargada, fundamentais para um *design* de investigação. Nesta linha de pensamento foi considerada a realização de uma entrevista semi-estruturada aos informantes privilegiados de recolha de informação já referidos.

As entrevistas foram realizadas a um número determinado de sujeitos do universo considerado, de acordo com os objectivos que presidiram à sua concepção. Desta forma, e tendo em conta que importava identificar as representações sociais da Comunidade no seu todo, em termos da articulação entre as diversificadas instituições integrantes do meio social, houve uma relativa intencionalidade na selecção da amostra (Moreira, 1994) para o efeito.

As questões inicialmente identificadas, e resultantes da reflexão sobre o objecto da pesquisa, através de leituras situadas no âmbito temático do estudo, situavam as vertentes essenciais da investigação e os seus propósitos, nomeadamente ao nível do reconhecimento da importância das representações sociais no processo de desenvolvimento local.

À semelhança de Carioca (1997), optou-se pelo registo escrito das respostas à entrevista¹⁸ e, sobre o processo de construção da mesma, assumimos como referência a obra de Ghiglione e Matalon (1992). Esta opção, do registo escrito, permitir-nos-ia reduzir algumas das limitações inerentes a este instrumento de recolha de dados, nomeadamente as dificuldades da sua gestão, os custos em termos de tempo, o tratamento do volume de informação a obter, entre outras. Por outro lado, permitiria otimizar as suas vantagens (Ghiglione e Matalon, 1992), nomeadamente possibilitar a expressão sem constrangimento, assegurar o controlo do conteúdo por parte do entrevistado, com a possibilidade de rectificar eventuais erros de interpretação ou transcrição.

No que respeita ao processo de aplicação da entrevista, simultaneamente às educadoras de infância da Santa Casa da Misericórdia e do Ensino Público, recorreu-se à metodologia de FOCUS GROUP¹⁹ (Litosseliti, 2003), com necessárias adaptações. Esta metodologia, utilizada em situações de pesquisa exploratória, pareceu-nos ser particularmente importante, pois permitiria a troca de ideias e sinergias de reflexão entre representantes do ensino privado e público relativamente à mesma matéria. Por outro lado, e conforme Krueger (cit. por Litosseliti, 2003: 2) os intervenientes nesta metodologia orientada para

¹⁸ Numa conversa informal foram esclarecidas eventuais dúvidas que o guião da entrevista poderia suscitar, tendo sido pedido o registo escrito das respostas e o seu envio com a brevidade possível.

¹⁹ Embora esta metodologia se utilize, com maior incidência, em estudos de análise de necessidades, pareceu-nos, pelas suas características de aplicação a um grupo restrito, que seria ideal para o nosso trabalho.

entrevista do tipo semi-estruturado, “*are influencing and influenced by others-just as they are in real life.*”

A primeira versão da entrevista, foi apresentada a um painel de especialistas na área das Ciências da Educação e das Ciências Sociais, cuja consulta contribuiu para estruturar a sua versão definitiva. Esta versão é apresentada no ANEXO nº 1 (Quadro-resumo do guião da entrevista) que enuncia, igualmente, o quadro de objectivos orientadores do conjunto de questões que a constituíam.

Conforme referido, foram escolhidos, de forma intencional, os elementos a entrevistar, visando obter dados que permitissem a elaboração de itens que no seu conteúdo formal apresentassem clareza terminológica e que, conjuntamente com a listagem obtida na reflexão sobre as leituras feitas e os itens elaborados com base no conhecimento empírico-especulativo, iriam constituir o “*conjunto total*” de itens considerado para a elaboração do pré-questionário de representações sociais (secção II).

À semelhança de Raposo (1981; Trindade, 1991; Carioca, 1997) foram identificadas *a priori* os Blocos e as categorias de análise²⁰, a que correspondiam um conjunto de questões. A tabela I seguinte explicita a relação Bloco-Categoria:

Tabela I
Categorias de análise de conteúdo

Questões	Categorias
BLOCO 1	CAT1 – Articulação Escola-Família-Comunidade
BLOCO 2	CAT2 – Limitações à cultura de parceria

²⁰ Esta categorias foram codificadas de forma a permitir uma maior facilidade na manipulação dos dados.

BLOCO 3	CAT3- Papéis Institucionais
BLOCO 4	CAT4 – Desvantagens da cultura de parceria
BLOCO 5	CAT5- Vantagens da cultura de parceria
BLOCO 6	CAT6 – Estratégias para uma cultura de parceria

IV5.1. 2 - A análise de conteúdo da entrevista exploratória

Muitas definições existem da técnica de análise de conteúdo. No entanto, e embora tendo em conta o âmbito específico que as define, apresentam em termos globais características comuns, relativamente a aspectos de conjugação da análise quantitativa com aspectos de ordem qualitativa. Berelson e Osgood, referidos por Carioca (1997) apresentam-na como uma técnica de pesquisa para descrever objectiva, sistematicamente e quantitativamente um conteúdo manifesto de comunicação.

Detry e Lopo (1991:10) nesta linha de pensamento, situam a análise de conteúdo como uma técnica de tratamento de dados, que possibilita *“que com base numa lógica explicitada, se façam inferências sobre a fonte (para descobrir qualquer coisa sobre quem comunica) e sobre o receptor ou destinatário da mensagem (para conhecer os efeitos desta sobre a audiência).”*

Neste estudo, tendo sido considerada fundamental no *design* do estudo a entrevista exploratória para a elaboração posterior do instrumento principal - o inquérito por questionário - foi aplicada a técnica de análise de conteúdo ao volume de informação obtido na sua versão semi-estruturada. Tendo em conta que o objectivo fulcral é *“a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”*

(Bardin, 1997) foi aplicada a técnica proposta por Estrela (1986), tendo em conta as categorias, identificadas *a priori* (Raposo, 1981, Carioca et. al., 1997), assumidos os critérios de exclusividade recíproca, da homogeneidade e da coerência.

Por outro lado, e tendo em conta que a codificação dos dados é extremamente importante, pois permite a identificação, classificação e organização dos dados a analisar através da diferenciação e posterior reagrupamento dos mesmos segundo critérios fixos, sendo desta forma possível a descrição exacta das características relevantes do conteúdo, foi utilizada uma Grelha de Análise de Conteúdo das Entrevistas (Anexo nº 2), adaptada de Estrela (1986), que permitiu organizar toda a informação necessária para o pré-questionário.

Referindo-se ao problema da fidelidade da codificação Vala (1986a) afirmou que o mesmo é um problema comum a todas as técnicas de investigação. No caso concreto da análise de conteúdo ela reveste dificuldades particulares, pois qualquer conteúdo é susceptível de interpretações diversas. Segundo o mesmo autor, é de prever que dois codificadores ao analisarem o mesmo material cheguem a resultados diferentes. Da mesma forma, um mesmo codificador, ao longo do seu trabalho, pode não aplicar de forma idêntica os mesmos critérios de classificação. No primeiro caso estamos perante um problema de fidelidade inter-codificadores e, no segundo, perante a fidelidade intra-codificador.

No nosso estudo procurámos assegurar a fidelidade de codificação re-analisando²¹ uma amostra de material verbal de forma a estimar a fidelidade intra-codificador (Detry e Lopo, 1991). Por outro lado, parece-nos existir uma clara identificação entre as categorias definidas *a priori* e o conteúdo expresso no volume de informação e, igualmente, as

⁽²¹⁾ Aleatoriamente foi seleccionado o volume de informação obtido em 20% do total de entrevistas para re-análise.

categorias apresentam-se conceptualmente definidas de uma forma objectiva, pressupostos que - em nossa opinião - asseguram o critério de fidelidade.

No que respeita à validade do sistema de análise de conteúdo que foi utilizado, pensamos que este critério é assegurado pelo rigor observado na descrição, justificação e aplicação da técnica utilizada.

A análise de conteúdo efectuada permitiu

- A definição de um conjunto de subcategorias a saber, com excepção de aspectos relativos à categoria DESVANTAGENS DE UMA CULTURA DE PARCERIA, que teve de ser eliminada, porque não foram identificados itens de caracterização da mesma:

Tabela 2

Questões	Categorias
BLOCO 1	CAT1 – Articulação Escola-Família-Comunidade
BLOCO 2	CAT2 – Limitações à cultura de parceria Subcategoria 2.1. Limitações de ordem geral Subcategoria 2.2. Limitações da responsabilidade da escola Subcategoria 2.3. Limitações da responsabilidade da família Subcategoria 2.4. Limitações da responsabilidade da comunidade
BLOCO 3	CAT3- Papéis Institucionais Subcategoria 3.1. Papel da Escola Subcategoria 3.2. Papel da Família Subcategoria 3.3. Papel da Comunidade

BLOCO 4	CAT4 – Vantagens da cultura de parceria Subcategoria 4.1. Participação dos pais no jardim de infância Subcategoria 4.2. Troca de saberes intergeracionais
BLOCO 5	CAT5 – Estratégias para uma cultura de parceria Subcategoria 6.1. Estratégias Escola-Família Subcategoria 6.2. Estratégias Escola-Comunidade

- a formulação de um conjunto de itens a integrar o pré-questionário. Estes itens, conjuntamente com os que haviam resultado da reflexão sobre a literatura e os construídos com base no conhecimento empírico-especulativo que possuíamos acerca da temática, originaram o conjunto total de itens a considerar na versão pré-questionário de representações²².

IV5.1.3 – A fase do pré-questionário (o pré-teste)

Procurando assegurar o rigor científico próprio de um desenho de investigação, procedeu-se à construção do pré-questionário, resultante de duas vertentes: i) uma primeira, o volume de informação obtido e tratado e resultante das entrevistas exploratórias; ii) o conhecimento empírico que possuíamos acerca da matéria, resultante das pesquisas realizadas acerca da mesma.

Em sequência, foi feita a aplicação-piloto do pré-questionário (Anexo nº 3) junto a especialistas no campo das Ciências da Educação e Humanas e Sociais. Esta aplicação, permitiu identificar algumas limitações do instrumento, tendo em conta os objectivos do estudo. Efectivamente, foi referida a necessidade de incluir uma dimensão no

²² Esta versão seria aplicada, em pré-teste, a um grupo de especialistas e a uma parte do universo do estudo, para aferir da sua construção, da sua inteligibilidade e conteúdo científico.

questionário, designada “As implicações da falta de cultura de parceria no desenvolvimento local”, aspecto extremamente importante. Por outro lado, foram reformulados itens e ajustado o questionário segunda fase de aplicação do mesmo, isto é, junto a uma população com características muito distintas e formação diferenciada, o que implicou a utilização de uma linguagem que permitisse atingir todos os escalões possíveis e os níveis de escolaridade.

Em seguida, a após as necessárias adaptações resultantes da análise dos especialistas, foi elaborada a versão do pré-teste (Anexo nº4) a aplicar a um número determinado de sujeitos do universo. Tendo em conta a dimensão da população, a sua dispersão geográfica, a validação já efectuada pelos especialistas e as limitações de ordem temporal face a uma tão grande dispersão do concelho, considerou-se que 2,5% da população seria significativo para esta fase da pré-testagem. Nesse sentido, a aplicação foi feita a 193 sujeitos da população, distribuídos de forma quase equitativa pela sede de concelho e freguesias.

Este duplo procedimento permitiu-nos, por um lado, definir com rigor o quadro de variáveis do estudo e, por outro, clarificar o sentido de alguns dos itens e eliminar a sua ambiguidade. A análise dos resultados obtidos com a aplicação, permitiu-nos elaborar a versão definitiva do questionário. (Anexo nº 5), que seria aplicado a uma amostra significativa de uma população de 7511 indivíduos (7704 – 2,5% do pré-teste).

IV5.1.4 - O questionário na sua versão final

a) Enquadramento geral

No quadro geral identificado para a investigação empírica, importava elaborar um instrumento que permitisse conhecer as representações sociais da comunidade em questão. A natureza da investigação remetia para a metodologia de inquérito por questionário de opinião, bastante eficiente na obtenção de dados de uma determinada amostragem da população e, posteriormente, com representatividade geral, no quadro de análises e amostragens adequadas.

Na opinião de Tuckman (2000) a entrevista e o questionário são técnicas de recolha de dados perfeitamente adequadas aos propósitos de uma investigação como a nossa. O questionário é uma das técnicas mais utilizadas para a indagação de opiniões e medição de representações, apresentando elevadas vantagens ao nível da análise de dados. Este instrumento, cujo fulcro seria uma escala tipo Likert, com as lógicas adaptações em função das características do estudo²³, permitiria reduzir algumas das limitações próprias dos estudos de representações sociais.

Por outro lado, e na opinião de Quivy e Campenhoudt (1998:191) reconhece-se a esta técnica “a sua particular adequação quando um dos propósitos da pesquisa está relacionado com o conhecimento de uma população enquanto tal.(...) os seus comportamentos, os seus valores ou as suas opiniões”.

²³ Importa acentuar que o estudo não visava o estudo de atitudes, logo a escala de Likert teve de ser adaptada em função da tipologia e metodologia próprias duma investigação em torno de representações sociais.

b) A estrutura do questionário

O instrumento era constituído por duas secções estruturantes as quais procuravam dar resposta aos propósitos e objectivos considerados: a primeira (designada de dados de Caracterização Individual) visava a recolha de dados pessoais dos inquiridos e situava as variáveis independentes do estudo. A segunda (o corpo do questionário) é constituída por um conjunto de itens fechados, com uma escala valorativa de cinco níveis (que variavam entre 1 – discordo completamente e 5 – concordo totalmente), agrupados na constelação semântica das categorias e subcategorias da escala. Esta parte pretendia auscultar os docentes relativamente às suas representações face à cultura de parceria existente no concelho em estudo, suas limitações e constrangimentos. O último item (o nº14), pretendia identificar possíveis estratégias para superar as limitações identificadas e desenvolver uma cultura de parceria sócio-cultural na comunidade educativa em questão.

c) As categorias da escala e o seu conteúdo

Os objectivos da investigação delimitaram desde a fase inicial o conteúdo do questionário e as categorias e subcategorias²⁴ a considerar. Efectivamente, os propósitos que presidiram à estruturação de todo o percurso metodológico do estudo constituíram-se como fundamentais nos critérios de definição conceptual das diferentes categorias²⁵ da escala e, implicitamente, no seu conteúdo, presente sob a forma de itens, os quais assumiam diferentes significados e objectivos. Desta forma, a estrutura global do questionário é a seguinte:

⁽²⁴⁾ Este conceito deverá ser entendido conceptualmente como “a representação composta de sentimentos, inquietudes e considerações em relação a uma questão particular ou uma tarefa” (Marcelo Garcia, 1994).

⁽²⁵⁾ Assumindo o quadro de preocupações iniciais de Robertson et al. (1995), no que se refere à dificuldade por vezes existente em situar determinado item no conteúdo funcional de uma categoria, houve o cuidado de definir conceptualmente o significado preciso de cada uma das categorias da escala.

Quadro nº 3 - Relação categoria-itens do questionário

Categoria	Itens
CAT1 – Articulação Escola-Família-Comunidade	1.1. a 1.6 (6 itens)
CAT2 – Limitações à cultura de parceria	2.1. a 2.8 (8 itens); 3.1. a 3.5. (5 itens) 7.1. a 7.7 (7 itens)
CAT3 – Papéis institucionais	4.1. a 4.4. (4 itens) 5.1. a 5.5 (5 itens) 6.1 a 6.6 (6 itens) 8.1. a 8.7 (7 itens) 9.1. a 9.6 (6 itens) 10.1. a 10.5 (5 itens)
CAT4 – Vantagens da cultura de parceria	11.1.a 11.5 (5 itens) 12.1. a 12.6 (6 itens)
CAT5 – Estratégias para uma cultura de parceria	13.1. a 13.11 (11 itens) 14 (questão aberta)

Tendo em conta o quadro orientador, era para nós importante identificar a representação dos inquiridos, de toda a comunidade, relativamente a presumíveis articulações entre a escola, a família e instituições/organizações da mesma. Tornou-se igualmente óbvio, que esse âmbito se deveria compreender numa dimensão globalizante, tendo sido considerada a CAT.1 – Articulação Escola-Família-Comunidade. Igualmente, pareceu-nos importante, tendo em conta o conhecimento empírico que possuíamos, que se deveriam identificar as possíveis limitações e constrangimentos a uma cultura de parceria razão pela se considerou a categoria (CAT2) - Limitações à cultura de parceria, entendida em várias dimensões.

Por outro lado, importava identificar os efectivos papéis institucionais e as suas responsabilidades, aspecto de particular interesse no quadro do estudo, tendo sido

consideradas três dimensões na CAT3.: Papel da Escola; Papel da Família e Papel da Comunidade. Igualmente, se considerou de relevância identificar as vantagens da cultura de parceria no contexto da comunidade como um todo, razão pela qual se aparece a CAT4 – Vantagens da cultura de parceria.

Por último, pareceu-nos igualmente muito útil, avaliar aspectos que se prendiam com a identificação de estratégias que permitissem superar os constrangimentos existentes em termos de parcerias. Designámos essa categoria por *Estratégias para uma cultura de parceria(CAT5)* e dela consta uma questão aberta do questionário de representações – a 14.

IV5.1.5 - Selecção da amostra e aplicação do questionário

Ao considerar as questões próprias das amostras na matriz de um desenho científico, Carioca (1997) referencia as seguintes:

- devem compreender parte do universo e não a totalidade deste;
- a sua amplitude deve ser estatisticamente proporcional à dimensão do universo;
- deve ser representativa do universo e dos seus sectores diferenciados, de modo a reproduzir as suas características básicas.

Estes princípios foram por nós assumidos, tendo em conta, na linha de pensamento de Tuckman (2000) que assegura que este tipo de princípios aumenta a validade da mesma. Por outro lado, a selecção da amostra obedeceu a dois aspectos principais: a representatividade e a dimensão.

No que respeita à primeira vertente, é obtida quando reflecte os aspectos típicos do universo em estudo (Tuckman, 2000). A amostra utilizada, do tipo por quotas, permitiria medir as representações de determinados elementos de uma comunidade, tendo em conta

o corpo configurador de objectivos e a problemática central – as limitações em termos de parcerias existentes nessa comunidade.

No que respeita à dimensão da amostra, parece ser consensual, que existem algumas orientações metodológicas (Bryman e Cramer, 1993), como são as questões relacionadas com as limitações de tempo e de meios necessários tendo em conta a grande dispersão geográfica do concelho.

Desta forma a nossa amostra foi seleccionada na lógica da estratificação por quotas, com aleatoriedade, com base na metodologia adoptada por Krejcie e Margan (1970)²⁶, o que recomendava uma amostra de 366 indivíduos, para um total de 7704. O quadro seguinte, explicita a distribuição em função da variável “população da sede do concelho e de fora do concelho”:

Quadro nº4

Amostra representativa

	Total
População da sede do concelho	131
População das freguesias	235
Total	366

A aplicação do questionário foi feita em Setembro de 2005 e, tendo em conta que importava assegurar uma taxa de retorno elevada, foi necessário planificar uma estratégia, que implicou o recurso à colaboração dos órgãos de responsabilidade em cada

²⁶ Robert Krejcie e Daryle Mrgan (1970), Table for determining sample size for a given population. Educational and Psychological Measurement vol.30, 607-610.

organização. Esta linha orientadora definida permitiu uma taxa de retorno 58.4% de acordo com o quadro n.º 5 seguinte:

Quadro n.º5

Taxa de retorno do questionário

	Total
População da sede do concelho	98 (74.8%)
População das freguesias	116 (49.3%)
Total	214 (58.4%)

Esta taxa de retorno deve considerar-se bastante aceitável, tendo em conta as limitações com que nos deparámos no estudo, concretamente a grande dispersão geográfica do concelho e a enorme dificuldade em conseguir a devolução dos questionários.

**IV5.2 – A ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA AOS ÓRGÃOS DE GESTÃO
E DIRECÇÃO, A REPRESENTANTES DA FAMÍLIA E DAS
INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS**

Conforme referido anteriormente, importava realizar um conjunto significativo de entrevistas, que permitisse complementar a informação obtida nos questionários e, simultaneamente, identificar situações para organização das considerações finais do

estudo, de acordo com o quadro orientador que o norteou, nomeadamente as questões de partida e o seu corpo de objectivos.

Desta forma, as entrevistas (ANEXO 1) foram realizadas a um número determinado de sujeitos do universo considerado, tendo em conta que importava identificar as representações sociais da Comunidade no seu todo, em termos da articulação entre as diversificadas instituições integrantes do meio social, tendo havido intencionalidade na selecção dos sujeitos.

À semelhança do verificado para a construção do questionário, optou-se pelo registo escrito das respostas à entrevista, que permitir reduzir as limitações próprias deste tipo de instrumentos. Por outro lado, e em matéria de aplicação, recorreu-se à metodologia de aplicação individualizada, tendo em conta os sujeitos em questão (responsáveis pelas instituições) e a informação que queríamos obter.

Em termos de análise de conteúdo do volume de informação obtido, recorreu-se à mesma tipologia de análise utilizada para a construção do questionário de representações sociais, tendo sido aplicada uma metodologia mista (Estrela, 1986; Bardin, 1997), tendo em conta as categorias, identificadas igualmente *a priori*, assumidos os critérios de exclusividade recíproca e da coerência.

CAPÍTULO V - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS DO ESTUDO

VI – Metodologia de análise e apresentação dos resultados

Tendo em conta que a análise de resultados se situaria a dois níveis (o questionário de representações e as entrevistas semi-directivas), o processo adoptado foi o seguinte:

i) Relativamente ao questionário de representações:

Através da utilização do Programa estatístico SPSS , foi feita a análise de resultados a três níveis: o primeiro, de tipo análise frequencial simples para a caracterização da amostra e da tipologia global da representação social em função das categorias em análise; o segundo e terceiro níveis, com o recurso aos testes estatísticos de Mann-Whitney U e Kruskal Wallis, que permitem verificar se existem diferenças nas representações em função das variáveis independentes do estudo e, igualmente, identificar no contexto das próprias variáveis quais as dimensões que influenciam a representação.

ii) Relativamente à entrevista semi-directiva a membros da comunidade

Conforme referido, foi aplicada a técnica de análise de conteúdo, na sua acepção mista (Estrela, 1986; Bardin, 1997), ao volume de informação obtido com as respostas dos entrevistados ao inquérito por entrevista, que se apresenta no ANEXO 1 deste estudo. A análise e reflexão dos dados, que este capítulo detalhadamente apresenta, permitirão

complementar a informação do questionário de representações, aprofundando a visão da própria comunidade na matéria.

V2 – Resultados Relativos ao Questionário de Representações

V2.1. *Dados de Caracterização Individual*

Ao analisarmos os dados de caracterização individual da amostra importa, em primeiro lugar, referenciar que a análise frequencial simples e as reflexões dela decorrentes, têm sempre presentes, como termos de comparação, os dados do INE relativos ao ano de 2001. Este pressuposto servirá de referencial de suporte às considerações objectivas ou não a formular relativamente aos dados obtidos com a amostra. Nesta lógica de pensamento, e de acordo com os quadros nº 6 (sexo) e nº7 (idade) verificamos que a distribuição por género segue a tipologia do concelho, com predominância do sector feminino.

Quadro nº6

Sexo

		Frequency	Percent	Valid Percent
Valid	masculino	79	36,9	38,0
	feminino	129	60,3	62,0
	Total	208	97,2	100,0
Missing	nr	6	2,8	
Total		214	100,0	

Igualmente, e em relação à variável idade, verificamos uma concentração de distribuição na classe etária “entre 25-64 anos”, correspondendo à fase adulta da população.

Quadro nº7

Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent
Valid	15-24 anos	28	13,1	13,1
	entre 25-64 anos	182	85,0	85,4
	65 ou mais anos	3	1,4	1,4
	Total	213	99,5	100,0
Missing	nr	1	,5	
Total		214	100,0	

Relativamente à variável “local de residência” (quadro nº8) a distribuição da amostra segue a da própria população, conforme se evidenciou anteriormente, situando-se a maior parte da população no conjunto das freguesias. No entanto, importa acentuar o elevado fluxo migratório que se tem vindo a verificar no concelho, que se tem vindo a concentrar na sede do concelho, com o abandono das freguesias rurais.

Quadro nº8

Local de Residência

		Frequency	Percent	Valid Percent
Valid	Na sede de concelho	98	45,8	45,8
	numa freguesia do concelho	116	54,2	54,2
	Total	214	100,0	100,0

Por outro lado, e relativamente a aspectos da habilitação académica dos pais, verificamos que, em termos globais se poderá considerar de média/alta em termos de valorização científica. Este aspecto merece-nos alguma reflexão, tendo em conta que, o tipo de estudo que estamos a desenvolver, ficará muito mais enriquecido com uma população com estas características.

Quadro nº9

Habilitações académicas

		Frequency	Percent	Valid Percent
Valid	Analfabeto	1	,5	,5
	Inferior à 4. ^a classe/ensino primário	4	1,9	1,9
	4. ^a classe/ensino primário	15	7,0	7,1
	6. ^a classe/preparatório	23	10,7	10,9
	9. ^o ano/3. ^o ciclo	42	19,6	19,9
	ensino secundário	84	39,3	39,8
	bacharelato	4	1,9	1,9
	licenciatura	37	17,3	17,5
	mestrado	1	,5	,5
	Total	211	98,6	100,0
Missing	nr	3	1,4	
Total		214	100,0	

Igualmente, e tendo em conta as respostas dos inquiridos, relativamente à variável “profissão”, é possível verificar que, a maior parte se situa nos grupos 3 (Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio”, grupo 4 (pessoal administrativo e similares) e grupo 5 (Pessoal de serviços) da classificações de profissões do INE, o que, é um bom indicador para a qualidade da informação a obter para o estudo.

Relativamente à situação na profissão (Grupo CI 6 do inquérito) o quadro a seguir documenta o facto:

Quadro nº10

Situação na profissão

		Frequency	Percent	Valid Percent	
Valid	conta própria- isolado	20	9,3	10,5	
	conta própria -empregador	14	6,5	7,4	
	por conta de outrem -privado	50	23,4	26,3	
	por conta de outrem- público	78	36,4	41,1	
	familiar não remunerado	5	2,3	2,6	
	familiar remunerado	1	,5	,5	
	outra situação	22	10,3	11,6	
	Total	190	88,8	100,0	
	Missing	na	12	5,6	
		nr	12	5,6	
Total		24	11,2		
Total		214	100,0		

A análise do quadro acima, permite-nos verificar que, a maior parte dos inquiridos são trabalhadores por conta de outrem, situação muito própria dos concelhos do Alentejo, sendo possível afirmar que a Câmara Municipal e as organizações educativas do concelho são os maiores empregadores.

No que respeita às questões dos grupos CI7 e CI8 do inquérito por questionário, os quadros seguintes documentam a informação obtida, e permitem-nos verificar uma distribuição equitativa em termos da frequência dos alunos do concelho. Igualmente, nos permite verificar, que quase 50% da amostra não tem ainda filhos em idade escolar, dado interessante e que demonstra que existe um índice elevado de população jovem em emergência.

Quadro nº11

Filhos em idade escolar

		Frequency	Percent	Valid Percent
Valid	sim	100	46,7	47,8
	não	109	50,9	52,2
	Total	209	97,7	100,0
Missing	nr	5	2,3	
Total		214	100,0	

Quadro nº12

Filhos em est. educativo em Mértola

		Frequency	Percent	Valid Percent
Valid	sim	96	44,9	45,7
	não	114	53,3	54,3
	Total	210	98,1	100,0
Missing	nr	4	1,9	
Total		214	100,0	

V2.2 – A Representação Social da Comunidade em função da categoria de análise

V2.2.1 – Categoria Articulação Escola – Família – Comunidade

A análise que se apresenta procura documentar o posicionamento do conjunto de inquiridos e a sua representação face à categoria em questão. Na vertente concreta, remete-se para o “conhecimento que o inquirido tem acerca de parcerias culturais existentes no concelho”, perspectivada a noção de parceria no todo que é a relação Escola-Família-Comunidade. A escala que se apresenta nos quadros constantes de todo este ponto, deve entender-se da seguinte forma: DT – Discordo Totalmente ; D – Discordo; N – Não Concordo Nem Discordo; C – Concordo; CT – Concordo Totalmente.

Nos quadros as letras F e P significam, respectivamente, Frequência e Percentagem.

O quadro nº13 que se segue, sistematiza toda a informação relativa a esta categoria de análise e corresponde ao ponto 1 do inquérito por questionário (ANEXO N°5):

Quadro nº13 - Representações e articulação

Escola-Família-Comunidade

Item	DT		D		NS		C		CT		NR	
	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P
1.1.São eficazes	6	2,8	30	14,0	80	37,4	83	38,8	4	1,9	11	5,1
1.2. Existe bom relacionamento entre as Instituições	3	2,8	26	12,1	80	37,4	89	41,6	5	2,3	11	5,1
1.3. Ainda se podia fazer melhor	2	0,9	4	1,9	17	7,9	10	4,6	84	39,3	7	3,3
1.4 .São importantes para a realização de projectos	2	0,9	3	1,4	20	9,3	11	5,3	68	31,8	8	3,7
1.5. Deveriam ser extensíveis a todas as instituições	2	0,9	3	1,4	34	15,9	96	44,9	68	31,8	11	5,1
1.6. Deviam ser menos burocráticas	4	1,9	5	2,3	34	15,9	68	31,8	94	43,9	9	4,2

A análise do quadro parece-nos evidenciar, numa acepção ampla, o quadro de pressupostos iniciais que permitiram estruturar o conjunto de questões orientadoras do estudo e a sua justificação. Efectivamente, e conforme os coeficientes percentuais retratam, uma parte significativa da amostra (38.8%) considera que “as parcerias são eficazes”, embora o número de indecisos seja bastante significativo. Por outro lado, os itens 1.3., 1.5. e 1.6. evidenciam a ideia da necessidade de uma efectiva e alargada aposta no partenariado, entendido enquanto trabalho a desenvolver no todo que é a própria comunidade, o que mostra que, embora exista alguma eficácia nas parcerias existentes, elas são diminutas e precisam de ser alargadas. A tónica é colocada em aspectos que nos merecem especial atenção e reflexão, nomeadamente “a necessidade de serem extensíveis” a todas as instituições e a necessidade de desburocratização, aspecto último

que, em nossa opinião, e sendo em excesso, é sempre factor de limitação a processos de desenvolvimento. Por último, e atendendo à opinião globalmente manifestada, de que existe um bom relacionamento entre as instituições, a aposta num trabalho de efectivas parcerias poderá ter um sucesso real, porque existem vontades prévias para o efeito.

V2.2.2 – Categoria *Limitações à cultura de parceria*

Os quadros nº14,15 e 16 que se seguem sistematizam toda a informação relativa à segunda categoria de análise (CAT2 – Limitações à cultura de parceria) e correspondem aos pontos 2, 3 e 7 do inquérito por questionário (ANEXO N°5). A análise do quadro nº14 seguinte – que respeita às dificuldades de carácter geral existentes, em termos de realização de parcerias – referencia as representações dos inquiridos nesta matéria.

Quadro nº14 - Representações relativas a dificuldades de ordem geral

Item	DT		D		NS		C		CT		NR	
	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P
2.1 É por falta de informação	4	1,9	52	24,3	73	34,1	62	29,0	14	6,5	9	4,2
2.2 As questões são de ordem cultural	1	0,5	38	17,8	89	41,6	65	30,4	9	4,2	1	0,5
2.3 São devido ao facto do concelho ser muito grande	18	8,4	64	29,9	53	24,8	52	24,3	14	6,5	13	6,1
2.4 A burocracia dificulta as parcerias	6	2,8	15	7,0	49	22,9	97	45,3	40	18,7	7	3,3
2.5 É tudo uma questão de mentalidades	1	0,5	33	15,4	51	23,8	81	37,9	29	13,6	1	0,5
2.6 É pelo facto de haver muitos projectos iguais ao mesmo tempo	12	5,6	59	27,6	84	39,3	37	17,3	9	4,2	13	6,1
2.7 É devido à pouca disponibilidade das instituições em partilhar ideias e os projectos em comum	2	0,9	32	15,0	70	32,7	71	33,2	28	13,1	11	5,1

2.8. É devido a razões de ordem política	3	1,4	19	8,9	77	36,0	71	33,2	34	15,9	10	4,7
--	---	-----	----	-----	----	------	----	------	----	------	----	-----

O quadro acima explicita, em rigor, a opinião dos inquiridos, a uma vertente de extrema importância no estudo. Conforme se verifica, são identificadas vertentes possíveis de limitação a realização de parcerias, que não esgotam certamente o universo das possibilidades, e que resultaram do trabalho prévio que realizámos com a comunidade, consubstanciado em conversas formais e informais directas e através de entrevistas exploratórias conforme já referidos em capítulos anteriores.

Conforme os resultados evidenciam a tónica é colocada em algumas vertentes-chave:

- Uma componente considerada fundamental, enquanto dificuldade, situa-se nas “questões burocráticas”, assumida por 64% dos inquiridos. Este parece-nos ser um facto comum à sociedade no seu global, e sempre presente na maior parte das situações em estudo;
- Por outro lado, o item 2.5 (É tudo uma questão de mentalidades) parece-nos, igualmente, seguir uma tipologia evidenciada em quaisquer contextos do tipo do estudo. No entanto, importa, conforme se sugere no capítulo Limitações e Sugestões, identificar os factores que integram a componente burocrática e a componente “mentalidades”, no sentido de uma intervenção global da própria comunidade, assumindo-se que um efectivo partenariado poderá reduzir ou eliminar muitos destes factores;
- Os itens 2.7 e 2.8 merecem-nos, igualmente, uma reflexão cuidada. Efectivamente, e conforme já reflectido no ponto anterior, embora exista uma

predisposição para a parceria, ela deve ser efectiva e alargada a todos os sectores da Comunidade Local. Para isso, deverão ser ultrapassados factores redutores de ordem política que, em nossa opinião, muitas vezes são importante constrangimento ao Desenvolvimento Local;

- São também identificados alguns aspectos que, em nossa opinião, devem ser considerados como factor de bloqueio ao partenariado, conforme os itens 2.1 e 2.3 evidenciam. A componente extensão e o facto do concelho ser muito disperso, deverá sempre ser considerado como importante nesta análise.

A análise do quadro nº15 explicita as representações relativamente “aos aspectos em que a dificuldade de realizar parcerias tem influência no desenvolvimento local”.

**Quadro nº 15...- Representações relativas ao binómio Desenvolvimento local –
dificuldade de realizar parcerias**

Item	DT		D		NS		C		CT		NR	
	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P
3.1.Na dificuldade em fixar os jovens do concelho	7	3,3	11	5,1	44	20,6	83	38,8	58	27,1	11	5,1
3.2.Os jovens das freguesias têm muitas dificuldades em participar em actividades desportivas e culturais	15	7,0	38	17,8	45	21,0	66	30,8	39	18,2	11	5,1
3.3. Na perda das tradições e costumes do concelho	7	3,3	40	18,7	48	22,4	78	36,4	32	15,0	9	4,2
3.4.A inexistência de um plano mais completo da escola, em que todas as actividades do concelho estejam previstas, por não conhecimento de todas as instituições	11	5,1	39	18,2	43	20,1	70	32,7	39	18,2	12	5,6
3.5.Não haver financiamento para certas actividades, como a canoagem, que dão a conhecer o concelho noutras instituições	16	7,5	63	29,4	67	31,3	45	21,0	12	5,6	11	5,1

A questão fulcral nesta vertente prende-se com a influência da “dificuldade em realizar parcerias no próprio Desenvolvimento Local”. Conforme os dados expressam, essa influência é mais evidente ao nível da “enorme dificuldade em fixar os jovens” no concelho, com as evidentes repercussões negativas do facto, ao nível demográfico, cultural e de mudança de mentalidades, entre outros. Se reflectirmos este aspecto fulcral com análises anteriores, acentua-se a necessidade de desenvolvermos estratégias concertadas, que passam pela existência de projectos comuns, no sentido de fixar os jovens ao concelho. Este é um ponto fulcral a ter em conta!

As questões que respeitam “a falhas existentes nas parcerias, e na opinião de responsáveis das instituições”, são apresentadas no quadro nº 16 seguinte:

Quadro nº16- Representações relativas a falhas existentes nas parcerias na comunidade

Item	DT		D		Não Sei		C		CT		NR	
	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P
7.1.Á falta de cultura de parceria	3	1,4	30	14,0	68	31,8	79	36,9	25	11,7	9	4,2
7.2.Á pouca disponibilidade dos pais	4	1,9	32	15,0	42	19,6	101	47,2	27	12,6	8	3,7
7.3.Ao baixo nível de escolaridade dos habitantes do concelho	7	3,3	33	15,4	57	26,6	75	35,0	33	15,4	9	4,2
7.4.Á falta de diálogo entre as organizações	2	0,9	6	2,8	50	23,4	112	52,3	34	15,9	10	4,7
7.5.Á pouca motivação dos professores	3	1,4	21	9,8	76	35,5	76	35,5	28	13,1	10	4,7
7.6.Ás características demográficas do concelho	10	4,7	37	17,3	60	28,0	71	33,2	24	11,2	12	5,6
7.7.Á falta de articulação e colaboração entre os vários organismos da comunidade	2	0,9	8	3,7	49	22,9	104	48,6	36	16,8	15	7,0

A inquirição prévia da amostra permitiu identificar um conjunto de itens constante nesta vertente de análise, e que se situam do 7.1. ao 7.7 do questionário. Neles são incluídos os aspectos considerados importantes, enquanto falhas das parcerias. Os resultados obtidos e conforme o quadro nº16 expressa, permitem-nos afirmar que:

- A questão-chave da falta de uma efectiva cultura de parceria se prende com a grande dificuldade de diálogo entre instituições. Aliás esta é tónica dominante na inquirição feita ao longo de todo o desenvolvimento do estudo e que levanta questões pertinentes: i) que factores o justificam?; ii) Porque não existe uma cultura de diálogo no todo que é a Comunidade? iii) Que razões: de âmbito histórico, pretendendo provar que foi sempre assim; ou, de âmbito político? Iv) Até que ponto as condicionantes de ordem política são “um factor de peso” na problemática? ;
- Um outro aspecto, situa-se ao nível da relação escola- família e às limitações sempre presentes nesta dualidade;
- Um último aspecto a considerar prende-se, de novo, com as características próprias do concelho, já referido atrás.

V2.2.3 – Categoria *Papéis Institucionais*

Os quadros que se seguem sistematizam toda a informação relativa à terceira categoria de análise (CAT3 – Papéis Institucionais) e correspondem aos pontos 4, 5, 6, 8, 9 e 10 do inquérito por questionário (ANEXO N°5). Neste sentido global, procura-se averiguar o

nível de responsabilidade da Escola, da Família e da Comunidade na inexistência de uma cultura efectiva de partenariado.

O quadro nº17 seguinte retrata “ a responsabilidade da escola na dificuldade em realizar parcerias”(ponto 4):

Quadro nº17- Representações relativas à “responsabilidade da escola em realizar parcerias”

Item	DT		D		Não Sei		C		CT		NR	
	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P
4.1.O facto da escola/jardim de infância ser muito fechada à relação com as famílias e a comunidade	16	7,5	63	29,4	67	31,3	45	21,0	12	5,6	11	5,1
4.2. A escola devia ter meios e tempo para envolver os pais no processo educativo e no trabalho de articulação entre as organizações da comunidade	6	2,8	7	3,3	38	17,8	116	54,2	41	19,2	6	2,8
4.3.A escola é pouco activa	14	6,5	31	14,5	77	36,0	61	28,5	21	9,8	10	4,7
4.4 A escola devia fomentar o trabalho em parceria	4	1,9	4	1,9	31	14,5	118	55,1	44	20,6	13	6,1

Conforme o conteúdo funcional dos itens pretende traduzir são assumidas algumas importantes responsabilidades da Escola. Elas situam-se a nível diversificado. No entanto, não é assumido que são factores internos à própria escola os grandes responsáveis. A tónica coloca-se, fundamentalmente, na evidente necessidade de clareza o fazer (item 4.4.), e variáveis de ordem material (item 4.2). este último item e o posicionamento verificado colocam-nos questões: i) que tipo de meios? ii) recursos humanos sempre disponíveis e,

por isso, urgentemente efectivos no concelho? Iii) Recursos financeiros para desenvolver estratégias consistentes? Iv) Meios para uma concepção de um projecto comum a todo o concelho?

O quadro nº18 seguinte retrata “a responsabilidade da família na dificuldade em realizar parcerias”(ponto 5):

Quadro nº18- Representações relativas à “responsabilidade da família em realizar parcerias”

Item	DT		D		Não Sei		C		CT		NR	
	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P
5.1. Haver pouco contacto dos pais com a escola, o que gera pouco sucesso na relação entre a família e a instituição	8	3,7	20	9,3	41	19,2	10	46,0	40	18,7	5	2,3
5.2. O facto dos pais estarem pouco interessados nos problemas da escola	10	4,7	49	22,9	56	26,2	61	28,5	31	14,5	7	3,3
5.3. Ao facto da família e dos pais terem perdido qualquer interesse relativamente ao trabalho que se realiza na escola	18	8,4	49	22,9	62	29,0	57	26,6	20	9,3	8	3,7
5.4. À falta de tempo das famílias para se envolverem mais na escola	6	2,8	29	13,6	24	11,2	99	46,3	50	23,4	6	2,8
5.5. Questões de mentalidades	9	4,2	38	17,8	68	31,8	60	28,0	32	15,0	7	3,3

No que respeita à esta vertente, e de acordo com as respostas dos inquiridos, a tónica centra-se “no reduzido contacto entre a família/pais e a escola” (itens 5.1. e 5.4) devido a factores diversos, em nossa opinião, derivadas de : i) de limitações profissionais, ao nível do tempo necessário para um efectivo e sistemático acompanhamento; ii) as questões da grande extensão do concelho e as dificuldades de deslocação à sede; iii) a falta de

empenhamento do “outro lado” (a escola) que não motiva, não solicita, não está sempre aberta.

O quadro nº-19 seguinte retrata “ a responsabilidade da comunidade, no seu todo, na dificuldade em realizar parcerias”(ponto 6):

Quadro nº19- Representações relativas à “responsabilidade da comunidade em realizar parcerias”

Item	DT		D		Não Sei		C		CT		NR	
	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P
6.1.Ao facto das instituições estarem de costas voltadas	10	4,7	45	21,0	73	34,1	55	25,7	22	10,3	8	3,7
6.2. Ao facto das instituições, destinadas aos jovens, apresentarem actividades iguais, sem planificarem entre elas	7	3,3	31	14,5	80	37,4	65	30,4	23	10,7	8	3,7
6.3.A comunidade não funcionar como um todo	6	2,8	13	6,1	43	20,1	104	48,6	40	18,7	8	3,7
6.4. Estar pouco preparada para participar em actividades culturais conjuntas, que envolvam duas ou mais instituições	7	3,3	19	8,9	68	31,8	86	40,2	25	11,7	9	4,2
6.5. Questões culturais, relacionadas com uma falta de sensibilidade e falta de experiência nestas matérias	3	1,4	19	8,9	74	34,6	84	39,3	26	12,1	8	3,7
6.6 Ao facto de cada núcleo/organização estar preocupado em resolver os seus próprios problemas	5	2,3	9	4,2	44	20,6	97	45,3	51	23,8	8	3,7

Por último, identificam-se as responsabilidades da comunidade no seu todo, verificando-se uma elevada coerência nas respostas, em função do conteúdo funcional dos itens. Efectivamente, e conforme as percentagens de resposta expressam, o fulcro da questão é o “carácter individualista” de actuação das instituições (item 6.3), que se assume como

determinante. Embora, outros aspectos sejam igualmente considerados, é o “facto da comunidade não existir como um todo” o carácter essencial da questão.

Os três quadros seguintes situam agora uma nova vertente de reflexão: que papéis deverão desempenhar a escola/a família e a comunidade para activar parcerias. O quadro nº 20 seguinte retrata as opiniões dos inquiridos relativamente “ao papel da escola no desenvolvimento de parcerias”(ponto 8):

Quadro nº20- Representações relativas “ao papel da escola no desenvolvimento de parcerias”

Item	DT		D		Não Sei		C		CT		NR	
	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P
8.1. Coordenar todas as partes (pais, escola, crianças, comunidade)	6	2,8	35	16,4	49	22,9	80	37,4	37	17,3	6	2,8
8.2. Nos conteúdos dos programas utilizar os recursos humanos e materiais da região	1	0,5	12	5,6	52	24,3	10	48,6	36	16,8	9	4,2
8.3. Fomentar um maior diálogo com os pais e a comunidade em geral	3	1,4	2	0,9	19	8,9	12	56,1	58	27,1	11	5,1
8.4. Definir o seu Projecto Educativo, de acordo com a necessidade dos alunos	1	0,5	4	1,9	17	7,9	11	52,3	70	32,7	10	4,7
8.5. Encontrar formas de reflexão com os pais	1	0,5	2	0,9	19	8,9	13	61,2	52	24,3	9	4,2
8.6. Mudar a sua própria mentalidade(dos professores e da administração)	7	3,3	14	6,5	52	24,3	83	38,8	49	22,9	9	4,2
8.7 Incentivar a participação dos pais	1	0,5	3	1,4	10	4,7	10	47,2	90	42,1	8	3,7

A análise das respostas a este ponto 8 permite-nos inferir aspectos muito interessantes, e que, no seu todo, demonstram a elevada responsabilidade que é conferida à escola, tendo em conta os elevados índices de C+CT, na generalidade acima dos 80%. Aliás, e conforme se verifica em todo o estudo, está sempre presente a enorme responsabilidade

que é conferida à escola nas relações e na criação de sinergias conducentes ao desenvolvimento de um partenariado cultural consistente. Este é um papel que é conferido aos docentes, aos alunos, aos órgãos de responsabilidade das instituições educativas, no sentido de polarizar a intervenção dos pais e, por consequência, a concepção de projectos na comunidade, que permitam um efectivo Desenvolvimento Local.

Relativamente às responsabilidades da família, o quadro nº21 seguinte retrata as opiniões dos inquiridos relativamente (ponto 9):

Quadro nº21 - Representações relativas “ao papel da família no desenvolvimento de parcerias”

Item	DT		D		Não Sei		C		CT		NR	
	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P
9.1. Ser mais interessada pela vida escolar do concelho no seu todo	2	1,0	2	1,0	26	12,1	11 6	54, 2	60	28, 0	8	3,7
9.2. Assumir a responsabilidade da educação dos seus filhos de forma plena	1	0,5	4	1,9	15	7,0	89	41, 6	98	45, 8	7	3,3
9.3 Promover o contacto entre gerações	2	0,9	4	1,9	31	14,5	11 8	55, 1	51	23, 8	8	3,7
9.4. Ir com mais frequência à escola	0	20, 0	5	2,3	17	7,9	92	43, 0	91	42, 5	9	4,2
9.5. Colocar os seus filhos como prioridade, participando assim na procura de estratégias que permitam realizar parcerias	2	0,9	4	1,9	23	10,7	10 0	46, 7	77	36, 0	8	3,7
9.6. Promover encontros e diálogos entre famílias	1	0,5	2	0,9	33	15,4	98	45, 8	71	33, 2	9	4,2

As respostas expressas sequenciam a mesma linha de pensamento do ponto anterior. De facto, a família deverá contribuir para um efectivo trabalho da escola, participando nas suas decisões, contribuindo com a sua participação, com a sua envolvimento na instituição.

Por último, o quadro nº22 seguinte retrata as opiniões dos inquiridos relativamente “ao papel da comunidade no desenvolvimento de parcerias”(ponto 10):

Quadro nº22 - Representações relativas “ao papel da comunidade no desenvolvimento de parcerias”

Item	DT		D		Não Sei		C		CT		NR	
	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P
10.1. Ser mais activa nas questões próprias da Escola e sua organização	0	0,0	9	4,2	33	15,4	11	55,8	46	21,5	8	3,7
10.2. Ir mais à escola para ter a noção do Projecto Educativo	0	0,0	7	3,3	30	14,0	12	58,6	45	21,0	6	2,8
10.3 Ser mais aberta	1	0,5	4	1,9	30	14,0	11	54,6	56	26,2	7	3,3
10.4 Se organizar mais para participar, e promover actividades conjuntas entre as diversas organizações	1	0,5	4	1,9	34	15,9	11	55,8	50	23,4	7	3,3
10.5. Exercer menos pressão social nas famílias, permitindo mais tempo livre aos pais para irem à escola participarem em projectos	5	2,3	5	2,3	45	21,0	10	46,7	51	23,8	8	3,7

A vertente considerada neste item, permite complementar as anteriores. De facto, a comunidade no seu todo, as suas instituições e organizações, empresas, autarquia, deverão promover elevados índices de colaboração, assumindo-se que a escola é um parceiro-chave. Desta forma, será possível uma maior intervenção e, implicitamente, um maior desenvolvimento local. Os itens retratam essa necessidade e as formas desejáveis

de intervenção, principalmente ao nível do projecto educativo, documento fundamental da vida de toda a Comunidade Educativa – Escola-Família- comunidade.

V2.2.4 – Categoria *Vantagens da cultura de parceria*

Os quadros nº23 e 24, que se seguem, sistematizam toda a informação relativa à quarta categoria de análise (CAT4 – Vantagens da cultura de parceria) e correspondem aos pontos 11 e 12 do inquérito por questionário (ANEXO N°5).

O quadro nº23 seguinte retrata “as vantagens decorrentes de uma participação mais activa dos pais no jardim de infância”(ponto 11):

Quadro nº23

Representações relativas “a vantagens de uma participação mais activa dos pais na escola”

Item	DT		D		Não Sei		C		CT		NR	
	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P
11.1. Apetrechar os professores educadores com mais informações sobre os seus filhos	4	1,9	1	0,5	22	10,3	12	57,4	55	25,7	8	3,7
11.2. Melhores resultados escolares dos alunos	0	0,0	3	1,4	27	12,6	12	58,5	51	23,8	7	3,3
11.3. Ajudar a resolver mais facilmente certos problemas dos alunos	0	0,0	1	0,5	17	7,9	12	57,3	65	30,4	8	3,7
11.4. Promover a motivação das crianças	0	0,0	4	1,9	20	9,3	10	50,8	78	36,4	4	1,9
11.5. Contribuir para uma maior articulação com a comunidade	1	0,5	2	0,9	23	10,7	12	56,0	59	27,6	9	4,2

Ao nível específico da educação pré-escolar, no contacto com o jardim de infância, a topologia de resposta segue e geral, isto é, os problemas identificados são idênticos aos da escola, no seu sentido global. Os itens identificam aspectos particulares e os níveis percentuais de resposta são um indicador claro desta questão e da importância que lhe é conferida.

Por sua vez, o quadro nº24 seguinte retrata “as vantagens decorrentes de uma troca de saberes idosos/crianças”(ponto 12):

Quadro nº24- Representações relativas “a vantagens decorrentes de troca de saberes”

Item	DT		D		Não Sei		C		CT		NR	
	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P
12.1.Enriquecedoras para o desenvolvimento da criança	2	0,9	2	0,9	21	9,8	10 5	49, 1	79	36, 9	5	2,3
12.2. As crianças poderiam fornecer conhecimentos aos idosos sobre o mundo de hoje, da tecnologia, de como é a escola, etc.	1	0,5	3	1,4	19	8,9	11 6	54, 2	68	31, 8	7	3,3
12.3. Os idosos sentiam-se úteis	0	0,0	2	0,9	17	7,9	99	46, 3	91	42, 5	5	2,3
12.4. Aumentar o conhecimento cultural das crianças acerca da vila	0	0,0	4	1,9	23	10,7	11 2	52, 3	67	31, 3	8	3,7
12.5 A transmissão de experiências e vivências de ambos	0	0,0	2	0,9	18	8,4	10 5	49, 1	82	38, 3	7	3,3
12.6 Momentos de descontração que as crianças poderiam proporcionar aos idosos	1	0,5	1	0,5	22	10,3	93	43, 5	88	41, 1	8	3,7

Por último, e num aspecto particular que importa analisar, os inquiridos atestam a enorme importância que é conferida à relação com os idosos. A troca de saberes determina a orientação das gerações e permite a continuidade do conhecimento de uma comunidade. A população tem essa consciência e os elevados índices de resposta atestam-no. Saber

que o Desenvolvimento Local assenta também no conhecimento obtido pela via da experiência, pela tradição oral, pela preservação dos usos e costumes E isto sente-se que é garantido com o diálogo criança-idoso.

V2.2.5 – Categoria *Estratégias para uma cultura de parceria*

O quadro nº25 que se segue sistematiza os resultados obtidos na última categoria de análise (CAT5 – Estratégias para uma cultura de parceria) e correspondem ao ponto 13 do inquérito por questionário (ANEXO N°5).

Quadro nº25 - Representações relativas “a estratégias a desenvolver”

Item	DT		D		Não Sei		C		CT		NR	
	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P	F	P
13.1.Encontrar pessoas com a abertura e gosto para trabalhar em conjunto	2	0,9	0	0,0	14	6,5	12	57,4	70	32,7	4	1,9
13.2. Identificar uma estratégia comum entre todas as instituições para o concelho, no campo da educação	0	0,0	4	1,9	17	7,9	13	62,3	52	24,3	8	3,7
13.3. Criar um regulamento que permita um trabalho conjunto com as pessoas em parcerias	0	0,0	6	2,8	32	15,0	12	57,2	45	21,0	9	4,2
13.4. Criar um plano educativo onde a Escola, Família e Comunidade participem	1	0,5	2	0,9	22	10,3	12	57,4	57	26,6	8	3,7
13.5. Mais abertura das instituições para actividades conjuntas	1	0,5	4	1,9	24	11,2	12	56,1	56	26,2	8	3,7
13.6.Ter pessoas especializadas a trabalhar na área das parcerias	1	0,5	5	2,3	30	14,0	10	47,2	69	32,2	7	3,3
13.7 Dar mais autonomia à escola	2	0,9	7	3,3	64	29,9	91	42,5	42	19,6	8	3,7
13.8 Haver mais diálogo entre as instituições, pais, escola e comunidade	1	0,5	1	0,5	22	10,3	11	51,1	71	33,2	8	3,7
13.9 Arranjar incentivos, que não sejam monetários, que levem as pessoas a participar sem receios	1	0,5	6	2,8	18	8,4	11	52,2	68	31,8	9	4,2

13.10. Criação de espaços próprios para o intercâmbio de actividades	0	0,0	2	0,9	28	13,1	11 8	55, 1	57	26, 6	9	4,2
13.11.As Instituições deveriam realizar, em conjunto, diagnósticos das necessidades reais do concelho em termos de parcerias culturais	2	0,9	2	0,9	24	11,2	11 4	53, 3	64	29, 9	8	3,7

Vertente de análise extremamente importante, o quadro nº 25 sistematiza a informação e o posicionamento dos inquiridos relativamente a estratégias futuras a desenvolver, para uma comunidade nova, diferente, com um novo sentido de parceria sócio-cultural. Os itens integrantes (do 13.1 ao 13.11) evidenciam, no seu conteúdo funcional, uma riqueza e diversidade quanto a possibilidades de estratégias, no sentido de superação das limitações existentes na comunidade. A importância relativa que lhe é conferida é atestada pelos índices de resposta (cerca de 80% em C+CT) demonstrando que, a quase totalidade da amostra “se revê” no tipo de trabalho que é necessário fazer, para que “as coisas mudem”.

Por outro lado, é evidente a consciência, de que para mudar é necessária uma vontade colectiva. Essa vontade poderá determinar a criação de um Projecto comum da comunidade, fulcral para o seu desenvolvimento e, em torno do qual, irão “gravitar” o conjunto de projectos e actividades que permitirão transformar e modificar a “monotonia existente”.E nesse contexto, fulcral é a Escola, como pólo dinamizador, até de transformação...

Relativamente ao ponto 14 do questionário de representações²⁷ (Estratégias a Implementar para o desenvolvimento de parcerias no concelho), foi aplicada a técnica de análise de conteúdo, no seu sentido amplo, e de acordo com os pressupostos já

²⁷ Esta vertente, deve considerar-se de extrema importância, pois serviria para identificar sugestões para futuras investigações nesta matéria.

enunciados para as entrevistas exploratórias e entrevistas semi-estruturadas (cf. Estrela, 1986; Bardin, 1997). O quadro seguinte procura sistematizar essa informação:

Quadro nº26

Categoria	Indicadores
Formação	<ul style="list-style-type: none"> - Acções de cidadania, acção de educação ambiental, promoção efectiva da agenda 21 local - acções de formação para dirigentes -Explicar e incentivar as pessoas o que é o civismo e cidadania - Promover formação profissional aos funcionários e agentes das entidades - a formação promovida por entidades públicas ou privadas, centrada na temática "como gerar e dinamizar projectos de parceria"
Um parceria consistente integrado e efectivo	<ul style="list-style-type: none"> - As actividades e projectos deveriam ser feitos de modo integrado entre todas as instituições, aparte das questões políticas e limitando o poder e a promoção individual - As parcerias devem nascer da livre iniciativa das entidades com pessoas motivadas para o levantamento das necessidades, estratégias a implementar e meios para as concretizar - Criar um elo de ligação entre a comunidade e as diversas parcerias de modo a trabalharem conjuntamente no desenvolvimento do concelho -Divulgar em todas as instituições do concelho a cultura de parceria -Dotar as associações locais de técnicos especializados nessa matéria e que as associações se responsabilizassem pela remuneração desses técnicos -Sensibilizar toda a comunidade, perspectivar o futuro de forma objectiva -Maior articulação entre as actividades desenvolvidas de forma a que a participação fosse mais generalizada -Maior diálogo entre as parcerias -Maior interacção entre todas as comunidades -Maior participação de todas as instituições na questão da Educação - Mais comunicação entre entidades e menos burocratização nas formas de desenvolver parcerias - Mais criatividade e melhor relacionamento entre instituições - Melhor organização das actividades; meios para fixar jovens; maior colaboração entre parcerias - Querer colectivo que una os parceiros em torno de um objectivo comum – o desenvolvimento do concelho; - Responsabilização clara de cada parceiro em relação ao seu papel no projecto. Clarificar os deveres e as expectativas de cada um, de modo a pedir posteriores responsabilidades -Reuniões de entidades no inicio do ano/época para analisar planos de actividades e criar sinergias contra o desaproveitamento de recursos - um observatório de acompanhamento de acções de parcerias das entidades locais

O projecto comum da comunidade	<ul style="list-style-type: none"> - Construção de mais um infantário; construção de espaços de lazer onde as famílias possam conviver - Criar infraestruturas para o desenvolvimento e condições de futuro para os jovens - Fazer um plano para fixar os jovens - Trabalho em comunidade, incentivo aos jovens, exploração de pequenos espaços agrícolas, instalação de pequenas empresas - Espaços multifuncionais bem apetrechados - Proporcionar aos jovens melhores condições de emprego e actividades lúdicas de modo a fixá-los - dotar as associações locais de técnicos especializados e que as associações se responsabilizassem pela sua remuneração
A relação escola-família	<ul style="list-style-type: none"> - Dar às famílias e às instituições oportunidades para participar e opinar nas actividades desenvolvidas na escola - É que as escolas queiram a participação dos pais, acolher a crítica de forma positiva e o tempo de participação seja previsto no horário dos pais - Identificar formas de comunicação acessíveis entre as diversas "instituições" (família, escola, etc) - Chegarem a mútuo acordo, ligar mais a família às escolas e maior participação dos pais na escola - Maior divulgação doas actividades de modo a sensibilizar jovens e pais a participar - Promover actividades ao fim de semana entre comunidade-família-escola - Proporcionar a todos os alunos, pais e professores um melhor contacto com a realidade envolvente a todos os níveis, através da realização de eventos, em que lhes fosse possível usufruir de espaços de lazer e de contacto com outras instituições

A análise do volume de informação que o quadro apresenta, permite-nos constatar a enorme riqueza do mesmo, situando-se vertentes de relevância para uma efectiva promoção de uma cultura de parceria cultural e, como consequência, do Desenvolvimento Local. Conforme se verifica, são identificadas áreas de intervenção próprias e a desenvolver-se no contexto da Comunidade Social no seu todo, que permitirão, em nossa opinião, activar sinergias e promover um efectivo desenvolvimento. Recorde-se, e a este propósito²⁸, as dimensões em análise:

- A Formação: colocando-se a tónica na premente necessidade de a desenvolver, ajustada aos contextos em presença e em função das necessidades sentidas pela

²⁸ Esta matéria será retomada no ponto Sugestões e recomendações, com aprofundamento da análise acerca das matérias em questão.

Comunidade em estudo, de forma a ser possível gerar e desenvolver projectos de parceria;

- A existência de um partenariado consistente e integrado: condição básica para o Desenvolvimento de uma Comunidade como a do estudo;
- A existência de um projecto comum da própria comunidade, no seu todo, com intervenção colectiva, através da dinamização de entidades públicas e privadas;
- A relação Escola-Meio: traduzida em vivências e parcerias efectivas, de envolvimento parental e outros, que permitam a troca efectiva de saberes no todo comunitário.

V3 – RESULTADOS RELATIVOS ÀS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS A MEMBROS DA COMUNIDADE

A aplicação dos inquéritos por entrevista, a uma amostra intencional de diversos membros com responsabilidades institucionais (cf. Anexo 6), permitiu obter um volume de informação extremamente valioso, que permitiu complementar os dados obtidos com o questionário de representações sociais. Os quadros seguintes sistematizam essa informação, sendo o resultado da análise de conteúdo efectuada (cf. Estrela, 1986) e tendo em conta as categorias previamente definidas (cf. Categorias do questionário de representações).

V3.1 – Categoria *Articulação Escola/Família/Comunidade*

O quadro nº27 seguinte refere-se ao posicionamento dos entrevistados em matéria de articulação no contexto global que é a própria Comunidade como um todo.

Categoria	Indicadores	Frequência		
		Ind.	Sub-Cat.	Cat.
Articulação Escola-Família-Comunidade	- Isso é um problema complicado (ent.1)	1		
	- Nós (Clube Náutico) temos muita dificuldade em trazer os pais às actividades, em interessarem-se pela importância das actividades que se desenvolvem aqui no clube. (ent.1)	1		
	- Acho que, efectivamente, a parceria com os pais, e com a própria comunidade, alheia-se muito das actividades da instituição (ent.1)	1		
	- Há excepções, temos algumas, mas na maioria não há parcerias (ent.1; ent.13)	2		
	- A família ainda está muito desligada da escola, não se envolve quanto seria desejável naquilo que é o projecto educativo nem naquilo que é o projecto da comunidade educativa e da comunidade em geral (ent.1; ent.2)	2		
		1		
	- O problema é das instituições e do seu relacionamento entre elas (ent.3)	1		
	- Não há, de facto, da parte da comunidade, a não ser de uma forma esporádica, uma entre ajuda e uma procura (ent.3)	3		
	- Já houve algumas tentativas nessa área, mas acho que podia ser extensível ao resto das instituições (ent.4; ent.8; ent.10)	1		28
	- Era bastante importante arranjar um projecto entre todas as entidades do concelho (ent.4)	1		
	- Eu acho que existe. É claro que as características demográficas não facilitam essa articulação (ent.6)			
	- O concelho é grande muito disperso, muitas pequenas localidades, as dificuldades de transporte para os pais se deslocarem mais à escola para falar com os professores e também não facilita o facto de haver famílias analfabetas ou pouco letradas não ajuda muito esta articulação.(ent.6; ent.7)	2		
		1		
		1		
	- As parcerias poderiam ser melhoradas (ent.7)	1		
- Em relação às nossas valências da infância acho que existe alguma relação (ent.8)				
- Quem trabalha mais nesse nível é a câmara municipal com as actividades grandes em que nos	1			

	envolvemos também (ent.8)	1		
	- Nós sentimos da parte da escola que se afastou da Associação de Pais (ent.9)	1		
	- A escola não quer abrir e colaborar (ent.9)	1		
	- Muitos pais têm um nível de escolaridade muito baixo e, por isso, receiam falar e expor as suas ideias (ent.9)	1		
	- A reforma tem de ser grande, não só nos papéis, mas ao nível das mentalidades, para haver mais interacção com os pais também entre os professores (ent.9)	1		
	- Eu acho que não existe. A articulação, exige um esforço, um grande esforço (ent.11)	1		
	-Essa articulação não é feita por um simples motivo, a mobilidade do nosso corpo docente não permite (...) (ent.11)	1		
	- Essa articulação é impossível na medida em que as pessoas mudam, os autores mudam (ent.11)	1		
	- Tem vindo a ser feitos alguns esforços no sentido de sensibilizar a família para a importância que esta, indiscutivelmente, tem na evolução da criança (ent.13)			
	- Entre a escola/família existe. Na minha opinião, e da experiência que tenho tido existe uma boa articulação entre os intervenientes (ent.14)			

A análise da informação apresentada permite-nos tecer as seguintes considerações:

- É possível identificar quatro dimensões-chave para análise: i) o pressuposto de que foram já desenvolvidas muitas tentativas por parte de algumas instituições; no entanto, esse trabalho deverá ser continuado e extensível a toda a comunidade para uma efectiva articulação no seu contexto global; ii) a assunção de que não existe, efectivamente, uma cultura de parceria. Os entrevistados manifestam-nos explicitamente, conforme se verifica, e implicitamente em muitas das observações de carácter geral; iii) é perfeitamente assumido que a família está, desde sempre, desligada da escola, por razões de ordem vária, a saber: o não assumir as suas funções na relação com a escola, as incapacidades culturais dos pais, a falta de

solicitação por parte da escola; iv) aponta-se como de fulcral importância as características do concelho, imenso, disperso, o que tem implicações em termos da organização da própria comunidade e das relações no seu interior.

- São ainda identificadas, embora com menor relevância, algumas situações geradoras de limitações à cultura de parceria que importa reflectir:
 - i) a necessidade de elaborar um projecto comum para a comunidade rural em questão, o que, em nossa opinião, nos merece particular atenção pela importância que lhe conferimos. Algumas questões se colocam então: que estratégias desenvolver para ser possível a sua elaboração, tendo em conta as dificuldades existentes e já apontadas? Quem deveria assumir as responsabilidades pela coordenação do processo?
 - ii) A necessidade de melhorar as parcerias já existentes e que poderiam servir de pólos catalisadores para uma intervenção global e mais constante;
 - iii) A necessidade de encontrar mecanismos que permitam uma maior articulação entre A Escola e a Associação de Pais do concelho, vertente que consideramos fundamental para o desenvolvimento de culturas de parceria (vide Entrevista à Presidente da Associação de Pais)
 - iv) São identificadas limitações a uma cultura de parceria colocando a tónica na mobilidade dos docentes do concelho. Este aspecto parece-nos, igualmente, de particular importância e, tendo em conta o conhecimento empírico que possuímos da realidade em estudo, é nossa opinião, que esta vertente merece uma reflexão profunda. O concelho sofre de uma elevada taxa de mobilidade e as implicações são profundas em termos de uma organização

faseada e consistente de processos de intervenção da escola na comunidade, tendo em conta que a maior parte das situações de relação Escola-Família são de curto prazo.

V3.2 – Categoria *Limitações à Cultura de Parceria*

Os quadros seguintes referem-se à tentativa de identificação precisa das limitações à cultura de parceria existente e assumida. As questões de ordem geral são assim analisadas:

Quadro nº28

Categoria	Sub-Categoria	Indicadores	Frequência		
			Ind.	Sub-Cat.	Cat.
Limitações à Cultura de Parceria	Ordem Geral	- Os pais não tem consciência da importância das actividades que os filhos fazem (ent.1)	1		
		- É uma questão cultural (ent.1; ent.3;ent.9;ent.10; ent.13)	4		
		- Falta de formação e de informação por parte dos pais (ent.1; ent.2)	2		
		- Há muito poucas condições objectivas para os pais participarem (ent.2;ent.8)	2		
		- Falta de solicitação por parte da escola (ent.2; ent.9)	2		
		- Precariedade da situação dos professores (ent.2; ent.6)	2		
		- O hábito de partilhar não existe, as pessoas têm muita tendência para se fechar(ent.3)	1		
		- Entraves logísticos(ent.4)	1		
		-Falta de coordenação de algumas instituições, porque as instituições fazem actividades repetidas (ent.4; ent.5, ent.12)	3	26	
		- Concelho ser grande e não facilitar a deslocação dos pais à vila (ent.2; ent.7; ent.10)	3		
		-Não há grande tradição dos pais irem à escola (ent.6; ent.9; ent.11)	2		
		- As pessoas não estão motivadas para o esforço que é necessário fazer (ent.9)	1		

		- As pessoas estão tão embrenhadas nos seus afazeres que não têm tempo para uma reflexão em conjunto (ent.9; ent.10)	2		
		- O excesso de trabalho que as pessoas têm (ent.10)	1		

A análise da informação e do posicionamento dos entrevistados permite-nos afirmar:

- É evidente o (re)assumir dos aspectos mais importantes já identificados no ponto anterior. Efectivamente, os aspectos limitativos centram-se em pólos fulcrais: i) a questão cultural, considerada fundamental; ii) o profundo divórcio escola – família, por razões de falta de informação dos pais e a falta de solicitação por parte da primeira; iii) as características intrínsecas do concelho, com implicações diversas no processo (ex. a não facilidade de deslocação dos pais); iv) a mobilidade dos docentes.
- Um aspecto particular nos merece referência – *a falta de coordenação das instituições* – que coloca de novo a tónica na necessidade de um projecto comum, com uma responsabilidade de coordenação por parte de um grupo (?) de instituições... Este aspecto é relevante, porque desmotiva o facto de existirem falta de articulação, o que pode, em situações extremas, conduzir até a situações de conflito entre as instituições.

No que respeita agora, a situações específicas da Responsabilidade da Escola, o quadro seguinte retrata o posicionamento da comunidade:

Quadro nº29

Categoria	Sub-Categoria	Indicadores	Frequência		
			Ind.	Sub-Cat.	Cat.
Limitações à Cultura de Parceria	Responsabilidade da Escola	- A escola tem grande responsabilidade, ela poderia e deveria ser um pivot neste	2		

		<p>processo (ent.1; ent.11)</p> <p>- A escola deveria ter meios e tempo (...) para fazer um trabalho de envolvimento dos pais no processo educativo (ent.2)</p> <p>- A escola deveria ter um papel mais interventivo (ent.2; ent.12)</p>	1		
		<p>- A escola é o local privilegiado em termos de formação e, se a própria escola não é, digamos assim, um bom exemplo de fomentar este tipo de práticas, lá está, não é bom, e nos últimos tempos tem-se notado isso (ent.4)</p> <p>- Eu acho que a escola está muito fechada nela própria (ent.3; ent.4; ent.7; ent.8; ent.9)</p>	2		
		<p>- A escola vive muito para a resolução dos seus problemas diário esquecendo que as crianças também vivem para fora da escola, a escola não é muito apelativa para os pais...(ent.5)</p>	1		
		<p>- É evidente que a escola tem sempre um papel importante, se estamos a falar de uma questão de mentalidades a escola tem um papel importante na mudança de mentalidades e é nesse sentido que a escola pode desempenhar um papel importante (ent.6; ent.8)</p>	5		
		<p>- Não pode obrigar os pais a participarem, mas pode criar oportunidades, pode incentivar, pode encontrar desculpas, se assim quisermos, para "obrigar" os pais a virem à escola (ent.6)</p>	18		
		<p>- Primeiro a escola é que é a paga e financiada para educar e de certa forma ela está tão ocupada em manter determinadas requisitas, que também lhe ser pedidas superiormente, (...) e a escola preocupa-se de ir em conta a esses 3 grandes desafios que lhes são propostos. Mas não está a conseguir por várias razões, uma delas tem haver com a dificuldade de gerir problemas pessoais dos alunos e, inclusivamente dos próprios professores (ent.11)</p>	2		
			2		

		- Na minha opinião a escola tem vindo cada vez mais a abrir as portas à família. Temos uma escola "aberta" onde todos podem manifestar e contribuir para uma melhor articulação (ent.13; ent.14)			
--	--	--	--	--	--

Os dados apresentados, relativos às responsabilidades da Escola nas dificuldades em desenvolver uma cultura de parceria no concelho em estudo, permitem-nos referir:

- A opinião, bastante consensual, de que a escola existe muito fechada sobre si mesmo, com evidentes responsabilidades nos problemas de articulação existentes. Algumas opiniões discordantes (apenas 2), que referem que existe "uma escola aberta" são, seguramente, elementos próximos e com responsabilidades de gestão de instituições escolares. Estes aspectos, tendo em conta algumas opiniões expressas, levam-nos a questionar: que razões são responsáveis pelo alheamento da escola? Razões suas, internas, que ela não consegue resolver e que implicam com o exterior (cf. Ent.11) ?
- A concordância da enorme responsabilidade que a Escola tem neste processo. Instituição de formação, de boas práticas, " ela deverá ser um pivot" no processo, conferindo uma posição de quase coordenação à instituição escolar, o que parece ser implícito em alguns dos posicionamentos expressos;
- A necessidade de alterar as estratégias no sentido de entender melhor a realidade Família, de promoção de uma nova cultura de mentalidades, aspecto relevante nos processos de construção de culturas de parceria. Por outro lado, deverá desenvolver esforços no sentido de promover uma maior aproximação da família,

condição essencial para uma relação óptima Escola-Família, com implicações evidentes na formação dos alunos.

No que respeita às responsabilidades directas da Família neste processo, o quadro seguinte apresenta o posicionamento dos entrevistados:

Quadro nº30

Categoria	Sub-Categoria	Indicadores	Frequência		
			Ind.	Sub-Cat.	Cat.
Limitações à Cultura de Parceria	Responsabilidade da Família	- A família tem tanta responsabilidade como nós (ent.1)	1		
		- A maioria dos pais encara a escola como o sitio onde o filho anda a aprender a ler e a escrever para arranjar emprego (ent.1)	1		
		- Se os pais tivessem um papel mais activo haveria mais sucesso (ent.1)	1		
		- A família tem grande responsabilidade (ent.2)	1		
		- Os miúdos acabam por não sentir o empenhamento familiar (ent.2)	2		
		- Cada vez mais os pais não vão à escola, não contactam com os professores e não se apercebem do que se passa na escola (ent.2; ent.5)	1	12	
		- A forma que a sociedade tem envolvido a esse nível, faz com que a família acabe por ela própria ser um núcleo um bocadinho fechado (ent.3)	1		
		- Quando penso que a família não participa porque não tem tempo, não que no pensar que é por não valorizar o trabalho que é feito mas se calhar também falta um bocadinho de desenvolvimento que não lhes permite reconhecer a importância daquele trabalho, a importância que tem o ensino	1		

		pré-escolar, para não falar da creche em que já é feito um grande trabalho pedagógico, sobretudo nos dois anos (ent.8)	1		
		-Pedimos-lhe responsabilidades e as pessoas têm mil e um argumentos para dizer que não tem responsabilidades e não tem mão naquilo que se está a passar.(ent.11) - A família demitiu-se do seu papel culturalmente, passou esse papel para a escola. Não participam na vida escolar dos seus filhos, mas também as famílias têm pouco tempo e uma carga horária muito grande.(ent.12; ent.13)	2		

Em matéria das responsabilidades da família, a análise de conteúdo da informação obtida permite-nos afirmar:

- O posicionamento, quase consensual, de que a família e a escola tem responsabilidades quase comuns. Nesta lógica, são indicadas importantes limitações ao contexto próprio das famílias, nomeadamente em termos de formação dos pais e em termos culturais. Aliás, este último aspecto, tem-se revelado de extrema relevância em todos os posicionamentos.
- A assunção de que a família se demitiu das suas funções de acompanhamento dos filhos e da ligação à comunidade, tomando-se um núcleo fechado. Estes aspectos prendem-se, em algumas opiniões, com as rotinas de vida que a sociedade actual impõe, com dificuldades de gestão do tempo e financeiras; as dificuldades que limitam a ida à escola; as questões da dispersão geográfica do concelho, factor condicionante; entre outros.

Por último, em termos da responsabilidade da Comunidade em Geral, os entrevistados posicionaram-se de acordo com os dados apresentados no quadro seguinte:

Quadro nº31

Categoria	Sub-Categoria	Indicadores	Frequência		
			Ind.	Sub-Cat.	Cat.
Limitações à Cultura de Parceria	Responsabilidade da Comunidade Geral	- As vezes as instituições estão um pouco de costas voltadas com as instituições destinadas aos jovens joguem um bocado de forma concorrencial e estão a pensar em fazer o seu produto mais atractivo do que o outro (...) (ent.1)	1		
		- Ai é mais difícil de avaliar, a comunidade não funciona como um todo (ent.2)	1	9	
		- A comunidade somos todos nós no fundo, falta juntar todas as partes e criar actividades em conjunto, que fizessem parte de um plano educativo (ent.5)	1		39
		- Mais uma vez é uma questão cultural (ent.6)	1		
		- A assembleia de Escola é no fundo um órgão onde normalmente deveriam estar representados vários elementos da comunidade, geralmente não o fazem (ent.7)	1		
		- A relação com a comunidade e o ensino não é muito visível (ent.8; ent.9; ent.10; ent.11)	4		

Os dados apresentados situam aspectos importantes já referenciados: i) a tónica nas questões culturais como um impeditivo fulcral para o desenvolvimento de projectos e o envolvimento da comunidade no seu todo; ii) realça-se, de novo, a ideia da necessidade de um Projecto comum do todo social, que permitisse agregar sinergias e desenvolver parcerias efectivas; iii) a referência a um aspecto muito importante, de novo referenciado, que se prende com a inexistência de relações muito consistentes entre a Comunidade a

Escola/Ensino, como é referido nas entrevistas (ent.8, 9, 10 e 11). Este aspecto particular merece-nos de novo um reparo, pela importância de que se reveste numa comunidade como a do estudo, e pelas implicações que isso tem, em termos culturais da própria sociedade no seu todo.

V3 . 3 – Categoria *Papéis Institucionais*

A categoria em questão prende-se com a identificação dos papéis institucionais, e a partir dos quais, será possível eliminar alguns dos constrangimentos já identificados nos pontos anteriores (articulação e limitações à cultura de parceria). Os quadros seguintes sistematizam a informação obtida.

Quadro nº32

Categoria	Sub-Categoria	Indicadores	Frequência		
			Ind.	Sub-Cat.	Cat.
Papéis Institucionais	Papel da Escola	- A escola só se preocupa basicamente com o funcionamento interno e conhece mal a comunidade (ent.2)	1		
		- A escola podia organizar actividades em conjunto com a Câmara ou outras instituições que não fossem propriamente actividades lectivas que permitissem às famílias conhecerem os professores e o sistema de funcionamento da escola e vice-versa, e que no fundo os professores e a escola se integrassem mais na comunidade (ent.2)	1		
				11	
		- A escola tem de arranjar uma forma de haver uma ligação maior (ent.4)	1		
		- Num 1º nível onde existe sinais de pobreza e de exclusão, de dificuldades de aprendizagem, penso que a escola deveria ter um	1		

		papel mais interventivo (ent.6)	1		
		- Talvez a escola devesse encontrar formas de reflexão com os pais sobre este mundo que é a escola (ent.6)	1		
		- Deve fazer é mais actividades que aproximem mais os professores e os encarregados de educação (ent.7)	1		
		- Devia ser mais aberta ...(ent.9)	1		
		-Devia haver uma reflexão pedagógica dos professores ...(ent.9)			
		- Nós na medida do possível tentamos manter os pais sempre informados sobre a situação do seu educando (ent.10)	1		
		- Tem um papel importante, se é a escola que lhe compete o desafio também tem de ser mais activa. É a escola que lhe compete a aprendizagem e interessa-lhe ter os parceiros consigo e manipulá-los (ent.12)	1		
		- Eu acho que a escola tem feito melhorias. Podemos no entanto reflectir e pensar em sensibilizar com tertúlias com toda a comunidade sobre este tema, acções (ent.14)			

A análise da informação sistematizada revela que os entrevistados se posicionam de uma forma abrangente relativamente à matéria, situando aspectos diversificados. Em nossa opinião, é novamente conferida uma enorme responsabilidade à Escola, enquanto pólo dinamizador e catalisador de mudanças a operar no todo da comunidade, sendo necessário, para tal, que haja uma efectiva abertura da mesma.

Uma nova visão da Escola e do seu status social implica uma nova atitude dos professores na relação com as famílias e a comunidade. Implica a integração em actividades da comunidade a preparação conjunta com outras instituições (vide ent.2). Implica reflectir no seu seio e em conjunto com outros órgãos, no sentido de identificar estratégias e acções conjuntas que permitam identificar projectos comuns e activar parcerias. Implica conhecer

o meio, reflectir o meio e integrar as suas valências nas componentes curriculares e extra-curriculares.

As questões próprias da Escola devem, igualmente, ser entendidas no contexto da acção da família. O quadro seguinte, o nº33, apresenta as responsabilidades da família na resolução da problemática.

Quadro nº33

Categoria	Sub-Categoria	Indicadores	Frequência		
			Ind.	Sub-Cat.	Cat.
Papéis Institucionais	Papel da Família	- As famílias têm grande culpa, têm, porque se os pais tivessem um papel mais activo haveria mais sucesso (ent.1; ent.2)	1		
		-Este trabalho com a família não pode ser pontual, tem de ser acompanhado e que se visa todas as facetas em simultâneo (ent.2)	1		
		- Os pais deveriam ser mais interessados pela vida escolar dos filhos e do concelho onde vivem (ent.4; ent.7; ent.8; ent.9)	4	10	
		- Os pais tem de estar envolvidos no processo educativo dos filhos (ajudar na resolução de problemas) (ent.10)	1		
		- Como disse à pouco a família demitiu-se culturalmente. Deixou de ter o papel que tinha e deixou-o para a escola. Enquanto achar que as coisas assim estão bem não vão mudar (ent.12)	1		
		-A família deveria assumir o papel de maior participação em todas as iniciativas desenvolvidas pela instituição escola. (ent.13;14)	2		

A análise do quadro acima, permite afirmar que:

- À semelhança da escola é conferida uma importância elevada à participação da família na resolução dos problemas da escola e, logicamente, com as evidentes implicações nos processos de parceria institucionais;
- Esta actividade deverá ultrapassar a mera formalidade e assumir uma participação activa e intervenção colaborativa nos projectos educativos e projectos comuns a desenvolver no todo da comunidade, envolvendo as instituições educativas, pais, famílias, autarquia, outras instituições e empresas.
- Um último aspecto prende-se a questão cultural, já muito referida. A família, que se demitiu culturalmente das questões da educação e relação com a escola, deverá repensar este papel e inverter o processo, condição essencial para ser um par efectivo nos processos de transformação da comunidade.

A comunidade é o todo, a constelação na qual navegam as instituições e onde se desenvolvem os processos de inovação e mudança sociais e outros. Ela é o elemento agregador, onde convergem a Escola, os pais, as famílias e todas as outras instituições, também estas com enormes responsabilidades nas questões de partenariado cultural. O quadro seguinte sistematiza a informação relativa a esta vertente de análise:

Quadro nº34

Categoria	Sub-Categoria	Indicadores	Frequência		
			Ind.	Sub-Cat.	Cat.
Papéis Institucionais	Papel da Comunidade	- A comunidade precisa de ir à escola para ter mais consciência do que representa o processo educativo (ent.2)	1		
		- A comunidade em geral por parte das entidades, acho que tem uma preocupação e fazem algum trabalho nessa área e exemplo disso e da comunidade	1		

		individuais continua a haver poucas preocupações. (ent.4) - Que a câmara municipal apresenta-se um plano em que todos participassem obrigatoriamente, o que facilita a articulação (ent.5) - Há uma inversão de valores incrível. Vemos exemplos gritantes disto todos os dias na televisão e no nosso dia a dia, o que eu quero dizer com isto é que é muito difícil mudar ideias que neste momento já estão interiorizadas.(ent.7) -Mudar a comunidade não é fácil, primeiro temos que nos mudar escola) e com a imagem que deixamos transparecer é que mudamos a comunidade (ent.7) -A comunidade em geral deverá ter mais actividades onde os miúdos participem todos em conjunto, não só a nível do Concelho, para conhece o meio em que vivem, quer ao nível de idosos e de tudo, saberem um pouco como é a vida da nossa terra. Cá dentro haver mais actividades não só para os miúdos, como para os pais relacionados com isto de educação (ent.9)	1	6	
			1		
			1		
			1		

A informação sistematizada nesta vertente oferece-nos algumas sugestões extremamente interessantes: i) uma “só voz de pessimismo” o que revela que existe uma evidente predisposição para alterar a situação existente, implicando uma maior articulação da comunidade no seu todo com a escola. Novamente enormes responsabilidades são conferidas à escola; ii) a sugestão para encontrar plataformas em que a Autarquia tenha um papel igualmente importante. A ideia de um Projecto comum é de novo referida, tónica bastante acentuada neste estudo; iii) a necessidade de promover um maior número de actividades no interior da comunidade, envolvendo crianças, pais, idosos, no sentido de identificar pólos comuns de concepção de projectos de parceria.

V3. 4 – Categoria *Vantagens da Cultura de Parceria*

A informação que os quadros nº35 e nº36 apresentam refere-se à opinião dos entrevistados, relativamente às vantagens de uma cultura de parceria, com incidência na “participação dos pais no jardim de infância” e na “troca de saberes intergeracionais”.

Quadro nº35

Participação dos pais no jardim de infância

Categoria	Sub-Categoria	Indicadores	Frequência		
			Ind.	Sub-Cat.	Cat.
Vantagens da Cultura de Parceria	Participação dos pais no jardim-de-infância	<p>- Os pais podem dar sempre informações à escola sobre o filho que são importantes (ent.1)</p> <p>-Não é preciso uma participação “erudita”, mas uma participação baseada no bom senso, no acompanhamento e na procura de resoluções das dificuldades e, também no apoio e um enquadramento mais disciplinar da própria pessoa, das regras e dos princípios do que é a educação académica (ent.2)</p> <p>- As famílias podiam dar, de facto, um contributo importante, para que fossem encontradas outras soluções na ocupação dos tempos livres dos jovens, e não só, até a própria organização do jardim de infância,. E isso, fundamentalmente, com resultados finais positivos para o bem estar da criança que é esse o objectivo quer da escola quer das famílias (ent.3)</p> <p>- O que isto quer dizer é que os pais têm um papel determinante na potenciação dos nossos recursos, se eles se interessarem pela vida escolar, se eles todos os dias, em casa, nem que seja meia hora, forem ver os cadernos para ver o que fizeram quanto é que tiveram nos testes, basta mostrar interesse para os motivar, porque eles precisam de ser motivados.(ent.7)</p> <p>- O não haver a continuação de um trabalho que é feito, por exemplo no jardim de infância, coloca em casa o desenvolvimento da criança. Se a</p>	1		
			1		
				8	
			1		
			1		

		criança continua a ser estimulada em casa, se participar noutras actividades cá fora com a companhia dos pais, já incentivados um bocadinho pelo jardim-de-infância, é obvio que o desenvolvimento da criança é muito mais saudável, mais global e é uma continuidade.(ent.8)	1		
		- Certamente isso reflectia-se no próprio aproveitamento dos alunos. Supondo que houvesse uma maior intervenção, uma maior participação dos pais na vida escolar, e na vida fora da escola, eu penso que alguns dos problemas seriam minimizados se houvesse uma maior articulação das famílias as escolas, e as escolas e as famílias.(ent.10)	1		
		-Uma educação conjunta, trabalhando todos no mesmo sentido: um bom desenvolvimento global e integral da criança(ent.13; ent.14)	2		

A informação apresentada coloca a tónica em aspectos importantes que decorrem da participação dos pais no jardim de infância e no contexto em que o seu filho se insere. Conforme se verifica, situam-se aspectos a saber: i) a ligação dos pais poderá permitir um maior aprofundamento do conhecimento da criança por parte do educador, com evidentes implicações nos processos de formação; ii) a participação poderá assumir foros de intervenção, nomeadamente ao nível da concepção do projecto educativo e, igualmente, na sua concretização/implementação ao longo do ano lectivo; iii) é, igualmente opinião, que a participação se poderá entender e aceitar, ao nível da própria organização do jardim de infância, sob a forma de sugestões e reflexão conjunta com o educador/responsáveis da instituição.

Relativamente à segunda vertente em análise “ a troca de saberes intergeracionais” o quadro nº sistematiza a informação:

Quadro n°36

Troca de saberes intergeracionais

Categoria	Sub-Categoria	Indicadores	Frequência		
			Ind.	Sub-Cat.	Cat.
Vantagens da Cultura de Parceria	Troca de saberes intergeracionais	- Os miúdos tem expressões e comportamentos absolutamente inteligentes e ideias completamente novas. E é neste tipo de desafio que as crianças podem ser usadas. É uma mais valia muito grande na perspectiva da terceira idade a visita e o contacto com crianças (ent.1)	1		
		-No entanto com os idosos capazes acho que se podem fazer coisas muito engraçadas em conjunto com as crianças especialmente até aos 9 ou 10 anos; passeios, convívios, quintas pedagógicas... aproveitando a sabedoria cultural que têm e podem transmitir se forem motivadas (ent.1)	1		
		- E importante e positivo a participação dos idosos a participação dos idosos na educação dos jovens, se estes não ficarem confinados com esse acompanhamento e terem a outra perspectiva da inovação, abertura, tolerância e curiosidade para outras coisas novas (ent.2)	1	15	
		- É importante para os idosos e para a cultura dos jovens (no que respeita às histórias do concelho) (ent.2)	1		
		- Agora os miúdos têm tanta facilidade em mexer nas novas tecnologias, não estou a dizer para por todos os velhotes a mexer no computador, ensinados pelas crianças, mas este contacto com os mais novos permite sempre abrir ainda um bocadinho a perspectiva aos mais idosos. As crianças podem ser um veículo para transportar aos idosos essas novidades todas. (ent.2; ent.3; ent.12)	3		
		- Era a passagem de testemunho de uma geração para a outra e os nossos idosos ficarem mais activos (ent.2)	1		
		-Acho que era bastante benéfica para os dois. Os idosos sentiam-se úteis,	1		

	<p>transmitiam os seus saberes através de histórias, lendas e situações da sua vida e das suas profissões. Tudo isto iria aumentar o conhecimento cultural das crianças, conheciam melhor o seu concelho e como era a vida nessa altura (ent.4)</p>	1		
	<p>-Poderiam ensinar como funciona a escola hoje em dia, a diferença do aprender de hoje e do antigamente. A partilha de saberes entre idoso/criança seria o benéfico para os idosos no sentido da promoção da sua qualidade de vida (ent.5)</p>	1		
	<p>- Falar com idosos, por cada vez que se fala com um idoso, é uma experiência acumulada que se tem e nos transmitem e para além disso tem muito mais disponibilidade para tal do que os próprios pais. Estas circunstâncias podem-se proporcionar e aí a família tem essa função, essa obrigação, a comunidade pode fazer com que as gerações mais velhas e as gerações mais novas hajam um determinado tipo de amizade tolerância, que são transmitidos muito mais facilmente pelos avós, pois os pais estão mais preocupados com questões monetárias e acabam por transmitir este tipo de valores aos filhos de serem sempre mais (ent.6)</p>	1		
	<p>-Todos os projectos intergeracionais são positivos e só tem a ganhar de parte a parte (ent.12)</p>	1		
	<p>-Essencialmente o envolvimento é sempre válido pela riqueza de experiências e conhecimentos acumulados e pela forma como essa mesma experiência poderia engradecer e enriquecer a educação da criança (ent.13)</p>	1		
	<p>-Os idosos além de se sentirem úteis através do seu contributo, terem um papel activo na educação da criança, além disso sempre que cada idoso tem um momento conjunto com uma criança rejuvenesce pela alegria e espontaneidade que esta transmite (ent.13)</p>	1		
	<p>- Muito importante a troca de saberes</p>			

		entre gerações, pois algumas tradições tendem a desaparecer e se não existir esse feedback a maior parte da nossa cultura e tradições vai desaparecer (ent.14)			
--	--	--	--	--	--

A análise da informação obtida nesta vertente, permite-nos tecer as seguintes considerações:

- A ideia presente de que a troca de saberes é mutuamente benéfica: ao novo, às novas ideias da criança, contrapõe o idoso a sabedoria cultural que deriva da experiência;
- A criança poderá “abrir as portas” ao idoso para novas visões, abertura e curiosidade para novas situações (ex. o recurso e utilização da tecnologia do computador);
- A ideia da passagem do testemunho e do conhecimento valioso que deriva da experiência de uma geração para outra, conferindo ao idoso um sentimento de utilidade e aumentando o capital cultural da criança, reconhecendo valores de solidariedade, de amizade, de tolerância, facilmente transmitidos pelo idoso.

V3. 5 – Categoria *Estratégias para uma Cultura de Parceria*

A última categoria de análise refere-se “à identificação de estratégias que permitam activar uma cultura de parceria”. O quadro seguinte sistematiza a informação:

Quadro nº37

Categoria	Indicadores	Frequência		
		Ind.	Sub-Cat.	Cat.
Estratégias para uma Cultura de Parceria	-Há necessidade de encontrar pessoas novas com capacidades para substituir os actuais responsáveis (ent.1)	1		
	- ...(Arranjar) uma estratégia educativa par ao concelho escrita no papel. (ent.2; ent.5)	2		
	- Uma é o trabalho que se está a fazer agora no âmbito da Rede Social, este trabalho permite todos estarem em contacto (ent.2)	1		
	-É necessário pensar na Santa Casa, na Bento Jesus Caraça e as restantes entidades, pensar sobre o assunto e talvez realizar um Fórum, embora não fosse solução onde se juntassem Juntas de Freguesia, ..., para falar sobre o assunto para descobrir qual a melhor maneira para fazer esta aproximação (ent.4)	1		
	- Criar no Centro Infantil um atelier de reminiscência em que os idosos trabalhassem com as crianças (ent.5)	1		
	- Mais participação dos encarregados de educação, mais deslocação à escola, melhor acompanhamento do processo educativo/aprendizagem, consulta dos cadernos, acompanhamento na resolução de trabalhos e exercícios, e com o facto frequente com o director de turma (ent.7)	1		
	-Mais propostas/críticos/sugestões da comunidade, dos encarregados de educação, Associação de Pais.(ent.7)	1	15	
	- Que possa haver diálogo entre as instituições, entre as pessoas, haver possibilidade de discutir os assuntos interessantes...(ent.10)	1		
	-Motivar os professores que conheçam o meio (ent.11)	1		
	-A escola tem de ter mais autonomia, mais estabilidade do corpo docente (ent.11)	1		
	- Penso que não há projecto que tenha pernas para andar se não tiver fortemente enraizado na comunidade (ent.12)	1		
	-Todos os projectos que nascem da necessidade só fazem sentido que se façam com uma articulação. Fazem um projecto, sabem quem está interessado nessa caminhada, depois partir para o diálogo e negociar (ent.12)	1		
	- Todo o tipo de iniciativas de sensibilização, como acções de formação, workshops, partilha de ideias.	1		

	(ent.13) -fazer colóquios, tertúlias, pequenos grupos de reflexão, criar um espaço interactivo onde participassem todas as pessoas (Crianças, pais, professores, idosos, comunidade)(ent.14)			
--	---	--	--	--

A última vertente em análise – a definição de estratégias que permitam uma cultura de parceria efectiva – permitiu equacionar aspectos extremamente relevantes para o contexto do estudo que desenvolvemos. Conforme se verifica, na análise de conteúdo efectuada, são referenciados os seguintes aspectos:

- Um primeiro, que coloca a tónica na necessidade de mudar os corpos dirigentes das instituições, indiciando a ideia de que “os males actuais” se prendem muito com alguma passividade e comodismo em termos de actuação e de empenhamento em parcerias activas;
- A existência de um designado Projecto/Plano Comum para o concelho, formalizado e responsabilizando todos colectiva e individualmente. Esta ideia teria como suporte reflexões conjuntas, de formas diversificadas (ex. fóruns, tertúlias, colóquios, acções de sensibilização etc), que permitissem identificar pontos comuns, necessidades comuns e delinear as estratégias para a criação de efectivos partenariado sócio-culturais;
- Uma efectiva articulação Escola – Família – Comunidade, implicando disponibilidades, vontades e actuações concretas, conforme já reflectido em pontos anteriores;

- Aspecto particular, já referenciado prende-se com o papel a desempenhar pelos docentes em todo este processo, considerado de de veras importância, e que deverá merecer observação atenta por parte dos responsáveis.

CAPÍTULO VI- FIDELIDADE E VALIDADE DOS INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Richards et al. (1986, referidos por Helena Pereira, 1990) afirmam que se torna imprescindível a existência de instrumentos fiéis e válidos quando se pretende realizar qualquer investigação científica. A determinação da fidelidade e da validade do instrumento utilizado numa investigação são critérios a ter prioritariamente em conta para garantir o rigor científico da mesma.

VII - A fidelidade do questionário

Várias técnicas existem para avaliar a fidelidade de um instrumento. Referindo-se a uma delas (coeficiente de correlação inter-classe), Lindzey e Aronson (1968, cits. por Carioca, 1997)) referem que em virtude de se basear numa técnica de *teste-reteste* este método é pouco utilizado, tendo em conta que a memória que os sujeitos têm em relação às respostas dadas no teste pode influenciar a correlação entre os *scores* do teste e do reteste. Os mesmos autores referem que a fidelidade pode também ser determinada a partir de um único teste. Este teste, conhecido como a fórmula 20 de Kuder-Richardson ou o coeficiente α de Cronbach, baseia-se na subdivisão do conjunto de itens em dois subconjuntos da mesma dimensão aleatoriamente escolhidos e na determinação de um índice de correlação entre esses dois subconjuntos.

Outros autores, e entre eles Tuckman (2000), referem quatro aproximações para a determinação da fidelidade de um instrumento e que analisam a mesma segundo quatro vertentes:

- i) o teste - reteste (estabilidade e durabilidade);
- ii) os questionários equivalentes-alternate forms (equivalência e estabilidade);

iii) o teste de split-half (consistência interna);

iv) o teste de Kuder-Richardson - K-R 21 (consistência interna).

O primeiro procedimento, segundo este autor, permite medir as características de estabilidade e durabilidade da resposta do indivíduo. Não nos foi possível verificar esta vertente, dado que não foi feito o reteste do questionário. Igualmente não se tornou possível a medição da fidelidade pelo método dos questionários equivalentes e dessa forma verificar a vertente equivalência-estabilidade, porque foi unicamente administrada uma forma de questionário.

Segundo Tuckman o terceiro procedimento baseia-se na determinação da consistência interna do teste dividindo-o em duas metades, geralmente itens pares e itens ímpares, e então correlacionar as pontuações obtidas por cada sujeito numa metade com as obtidas na segunda metade. Este procedimento origina uma estimativa chamada *split-half reliability* que permite ao investigador determinar se cada uma das metades dum teste estão a medir a mesma qualidade ou característica.

No que respeita ao nosso estudo a fidelidade do questionário de representações foi aferida através do cálculo do coeficiente de alfa de Cronbach (Bryman e Cramer, 1992). Este coeficiente traduz a estimativa da média de todas as correlações possíveis de cada um dos itens do instrumento em relação à própria dimensão do mesmo, devendo ser interpretado no sentido de que quanto maior for o valor do alfa obtido, mais forte é essa associação e, logo, a consistência interna do instrumento. Fixou-se como critério de validação da fiabilidade do instrumento, o valor de alfa de Cronbach maior ou igual a 0,70 (Bryman e Cramer, 1993).

Os resultados do alfa de Cronbach obtidos na versão final do instrumento de recolha, indicam um valor de $\alpha = 0,905$, o que confere uma elevada consistência ao instrumento. O quadro nº38 seguinte atesta este teste estatístico.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	Cronbach's Alpha Based on Standardized Items	N of Items
,905	,948	81

VI2- A validação dos instrumentos

Um questionário é válido “quando mede exactamente o que pretende medir” (Anastasi, 1992). Segundo Albou (1973) a validade depende necessariamente da fidelidade e a sua determinação só pode ser feita de forma indirecta. No nosso estudo, no que respeita à verificação da fidelidade do questionário, constatámos (ponto 1 deste capítulo) que a mesma é bastante elevada, confirmando a consistência interna do mesmo.

Ao reflectir as questões da validade de um instrumento Henerson et al. (1987, cit. por Carioca, 1997) distinguem 4 tipos: validade preditiva, validade concorrente, validade de conteúdo e validade de construção. Em relação ao nosso estudo não considerámos os dois primeiros tipos de validade e situamos as nossas razões na mesma linha de pensamento de Raposo (1981), porque não nos interessava fazer quaisquer tipo de previsões acerca de comportamentos futuros dos docentes, o que anulava esta possível opção. Por outro lado, a condicionante da existência de um critério exterior para a validade concorrente, levou-nos igualmente a não considerar este tipo, em virtude da não existência desse factor.

Para validar o questionário de representações utilizámos os outros dois tipos referidos por Henerson et al (1987): a validade de conteúdo e a validade de construção. Quanto à validade de conteúdo os mesmos autores consideram-na como um indicador que se refere "*à representatividade da amostra de questões incluídas no instrumento*". Anastasi (1992) a este respeito, afirmou afirmam que tal tipo de validade envolve fundamentalmente o exame sistemático do conteúdo do teste, a fim de verificar se abrange uma amostra representativa do campo do comportamento a ser medido.

Estas considerações pressupõem que o instrumento deve:

- conter itens representativos do objecto do estudo;
- conter itens que representem cada uma das categorias apresentadas.

Relativamente ao primeiro aspecto a metodologia que utilizámos no nosso estudo garante este critério de exigência. Efectivamente, na fase de elaboração do anteprojecto do questionário foram efectuadas entrevistas exploratórias aos docentes e aos especialistas e, em função destas, das nossas leituras, de uma reflexão aprofundada e do conhecimento empírico- especulativo que possuíamos sobre a temática, construímos o conjunto total de itens (conforme explicitado no Capítulo IV).

Por outro lado, na construção do instrumento foi tido em conta o *modelo de análise teórico* em todas as suas componentes, e as categorias explicitam e enquadram itens elaborados no quadro desse modelo. Igualmente, foi aplicado o pré-teste que permitiu aferir o instrumento inicial e eliminar algumas ambiguidades existentes.

Relativamente à validade de construção do questionário de representações, os mesmos Henerson et al. (1987) indicam uma metodologia a utilizar que nos permite em muitos

casos demonstrar essa validade e que designam por *apelo à lógica*. A demonstração, segundo este método, passa pela verificação de dois factores:

- dar tempo suficiente para a administração do instrumento de forma a que os sujeitos não sejam pressionados no sentido de responder rapidamente;
- ausência de pressões que levem a fazer surgir determinado tipo de respostas. Estas pressões podem surgir em função do formato e/ou instruções do instrumento, do ambiente em que ele é administrado e da personalidade de quem o aplica.

Efectivamente, no nosso caso, consideramos ter sido suficiente o tempo dado para o preenchimento do questionário. As instruções do instrumento não condicionavam de forma alguma as respostas pois são claras e objectivas, e o seu conteúdo revela total sentido de imparcialidade relativamente ao conteúdo do instrumento. O ambiente em que o instrumento foi aplicado não era por nós estabelecido, o que inviabilizava qualquer tipo de pressão. E, finalmente o instrumento não foi preenchido na presença de quem o aplicou, de forma que quaisquer características de personalidade deste não influíram nas respostas.

No que respeita à entrevista semi-estruturada, o percurso metodológico desenvolvido para a sua concepção respeitou os objectivos do estudo, o critério da cientificidade com o recurso ao painel de especialistas/juízes e o critério da pertinência relativamente ao seu conteúdo, construção e funcionalidade, o que nos permite afirmar da sua validade.

CAPÍTULO VII – CONCLUSÕES GERAIS DO ESTUDO

VIII - Nota Inicial

Ao equacionar o quadro de conclusões do estudo assume-se que o mesmo deverá ser entendido e enquadrado pelas questões iniciais e pelo corpo de objectivos definidos, configurados no modelo de análise apresentado. Em sequência, a reflexão conclusiva assume como determinantes de orientação duas vertentes estruturantes: i) o posicionamento da amostra em termos da sua representação face a um conjunto de categorias e itens, que integram o questionário aplicado; ii) uma segunda, o volume de informação obtido e sistematizado, mediante a aplicação de entrevistas semi-estruturadas a “informantes privilegiados” da comunidade em estudo.

Por outro lado, e tendo em conta que, em ambas as situações, a análise se realizou de acordo com as categorias estruturantes previamente definidas, é nossa opinião, que o relatório de conclusões se deverá equacionar na mesma linha de pensamento.

VII2 – Conclusões relativas à Categoria *Articulação Escola/Família/Comunidade*

A análise complementar do volume de informação sistematizada no que respeita a esta categoria permite tecer as seguintes afirmações:

- i) a evidência da necessidade de uma aposta efectiva nas parcerias sócio-culturais no concelho: conforme se constatou é assumido que deverá existir uma aposta consistente no partenariado, de forma constante. Para esse efeito, será necessário encontrar estratégias que permitam ultrapassar as limitações na relação escola-família-comunidade; seja ao nível da desburocratização dos processos, seja promovendo articulações efectivas entre a escola e a família, seja procurando

encontrar pólos comuns de interesses entre as diversas organizações e órgãos do concelho;

ii) menção inicial, que será sempre assumida em todos os momentos do estudo por parte da amostra, à necessidade de um Projecto Comum de toda a comunidade. São identificadas algumas questões importantes relativas a esta matéria, principalmente em termos da coordenação deste processo e da sua concepção;

iii) tónica no papel importante que deverá ser conferido aos docentes do concelho neste processo. Efectivamente, é opinião consensual, que a articulação efectiva do todo que é a própria comunidade, passa pela redução dos factores de mobilidade, que inviabilizam uma aposta efectiva nos projectos em desenvolvimento na comunidade em que estão inseridos.

VII3 – Categoria *Limitações à Cultura de Parceria*

Os dados sistematizados das duas fontes de informação (questionário de representações e entrevista semi-estruturada) permitem-nos afirmar:

- i) em termos de limitações de carácter geral: a tónica centra-se no grande divórcio escola-família-comunidade, por razões que identificámos, e que tem profundas influências no próprio Desenvolvimento Local, enquanto factor de constrangimento à fixação de jovens e outros no concelho;
- ii) as questões que se prendem com “a burocracia dos processos” que permitam viabilizar projectos e parcerias e as características específicas do concelho, com elevada extensão e dispersão populacional, são igualmente apontadas como limitações fulcrais.

- iii) Um último aspecto, que nos merece referência prende-se com a “falta de coordenação das instituições”, existindo alguma falta de predisposição para a efectivação das parcerias. Este aspecto, igualmente importante, remete-nos de novo para a necessidade de um Projecto comum da própria comunidade, o que permitiria eliminar este constrangimento.
- iv) Em termos das responsabilidades directas da escola nestes processos, parece ser quase consensual a ideia de uma “escola fechada” a necessitar de uma inserção efectiva na comunidade que a rodeia. Por outro lado, assume-se que ela (a escola) deverá ser o “motor” do processo de activação da parceria e de um projecto global. Esta visão e posicionamento deverá ter implicações profundas no sentir e reflexão da escola face à problemática.
- v) A família tem igualmente enormes responsabilidades, porque não vai à escola, não participa nos processos de entrosamento da escola, vive alheada das problemáticas. Este é um sentir efectivo da amostra e deverá ser reflectido com urgência no seio da Associação de Pais;

VIII4 – Categoria *Papéis Institucionais*

Esta vertente de análise remete-nos para as seguintes considerações conclusivas:

- i) É conferido um papel de extrema relevância à escola na resolução das situações problemáticas identificadas no estudo. Ela deverá ser o elemento mobilizador para a mudança...O que implica, conforme já referido uma “mudança de atitude do corpo docente”;
- ii) A família deverá assumir o papel cultural que lhe é conferido pela própria sociedade, e não se demitir das enormes responsabilidades na educação, na

formação e no ensino. Em consequência, a sua atitude deverá ser de uma participação efectiva, plena e consciente do papel que lhe é conferido;

- iii) No seu todo, à comunidade importa assumir a responsabilidade de mudar “ a ordem das coisas” e a ideia do Projecto Comum é de novo referenciada como uma possibilidade muito forte de activar as questões.

VII5 – Categoria *Vantagens da Cultura de Parceria*

Relativamente a esta vertente de análise, que consagra duas valências (a participação dos pais no jardim de infância a troca de saberes intergeracionais) os dados obtidos permitem-
- nos afirmar:

- i) a evidência da enorme importância da participação dos pais na escola, pelas implicações positivas na formação do educando, na vida da própria organização e nos interfaces que se estabelecem com a comunidade no seu todo;
- ii) a ligação criança-idoso é de uma importância extrema conforme os dados obtidos o atestam. Este posicionamento remete para a necessidade de uma efectiva articulação, que ultrapasse a retórica teórica e se concretize. É a própria comunidade, no seu todo, que se revitaliza com esta união.

VII6 – Categoria *Estratégias para uma cultura de parceria*

Os capítulos V2 e V3 apresentaram, de forma detalhada, todos os pressupostos nesta vertente de análise, por nós considerada de extrema importância. Conforme a análise e sistematização efectuada nesses capítulos, aspectos de relevância são a considerar:

- i) questões organizacionais, que se prendem com a necessidade de um maior dinamismo por parte dos órgãos dirigentes;
- ii) a formalização da “ideia – um Projecto Comum da Comunidade”, que implica uma envolvimento de toda a comunidade e uma participação efectiva da escola, da família e de todas as instituições do concelho no processo;
- iii) a criação de estratégias que viabilizem uma efectiva articulação escola-família-comunidade, envolvendo os docentes com intensidade, com motivação, condição essencial para a viabilização dos processos de parceria;
- iv) a formação de quadros individuais e colectivas, directamente orientada para a reflexão em torno da problemática dos partenariados sócio-culturais.

CAPÍTULO VIII – LIMITAÇÕES DO ESTUDO E SUGESTÕES PARA FUTURAS INVESTIGAÇÕES

Ao longo do estudo foram identificadas limitações ao quadro investigativo, fundamentalmente no que respeita a questões específicas da amostra e à enorme extensão do concelho, o que provoca dispersão geográfica e, por vezes, enormes dificuldades ao investigador em termos do contacto directo com as populações. Estes aspectos presidiram, em termos limitativos, ao estudo. Efectivamente, foram identificadas resistências de carácter geral, por parte da amostra, no que respeita à aplicação dos instrumentos de pesquisa de dados, nomeadamente, o inquérito de representações. Perante o facto, uma parte significativa afirmou não possuir conhecimentos que permitissem o preenchimento do instrumento e, igualmente, não mereceu um interesse muito significativo a temática tratada, o que influenciou, muitas vezes, a forma de posicionamento. Estes factores são de referenciar, principalmente, nas freguesias do concelho, eventualmente por razões de ordem cultural, que se prendem com algum distanciamento da sede e, implicitamente, de uma maior conhecimento.

Para contornar estas limitações, houve um cuidado redobrado em termos do esclarecimento dos objectivos do estudo, e das suas potencialidades para um melhor conhecimento do concelho e dos fenómenos de parceria cultural que nele se desenvolvem, bem como das estratégias para otimizar os processos existentes.

Uma outra dimensão limitativa situou-se ao nível da grande extensão do concelho, o que inviabilizou, por vezes, a aplicação do questionário de representações, o que não permitiu uma taxa de retorno bastante mais elevada. Para atenuar esta dimensão problemática implicou um esforço redobrado da nossa parte, ao nível da deslocação sistemática às

diversas freguesias, a solicitação de apoio para a entrega e recolha do questionário, entre outras estratégias adoptadas.

No entanto, o elevado rigor científico que, em nossa opinião, foi utilizado na construção e validação dos instrumentos de recolha de dados, nomeadamente o questionário de representações e a entrevista semi-estruturada, permitem-nos afirmar, que as limitações identificadas foram, na sua maioria, controladas. Este último aspecto, o de uma validação cientificamente elaborada, e o conjunto de estratégias que, ao longo do estudo, foram identificadas como forma de assegurar um efectivo partenariado sócio-cultural no concelho, permitiram-nos organizar um quadro de sugestões/recomendações, que poderão servir como referenciais de suporte a futuras investigações neste campo temático:

R1 – É nossa opinião, que o Desenvolvimento Local se suporta em práticas concertadas e consistentes, em sectores diversificados da comunidade em questão. Neste sentido, impõe-se, por parte da comunidade, o estabelecimento de parcerias que visem melhorar a realidade dos processos de educação e formação de adultos. Sugere-se, a este propósito, que as instituições de educação/formação, desenvolvam procedimentos, que permitam partenariados sócio-culturais que envolvam idosos, numa lógica de trocas de experiências e saberes adquiridos ao longo da vida. Este interface permitiria, sem dúvida, otimizar as relações institucionais e a troca de saberes com benefícios evidentes para todos.

Neste âmbito, merece-nos igualmente referência, a vertente específica da validação de competências que se suportam na experiência adquirida e nos percursos de vida desenvolvidos. Este pressuposto deveria conduzir à criação de um centro de Reconhecimento e Validação de Competências no concelho.

R2 – Um aspecto muito importante que o estudo referencia é a participação das famílias na escola. Neste sentido, sugerem-se três tipos de estudo:

- i) a análise dos pontos de vista e as perspectivas dos pais, no contexto da sua relação com a escola;
- ii) estudo aprofundado de um escola, enquanto organização inserida numa comunidade educativa, com a sua personalidade própria;
- iii) estudo das condições de funcionamento da Associação de Pais do concelho.

R3 – O estudo evidenciou também a necessidade de formação dos membros do todo que é a própria comunidade educativa, no seu todo. Sugere-se assim, que seja feito o estudo das necessidades de formação, de forma a ser possível gerar dinâmicas que promovam efectivas parcerias.

R4 – A consciência da necessidade de um Projecto Comum da comunidade em questão, tornou-se uma evidência em função dos posicionamentos assumidos. Neste âmbito, é nossa opinião, que deveria ser desenvolvido um estudo para identificar quais os procedimentos a desenvolver para a concepção desse macro-projecto da comunidade, assumindo-se à partida, que a Escola deverá ser um dos pólos de intervenção/dinamização importantes.

R5 – Ao abordar a questão específica da relação jardim de Infância – Comunidade, Silva (2002) coloca atónica na necessidade de uma efectiva articulação, enquanto forma de promover e gerar projectos de parceria cultural, fundamentais para o desenvolvimento local, enquadrado na comunidade social que é o próprio concelho, no seu todo. Neste sentido, sugere-se que se desenvolvam estudos que permitam identificar as relações efectivamente existentes no concelho do estudo, no interior da relação Jardim de Infância- Comunidade, quais as suas limitações e relações desejáveis. Este estudo, permitiria um conhecimento mais aprofundado da família, das suas possibilidades de

intervenção na escola e das formas possíveis de encontrar sinergias conjuntas, sob a forma de projectos de intervenção cultura. Igualmente, a matéria específica do Jardim de Infância poderia ser extrapolada para a noção de Escola no seu todo e, conseqüentemente, alargar o âmbito do(s) estudo(s) aos outros níveis de ensino, tendo como fulcro a identificação de estratégias que permitam dinamizar efectivas parcerias culturais.

REFERÊNCIAS

- ALBOU, P. (1973). *Questionários Psicológicos*. Tradução em Língua Brasileira. São Paulo: Eldorado.
- ALMEIDA, L e FREIRE, T. (2000). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. 3ª ed. Braga: Psiquilíbrios.
- AMIGUINHO, A. (2004). *A Escola e o Futuro do Mundo Rural*. Dissertação apresentada à Universidade de Lisboa para obtenção do grau de Doutor em Ciências da Educação. Documento inédito.
- ANASTASI, A (1992). What Counselors Should Know about the Use and Interpretation of Psychological Tests. *Journal of Counseling & Development*. Vol. 70(5). 610-615
- ÁVILA DE LIMA, J. (Org.) (2000). *Pais e professores, um desafio à cooperação*. 1ª ed. Porto: Asa Editores II, S.A.
- BARAJÁS, M. (1995). Cerrando el Milénio: realidad, Mitos y.... In MARIA, J. e MIGUEL, L. *Hoy ya es mañana-Tecnologías y educación: uno diálogo necesario*. 1ª ed. Sevilla: Publicaciones M.C.E.P.
- BARBOSA, L. (1999). *Andar na Escola com João dos Santos, Pedagogia Terapêutica*. Lisboa : Editorial Caminho
- BARDIN, L. (1997). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BENAVENTE, A. (1990). *Escola, professores e processos de mudança*. Lisboa: Livros Horizonte.

- BETTENCOURT CANÁRIO, M. (1999), Parcerias Educativas e relação escola/comunidade. *Cadernos de Educação de Infância*, nº52, pp.42-44
- BIDARRA, M:G: (1986). O estudo das representações sociais: considerações teóricas, conceptuais e metodológicas. *Revista Portuguesa de Pedagogia*. pp.369-380.
- BOGARD, G. (1991). *Pour une éducation socialisatrice des adultes*. Strasbourg: Conseil de l'Europe.
- BRYMAN, A.& CRAMER, D. (1993). *Análise de dados em ciências sociais. Introdução às técnicas utilizando o SPSS*. Oeiras: Celta Editora.
- CANÁRIO, R. (2000). *Educação de Adultos, um Campo e uma Problemática*. Lisboa: ANEFA/EDUCA
- CARIOCA, V. (1997). *Validação de uma escala de atitudes de docentes relativamente à utilização da informática educativa na sua formação contínua*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade da Extremadura (Badajóz), em 14 de Janeiro de 1998. Texto inédito.
- CARRACHO, C. (1999). *Relação Escola-Família : pontos de vista e perspectivas dos professores face à participação dos pais na vida da escola*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Nova de Lisboa. Inédita.
- CARVALHO, I. (2000). Diferentes concepções da relação Escola-Família. *Perspectivar Educação*. nº6, pp.62-70
- CASTAÑO, C. (1992). *Actitudes de los Profesores hacia los medios audiovisuales*. Sevilla, Facultad de Filosofía y CC de la Educacion. Tesis doctoral inédita.

- CERVO, L. e BERVIAN, P. (1996). *Metodologia Científica*. 6ª ed. São Paulo: McGraw-Hill.
- DAVIES, D. (Org.) (1989). *As Escolas e as Famílias em Portugal – realidades e perspectivas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- DAVIES, D et. al. (1992). A portrait of schools reading out. Bóston: Center on Families, Communities, Schools and Children's Learning. Report nº1.
- DAVIES, D; MARQUES, R. e SILVA, P. (1997). *Os Professores e as Famílias. A colaboração possível*. Lisboa: Livros Horizonte.
- DELORS, J. (1996). *Educação: um tesouro a descobrir*. Lisboa: Edições Asa.
- DETRY, B. & LOPO, M. (1991). *Análise de Conteúdo: a construção de dicionários*. Inovação, 4 (2-3), pp. 9-32.
- DIOGO, A. (1998). *Famílias e escolaridade – representações parentais da escolarização, classe social e dinâmica familiar*. Lisboa: Edições Colibri
- EPSTEIN, J. (1987). Parent Involvement: what research results. *Education and Urban Society*, vol. 19 (2)
- ESTAÇO, I. (1998). *A Escola, as Parcerias e a Mudança: Teoria e Prática – contributos de um estudo empírico*. Dissertação apresentada à Universidade de Évora para obtenção do grau de Mestre. Documento inédito.
- ESTRELA, A. (1986). *Teoria e Prática de observação de Classes, Uma Estratégia de Formação de Professores*, 2ª ed. Lisboa: INIC.

- FORMOSINHO, J. (1997). O contexto organizacional da expansão da educação pré-escolar. *Revista Inovação*. Vol. 10 (1).21-36
- GHIGLIONE, R & MATALON. B. (1992). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- GIL, A. (1989). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 2ª ed. São Paulo: Editora Atlas.S.A.
- HAYMAN, J. (1984). *Investigación y Educación*. 2ª ed. Barcelona: Editorial Paidós.
- HELENA PEREIRA, M.(1991). *Atitudes de Alunos sobre ensino Assistido por computador*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Texto inédito.
- HENERSON et al. (1987). *How to Measure Attitudes*. Newbury Park: SAGE Publications
- HILL, M. e HILL, A. (2002). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Silabo,Lda.
- LITOSSELITI, L. (2003). *Using Focus Group in Research*. London: Continuum.
- MARCELO GARCÍA, C. (1994). *Formación del profesorado para el cambio educativo*. 1ª ed.Barcelona: PPV.
- MARQUES, R. (1993). *A escola e os Pais: como colaborar*. Lisboa: Texto Editora.
- MARQUES, R (1997). *Professores, famílias e projecto educativo*. Lisboa: edições Asa.
- MELLY, M. (1997). O Papel da Internet na Infoera. *Integração*. Ano III (8). Pp.66-67.

- MONTADON, C. e PERRENOUD, P. (2001). *Entre pais e professores, um diálogo impossível? Para uma análise sociológica das interações entre a família e a escola*. Oeiras: Celta Editora.
- MOREIRA, C. D. (1994). *Planeamento e Estratégias de Investigação Social*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- NEGREIROS, M.A. (1995). *As Representações Sociais da Profissão de Serviço Social*. Lisboa: Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa.
- PASSARINHO, A. (2003). *Requisitos para a Implementação de um Centro de Recursos Educativos On-Line*. Tese de Mestrado em Comunicação Educacional Multimédia apresentada à Universidade Aberta. Texto inédito.
- QUIVY, R e CAMPENHOUDT, V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- RAPOSO, N. (1981). *O computador e a avaliação da aprendizagem*. 1º ed. Coimbra: Coimbra Editora, Lda.
- ROBERTSON et al. (1995). Computers Attitudes in na English Secondary School. *Computers and Education*.Vol.24(2), pp.73-81.
- SÃO PEDRO, M.E.; FONSECA, M. e VILLAS BOAS, M. (2000). *Uma Visão Prospectiva da relação Escola/Família/Comunidade*. Relatório Final. Lisboa: DAPP/FPCE.
- SANTIAGO, R. (1993). *Representações Sociais da Escola nos Alunos, Pais e Professores no Espaço Rural*. Aveiro: Universidade de Aveiro (Tese de Doutoramento)

- SAÚDE, S. (1998). *Os valores e as aspirações profissionais dos jovens - O caso dos estudantes do Ensino Secundário do concelho de Beja*. Tese de Mestrado em Sociologia. Évora: Universidade de Évora.
- SILVA, A. (2002). Os Pais e o Jardim de Infância em Meio Rural – um estudo de caso em três jardins de infância da rede pública em meio rural. *Revista do GEDEI* (5). Pp.89-113.
- STOER, S. e SILVA, P. (Orgs.) (2005). *Escola – Família, uma relação em processo de reconfiguração*. Porto: Porto Editora
- TOUCINHO DA SILVA, A. J. (1994). *Atitude de alunos finalistas dos cursos de professores da Escola Superior de Educação de Beja no ano lectivo 1993/94*. Provas Públicas inéditas para acesso à categoria de Professor Adjunto.
- TRINDADE, V. (1991). *Contributos para o Estudo da Atitude Científica dos Professores*. Tese de Doutoramento (fotocopiada). Évora: Universidade de Évora.
- TUCKMAN, B. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- URBANO TAVARES RODRIGUES (s/d). *Alentejo trágico/Alentejo imutável*. Guia Expresso – Alentejo I, Edições Semanário O Expresso
- VALA, J. (1986). Sobre as representações sociais – Para uma psicologia do pensamento social. In J. VALA e M. MONTEIRO. *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- VALA, J. (1986a). *A análise de Conteúdo*. In A. SILVA & J. M. PINTO (Orgs). *Metodologia das Ciências Sociais* (pp. 101-128). Porto: Edições Afrontamento.

VILLAS- BOAS, M. (2000a). A Parceria entre a Escola, a Família e a Comunidade – reuniões de Pais. 1ª ed. Lisboa: DAPP/ME

ANEXO N° 1

GUIÃO DE ENTREVISTA

(aos órgãos de gestão e direcção das instituições/organizações da Comunidade)

Entrevista semi-estruturada: A organização da entrevista parte de um objectivo principal que é o estudo das representações sociais da comunidade educativa, relativamente à cultura de parceria existente na mesma. Apesar das questões a colocar não estarem pré-definidas de forma muito precisa, existe uma definição prévia de grandes áreas temáticas a abordar.

MODELO DE ENTREVISTA

Temática Geral:

- Avaliar em que medida a representação social dos diversos agentes da Comunidade, se assume como variável determinante na fragilidade das interacções visíveis na mesma;
- Promover a mobilização da comunidade local para o desenvolvimento de parcerias que promovam e (re)activem formas diversificadas de cultura, através de recomendações e sugestões emergentes do estudo em questão;
- Intervir, a curto prazo, na formação cívica e cultural da comunidade, potenciando a melhoria da imagem e relação Escola/jardim de Infância/Família/Comunidade.

Bloco	Objectivos orientadores	Temas a abordar
1 - Definição e esclarecimento acerca do propósito da entrevista	<p>Informar o entrevistado acerca da razão e objectivos do nosso trabalho, assim como a importância dos dados obtidos na entrevista para a realização do mesmo.</p> <p>Motivar o entrevistado a cooperar activamente na realização do trabalho</p>	- Valorizar a experiência do entrevistado, no que diz respeito à temática em investigação, concretamente as questões que se prendem com culturas de parceria existentes na comunidade e as articulações existentes ou não.
2 - Situar a questão da articulação Escola-Família-Comunidade e a(s) cultura(s) de parceria existentes	Pretende-se obter informação que permita configurar as possíveis limitações existentes nas articulações Escola-Família-Comunidade	- Existe uma cultura de parceria cultural? Existe ou não uma efectiva articulação?
3 - Áreas de Limitação à cultura de parceria e de articulação – factores responsáveis	<p>- Identificar as principais áreas de limitação identificadas nesta comunidade;</p> <p>- Identificar as razões que justificam as limitações referidas</p> <p>- Situar responsabilidades ao nível da comunidade no seu todo</p>	<p>- Quais as principais vertentes em que considera existir alguma limitação na articulação e na parceria institucional/entre instituições ou entre a escola e a Família? Que dificuldades justificam estas limitações, ou áreas de fragilidade? Que responsabilidade deve ser cometida à Escola? E à família? E à Comunidade no seu todo? Porque não funciona ela como um todo de parceria cultural e de articulação?</p>
4 Funções institucionais/papéis a assumir	<p>- Identificar a função/papel concreto de cada instituição no todo colectivo;</p> <p>- Identificar as vertentes</p>	- Qual o papel efectivo que a Escola/jardim de Infância está a ter nesta cultura de parceria? E a Família? E outras

		limitativas por instituição	instituições da comunidade? - Que papel deveriam ter os parceiros referidos: a Escola, a Família, a Comunidade?
5	Vantagens e desvantagens de uma cultura de parceria/ da articulação	Identificar vantagens da articulação; - Identificar as suas desvantagens	- Possíveis transtornos resultantes da não participação dos pais no jardim de infância? - Que vantagens do aproveitamento do conhecimento dos idosos numa cultura geral e na educação das crianças ; - Que possíveis desvantagens se poderão colocar em culturas de parceria e de articulação?
6	Estratégias conducentes à alteração da situação	Identificar estratégias que promovam uma cultura nova, da abertura e participação colectiva	- Valorizando a sua experiência e conhecimento, que estratégias apontaria, no sentido de uma maior promoção desta articulação Escola-Famílias e instituições diversas da comunidade?

ANEXO N° 2

Categoria	Sub-Categoria	Indicadores	Número de Ordem dos Educadores Entrevistados											Frequência			
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	Indicadores	Sub-Categ.	Categ.	

ANEXO N° 3

Universidade do Algarve/Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Instituto Politécnico de Beja/Escola Superior de Educação

Mestrado em Educação e Formação de Adultos

Tema de dissertação:

**Representações Sociais em Contexto de uma Comunidade Educativa –
constrangimentos e articulações numa comunidade rural**

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

(ADMINISTRAÇÃO DIRECTA PELO INQUIRIDOR)

PRÉ-TESTE

(versão a aplicar aos especialistas)

Agosto 2005

Exmo(a) Professor(a)

O pré-questionário que se apresenta insere-se no âmbito da dissertação do Mestrado em Educação e Formação de Adultos, realizado na Escola Superior de Educação de Beja em parceria com a Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, Universidade do Algarve/ Escola Superior de Educação de Beja, sendo o seu objecto principal identificar quais as representações de uma comunidade rural relativamente à existência de uma cultura de parceria no seu contexto. Em termos práticos, pretende-se identificar quais as limitações existentes em termos de parcerias e suas possíveis razões, fundamentalmente na(s) articulação(ões) Escola (Jardim de Infância)/Comunidade/Família.

Neste sentido, solicita-se o seu contributo para a investigação em curso, através da validação deste instrumento. Na página seguinte apresenta-se, em detalhe, a problemática.

Obrigado pela atenção e ajuda disponibilizada.

PROBLEMÁTICA

“Não há paisagem tão lindamente portuguesa como a combinação dos montados de sobreiros e azinheiras, onde pastam as varas de porcos e as vacadas vermelhas, com os olivais, que refulgem nos chãs, à beira de infinitas searas de trigo ou de cevada. Essa é a imagem emblemática do campo alentejano, sob um céu eternamente azul e os raios do sol quente, que se recusa a desfalecer”, diria Urbano Tavares Rodrigues (s/d) a propósito do Alentejo imutável nas suas sombras, nos seus sonhos, na sua vontade constante de vencer. É esta imagem que nos transporta de Beja a Mértola, entre planícies e searas, entre serena beleza, até encontrarmos ao longo da margem esquerda do Guadiana o esplendor mourisco desta vila.

Mértola, terra de uma profunda riqueza em património cultural material e imaterial, enquanto registo de experiências significativas, que a sua história percorreu desde a Romanização, os tempos actuais são, à semelhança de toda a região Alentejo Interior, tempos de uma profunda luta pela salvaguarda dos mais elementares valores das populações e pela revitalização da comunidade.¹

Neste contexto global, assumimos como linha de pensamento da investigação, que as políticas de desenvolvimento local deverão estar intimamente associadas a parcerias educativas, na lógica de que boas relações de partenariado escola/comunidade, permitirão activar toda a Comunidade Educativa e, conseqüentemente, o desenvolvimento local, entendido este na sua acepção lata, e nas dimensões educativa/cultural, social e económica. Ao reflectimos estas questões vectorizados para a realidade do concelho de Mértola, o conhecimento empírico-especulativo que possuímos do mesmo, permite-nos equacionar um

¹ O censo de 2001 (INE, 2001) apresenta a evolução e estrutura demográfica da população do concelho, com uma matriz de características envelhecidas, tanto na base como no topo (refira-se, a título exemplificativo, o facto de a população inferior a 14 anos ser unicamente 12% do total; e 32% ter mais de 65 anos).

conjunto de questões de ordem geral, ponto de partida para equacionar a problemática do estudo e situar a(s) questão(s) fundamentais de partida:

- que razões explicam a existência de partenariado de índole sócio-cultural e educativa tão fragilizado?

será que a falta de articulação Escola-Família-Comunidade em geral, está associada a um desconhecimento mútuo da realidade específica de cada uma das instituições?

- estará o fenómeno associado a representações sociais dos agentes das diferentes instituições?

- terá a ver com questões de falta de articulação entre as instituições de matriz educativa, conforme o seus Projectos Educativos?

- Terá a ver com razões de ordem histórica? Ou cultural ou de mentalidades?

SUGESTÕES PARA A VALIDAÇÃO

PARTE I

Apree o instrumento de acordo com os pontos:

1 – Adequação dos itens ao estudo

2 – Concepção e estrutura:

3 – Conteúdo científico.

4 – Formulação dos itens relativamente à população a inquirir (qualquer membro da comunidade):

PARTE II

1 – Analise a primeira parte do questionário (caracterização individual) e faça sugestões de alteração e/ou adição de outras variáveis independentes.

2 – Analise os itens e faça as sugestões que considere pertinentes:

INQUÉRITO

CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Em cada variável, assinalar com um (x) a opção correcta

CI1 – Sexo

1. Masculino 2. Feminino

CI2 – Idade

1. Até 20 anos	<input type="checkbox"/>
2. Entre 20-30 anos	<input type="checkbox"/>
3. Entre 30-40 anos	<input type="checkbox"/>
4. Entre 40-50 anos	<input type="checkbox"/>
5. Entre 50-60 anos	<input type="checkbox"/>
6. Mais de 60 anos	<input type="checkbox"/>

CI3 – Habilitações académicas

1. Analfabeto	<input type="checkbox"/>
2. Formação inferior à 4ª classe/Ensino primário/1º ciclo ensino básico	<input type="checkbox"/>
3. 4ª classe/Ensino primário/1º ciclo ensino básico	<input type="checkbox"/>
4. 6ª classe/ensino preparatório/2º ciclo	<input type="checkbox"/>
5 – 9º ano/3º ciclo	<input type="checkbox"/>
6. Ensino secundário	<input type="checkbox"/>
7. Bacharelato	<input type="checkbox"/>
8 - Licenciatura	<input type="checkbox"/>
9. Mestrado	<input type="checkbox"/>
10. Doutoramento	<input type="checkbox"/>

CI4 – Identifique a sua profissão

Grupo 1 - Quadros Superiores da Administração pública, dirigentes e quadros superiores de empresa:

- Quadros superiores da administração pública;
- Directores de empresa;
- Directores e gerentes de pequenas empresas.

Grupo 3 - Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio

- Técnicos e profissionais de nível intermédio das ciências físicas e químicas, da engenharia e trabalhadores similares;
- Profissionais de nível intermédio das ciências da vida e da saúde;
- Profissionais de nível intermédio do ensino;
- outros técnicos e profissionais de nível intermédio.

Grupo 5- Pessoal dos Serviços e vendedores

- Pessoal dos serviços directos e particulares, de protecção e segurança;
- manequins, vendedores e demonstradores;

Grupo 7- Operários, artífices e trabalhadores similares;

Grupo 2 - Especialistas das profissões intelectuais e científicas

- Especialistas das Ciências físicas, matemáticas e engenharia;
- Especialistas das Ciências da vida e Profissionais da Saúde;
- Docentes do Ensino Secundário, superior e profissões similares;
- Outros especialistas das profissões intelectuais e científicas.

Grupo 4 - Pessoal Administrativo e similares

- Empregados de escritório;
- Empregados de recepção, caixas, bilheteiros e similares.

Grupo 6 - Agricultores e Trabalhadores qualificados da agricultura e pescas:

- Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas;
- Agricultores e Pescadores - agricultura e pesca de subsistência.

Grupo 8 - Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem

- Operários, artífices e trabalhadores similares das indústrias extractivas e da construção civil;
- Trabalhadores da metalurgia e da metalomecânica e trabalhadores similares;
- outros operários, artífices e trabalhadores similares
- Operadores de instalações fixas e similares;
- operadores de máquinas e trabalhadores de montagem;
- condutores de veículos e embarcações e operadores de equipamentos pesados móveis;

Grupo 9 - Trabalhadores não qualificados:

- Trabalhadores não qualificados dos serviços e comércio;
- Trabalhadores não qualificados da agricultura e pescas;
- Trabalhadores não qualificados das minas, da construção e obras públicas, da indústria transformadora e dos transportes;

CI5 – Qual é a sua situação na profissão?

- | | |
|--|--|
| <p>1. Trabalhador por conta própria (isolado) <input type="checkbox"/></p> <p>2. Trabalhador por conta própria (empregador) <input type="checkbox"/></p> <p>3. Trabalhador por conta de outrém do sector privado <input type="checkbox"/></p> <p>4. Trabalhador por conta de outrém do sector público <input type="checkbox"/></p> | <p>5. Trabalhador familiar não remunerado <input type="checkbox"/></p> <p>6. Trabalhador familiar remunerado <input type="checkbox"/></p> <p>7. Outra situação: <input type="checkbox"/>
Identificar:</p> <hr style="border: 0.5px solid black;"/> |
|--|--|

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Relativamente a cada um dos itens, assinale com uma cruz (X) o seu grau de concordância, de acordo com a seguinte escala ordinal:

- 1-Discordo Totalmente
- 2-Discordo
- 3-Não Concordo Nem Discordo
- 4-Concordo
- 5-Concordo Totalmente

1- Tendo em conta o conhecimento que tem acerca de parcerias culturais existentes no concelho considera que:

Identifique com (X) a sua opinião na escala: 1 (Discordo Totalmente) a 5 (Concordo Totalmente).

1.1- são eficazes	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
1.2- existe um bom relacionamento entre as instituições	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
1.3- ainda se podia fazer melhor	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
1.4- são importantes para a realização de projectos	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
1.5- deveriam ser extensíveis a todas as instituições	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
1.6- deviam ser menos baseadas na burocracia	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5

2- No que respeita às limitações de carácter geral existentes, em termos de realização de parcerias, acha que:

Identifique com (X) a sua opinião na escala: 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

2.1-é por falta de informação	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
2.2 . as questões são de ordem cultural	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
2.3- são devido à dispersão do concelho	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
2.4- os entraves logísticos são fundamentais no processo	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
2.5- é tudo uma questões de mentalidades	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
2.6- é por sobreposição de projectos	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
2.7- é devido à pouca disponibilidade das instituições em partilhar	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5

3- Considera que a responsabilidade da escola nestas limitações, se prende com:

Identifique com (X) a sua opinião na escala: 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

3.1- o facto da escola ser muito fechada	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
3.2- a escola devia ter meios e tempo para envolver os pais no processo educativo e no trabalho de articulação entre as organizações da comunidade	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
3.3- a escola é pouco activa	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
3.4- a escola deveria tentar mudar a sua mentalidade fechada	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
3.5- a escola devia fomentar o trabalho em parceria	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5

4- Considera que a responsabilidade da família nestas limitações, se deve a:

Identifique com (X) a sua opinião na escala: 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

4.1-haver pouca actividade dos pais, o que gera pouco sucesso	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
4.2- ao facto dos pais estarem pouco interessados	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5

4.3- questões de pouca participação dos pais	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
4.4- ao facto da família se ter demitido culturalmente	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
4.5- à falta de tempo das famílias para se envolverem mais na escola	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
4.6- questões de mentalidades	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5

5- Considera que a responsabilidade da comunidade em geral, nestas limitações, se deve a:

Identifique com (X) a sua opinião na escala: 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

5.1- ao facto das instituições estarem de costas voltadas	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
5.2- ao facto das instituições, destinadas aos jovens, jogarem de forma concorrencial	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
5.3- a comunidade não funcionar como um todo	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
5.4- estar pouco preparada para participar	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
5.5- questões culturais	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
5.6- ao facto de cada núcleo/organização estar preocupado em resolver os seus próprios problemas	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5

6- Nas parcerias existentes na comunidade existem falhas. Em sua opinião, estas devem-se a:

Identifique com (X) a sua opinião na escala: 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

6.1- à falta de cultura de parceria	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
6.2- à pouca disponibilidade dos pais	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
6.3- ao baixo nível de escolaridade dos habitantes do concelho	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
6.4- à falta de dialogo entre as organizações	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
6.5- à pouca motivação dos professores	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5

6.6- às características demográficas do concelho	1	2	3	4	5
6.7- à falta de articulação e colaboração entre os vários organismos da comunidade	1	2	3	4	5

7- No que respeita ao desenvolvimento de parcerias, a escola tem o papel de:

Identifique com (X) a sua opinião na escala 1 (Discordo Totalmente) a 5 (Concordo Totalmente).

7.1- coordenar todas as partes (pais, escola, crianças, comunidade)	1	2	3	4	5
7.2- ter uma componente lectiva mais regional e local	1	2	3	4	5
7.3- abrir-se mais aos pais e à comunidade	1	2	3	4	5
7.4- definir o seu Projecto Educativo, de acordo com a necessidade dos alunos	1	2	3	4	5
7.5- encontrar formas de reflexão com os pais	1	2	3	4	5
7.6- mudar a mentalidade	1	2	3	4	5
7.7- incentivar a participação dos pais	1	2	3	4	5
7.8- ser mais activa	1	2	3	4	5

8- No que respeita ao desenvolvimento de parcerias, a família tem a responsabilidade de:

Identifique com (X) a sua opinião na escala: 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

8.1- ser mais interessada pela vida escolar do concelho no seu todo	1	2	3	4	5
8.2- assumir a responsabilidade da educação dos seus filhos de forma plena	1	2	3	4	5
8.3- promover o contacto entre gerações	1	2	3	4	5
8.4- ir com mais frequência à escola	1	2	3	4	5
8.5- colocar os seus filhos em prioridade	1	2	3	4	5
8.6- promover encontros e diálogos entre famílias	1	2	3	4	5

9- No que respeita ao desenvolvimento de parcerias, a comunidade em geral, tem o papel de:

Identifique com (X) a sua opinião na escala: 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

9.1- ser mais activa nas questões próprias da Escola e sua organização	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
9.2- ir mais à escola para ter noção do Projecto Educativo	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
9.3- ser mais aberta	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
9.4- se organizar mais para participar, e promover actividades conjuntas entre as diversas organizações	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
9.5- exercer menos pressão social nas famílias	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5

10- Em sua opinião, uma participação mais activa dos pais no Jardim de Infância, teria as vantagens de:

Identifique com (X) a sua opinião na escala: 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

10.1- apetrechar os professores e educadores com mais informações sobre os seus filhos	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
10.2- melhores resultados escolares dos alunos	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
10.3- resolver mais facilmente certos problemas dos alunos	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
10.4- haver maior motivação das crianças	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
10.5- Contribuir para uma maior articulação com a Comunidade	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5

11- Em sua opinião, uma participação mais activa dos pais no Jardim de Infância, que possíveis desvantagens teria:

Identifique com (X) a sua opinião na escala: 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

11.1- causar constrangimentos por parte da escola	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
11.2- colocar em causa o desenvolvimento da criança	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
11.3- a escola teria de funcionar noutros horários	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5

9.5- ser uma participação pouco construtiva

1 2 3 4 5

12- No que respeita à troca de saberes entre idosos/crianças/idosos, as vantagens para ambos seriam:

Identifique com (X) a sua opinião na escala: 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

12.1- enriquecedoras para o desenvolvimento da criança

1 2 3 4 5

12.2- as crianças poderiam “modernizar” os idosos

1 2 3 4 5

12.3- os idosos sentiam-se úteis

1 2 3 4 5

12.4- aumentar o conhecimento cultural das crianças acerca da vila

1 2 3 4 5

12.5- transmissão de experiências e vivências

1 2 3 4 5

12.6- momentos de descontração que as crianças proporcionam aos idosos

1 2 3 4 5

13-Tendo em conta ao desenvolvimento de uma efectiva cultura de parceria, as estratégias a adoptar deveriam ser :

Identifique com (X) a sua opinião na escala: 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

13.1- encontrar pessoas com espírito de abertura

1 2 3 4 5

13.2- identificar uma estratégia educativa global para o concelho

1 2 3 4 5

13.3- criar normas que obriguem as pessoas a trabalharem em parcerias

1 2 3 4 5

13.4- criar um plano educativo onde Escola, Família e Comunidade participassem

1 2 3 4 5

13.5- mais abertura para actividade conjuntas

1 2 3 4 5

13.6- ter pessoas especializadas a trabalhar na área das parcerias

1 2 3 4 5

13.7- dar mais autonomia à escola

1 2 3 4 5

13.8- haver mais diálogo entre as instituições, pais, escola e comunidade

1 2 3 4 5

13.9- arranjar incentivos que levem as pessoas a participarem sem receios

1 2 3 4 5

ANEXO N° 4

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

PRÉ-TESTE

(versão a aplicar à comunidade)

Tema de dissertação:

**Representações Sociais em Contexto de uma Comunidade Educativa –
limitações e constrangimentos a uma cultura de parceria**

Setembro 2005

O questionário que se apresenta insere-se no âmbito da realização da tese de Mestrado em Educação e Formação de Adultos, realizado na Escola Superior de Educação de Beja em parceria com a Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, sendo o seu objectivo principal identificar o tipo de representações de uma comunidade rural relativamente à existência ou não de uma cultura de parceria no seu contexto. Deve entender-se por cultura de parceria, a relação entre duas ou mais instituições do concelho (por exemplo, a Câmara e o Clube Náutico; a Escola/Jardim de Infância e a Câmara e a Santa Casa da Misericórdia, etc), de forma a conseguir encontrar formas de desenvolver a sua região.

Em termos práticos, pretende-se identificar quais as dificuldades existentes em termos da(s) articulação(ões) Escola (Jardim de Infância)/Comunidade/Família e suas possíveis razões justificativas.

Neste sentido, solicita-se o seu contributo para o estudo, através da resposta ao inquérito que se apresenta, para as quais se garante confidencialidade e anonimato. Procure ser o mais objectivo possível, na resposta a todas as questões.

Obrigado pela atenção e ajuda disponibilizada,

Beja, Setembro de 2005

Instruções de preenchimento

Preencha o questionário, de acordo com os seguintes parâmetros:

- Leia, com atenção, todos os itens apresentados;
- Responda de forma objectiva, seleccionando sempre a opção que melhor se adequa à sua situação;
- Em caso de dúvida, relativamente ao conteúdo dos itens, explicita-a de forma escrita no local, ou no verso da página, referindo o número do item.

Indicadores de verificação do pré-teste

Para uma possível reformulação de itens, expresse a sua opinião, de acordo com as seguintes questões de análise:

- a) Quanto tempo demorou a preencher o questionário? _____
- b) Teve dúvidas na resposta a dar a alguma pergunta? Se sim, qual(ais)? _____

- c) Em sua opinião, foi omitido algum aspecto que considere importante? (refira de forma pormenorizada) _____
- d) Se considerar oportuno, refira sugestões que possam contribuir para a melhoria deste questionário. _____

Secção I

CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Em cada variável, assinalar com um (x) a opção correcta

CI1 – Sexo

3. Masculino 4. Feminino

CI2 – Idade

1. 15-24 anos	<input type="checkbox"/>
2. Entre 25-64 anos	<input type="checkbox"/>
3. 65 ou mais anos	<input type="checkbox"/>

(INE),2001

CI3 – Habilitações académicas

1. Analfabeto	<input type="checkbox"/>
2. Formação inferior à 4ª classe/Ensino primário/1º ciclo ensino básico	<input type="checkbox"/>
3. 4ª classe/Ensino primário/1º ciclo ensino básico	<input type="checkbox"/>
4. 6ª classe/ensino preparatório/2º ciclo	<input type="checkbox"/>
5 – 9º ano/3º ciclo	<input type="checkbox"/>
6. Ensino secundário	<input type="checkbox"/>
7. Bacharelato	<input type="checkbox"/>
8 - Licenciatura	<input type="checkbox"/>
9. Mestrado	<input type="checkbox"/>
10. Doutoramento	<input type="checkbox"/>

CI4 – Identifique a sua profissão

CI5 – Qual é a sua situação na profissão que exerce?

- | | | | |
|--|--------------------------|--|--------------------------|
| 1. Trabalhador por conta própria (isolado) | <input type="checkbox"/> | 5. Trabalhador familiar não remunerado | <input type="checkbox"/> |
| 2. Trabalhador por conta própria (empregador) | <input type="checkbox"/> | 6. Trabalhador familiar remunerado | <input type="checkbox"/> |
| 3. Trabalhador por conta de outrem do sector privado | <input type="checkbox"/> | 7. Outra situação:
Identificar: | <input type="checkbox"/> |
| 4. Trabalhador por conta de outrem do sector público | <input type="checkbox"/> | <hr/> | |

CI6 – Tem filhos em idade escolar?

Sim Não

CI7 – Tem filhos a frequentar um estabelecimento educativo em Mértola?

Sim Não

Secção II

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Relativamente a cada um dos itens, assinale com uma cruz (X) o seu grau de concordância, de acordo com a seguinte escala :

- 1-Discordo Totalmente
- 2-Discordo
- 3-Não Concordo Nem Discordo
- 4-Concordo
- 5-Concordo Totalmente

1 - Tendo em conta o conhecimento que tem acerca de parcerias culturais existentes no concelho considera que:

1.1- são eficazes	1	2	3	4	5
1.2- existe um bom relacionamento entre as instituições	1	2	3	4	5
1.3- ainda se podia fazer melhor	1	2	3	4	5
1.4- são importantes para a realização de projectos	1	2	3	4	5
1.5- deveriam ser extensíveis a todas as instituições	1	2	3	4	5
1.6- deviam ser menos baseadas na burocracia	1	2	3	4	5

2- No que respeita às dificuldades de carácter geral existentes, em termos de realização de parcerias, acha que:

2.1-é por falta de informação	1	2	3	4	5
2.2 . as questões são de ordem cultural	1	2	3	4	5
2.3- são devido ao facto do concelho ser muito grande	1	2	3	4	5
2.4- a burocracia dificulta as parcerias	1	2	3	4	5
2.5- é tudo uma questões de mentalidades	1	2	3	4	5
2.6- é pelo facto de haver muitos projectos iguais ao mesmo tempo	1	2	3	4	5
2.7- é devido à pouca disponibilidade das instituições em partilhar ideias e os projectos em comum	1	2	3	4	5

3 – Considera que a dificuldade de realizar parcerias tem influência no desenvolvimento local, nos seguintes aspectos:

Identifique com (X) a sua opinião na escala: 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

3.1-na dificuldade em fixar os jovens no concelho	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
3.2 . os jovens das freguesias têm muitas dificuldades em participar em actividades desportivas e culturais	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
3.3- na perda das tradições e costumes do concelho	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
3.4- a inexistência de um plano mais completo da escola, em que todas as actividades do concelho estejam previstas, por não conhecimento de todas as instituições	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
3.5- não haver financiamento para certas actividades, como a canoagem, que dão a conhecer o concelho noutras regiões	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5

4- Considera que a responsabilidade da escola nestas dificuldades em realizar parcerias, se prende com:

4.1- o facto da escola/jardim de infância ser muito fechada à relação com as famílias e a comunidade	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
4.2- a escola devia ter meios e tempo para envolver os pais no processo educativo e no trabalho de articulação entre as organizações da comunidade	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
4.3- a escola é pouco activa	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
4.4- a escola devia fomentar o trabalho em parceria	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5

5- Considera que a responsabilidade da família na realização de parcerias, se deve a:

Identifique com (X) a sua opinião na escala: 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

5.1-haver pouco contacto dos pais com a escola, o que gera pouco sucesso na relação entre a família e a instituição	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
5.2- ao facto dos pais estarem pouco interessados nos problemas da escola	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
5.3- ao facto da família e dos pais terem perdido qualquer interesse relativamente ao trabalho que se realiza na escola	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
5.5- à falta de tempo das famílias para se envolverem mais na escola	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5

5.6- questões de mentalidades

1 2 3 4 5

6- Considera que a responsabilidade da comunidade, entendida no seu todo, nestas dificuldades, se deve a:

Identifique com (X) a sua opinião na escala: 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

6.1- ao facto das instituições estarem de costas voltadas

1 2 3 4 5

6.2- ao facto das instituições, destinadas aos jovens, apresentarem actividades iguais, sem planificarem entre elas

1 2 3 4 5

6.3- a comunidade não funcionar como um todo

1 2 3 4 5

6.4- estar pouco preparada para participar em actividades culturais conjuntas, que envolvam duas ou mais instituições

1 2 3 4 5

6.5- questões culturais, relacionadas com uma falta de sensibilidade e falta de experiência nestas matérias

1 2 3 4 5

6.6- ao facto de cada núcleo/organização estar preocupado em resolver os seus próprios problemas

1 2 3 4 5

7- Na opinião de responsáveis de algumas instituições, nas parcerias existentes na comunidade existem falhas. Em sua opinião, estas devem-se a:

7.1- à falta de cultura de parceria

1 2 3 4 5

7.2- à pouca disponibilidade dos pais

1 2 3 4 5

7.3- ao baixo nível de escolaridade dos habitantes do concelho

1 2 3 4 5

7.4- à falta de dialogo entre as organizações

1 2 3 4 5

7.5- à pouca motivação dos professores

1 2 3 4 5

7.6- às características demográficas do concelho

1 2 3 4 5

7.7- à falta de articulação e colaboração entre os vários organismos da comunidade

1 2 3 4 5

8- No que respeita ao desenvolvimento de parcerias, a escola deverá ter o papel de:

Identifique com (X) a sua opinião na escala 1 (Discordo Totalmente) a 5 (Concordo Totalmente).

8.1- coordenar todas as partes (pais, escola, crianças, comunidade)	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
8.2- nos conteúdos dos programas utilizar os recursos humanos e materiais da região	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
8.3- fomentar um maior diálogo com os pais e a comunidade em geral	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
8.4- definir o seu Projecto Educativo, de acordo com a necessidade dos alunos	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
8.5- encontrar formas de reflexão com os pais	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
8.6- mudar a sua própria mentalidade (dos professores e da administração)	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
8.7- incentivar a participação dos pais	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5

9- No que respeita ao desenvolvimento de parcerias, a família deverá ter a responsabilidade de:

9.1- ser mais interessada pela vida escolar do concelho no seu todo	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
9.2- assumir a responsabilidade da educação dos seus filhos de forma plena	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
9.3- promover o contacto entre gerações	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
9.4- ir com mais frequência à escola	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
9.5- colocar os seus filhos como prioridade, participando assim na procura de estratégias que permitam realizar parcerias	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
9.6- promover encontros e diálogos entre famílias	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5

10- No que respeita ao desenvolvimento de parcerias, a comunidade em geral, deverá ter o papel de:

Identifique com (X) a sua opinião na escala: 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

10.1- ser mais activa nas questões próprias da Escola e sua organização	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
10.2- ir mais à escola para ter a noção do Projecto Educativo	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
10.3- ser mais aberta	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
10.4- se organizar mais para participar, e promover actividades conjuntas entre as diversas organizações	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5

10.5- exercer menos pressão social nas famílias, permitindo mais tempo livre aos pais para irem à escola e participarem em projectos

1 2 3 4 5

11- Em sua opinião, uma participação mais activa dos pais no Jardim de Infância, teria a vantagem de:

11.1- apetrechar os professores e educadores com mais informações sobre os seus filhos

1 2 3 4 5

11.2- melhores resultados escolares dos alunos

1 2 3 4 5

11.3- ajudar a resolver mais facilmente certos problemas dos alunos

1 2 3 4 5

11.4- promover a motivação das crianças

1 2 3 4 5

11.5- contribuir para uma maior articulação com a Comunidade

1 2 3 4 5

12- No que respeita à troca de saberes entre idosos/crianças/idosos, as vantagens para ambos seriam:

12.1- enriquecedoras para o desenvolvimento da criança

1 2 3 4 5

12.2- as crianças poderiam fornecer conhecimentos aos idosos sobre o mundo de hoje, da tecnologia, de como é a escola, etc

1 2 3 4 5

12.3- os idosos sentiam-se úteis

1 2 3 4 5

12.4- aumentar o conhecimento cultural das crianças acerca da vila

1 2 3 4 5

12.5- a transmissão de experiências e vivências de ambos

1 2 3 4 5

12.6- momentos de descontração que as crianças poderiam proporcionar aos idosos

1 2 3 4 5

13-Tendo em conta o desenvolvimento de uma efectiva cultura de parceria, as estratégias a adoptar deveriam ser :

Identifique com (X) a sua opinião na escala: 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

13.1- encontrar pessoas com a abertura e gosto para trabalhar em conjunto

1 2 3 4 5

13.2- identificar uma estratégia comum entre todas as instituições para o concelho, no campo da educação

1 2 3 4 5

13.3- criar um regulamento que permita um trabalho conjunto das pessoas em parcerias

1 2 3 4 5

13.4- criar um plano educativo onde Escola, Família e Comunidade participem	1	2	3	4	5
13.5- mais abertura para actividade conjuntas	1	2	3	4	5
13.6- ter pessoas especializadas a trabalhar na área das parcerias	1	2	3	4	5
13.7- dar mais autonomia à escola	1	2	3	4	5
13.8- haver mais diálogo entre a instituições, pais, escola e comunidade	1	2	3	4	5
13.9- arranjar incentivos que levem as pessoas a participarem sem receios	1	2	3	4	5

14-Em sua opinião, que outras estratégias poderiam ser implementadas para o desenvolvimento de parcerias no concelho?

Obrigado pela colaboração

ANEXO N°5
QUESTIONÁRIO DE REPRESENTAÇÕES

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

(Versão a aplicar à comunidade)

Tema de dissertação:

**Representações Sociais em Contexto de uma Comunidade Educativa –
limitações e constrangimentos a uma cultura de parceria**

Setembro 2005

O questionário que se apresenta insere-se no âmbito da realização da tese de Mestrado em Educação e Formação de Adultos, realizado na Escola Superior de Educação de Beja em parceria com a Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, sendo o seu objectivo principal identificar o tipo de representações de uma comunidade rural relativamente à existência ou não de uma cultura de parceria no seu contexto. Deve entender-se por cultura de parceria, a relação entre duas ou mais instituições do concelho (por exemplo, a Câmara e o Clube Náutico; a Escola/Jardim de Infância e a Câmara e a Santa Casa da Misericórdia, etc), de forma a conseguir encontrar formas de desenvolver a sua região.

Em termos práticos, pretende-se identificar quais as dificuldades existentes em termos da(s) articulação(ões) Escola (Jardim de Infância)/Comunidade/Família e suas possíveis razões justificativas.

Neste sentido, solicita-se o seu contributo para o estudo, através da resposta ao inquérito que se apresenta, para as quais se garante confidencialidade e anonimato. Procure ser o mais objectivo possível, na resposta a todas as questões.

Obrigado pela atenção e ajuda disponibilizada,

Instruções de preenchimento

Preencha o questionário, de acordo com os seguintes parâmetros:

- Leia, com atenção, todos os itens apresentados;
- Responda de forma objectiva a todos os itens, seleccionando sempre a opção que melhor se adequa à sua situação.

Secção I

CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Em cada variável, assinalar com um (x) a opção correcta

CI1 – Sexo

Masculino Feminino

CI2 – Idade

1. 15-24 anos	<input type="checkbox"/>
2. Entre 25-64 anos	<input type="checkbox"/>
3. 65 ou mais anos	<input type="checkbox"/>

(INE),2001

CI3 – Local de residência

Na sede do concelho

Numa freguesia do concelho

CI4 – Habilitações académicas

1. Analfabeto	<input type="checkbox"/>
2. Formação inferior à 4ª classe/Ensino primário/1º ciclo ensino básico	<input type="checkbox"/>
3. 4ª classe/Ensino primário/1º ciclo ensino básico	<input type="checkbox"/>
4. 6ª classe/ensino preparatório/2º ciclo	<input type="checkbox"/>
5 – 9º ano/3º ciclo	<input type="checkbox"/>
6. Ensino secundário	<input type="checkbox"/>
7. Bacharelato	<input type="checkbox"/>
8 – Licenciatura	<input type="checkbox"/>
9. Mestrado	<input type="checkbox"/>
10. Doutoramento	<input type="checkbox"/>

CI5 – Identifique a sua profissão

CI6 – Qual é a sua situação na profissão que exerce?

- | | | | |
|--|--------------------------|--|--------------------------|
| 1. Trabalhador por conta própria (isolado) | <input type="checkbox"/> | 5. Trabalhador familiar não remunerado | <input type="checkbox"/> |
| 2. Trabalhador por conta própria (empregador) | <input type="checkbox"/> | 6. Trabalhador familiar remunerado | <input type="checkbox"/> |
| 3. Trabalhador por conta de outrém do sector privado | <input type="checkbox"/> | 7. Outra situação:
Identificar: | <input type="checkbox"/> |
| 4. Trabalhador por conta de outrém do sector público | <input type="checkbox"/> | | |

CI7 – Tem filhos em idade escolar?

Sim Não

C18 – Tem filhos a frequentar um estabelecimento educativo em Mértola?

Sim Não

Secção II

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Relativamente a cada um dos itens, assinale com uma cruz (X) o seu grau de concordância, de acordo com a seguinte escala :

- 1-Discordo Totalmente
- 2-Discordo
- 3-Não Concordo Nem Discordo
- 4-Concordo
- 5-Concordo Totalmente

1- Tendo em conta o conhecimento que tem acerca de parcerias culturais existentes no concelho considera que:

1.1- são eficazes	1	2	3	4	5
1.2- existe um bom relacionamento entre as instituições	1	2	3	4	5
1.3- ainda se podia fazer melhor	1	2	3	4	5
1.4- são importantes para a realização de projectos	1	2	3	4	5
1.5- deveriam ser extensíveis a todas as instituições	1	2	3	4	5
1.6- deviam ser menos baseadas na burocracia	1	2	3	4	5

2- No que respeita às dificuldades de carácter geral existentes, em termos de realização de parcerias, acha que:

2.1-é por falta de informação	1	2	3	4	5
2.2 . as questões são de ordem cultural	1	2	3	4	5
2.3- são devido ao facto do concelho ser muito grande	1	2	3	4	5
2.4- a burocracia dificulta as parcerias	1	2	3	4	5

- 2.5- é tudo uma questões de mentalidades 1 2 3 4 5
- 2.6- é pelo facto de haver muitos projectos iguais ao mesmo tempo 1 2 3 4 5
- 2.7- é devido à pouca disponibilidade das instituições em partilhar ideias e os projectos em comum 1 2 3 4 5
- 2.8- é devido a razões de ordem política 1 2 3 4 5

3 – Considera que a dificuldade de realizar parcerias tem influência no desenvolvimento local, nos seguintes aspectos:

Identifique com (X) a sua opinião na escala: 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

- 3.1-na dificuldade em fixar os jovens no concelho 1 2 3 4 5
- 3.2 . os jovens das freguesias têm muitas dificuldades em participar em actividades desportivas e culturais 1 2 3 4 5
- 3.3- na perda das tradições e costumes do concelho 1 2 3 4 5
- 3.4- a inexistência de um plano mais completo da escola, em que todas as actividades do concelho estejam previstas, por não conhecimento de todas as instituições 1 2 3 4 5
- 3.5- não haver financiamento para certas actividades, como a canoagem, que dão a conhecer o concelho noutras regiões 1 2 3 4 5

4- Considera que a responsabilidade da escola nestas dificuldades em realizar parcerias, se prende com:

- 4.1- o facto da escola/jardim de infância ser muito fechada à relação com as famílias e a comunidade 1 2 3 4 5
- 4.2- a escola devia ter meios e tempo para envolver os pais no processo educativo e no trabalho de articulação entre as organizações da comunidade 1 2 3 4 5
- 4.3- a escola é pouco activa 1 2 3 4 5
- 4.4- a escola devia fomentar o trabalho em parceria 1 2 3 4 5

5- Considera que a responsabilidade da família na realização de parcerias, se deve a:

Identifique com (X) a sua opinião na escala: 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

- 5.1-haver pouco contacto dos pais com a escola, o que gera pouco sucesso na 1 2 3 4 5

relação entre a família e a instituição	
5.2- ao facto dos pais estarem pouco interessados nos problemas da escola	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
5.3- ao facto da família e dos pais terem perdido qualquer interesse relativamente ao trabalho que se realiza na escola	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
5.5- à falta de tempo das famílias para se envolverem mais na escola	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
5.6- questões de mentalidades	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5

6- Considera que a responsabilidade da comunidade, entendida no seu todo, nestas dificuldades, se deve a:

Identifique com (X) a sua opinião na escala: 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

6.1- ao facto das instituições estarem de costas voltadas	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
6.2- ao facto das instituições, destinadas aos jovens, apresentarem actividades iguais, sem planificarem entre elas	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
6.3- a comunidade não funcionar como um todo	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
6.4- estar pouco preparada para participar em actividades culturais conjuntas, que envolvam duas ou mais instituições	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
6.5- questões culturais, relacionadas com uma falta de sensibilidade e falta de experiência nestas matérias	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
6.6- ao facto de cada núcleo/organização estar preocupado em resolver os seus próprios problemas	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5

7- Na opinião de responsáveis de algumas instituições, nas parcerias existentes na comunidade existem falhas. Em sua opinião, estas devem-se a:

7.1- à falta de cultura de parceria	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
7.2- à pouca disponibilidade dos pais	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
7.3- ao baixo nível de escolaridade dos habitantes do concelho	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
7.4- à falta de dialogo entre as organizações	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
7.5- à pouca motivação dos professores	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
7.6- às características demográficas do concelho	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5
7.7- à falta de articulação e colaboração entre os vários organismos da	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5

comunidade

8- No que respeita ao desenvolvimento de parcerias, a escola deverá ter o papel de:

Identifique com (X) a sua opinião na escala 1 (Discordo Totalmente) a 5 (Concordo Totalmente).

8.1- coordenar todas as partes (pais, escola, crianças, comunidade)	1 2 3 4 5
8.2- nos conteúdos dos programas utilizar os recursos humanos e materiais da região	1 2 3 4 5
8.3- fomentar um maior diálogo com os pais e a comunidade em geral	1 2 3 4 5
8.4- definir o seu Projecto Educativo, de acordo com a necessidade dos alunos	1 2 3 4 5
8.5- encontrar formas de reflexão com os pais	1 2 3 4 5
8.6- mudar a sua própria mentalidade (dos professores e da administração)	1 2 3 4 5
8.7- incentivar a participação dos pais	1 2 3 4 5

9- No que respeita ao desenvolvimento de parcerias, a família deverá ter a responsabilidade de:

9.1- ser mais interessada pela vida escolar do concelho no seu todo	1 2 3 4 5
9.2- assumir a responsabilidade da educação dos seus filhos de forma plena	1 2 3 4 5
9.3- promover o contacto entre gerações	1 2 3 4 5
9.4- ir com mais frequência à escola	1 2 3 4 5
9.5- colocar os seus filhos como prioridade, participando assim na procura de estratégias que permitam realizar parcerias	1 2 3 4 5
9.6- promover encontros e diálogos entre famílias	1 2 3 4 5

10- No que respeita ao desenvolvimento de parcerias, a comunidade em geral, deverá ter o papel de:

Identifique com (X) a sua opinião na escala: 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

10.1- ser mais activa nas questões próprias da Escola e sua organização	1 2 3 4 5
10.2- ir mais à escola para ter a noção do Projecto Educativo	1 2 3 4 5
10.3- ser mais aberta	1 2 3 4 5
10.4- se organizar mais para participar, e promover actividades conjuntas entre as diversas organizações	1 2 3 4 5
10.5- exercer menos pressão social nas famílias, permitindo mais tempo livre aos pais para irem à escola e participarem em projectos	1 2 3 4 5

11- Em sua opinião, uma participação mais activa dos pais no Jardim de Infância, teria a vantagem de:

11.1- apetrechar os professores e educadores com mais informações sobre os seus filhos	1 2 3 4 5
11.2- melhores resultados escolares dos alunos	1 2 3 4 5
11.3- ajudar a resolver mais facilmente certos problemas dos alunos	1 2 3 4 5
11.4- promover a motivação das crianças	1 2 3 4 5
11.5- contribuir para uma maior articulação com a Comunidade	1 2 3 4 5

12- No que respeita à troca de saberes entre idosos/crianças/idosos, as vantagens para ambos seriam:

12.1- enriquecedoras para o desenvolvimento da criança	1 2 3 4 5
12.2- as crianças poderiam fornecer conhecimentos aos idosos sobre o mundo de hoje, da tecnologia, de como é a escola, etc	1 2 3 4 5
12.3- os idosos sentiam-se úteis	1 2 3 4 5
12.4- aumentar o conhecimento cultural das crianças acerca da vila	1 2 3 4 5
12.5- a transmissão de experiências e vivências de ambos	1 2 3 4 5
12.6- momentos de descontração que as crianças poderiam proporcionar aos idosos	1 2 3 4 5

13-Tendo em conta o desenvolvimento de uma efectiva cultura de parceria, as estratégias a adoptar deveriam ser :

Identifique com (X) a sua opinião na escala: 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

13.1- encontrar pessoas com a abertura e gosto para trabalhar em conjunto	1 2 3 4 5
13.2- identificar uma estratégia comum entre todas as instituições para o concelho, no campo da educação	1 2 3 4 5
13.3- criar um regulamento que permita um trabalho conjunto das pessoas em parcerias	1 2 3 4 5
13.4- criar um plano educativo onde Escola, Família e Comunidade participem	1 2 3 4 5
13.5- mais abertura das instituições para actividade conjuntas	1 2 3 4 5
13.6- ter pessoas especializadas a trabalhar na área das parcerias	1 2 3 4 5
13.7- dar mais autonomia à escola	1 2 3 4 5
13.8- haver mais diálogo entre a instituições, pais, escola e comunidade	1 2 3 4 5
13.9- arranjar incentivos, que não sejam monetários, que levem as pessoas a participar sem receios	1 2 3 4 5
13.10- criação de espaços próprios para o intercâmbio de actividades	1 2 3 4 5
13.11- as instituições deveriam realizar, em conjunto, diagnósticos das necessidades reais do concelho em termos de parcerias culturais.	1 2 3 4 5

14-Em sua opinião, que outras estratégias poderiam ser implementadas para o desenvolvimento de parcerias no concelho?

Obrigado pela colaboração

ANEXO N°6
PROTOCOLOS DE ENTREVISTAS À COMUNIDADE

Ent.nº1

Presidente do Clube Náutico de Mértola

Na sua opinião, no concelho de Mértola existe uma parceria cultural, ou não?

Penso que sim. Penso que existe alguma parceria cultural com alguma solidez, baseada um pouco na estrutura da Câmara Municipal e nalgumas entidades, que têm uma actividade um pouco mais consequente, aqui no Clube Náutico, na Associação de Defesa do Património, penso que nas escolas, algumas Juntas de Freguesia, umas mais outras menos, mas que há efectivamente uma parceria, que é essencialmente baseada um pouco na estrutura da própria autarquia.

Em relação à articulação entre a Escola/Família/Comunidade, acha que existe no concelho, ou não?

Isso é um problema complicado. Penso que não há uma parceria muito forte, especialmente entre a família. A família, tirando algumas honrosas excepções, se omite muito deste processo. E nós sentimos um pouco isso aqui no próprio clube. Nós temos muita dificuldade em trazer os pais às actividades, em interessar-se pela importância das actividades que se desenvolvem aqui no clube. Já tínhamos essa dificuldade, quando tínhamos uma actividade mais, e quase exclusivamente, desportiva, na área da canoagem depois, há um fenómeno curioso, em que temos a natação, que tem uma participação dos pais um pouco mais efectiva e, curiosamente, há aqui um fenómeno que se calhar vale a pena tentar perceber porquê. É que a natação é paga, a canoagem é de borla. Talvez o facto de ser dado uma importância ao pagamento, e no caso da canoagem nós temos algumas dificuldades em que nos entendam a necessidade de haver uma comparticipação financeira e, temos algum receio, muitas vezes, de impor esse pagamento, com medo que haja percussões negativas junto dos próprios miúdos. Acho que, efectivamente, a parceria dos pais aqui, e a própria comunidade, alheia-se muito das actividades das instituições, ou seja, os pais muitas vezes esquecem-se da importância que as instituições e, nós, vemos pelas assembleias das instituições que têm meia dúzia de pessoas. Nós, pontualmente, conseguimos fazer um numero maior porque fazemos um esforço, mesmo redobrado da própria assembleia, com contacto pessoais, com telefonemas, com mensagens, etc, etc, mas se considerarmos, formalmente, por exemplo o Clube Náutico, não tem mais de mil sócios e, que nas assembleias pouco ultrapassa os vinte. Portanto está tudo dito do divórcio da comunidade em relação às instituições e às actividades em termos culturais e, no nosso caso, às actividades, fundamentalmente, as actividades desportivas. Agora não sei se o problema está só do lado dos pais, não está de certeza, e da comunidade, também está do nosso lado, do lado das instituições, portanto também à aqui algumas falhas. Nós, efectivamente, não conseguimos cativar as pessoas e, acho que devemos agarrar as coisas por ai. Agora, sinceramente, não sei como dar a volta. Há um divórcio por parte dos pais em relação a este processo todo, há, e nalguns casos, na minha opinião com alguma gravidade e, no caso específico das actividades desportivas, no nosso caso temos, como eu já referi, temos a canoagem, a natação, em determinada actividade, temos competição e, da preparação física, é um problema que nós temos aqui, que temos muito de discutir entre nós e, tentamos, é que 90% dos pais, ou talvez mais, não têm consciência da importância da actividade que se passa, não têm essa consciência e minimizam-na porque é, normalmente o que se faz. Quando há más notas, o que é que se faz, corta-se no desporto, quando há menos bom aproveitamento ou menos bom comportamento, até aos outros níveis, corta-se no desporto. Isto é completamente errado, quando há teste num determinado dia, no dia anterior não se treina, ou nos dois dias antes não se treinam, ou na semana anterior não se trina, ou seja, o descompensado tudo, ou seja, é muito difícil fazer as pessoas perceberem que, se calhar, é tão importante ter um 18 a matemática como é importante ter uma actividade desportiva com consequência e que não seja interrompida. Em 99% dos casos são os miúdos

que escolhem a disciplina do desporto, escolhem fazer futebol, fazer canoagem, estão porque querem estar naquela actividade, no nosso caso, não temos ninguém aqui, em termos de miúdos, obrigados pelos pais, são os miúdos que escolhem estar nessa actividade, porque gostam dessa actividade. É um erro crasso que sejam inibidos da prática de uma forma de castigo, como a forma de passar para as outras coisas. Nós temos na prática muitos casos de miúdos, ou que foram retirados do desporto, por questões escolares e, que na pratica acabaram por não melhorar as condições escolares e, acabaram por ter outros problemas sociais à posteriori. Porque é evidente que, enquanto eles estão aqui habituados a regras, habituam-se a horários, habituam-se a um conjunto de coisas que fora deste contexto não têm. Não conseguem, os pais não lhes transmitem, a escola não lhes transmite e que aqui lhes é imposto. É imposto de uma forma muito coerente e muito fácil. Eles estão por escolha, portanto eles não estão obrigados e à escola vão porque a maior parte deles são obrigados. Muitas vezes eu vejo que nalgumas actividades os pais pagam, que são actividades de elite, se houvesse Ballet os meninos vão ao Ballet e, os pagam o Ballet e ninguém se chateia, se houver mais uma actividade XPTO, lá vai o menino, o pai paga e vai levar e vai buscar e, eu acho, que aqui há uma falta de informação muito grande por parte dos pais. Há excepções, temos algumas, mas na maioria não há parceria.

Quais são as maiores barreiras que existem para não haver articulação entre Escola/Família/Comunidade?

Não sei responder a isso. Se eu soubesse responder a isso teríamos o problema resolvido. Efectivamente há falta de informação. Os pais não têm, com eu disse à bocadinha, consciência da importância das actividades que os filhos fazem, não têm a percepção real dessa importância. Muitas vezes não estão informados e acabam por ter tantas actividades. Eu não acredito que nenhum pai dê um castigo errado porque quer mal ao filho é, evidente que quando ele toma uma atitude é porque acha que está a fazer bem. Efectivamente o deverá faltar é, e também nos falta a nós instituições, capacidade para chegar aos pais e passar essa mensagem. Essa culpa é na grande maioria nossa, nós não conseguimos ter capacidade para isso, é evidente que nós sabemos que há pessoas que estão sensibilizadas, que não têm formação, que não têm, se calhar, meios intelectuais para atingir determinado tipo de informação, para digerir determinado tipo de informação, mas aí haver os técnicos com capacidade para fazer isso. Nós também estamos a fazer um esforço por aí, até porque já temos um psicólogo a trabalhar a tempo parcial e temos outro psicólogo que é o coordenador do projecto que, também nos tem estado a facilitar todo esse contacto. Há muitos miúdos que vêm aqui para o apoio psicológico, psicopedagógico, aqui no Clube e, depois acaba por haver uma intervenção com os pais. Os pais acabam por vir por obrigação, é quase como vir ao médico, vir ao psicólogo é quase como vir ao médico. Já vêm à consulta e, aí, nalguns casos, nós eventualmente podemos conseguir lá chegar. Mas a falta, eu sismo muito mais com a área desportiva, do que a área cultural, porque é uma área onde nós estamos muito mais, embora aqui tenhamos actividades de carisma cultural, como o teatro, temos um gabinete de estudos acompanhado, portanto, há um conjunto de actividades que fogem às actividades normais do Clube, na perspectiva do clube desportivo. Nós temos uma abrangência maior e isso está a trazer-nos algumas mais valias em termos de miúdos. Tanto no Centro de Inclusão Digital, tanto aqui no espaço criado com acesso à Internet, acaba por trazer muita gente aqui que, habitualmente não vinha. Agora os pais, efectivamente, continuam afastados e nós não conseguimos chegar lá com muita facilidade. As pessoas estão ocupadas com os seus empregos, estão ocupadas com os seus trabalhos, estão ocupadas com as lides da casa e, minimizam este tipo de questão. O miúdo tem uma prova de competição no fim-de-semana, se calhar é encarado como, “é pá que bom não está cá no fim-de-semana, não tenho que me chatear, posso passar a ferro, posso ir à pesca, posso ir ao futebol, posso ir fazer outras coisas e, muitas vezes acaba por não ir ver as competições dos filhos. Não há uma explicação só, há um conjunto de explicações que, seriamente não sei qual é aquela que tem mais peso, mas que há um problema que urge resolver, é este, das famílias terem consciência exacta da

importância das diversas actividades culturais e desportivas desenvolvem os seus filhos. Se as pessoas não tiverem essa consciência é muito complicado, é mesmo muito complicado.

Eu acho que aqui também é uma questão cultural. Nós vivemos uma situação que é um pau de dois bicos. A questão da importância do pagamento do processo, no ano passado tivemos que, literalmente, nem que fossem pessoas com problemas financeiros visíveis. Competições em que nós entendemos, como no Campeonato Nacional de Velocidade, em que os miúdos tinham de estar três dias fora, nós entendemos que seria melhor os miúdos estarem três dias fora do que ir muito em cima da hora, para se motivar o convívio, levamos algumas tendas e, chegamos à conclusão que financeiramente, aquilo era incomportável para o Clube. Então optou-se por pedir uma comparticipação dos pais de 20 euros para três dias, para os miúdos comerem, beberem, etc. Nós tivemos dois casos que os miúdos tiveram de dizer: "é pá eu não posso ir porque os meus pais não me dão os 20 euros." E fomos nós os dirigentes que pagamos, do nosso bolso, nós também já pagávamos, dávamos uma participação pessoal de 20 euros, e acabamos por dar mais 20 euros, eu e outro, para esses dois miúdos poderem ir. Há aqui uma dificuldade, se nós cobramos corremos o risco de perder miúdos, alguns miúdos pelo menos pode-se perder contacto, pode-se perder referência. Isto é assim, quem está neste "negócio" da actividade desportiva, temos uma grande reputação, passa-nos, por exemplo, trinta miúdos por uma acção de formação, desses trinta miúdos ficam quatro ou cinco ou seis, os outros acabam por voltar para o ano. Há uma grande frustração, que é os miúdos entrarem, aprendem e depois saem, mas acabamos por ter um núcleo que se vai fixando e que nós temos à volta de vinte e cinco a trinta que voltaram, e em cada anos se vai reforçando o núcleo, que depois facilita a construção de uma equipa, até depois há as questões interessantes dos resultados desportivos colectivos, em que o Clube à 3 anos já estava nas classificações nacionais em 24º, 25º e, este ano já está em 10º lugar. O que é facto é que a maior parte dos pais, e muitas vezes da própria comunidade alheia-se um pouco desse... às vezes quando as provas são mesmo cá ou perto (...) como o campeonato regional, vamos ver como é que vai acontecer, (...) porque há muita gente ligada ao assunto. Mas no nosso caso, da canoagem, temos essa dificuldade, é que as nossas competições são muito longe. Por exemplo para as competições nacionais, são sempre no Porto, em Braga... o mais perto será mesmo o Algarve, Vila Nova de Milfontes, o que é um aliciante para os miúdos, porque, por exemplo, em relação ao futebol, é a nossa grande mais valia, porque o sítio mais longe para o futebol é o mais perto para nós. Vila nova de Milfontes é o sítio mais perto, mesmo a nível do distrito e depois o Algarve, e temos provas em Espanha e noutros países. Mas o que é facto é que nós ainda não conseguimos esse problema e essa questão da ligação dos pais e da importância que os pais têm neste processo. Temos alguns casos de grande interesse por parte dos encarregados de educação, em querer saber o que se passa com o miúdo, se tem más notas, para criar alternativas e querem acompanhá-los. Mas muitas vezes essa informação não seja aos pais e eles, também não estão, pura e simplesmente para se maçar. E depois há outro mal, que são os pais que se preocupam demais e há a competição pelas notas, no final do ano, por causa do acesso ao ensino superior, que é um falso problema: é mais concorrência social do que outra coisa, se o filho do meu vizinho tem 17, o meu filho em que ter 18, se ele tem um BM de 75, eu tenho que ter um BM de 76. Eu tenho é que estar à frente do vizinho, até no que toca ao meu filho, e isso é, nalguns casos, um drama para os miúdos. Há famílias que investem (eu acho bem que se invista na educação) rios de dinheiro em explicações em Beja e os miúdos vêm a Beja duas ou três vezes por semana, porque efectivamente têm de conseguir de algum modo especial, por causa do vizinho, embora evidentemente, tenha que ter boa nota para entrar para o curso que quer. O que é que acontece? Acaba por ser o miúdo com dezassete ou dezoito anos, embora tenha atingido uma boa nota, mas é um indivíduo que na sua preparação para a vida normal, não teve as vivências sociais que o desporto e as associações culturais lhe poderiam ter trazido. Depois um indivíduo completamente (...), um "tótó" que vai para a Universidade, mas que não sabe conviver, que não sabe mesmo o que é que quer, porque não tem referências: nunca jogou

uma partida de futebol a sério, nunca fez uma modalidade desportiva de competição a sério, ou seja, nunca teve posse de informações e de formação que os miúdos aqui têm, e que é fundamental. Os adultos de hoje que passaram por aqui, e alguns deles já pais de família, são pessoas completamente diferentes, nos comportamentos sociais (...) ou na área do tabaco, do álcool, etc. Houve miúdos que foram tirados daqui, porque não tinham tempo para estudar e que depois eram vistos nos copos, a fumar aquilo que deviam e que não deviam. Eu garanto que todos os miúdos que andam aqui não têm esse tipo de comportamentos porque faz parte daquilo que já sabem quando vêm para aqui, sabem que isso não é admitido. E é essa informação e capacidade que falta aos outros.

Pergunta: Na sua opinião qual é a responsabilidade que a escola tem neste tipo de relações com ...?

Resposta: (...) A escola tem grande responsabilidade, ela poderia e deveria ser um pivot neste processo. Devia ter informação por parte dos pais e das entidades desportivas e, inclusivamente, há questões até a esse nível, a ser resolvidas de forma bastante acertada, mas que mais ano menos ano havemos de chegar lá. Aquela necessidade dos pais terem de ir falar com o director de turma, etc, poderia ser coordenada com as entidades desportivas, com as entidades culturais e com a própria escola, para que os pais não tivessem que se deslocar tantas vezes, ou que o responsável da actividade desportiva pudesse estar presente na escola para esclarecer que afinal a tal má nota não é por causa das actividades desportivas, mas porque não tem em casa quem o acompanhe nas alturas que deve acompanhar. A escola tem aqui um papel determinante. Depois ainda há outras questões que são fundamentais aqui e que são: os horários escolares (a forma como os horários escolares são feitos), e no caso específico do concelho de Mértola, o factor dos transportes escolares, porque 80 ou 90 por cento dos miúdos não têm hipótese de vir às actividades, e é para esses que nós temos o projecto "Movida", integrado no Projecto Nacional do Desporto..., só que isso só é possível precisamente com coordenação da Escola, da Câmara (quem cede os transportes escolares) e tem que ser uma coisa pensada de forma a que todos os miúdos que não são da sede do concelho, são de outras povoações, possam escolher a actividade que querem. Estamos a falar de uma população escolar, entre o preparatório e o secundário, de cerca de 800, o que significa que nós, no conjunto, abrangemos um número de 150 a 200, por exagero, então mais de 400 crianças não têm actividades desportivas porque não têm hipótese. Isto é um problema em termos sociais e em termos do desenvolvimento destes jovens, que é gravíssimo e esta situação depende da escola e da câmara (por meio dos transportes escolares). E não falo só das actividades desportivas, falo de todas as actividades, porque uma criança sai da escola e tem o seu transporte para voltar a casa a seguir e automaticamente fica excluída de qualquer actividade, nem sequer tenta incluir-se por sabe que acaba por não ter tempo para isso. Portanto nós, ou outra instituição qualquer não tem capacidade para por os miúdos, cada um de cada ponta do concelho, em casa à noite, com os nossos transportes e pessoas.

Pergunta: Na sua opinião, qual a responsabilidade da família, nesta situação?

Resposta: A família tem tanta responsabilidade como nós todos porque os filhos são deles, e eles é que são os responsáveis. O que eu acho é que não o hábito social da auto-responsabilização pelo ensino e pela actividade desportiva. A maior parte dos pais encara a escola como o sítio onde o filho anda a aprender a ler e a escrever para arranjar um emprego, e que a partir do momento em que lhe entregam a criança ou o jovem, não têm de se preocupar com ele. A escola é que passa a ser a responsável, e seguir até há uns tipos simpáticos que os ensinam a dar uns toques na bola, ou os ensinam a andar de canoa ou a nadar... e que é, obviamente, muito menos importante do que a escola. Infelizmente essa consciência da importância da escola está bem encaixada, não está é encaixada a necessidade do acompanhamento, em que os pais precisam de saber o que é que se passa e a ter uma opinião em relação a uma nota melhor ou pior que o filho teve. Os pais têm muita culpa no processo, mas essa culpa, é portanto atenuada pelas condições sociais. É preciso ter

consciência que o problema é mais grave é fugir do problema. O problema é que há uma percentagem muita alta de miúdos com contextos sociais e/ou contextos familiares complicadíssimos, muito mais do que a maior parte de nós tem percepção, porque os miúdos até andam todos bem vestidos, mas depois há o miúdo que tem problemas com toxicoddependência, que não são tão poucos assim, especificamente nalgumas zonas, ou que tem de sair de casa muito cedo, sem possibilidade de falar com ninguém, já para não falar em miúdos que precisam de trabalhar... Mas existem famílias com problemas complicadíssimos que precisam de ser tratados primeiro, e depois é temos que nos preocupar com as outras questões. Mas que as famílias têm uma grande culpa, têm, porque se os pais tivessem um papel mais activo, haveria mais sucesso. Não tenho consciência de quantos pais participam nas actividades, sem serem os pais envolvidos, mas seria um dado interessante, para saber onde é que andam os outros pais? Mas a escola também tem responsabilidade em perceber o que é preciso para que os pais venham à escola. Há aqui uma auto-culpa, mas com justificação: que há falta de capacidade das instituições para conseguir dar resposta em chegar aos pais, financeira e técnica. Nós agora temos este projecto, que pode ajudar, mas quando este projecto acabar, como é que vai ser? Se não houver uma terceira geração? Portanto, há um trabalho que vai estar apenas começado. Eu até considero que somos uma instituição com alguns apoios extraordinários e que nos permitem dar apoio a algumas questões, mas eu não sei durante quanto tempo é que há capacidade para manter isto. Até agora temos tido capacidade para manter a autonomia financeira a 70 por cento, mas os 30 por cento que nos faltam são muito dinheiro.

Pergunta: Qual o papel da comunidade, como um todo, na educação e formação?

Resposta: É um pouco difícil de pensar na comunidade como um todo. Há peças no processo que deviam ter um papel mais activo, e falo de certas instituições. Se calhar, às vezes as instituições estão um pouco de costas voltadas (...), as instituições destinadas aos jovens jogam um bocado de forma concorrencial, e estão a pensar em fazer o seu produto mais atractivo do que o do outro, quando, se poderia ter uma atitude um bocadinho diferente, isto significa que a comunidade não está a funcionar de forma correcta, que se estão a desperdiçar meios, enquanto se deviam canalizar para as maiores necessidades. Como é que se dá a volta a isso? Também não sei. Há neste momento um instrumento na Câmara, que a Câmara inventou, que é a rede social, que permite que as instituições da área social não levar a cabo um processo que não teve um parecer positivo na rede social. Vou dar um exemplo prático, mas que também é um pouco sintomático: há uma associação juvenil da área de Lisboa, com algumas secções no Barreiro e no Seixal, que se lembrou de abrir uma secção de animação, o que à partida é interessante (dois ou três técnicos da área de animação quererem abrir uma secção) mas que é exactamente aquilo que muitas outras já têm. Eu acho que é importante surgirem ideias, mas deviam ser coisas inovadoras, coisas que ainda nós não temos. (...) Isto não pode acontecer, as instituições públicas não podem andar a apoiar projectos sem conteúdo. As coisas têm de ser muito bem avaliadas pelas instituições que dão o apoio, quer seja a Câmara, o Instituto da Juventude, ... Acho que na maior parte dos casos as coisas não têm consistência, não têm uma consistência clara, não têm um objectivo pensado, é como fazer um filme e depois participar num curso de realizador. Isso também se aplica ao desporto: nós paras termos sucesso numa actividade desportiva, não podemos ter muitas modalidades, porque não temos população para isso, e não vale a pena andar a criar coisas só por criar.

E depois há outra coisa: as instituições têm de encarar de vez, as actividades desportivas ou culturais na medida em que quem promove, o promotor das actividades, tem de ser um profissional. As pessoas que estão no terreno, os técnicos têm que saber o que vão fazer, por exemplo no Espaço Internet, eu não posso ter uma pessoa que não perceba da área, que fique ali só a olhar para os computadores, ela tem que saber minimamente responder àquilo, ou seja, tem que se encarar a necessidade da profissionalização dentro destas situações.

Pergunta: Qual é que o papel da escola para promover esta atitude?

Acho que as instituições não podem funcionar umas sem as outras, têm de funcionar em coordenação. Muitas vezes as coisas são difíceis de organizar, porque envolve muitas reuniões, têm de ser tomadas decisões rápidas e as pessoas têm de assumir as responsabilidades. No fundo é preciso encontrar um meio de coordenar todas essas partes do todo: os pais, a escola e também os miúdos, porque afinal é preciso saber o que é que eles querem.

Pergunta: Quais são as desvantagens da não participação dos pais na vida activa dos filhos a nível escolar?

Resposta: Numa família relativamente normal, em que os pais gostam dos filhos e os filhos dos pais, as crianças gostam de sentir que os pais estão por perto. Mesmo quando crescem e dizem para os pais não irem, gostam que eles vão à mesma. A não participação pode criar desmotivação de forma definitiva ou de forma muito grave, é sempre negativo. Às vezes os pais perguntam coisas fora do contexto, pensam que sabem das coisas e também temos experiências de pais a desautorizarem a escola, mas a escola tem regras que são iguais para todos. Às vezes a presença dos pais pode dificultar, mas eu penso que o resultado, se for em cooperação, é sempre bom. Os pais podem dar sempre informações à escola sobre os filhos que são importantes, mesmo nas questões de saúde.

Pergunta: Acha que é importante, na sua formação cultural e pessoal a relação das crianças com os idosos, particularmente na Misericórdia?

Resposta: Nós temos um mau princípio social: os avós que antes estavam em casa a tratar da educação dos netos e dos bisnetos deixaram de estar. As crianças não têm hoje praticamente contacto com os avós, mas esse contacto era enriquecedor. As instituições deviam fazer um esforço para promover uma maior ligação. Deviam distinguir-se os idosos da terceira idade, que são aqueles que ainda estão aptos para o contacto, daqueles cuja condição já não lhes permite dar nenhum contributo em termos práticos para a comunidade (acamados ou em situações muito graves), porque o problema é que misturam os dois tipos de pessoas, o que é degradante para os que ainda estão bem, porque as capacidades que ainda têm acabam por diminuir. Assim, com o formato que lares adoptam, acho que o contacto das crianças com essa realidade tem que ser feio com muito cuidado, pois até pode ser traumatizante, dado que a situação não glorifica as pessoas que lá estão, devendo ficar reservado para os familiares e para os técnicos que trabalham com os idosos. No entanto, com os idosos capazes acho que se podem fazer coisas muito engraçadas em conjunto com as crianças, especialmente, até aos 9 ou 10 anos: passeios, convívios, quintas pedagógicas, ... aproveitando a sabedoria cultural que têm e podem transmitir se forem motivados, o que não acontece naquele tal ambiente de inclusão e de "depósito", com um propósito muito comercial e muito pouco humano.

Pergunta: O que é que as crianças podem oferecer a esses idosos que ainda são capacitados?

Resposta: Quanto mais não seja ocupar-lhe o tempo e prolongar o seu tempo de vida útil, porque gera uma esperança para a próxima semana ou próximo mês quando vão voltar. Além disso os miúdos têm expressões e comportamentos absolutamente inteligentes e ideias completamente novas. E é neste tipo de desafio que as crianças podem ser usadas. É uma mais valia muito grande na perspectiva da terceira idade a visita e o contacto com as crianças. Na sociedade, não temos que esconder os idosos, temos que dizer que eles existem e que as suas potencialidades são altíssimas. Agora acho que a forma com as coisas estão organizadas não é a melhor solução.

Pergunta: Em relação às novas tecnologias, como é que os miúdos podem ajudar os idosos?

Resposta: Esse é precisamente o exemplo da cumplicidade que se pode gerar, porque para o idoso é muito mais simples aprender com um miúdo, do que com um adulto mais novo, porque se sente mais à vontade. E depois, pessoas com sessenta ou setenta anos são pessoas que conseguem, com alguma facilidade, atingir alguns objectivos, apesar das evidentes dificuldades em termos de conhecimentos, mas mesmo aí, as tecnologias trazem um número de soluções que podem minimizar essas questões. Nós aqui ainda não temos tido esse tipo de acções apesar de não estarmos propriamente mal equipados, a nível do concelho, mas ainda há muita coisa para fazer aqui.

Perguntas: E resultados destas parcerias entre as instituições?

Resposta: Tem sido muito bom, apesar de ser possível fazer sempre melhor, se fizermos por isso (...) Eu acho que a maior dificuldade é o medo que cada instituição tem de perder a sua força. Quando as pessoas que dirigem as instituições têm medo de mudar, e eu falo um bocado por mim. Eu acho que os responsáveis não se devem internalizar nas instituições. Há necessidade de encontrar pessoas novas, com capacidades para substituir os actuais responsáveis. Outro problema é que as instituições que fazem parte das parcerias acabam por não ter acesso ao projecto, constando apenas nos papeis. Nós estamos a tentar fazer isso de outro modo...mas não sei se vamos conseguir. Estamos a tentar fazer com que os parceiros "existam". Quando surgir a avaliação, a avaliação o dirá. As parcerias são fundamentais porque só assim é que se podem concluir os projectos e conseguir melhores formas de levar a cabo as actividades e otimizar os recursos. Poderá haver parcerias que não funcionam tão bem, mas é daí que tiramos exemplos para não cometer os mesmos erros a seguir. Penso que as parcerias não são nada pretensiosas, desde que haja espírito aberto de ambos os lados e que não haja um parceiro a querer comer o outro. Não vale a pena fazerem-se parcerias que à partida provocam desconfiança entre os membros. Aqui nós fazemos os possíveis por fazer a nossa parte, mas quem dirá isso serão os que vierem a seguir, embora também façamos avaliações intermediárias para perceber onde é que estamos a ir.

Ent. nº 2

Presidente da Câmara de Mértola

Pergunta: Na sua opinião, acha que no concelho de Mértola, existe uma parceria cultural?

Resposta: Entre a Câmara e as várias instituições do concelho existe uma parceria que não está formalizada em termos de documento único. Essa parceria existe e existe um regulamento de atribuição dos apoios às instituições e portanto, isso já regula um pouco a parceria, quer em termos da actividade regular, que da actividade pontual. Depois existe um trabalho feito em conjunto entre as instituições, a Câmara e outros organismos para o desenvolvimento de uma série de actividades e programas de infra-estruturas ou projectos mais estruturantes. Esta parceria não está propriamente confinada a um domínio. Além disso, existem parcerias no sentido inverso, ou seja, que nos são pedidas pelas instituições.

Pergunta: E uma articulação entre a escola, a família e a comunidade? Existe ou não?

Resposta: Portanto, aí não envolvendo a Câmara, apenas entre a escola, a família e a comunidade, eu acho que não existe aquela que seria necessária, não há um projecto de comunidade em que as partes se envolvem da mesma forma e participam em igualdade. A família ainda está muito desligada da escola, não se envolve quanto seria desejável naquilo que é o projecto educativo, nem naquilo que é o projecto da comunidade educativa e da comunidade em geral.

Pergunta: Quais têm sido as barreiras ou limitações para essa não participação da família?

Resposta: Aquela que eu digo mais rapidamente é talvez a falta de formação e de informação por parte dos pais. Temos que ver que tipo de população é que temos, os seus níveis de escolaridade, a idade, o meio cultural em que estão envolvidos. Portanto há muito poucas condições objectivas para os pais participarem. Depois há outros problemas, como: povoamento muito disperso, falta de solicitação por parte da escola, ... A escola está estabelecida aos procedimentos formais (reunião com director de turma, reunião de pais, ...) e devia apostar em actividades com a comunidade, que não tinham de ser obrigatoriamente escolares, mas que dessem oportunidade aos pais para conhecer melhor a escola e envolver-se. Um aspecto que também é relevante para isso é a precariedade da situação dos professores: se forem professores residentes têm um envolvimento completamente diferente. Os professores que não são de cá, embora cá venham todos os dias, não têm um envolvimento com a comunidade porque vêm cá apenas exercer a sua actividade profissional, deixando a actividade comunitária para o local onde vivem.

Pergunta: Qual é a responsabilidade da escola nesse sentido?

Resposta: A escola devia ter meios e tempo (a escola está demasiado absorvida com a actividade lectiva) para fazer um trabalho de envolvimento dos pais no processo educativo. Num concelho como o nosso, o enquadramento familiar para os jovens estudantes é muito complicado devido ao nível de escolaridade das famílias. A escola devia ter um papel mais interventivo mas é natural que tenha alguma dificuldade nisso.

Pergunta: Qual é a responsabilidade da família?

Resposta: A família também tem grande responsabilidade, mas a questão é: o que é que podemos exigir a este tipo de famílias. Cada vez mais as famílias despejam os miúdos na escola e vão buscá-los e nem sequer em casa acompanham os filhos, pensando que está tudo bem, mas às vezes não é nada disso. Os miúdos acabam por não sentir o empenhamento familiar. Cada vez mais os pais não vão à escola, não contactam com os professores e não se apercebem do que se passa na escola, sobretudo a partir do segundo ciclo.

Pergunta: Qual é a responsabilidade que a comunidade tem nesta articulação?

Resposta: Ai é mais difícil avaliar, porque a comunidade não funciona como um todo. A comunidade devia estar mais preparada e ter uma estratégia mais assumida e reconhecida pela população. Talvez isso já se vá conseguindo a pouco e pouco com projectos como a rede social, com o conselho municipal de educação ou com a carta educativa, que quando estiver pronta pode ser que nos traga algumas pistas mais do que é que se pode trabalhar nesta área. Mas a comunidade tem também uma grande responsabilidade nisso, o que não é nada fácil especialmente com a comunidade que nós temos.

Pergunta: O que é que a escola poderia fazer para promover a aproximação da família e da comunidade? O que teria de mudar ou começar a fazer?

Resposta: A esse nível era preciso que todo o processo educativo tivesse uma componente mais regional e local e não dependesse tanto das orientações nacionais, que são muito generalistas e não se adaptam às necessidades do interior. Mas era preciso que a escola tivesse capacidade para aproveitar o que se pode fazer a nível local independentemente do nacional. A escola só se preocupa praticamente com o funcionamento interno e conhece mal a comunidade, nomeadamente os professores não conhecem o território, nem as pessoas, nem os seus hábitos... trabalham num ambiente muito fechado.

A escola poderia organizar actividades, em conjunto com a Câmara ou com outras instituições, que não fossem propriamente actividades lectivas, que permitissem que as famílias conhecessem os professores e o sistema de

funcionamento da escola e vice-versa, e no fundo, que os professores e a escola se integrassem mais na comunidade. Acabam por ser comunidades que vivem juntas mas que não se cruzam.

Pergunta: qual é papel da família?

Resposta: A família é importantíssima. Nós temos o projecto "Ser Criança" de acompanhamento das mães, porque o problema não está no aluno, está no enquadramento familiar que o aperta e impede de ter um desenvolvimento normal. Este trabalho com as famílias não pode ser pontual, tem de ser de acompanhamento e que vise todas as facetas em simultâneo (emprego, saúde, economia, cultura). A chave está no legado familiar, em sermos capazes de intervir a este nível para o enquadramento do aluno.

Pergunta: E a comunidade? Qual é o seu papel?

Resposta: A comunidade precisava de ir à escola! Para ter mais consciência do que é que representa o processo educativo. A comunidade ainda não percebeu que esta é uma linha contínua com acções a curto prazo mas com resultados que só aparecem a longo prazo. Apostar no pré-escolar e no ensino básico é capacitar as crianças em termos futuros. A comunidade não está desperta para isso e entende assim: o pré-escolar é para brincar, no primeiro ciclo já se trabalha qualquer coisinha mas não muito e depois o verdadeiro trabalho é na Universidade. Mas a verdade é que têm de haver bases muito sólidas para que todas as etapas corram do melhor modo.

Pergunta: Quais são as desvantagens da não participação dos pais na vida escolar dos filhos?

As desvantagens são todas. Há casos em que é melhor os pais não participarem. Mas esses são casos extremos, é uma participação pouco esclarecida, é prejudicial. Não é preciso uma participação "erudita", mas uma participação baseada no bom senso, no acompanhamento e na procura de resoluções das dificuldades e, também no apoio e num enquadramento mais disciplinar da própria pessoa, das regras e dos princípios do que é a educação académica. A família tem muito o papel de transmitir aos jovens a vida em sociedade, as regras, os limites, a tolerância e a abertura.

Pergunta: Qual a importância dos idosos na educação dos jovens?

Aqui a nossa zona ainda é maior. Em muitos casos quem acompanha mais o crescimento e a educação das crianças são mais os avós do que os pais. Os pais estão a trabalhar longe e não têm muito tempo. Às vezes esse acompanhamento dos avós é bastante positivo porque têm outra experiência de vida, outro enquadramento, o problema está na mentalidade, os idosos têm uma mentalidade mais fechada e se não houver um contraponto, uma abertura, pode, na minha perspectiva, levar aos jovens a ter pouca abertura e outra mentalidade. É importante e positivo a participação dos idosos na educação dos jovens, se estes não ficarem confinados a esse acompanhamento e terem outra perspectiva da inovação, abertura, tolerância e curiosidade para outras coisas novas.

Pergunta: E em relação às histórias deste concelho?

É importante para os idosos e para a cultura dos jovens.

Pergunta: E o que os miúdos poderiam ensinar aos idosos?

Os miúdos ensinam sempre alguma coisa. Agora um miúdo tem tanta facilidade em mexer nas novas tecnologias, não estou a dizer para por todos os velhotes a mexer no computador, ensinados pelas crianças, mas este contacto com os mais novos permite sempre abrir ainda um bocadinho a perspectiva aos mais idosos. As crianças podem ser um veículo para

transportar aos idosos essas novidades todas, “moderniza-los” para os dias de hoje. Era a passagem de testemunho de uma geração para a outra e os nossos idosos ficarem mais activos.

Pergunta: Ideias para promover isto tudo?

Passa por duas coisas: uma no trabalho que se esta a fazer agora no âmbito da Rede Social. Este trabalho permite todos estarem em contacto, por outro lado há uma área, em que estamos ainda deficitários, que é uma estratégia educativa para o concelho, escrita no papel.

Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Mértola

Na sua opinião existe parceria cultural em Mértola?

Apetece-me dizer que não. As instituições na maior parte das vezes estão vidadas para dentro de si e, muito pouco dispostas a relacionarem-se umas com as outras, que é o que chamamos vulgarmente uma parceria. Mas por vezes os parceiros existem. Porquê isso? Isso porque se obrigam portanto, há um determinado projecto, por exemplo o projecto que tivemos com a Câmara Municipal, que é o Progrida, de facto foi concebido e foi realizado com base numa parceria, vamos ver do que daqui resulta, mas deixando bem claro as parcerias existem quando é obrigado a existirem, porque as instituições têm vontade própria de se relacionarem umas com as outras, para atingirem os seus objectivos. Sobre a forma de parceria pode-se dizer que sim, mas isto na minha opinião é falso. O que se vê claramente é que estão todos de costas virados uns para os outros, também digo uma coisa, actualmente, eu acho, que se vive um período melhor a esse nível do que se viveu à uns quantos anos, não falando de questões políticas, mas a anterior Câmara tinha uma postura muito mais complicada em relação a isto, até porque, por questões que não são para aqui chamada, mas tinha uma preferencialização de relação com outras instituições e põia outras instituições completamente de lado. E a Misericórdia era das instituições, apesar de não ser das mais relevantes em termos de importância e, pelo que movimentava e pelo número de funcionários que tem, eram daquelas que mais mal tratada era.

A nível de articulação existentes com a comunidade, as instituições, as famílias e a escola, existe ou não essa articulação?

Acho que esta questão, o problema é das instituições e do seu relacionamento entre elas, destas ditas parcerias, que é uma coisa recente, atenção, a questão das parcerias é recente e, houve aí um evento que acabou por dinamizar e criar, fundamentar mesmo o espírito da parceria, que foi o Rendimento Mínimo Garantido. O Rendimento Mínimo Garantido foi de facto das últimas decisões políticas que melhor contribuíram para as instituições trabalharem em conjunto, porque obrigava através de muitos executivos e coisas do género, que fazia com que as várias instituições se sentassem à mesa e que analisassem os casos. Quanto às pessoas que participaram nesses órgãos, são pessoas interessadas, o trabalho resulta e é bom. O que de facto denuncia que as parcerias são boas, de facto deveria existir muito mais do que de facto existe, isto para voltarmos à comunidade. A comunidade, em fim, é o conjunto de tudo, das pessoas, e as pessoas olham para dentro delas, tornam-se egoístas e há uma competição aberta e, em fim, é também um pouco o que se passa a esse nível. Não há, de facto, da parte da comunidade, a não ser de uma forma esporádica, uma entre ajuda e uma procura, ou há de facto um em que a pessoa, para pretender atingi-lo, sabe que tem de contar com a colaboração de outro e procura-o, mas se o conseguir fazer sem ninguém, faz, e aí "borrifa-se" para as parcerias, para as instituições. No infantário a relação com os pais é assim, quer disser, não só no infantário mas, também, nas outras valências, o exemplo da Oficina, há famílias que se por acaso os miúdos pudessem passar lá 24 horas sobre 24 horas, estavam. E para isso as instituições são boas e são necessárias, mas depois quando é necessário que esse elemento da comunidade participe, digamos assim, na organização de qualquer coisa, ou colabore com a instituição para atingir qualquer objectivo é muito complicado. Encontramos sempre muita resistência no dia a dia.

Quais as maiores limitações e as maiores barreiras, que existem para não haver essa articulação e essas parcerias?

Acho que tudo isto é uma questão cultural. As pessoas são habituadas a viver por si só, e o hábito de partilhar tudo não existe e as pessoas têm muito da tendência para se fechar e, portanto, para se isolarem claramente, o que é mau. Isto é contrariável, evidente, digamos que não é o fim do mundo mas, de qualquer forma acho que... e apesar de tudo, como te

digo, acho que neste momento a situação melhorou em relação aos períodos anteriores. Enfim, às vezes a obrigação faz com que as pessoas tenham que se juntar e têm de se aproximar e, isto leva tempo. Isto é cimentar e que as pessoas tenham uma consciência que têm de ter um papel mais activo na sociedade, por vezes a forma de participarem conjuntamente com outras pessoas, é muito mais fácil atingir os objectivos, com certeza absoluta.

Que responsabilidade terá a escola neste aspecto?

A escola é o local privilegiado em termos de formação e, se a própria escola não é, digamos assim, um bom exemplo de fomentar este tipo de práticas, lá está, o papel não é bom, e nos últimos tempos tem-se notado isso. Apesar de, como eu digo, haver uma ligeira mudança, mas ainda é muito fraca, não se dá por ela. Tudo passa pela escola a começar pela formação, como instrumento de formação privilegiado é de toda a importância, mas pode ser que as coisas melhorem, mas neste momento não se nota muito.

A escola está muito fechada nela própria?

Eu acho que a escola está muito fechada nela própria. Acredito que a escola tenha muitas dificuldades e faz com que acabem por se isolar e a ligação da comunidade, nós aqui, por exemplo, a nível da Misericórdia já temos necessitado de alguma colaboração da escola nalgumas coisas mas, notamos que há sempre muita resistência. Há muita dificuldade, quer dizer, as pessoas olham só para dentro das suas instituições e o que está lá fora é paisagem e quando se apercebem que não é só paisagem por vezes é difícil sair daquele nível de posicionamento e conseguir participar.

E qual a responsabilidade da família?

A família é o núcleo social disto tudo, é evidente que isto tudo, se calhar não sou a melhor pessoa mas, dou-te uma justificação social para esta evolução e, depois, também como a forma que a sociedade tem evoluído a esse nível, faz com que a família acabe por ela própria ser um núcleo um bocadinho fechado. É um bocado chato mas digamos que isto passa pela família.

E a comunidade no seu todo, qual será a sua responsabilidade?

Teoricamente a comunidade tem imensas responsabilidades e o ideal era que estas coisas todas se articulassem. As famílias fossem mais abertas entre elas, que a escola funciona-se e fomenta-se a parceria, os vários tipos de conceito e, que isto tudo funciona-se muito bem mas, o que é verdade, eu acho, é que a correcção vem um pouco de cima para baixo, em vez de ser de baixo para cima, quer dizer, inverteu-se. Acho que no meio de tudo isto há pessoas que acreditam que é possível contrariar esta situação e, vão no seu dia a dia lutando contra isto e, eu julgo... é como diz o ditado "Água mole em pedra dura tanto bate até que fura" e é nesta expectativa que nós estamos.

Estas parcerias e articulações não funcionam melhor a nível cultural porquê?

Não há cultura de parcerias e, como eu disse há pouco à questão de 5, 6 anos a esta parte as coisas começaram a ser mais notadas, a exigência das parcerias foi de certo modo conseguidas, imposta por necessidade legais, de os próprios projectos, os próprios programas assim exigem polyvalentes e, portanto uma instituição está vocacionada para uma determinada área, evidentemente sozinha não consegue satisfazer o objectivo de determinado projecto e, evidentemente tem de se associar a outra, lá está, surgem as parcerias. Isto lentamente vai-se cimentando. Estou convencido que mais tarde ou mais cedo as coisas vão melhorar e, se tivermos daqui a alguns anos teremos outra opinião. Mas que o panorama não é bom, não é. Dizer o contrário é estar a mentir.

E qual o papel que a escola teria de assumir para promover esta articulação e parcerias?

Como já dizemos à bocado, a escola é o local ideal, até quer-me parecer a nível de algumas licenciaturas, por exemplo, não sei se estes sistemas constam das matérias de formação, provavelmente não, ninguém pensa nisto, há a liberdade das pessoas admitirem que é uma coisa tão óbvia, que as pessoas são forçadas a juntar-se, mas tudo se aprende. A escola podia, de certa forma, acelerar um pouco todo este processo que agente entende que mais tarde vai acontecer. No jardim-de-infância ainda é um mal menor, talvez seja o estabelecimento onde isso se note, ainda existe um pouco essa forma de educação. Agora quando passam à escola primária já começam a afastar-se e, chega-se ao nível universitário, é curioso, começamos com uma base razoável e depois vamos piorando, piorando e, à medida que chegamos a um nível mais elevado de ensino o resultado é pior. Não dá para entender, mas é verdade.

Que atitude deveria a família tomar?

Eu acho que o conceito de família está a modificar e o núcleo familiar é cada vez mais pequena. Quer parecer-me se as coisas não começam a um nível escolar, a nível da escola, dificilmente este processo pode ser invertido. Porque aquilo que se passa na nossa sociedade a competição é cada vez maior, as condições laborais são complicadas e difíceis e, as pessoas são obrigadas a fechar-se, a se defender, é um pouco uma resposta à sociedade que é agressiva e, então são um núcleo fechado, quando o contrário seria melhor. A ocupação dos tempos livres das crianças está a ficar um bocado, eu acho e é uma coisa que me preocupa porque também sou pai e, estou um pouco a passar por essa situação, os moços passam o dia inteiro agarrados ao computador, mesmo a relação que têm é tudo via Internet, quer dizer é um espaço muito fechado. Eu acho que as novas tecnologias conduzem um pouco a isto, acentuam mais o isolamento. Agora os miúdos, as brincadeiras que têm, a não ser a prática desportiva que fomenta o contacto, a maior parte do tempo estão metidos à volta do computador. As famílias, por vezes, acabam por fomentar isto involuntariamente, porque enquanto está ali está controlado, sabem o que ele está a fazer, sabem que está em casa à volta do computador, e não sei o quê, estão descansados, está só com o amigo X ou com o amigo Y, que é um círculo de amizade muito curto. Há uma certa comodidade da família mas depois o resultado não é bom. Isto é o nosso dia a dia. Depois contrariar isto torna-se complicado.

Que papel deveria a comunidade para mudar esta mentalidade?

Isto é complicado porque os núcleos realmente são chatos, claro que uma comunidade são um conjunto de núcleos e mais as instituições, se é tudo fechado não estamos a ser diferentes. Agora, de facto, dar a ideia que este tipo de prática, de parcerias, é boa e que se deve recomendar, dá-me a sensação que o local destas coisas podem começar a ser trabalhadas, a seu tempo, é nas escolas. E depois esperar que isto tudo dê resultado.

Quais são os possíveis transtornos da não participação dos pais no jardim-de-infância?

Os pais só participam no jardim-de-infância quando há qualquer coisa que os obrigue a isso, ou quando há um problema com a criança e, vão lá refilar, mas no dia a dia não se aproximam, porque, lá está, estão ocupados com outras questões que eles acham mais prioritárias e, então o jardim-de-infância é só o local onde põem lá os filhos e estão descansados, se está tudo bem, está tudo bem, se há algum problema aí é que temos a contestação e temos a aproximação da família, quando há um problema. É mau até porque as famílias podiam dar, de facto, um contributo importante, para que fosse encontradas outras soluções na ocupação dos tempos livres dos jovens, e não só, até a própria organização do jardim-de-infância, isto ninguém tem todo o conhecimento e, quanto mais participada essa relação fosse daí, de certeza absoluta, melhores resultados que daí saíam. E isso, fundamentalmente, com resultados finais positivos para o bem-estar das crianças que é isso o objectivo quer da escola, quer das famílias, que não ponho em dúvida, que também

é. Mas fazem-no, ou não fazem, se calhar. Este é o tempo em que vivemos e cada vez mais não há tempo para nada, anda tudo de fuga de um lado para o outro. Já lá vai o tempo em que a família se juntava à noite a falar sobre isto e sobre aquilo. Eu lembro-me dos tempos em que a minha avó me contava os contos, que ainda hoje me recordo, que me juntava eu e o meu irmão e mais uns miúdos ali da rua e, ouvíamos os contos da minha avó. Agora quem é que perde tempo com isso? Era a experiência, era os conhecimentos que se transmitiam, as vivências, agora não, é o computador é a televisão e pouco mais. Até hábitos de leitura não existem, se não se começa de pequenino a fomentar esses hábitos chega-se depois a uma altura, em que eles são importantes e não existem, depois lá vêm os resultados escolares que são maus. O nível de cultura é baixo, sabe-se muito sobre o Dragoon Ball, não sei quê, não sei que mais, de coisas pirosas, mas depois não se sabe daquilo que é importante.

Voltando à questão dos serões com a sua avó, para um crescimento cultural das crianças esta lição com os idosos seria importante ou não?

É sempre importante os idosos são idosos, mas com um armazém de conhecimento, são conhecimentos já um pouco afastados do tempo, mas isto são experiências de vida que são importantes. Todos nós dizemos à medida que vamos envelhecendo, dizemos isto, "Ai queria ser mais nova, mas saber o que sei hoje". Portanto "saber o que sei hoje" expressa exactamente isso, viver mas com um nível de conhecimento, que sendo mais novos, mas ter um nível de conhecimento que tem agora. Isto revela que é uma coisa importante e é evidente que os idosos têm esse conhecimento e, se eles conseguirem transmitir, pelo menos aquilo que é significativo, aos jovens, há um ganho muito grande. Mesmo para conhecer a própria vila e as suas características. Desprezar os idosos, porque não sabem mexer nos computadores e não sabem determinado tipo de linguagem não conduz a lado nenhum. Acho que tem de haver equilíbrio em tudo.

O que as crianças poderiam ainda ensinar aos idosos?

A serem crianças. Acho que o idoso se vê sempre nos jovens aquilo que eles já foram. Tenta projectar, reviver as vivências que tiveram enquanto jovens e, é sempre agradável, há as crianças bem sucedidas. Nós não temos uma experiência muito grande nisso, mas temos alguma experiência e, as vezes, aparece, pontualmente, não muito regularmente, mas há alturas em que se fomenta o contacto com os jovens e com os idosos. É bom para os dois. A gente sente perfeitamente que os idosos ficam felizes por verem os miúdos, por estar com eles e por falar com eles, como as crianças também gostam de estar com os idosos e ouvi-los falar nas suas histórias e nas suas experiências.

E não acha que as crianças podiam desvendar o que é um computador para o idoso?

Eu acho que sim. Lá está o idoso também acaba por despertar para essas questões, embora de maneira diferente, não com essa intensidade. Mas não é só o computador, é a linguagem do telemóvel. Ainda hoje assisti a uma cena engraçada entre um colega meu, que fez anos, e estava a filha a vasculhar todas as mensagens que o pai tinha recebido e, o pai às tantas apercebeu-se e disse: "Há estás a ver o que eu tenho no telemóvel?" Então começou a ver também, e as tantas ele diz assim: "Há aqui um nome, uma Cristina bj, quem é esta Cristina bj, o que é isto?" e a filha disse-lhe: "Ó pai isso não é um nome, um B e um J quer dizer beijo. A Cristina manda-te beijinhos porque fazes anos". No fim, lentamente, vai aprendendo, ou apreendendo estas novas linguagens que criam e que as novas tecnologias exigem. Evidente que os computadores, e é evidente que se criou uma imagem de coisa muito complicada, quando não é. E cada vez é mais fácil, isso é a evolução, quando começou o computador com aquele ambiente de MSDOS, qualquer pessoa pegar numa coisa daquelas era complicado, não era acessível a toda a gente, mas agora, com os novos programas, qualquer pessoa com menor ou maior

habilitação pode explorar, algumas não muito, mas o trivial. Mesmo a questão da Internet há pessoas de meia-idade que se interessam muito com a Internet, porque é uma forma de se ocuparem. Há pouco tempo ouvi uma conversa entre pessoas de meia-idade, a comentar que um fulano teve a dizer que uma ocupação que tinha era navegar na Internet, e que gostava muito, via coisas interessantes, notícias, etc., e o outro interrogava-se: "Se calhar vou compara um computador". Com 70 anos e a compara um computador é uma atitude positiva.

Ideia ou estratégias para promover estas parcerias?

Não é fácil isso. Agora o que eu acho, um pouco na base daquilo que já falamos anteriormente, eu recordo que trabalho num serviço, o Centro de Saúde, que é muito fechado, pior ainda que a escola e, é um serviço que não se quer abrir, é aquilo que eu sinto. A relação com a comunidade é esporádica e a maior parte das vezes é enganosa, não há relação. Fazia todo o sentido que houvesse numa área tão importante da prevenção da saúde. Agora, se criar, quem decide, criar normas que obriguem as pessoas a ter parcerias, com o tempo vai-se cimentando. Com o exemplo que eu dei à bocado, do Rendimento Mínimo, foi um bom exemplo, não havia essa prática e as pessoas foram obrigadas a sentarem-se à volta de uma mesa e, hoje já se faz com alguma naturalidade, mas depois há um aspecto negativo, que é a questão de caírem em rotina e como caíem em rotina acaba por ter menos importância. Por exemplo há outra coisa que é a Rede Social, uma coisa recentemente implantada, ou que ainda está em fase de implementação no concelho, noutros concelhos já havia, já existe mas estamos a criara os instrumentos fundamentais para a sua prática, é muito importante juntar as pessoas aí. Dá-me a sensação que é um pouco inverso, em vez de vir de baixo e as pessoas criarem hábitos de parcerias e chegarem a um nível e sentiram essa necessidade, mas não é ao contrário, é de cima para baixo. É aí que se criam imposições, criam-se regras e aí as pessoas aderem a elas. Portanto na escola e depois mantendo essa prática, pode ser que a meio do caminho as coisas se encontrem.

Ent. nº 4

Vereador da Cultura

Existem parcerias culturais no concelho de Mértola?

Existe um bom relacionamento, a nível de educação, com bastantes actividades conjuntas, ou não, ou de cada uma das entidades, quer a nível cultural, quer mesmo a nível de formação e educação. Embora acho que em relação à Formação e Educação de Adultos ainda não chegamos ao que todos queríamos, ainda existe bastante analfabetismo e bastante falta de formação quer nos funcionários dessas instituições, quer na população em geral do concelho.

Existe articulação entre a escola/família/comunidade no concelho de Mértola?

O exemplo da Santa Casa da misericórdia de Mértola é um bom exemplo, porque sei que fazem bastantes actividades dentro desse nível, de aproveitar a experiência dos idosos e fazer uma troca de experiências. É bastante importante, já houve algumas tentativas nessa área mas, acho que podia ser extensível ao resto das instituições, tanto à Câmara, à ADPM, a outras IPSS do concelho, à parte escolar, porque era importante, os mais novos aprendiam coisas que os mais velhos já sabem e, ao mesmo tempo, os mais velhos estava a ser úteis o que é muito importante para eles. Mas era bastante importante tentar arranjar um projecto em que todas as entidades do concelho utilizassem a sabedoria dos mais velhos, porque há muitas coisas que eles sabem e que nós, mesmo a nível de trabalhos manuais, de histórias antigas, que se calhar vai-se perder quando essas pessoas morrerem, mas era bastante importante realizar um projecto assim.

Quais os possíveis entraves que podem haver para não se realizarem estas parcerias?

Como disse há pouco isto é uma boa ideia. Acho que os entraves que possam haver, mas que se podem ultrapassar facilmente, podem ser entraves logísticos ou de falta de coordenação de algumas instituições. Mas na minha opinião, em Mértola trabalha-se muito bem em rede.

Qual o papel das escolas nas parcerias?

A escola tem de arranjar uma forma de haver uma ligação maior. Acho que é bastante importante essa ligação quer para a escola, para os resultados escolares das crianças, quer para a abrir outro tipo de projectos em que interviesse a sociedade. Aqui em Mértola a escola faz um bom trabalho a esse nível, mas é a escola e também as entidades que têm de tentar abrir mais a escola aos pais e à sociedade, porque este é um dos problemas que ainda não se consegui resolver. Terá de haver um estudo mais profundo porque é necessário que a escola esteja mais aberta à sociedade e aos pais, para que as coisas funcionem, para que os pais participem e percebam os que lá se faz. A escola tem de ser mais participada pelos pais.

Qual o papel da família, em geral, nas parcerias?

Liga-se um bocadinho à questão anterior, a escola deveria ser mais aberta e os pais deveriam ser mais interessados. É uma pergunta difícil, porque os pais deveriam ser mais interessados pela vida escolar dos filhos e do concelho onde vivem. Agora perguntar-me o que é necessário fazer para que eles participem, não sei, talvez criar algumas formas para os incentivar a participar e de os chamar mais. Continuo a achar que a escola como entidade e como instituição, mas não estou a tirar a culpa de cima dos pais porque eles deveriam de ser os mais interessados, mas a escola deveria criar alguns mecanismos de interesse para que os pais participassem mais. Esta questão poderá ter haver com o facto de a escola se fechar muito em si e, os pais estão habituados a deixar as crianças na escola e não se preocuparem muito, por isso a escola e as entidades deveriam criar mecanismos para esta participação ser mais participada.

Qual o papel da comunidade nas parcerias?

Temos aqui os idosos que têm muito para ensinar a todos nós, temos a comunidade em geral e as entidades, porque eu acho que ainda há muitas pessoas que ainda não têm noção daquilo que é feito nas escolas, não só a nível do jardim-de-infância, como primário, de secundário e de preparatório.

A comunidade e, falando aqui um pouco nos idosos, se nós lhe proporcionar-mos coisas deste tipo eles estão sempre dispostos a participarem e é uma maneira de se manterem activos, contam histórias antigas, como eram as suas profissões, transmitem mensagens importantes às crianças. A comunidade em geral, por parte das entidades, acho que têm uma preocupação e fazem algum trabalho nessa área e exemplo disso são todos os projectos realizados em parceria, agora da parte dos pais e da comunidade de pessoas individuais continua a haver pouca participação e, voltando um pouco atrás, temos de arranjar, em conjunto, maneira de desencadear mais interesse e a escola a ser vista de outra maneira. Muitos pais têm a possibilidade de almoçar com os filhos e de os ir buscar mais cedo mas não o fazem e, os pais têm um papel importante na educação dos seus filhos, não é só a escola.

Na sua opinião porque estão todos de costas voltadas, neste aspecto?

Tem haver um pouco com, primeiro, a ideia de que a escola é que tem de ensinar e os meninos estão lá para isso, mais isto também tem haver um pouco com a situação profissional dos pais, há um tempo atrás as mães estavam em casa agora já trabalham e o tempo para estarem com os filhos é pouco, muitas vezes não têm disponibilidade de cabeça e de tempo para participarem mais na vida escolar dos filhos, e é neste sentido que a escola e as entidades que trabalham na educação têm de arranjar formas de cativar os pais para a participação da vida escolar. No nosso concelho noto que as pessoas com mais conhecimento dão mais atenção a estas questões do que as pessoas com menos escolaridade. Esta questão está relacionada com a Educação e Formação de Adultos, no nosso concelho existe muito analfabetismo ou de pouca escolaridade, a nível dos adultos temos tentado fazer alguma coisa porque as pessoas se habituaram aos cursos profissionais, onde estão a receber, se for estudar só por estudar não vão, só se lembra que deveria ter estudado quando um emprego lhe requer isso. Aqui no concelho temos outro problema, este é um concelho muito grande e tem poucas pessoas em cada sítio e, não dá para ter uma turma de dois ou três alunos e, é complicado na questão do transporte das pessoas o que leva a uma desmotivação. Acho que todos temos de fazer um levantamento das instituições locais, tipo Bombeiros, Santa Casa, entre outras, por há uma escolaridade muito baixa.

Quais as desvantagens da não participação dos pais na escola?

Acho que há muitas desvantagens. O facto de os pais não participarem na vida escolar dos filhos, só ir no fim do ano ou, dos semestres, para falarem com os professores para saberem a avaliação acabam por não terem uma ideia do que se passa, na minha opinião, o facto de não acompanharem uma fase tão importante do crescimento dos seus filhos, a fase dos 3 aos 5 anos, onde têm as primeiras aprendizagens e a socialização, e, os pais deveriam participar mais activamente porque se houvesse mais participação poderiam haver mais actividades e os meninos não levariam "um dia inteiro dentro da sala", podia haver festas em que os pais participassem ou actividades, quer em saídas ou visitas. Na minha opinião a maior desvantagem da não participação dos pais na vida escolar dos filhos é não conhecerem nem participarem numa fase de crescimento tão importante.

Quais as vantagens da participação dos pais na vida escolar dos seus filhos?

A principal vantagem seria a motivação. Como sabemos uma criança quando faz alguma coisa gosta de mostrar as pessoas que mais gosta, os pais, e se estes acompanhassem mais de perto essas actividades iriam ajudar na aprendizagem da escrita, na socialização, etc. Muitos pesam que não são aprendizagens importantes mas, que na realidade são. Com a participação dos pais mais activa, os alunos tinham mais motivação para aprender e para trabalhar. Aprender as canções, ver os teatros e participar neles o que incentivava mais as crianças e os ajudava e eles noutros níveis.

Voltando à questão dos idosos, quais seriam as vantagens da troca de saberes entre duas gerações?

Acho que era bastante benéfica para os dois. Os idosos sentiam-se úteis, transmitiam os seus saberes através de histórias, lendas e situações da sua vida e das suas profissões. Tudo isto iria aumentar o conhecimento cultural das crianças, conheciam melhor o seu concelho e como era a vida nessa altura. Tudo isto seria bastante fácil pois as crianças gostam de estar com os mais idosos e gostam de ouvir as suas histórias.

O que as crianças poderiam ensinar aos idosos?

A nossa sociedade evolui a uma velocidade incrível e há coisas que os idosos não acompanham, por exemplo estou a lembrara-me da Internet e dos computadores o que deve fazer muita confusão aos idosos e, acho, que as crianças na sua forma aparentemente inocente seriam capazes de explicar-lhes, de uma maneira simples, o que é e para que serve. Digo a Internet, como digo outras coisas, o telemóvel, o Multibanco, etc. Em relação aos idosos ainda há outra coisa, os jogos tradicionais, hoje em dia os jogos que as crianças têm são no computador e na PlayStation, e jogos como as cartas, o dominó, vão-se perdendo. Mesmo a nível da socialização estes jogos são importantes porque as crianças, com os jogos de computador, acabam por se isolar, a escola e os pais têm de saber equilibrar as coisas.

Estratégias para desenvolver mais as parcerias e a articulação?

Nós a nível de Câmara estamos a tentar prepara uma série de actividades com o ensino recorrente, uma delas é tentar melhorar o nível educativo do concelho, sobretudo a de adultos. As estratégias para lá chegar ainda não as temos mas estamos a trabalhar nelas e essa será uma. A nível de entidades eu acho que já existe uma articulação bastante boa e com uma série de projectos, como por exemplo a Rede Social e o projecto "ser Criança". Mas é necessário pensar na Santa Casa, na Bento Jesus Caraça, e das restantes entidades pensar sobre esse assunto e talvez realizar um Fórum, embora não fosse a solução, onde se juntassem Juntas de Freguesia, Santa Casa, Bento Jesus Caraça, Clube Náutico, etc, para falar sobre este assunto para descobrir qual será a melhor maneira para fazer esta aproximação e tornar as crianças melhores estudantes e melhores pessoas no futuro.

Ent. nº5

Técnica responsável pela Infância da Santa Casa da Misericórdia de Mértola

Na sua opinião existe uma cultura de parcerias no concelho de Mértola?

Acho que existe algumas por parte da Câmara Municipal, à qual dizemos que sim e participamos sempre com os meninos, nomeadamente o pré-escolar e a oficina da criança. Em relação com as outras instituições particulares não existe proposta de actividades.

Nós Centro Infantil estamos abertos a todas as actividades do exterior e sempre que possível participamos, como por exemplo o Festival Islâmico.

No concelho de Mértola existe uma boa articulação?

Com a Câmara Municipal não tem havido problemas em articular. Como nos conhecemos, acho que esse factor é importante, e temos um bom relacionamento, não tem havido nenhum entrave. Sempre que o Centro Infantil solicita as instalações ou os serviços, nomeadamente a piscina, o ginásio, o campo de futebol, etc. são-nos concedidas autorizações.

Nós, Santa Casa, somos entidades promotoras de projectos com a Câmara Municipal, "Prevenção à Toxicoddependência", onde trabalhamos com todas as escolas do concelho, no sentido de uma intervenção alargada, desde o pré-escolar ao ensino profissional. Portanto aqui há uma articulação onde no final foi apresentado à comunidade o trabalho realizado em todas as escolas.

Quais as principais limitações para que estas parcerias e articulações não aconteçam com mais frequência e com todas as instituições?

Entre instituições existe algumas lacunas, porque muitas vezes as instituições pecam em fazer actividades repetidas, como por exemplo Colónias de Férias, para o mesmo grupo etário. Acho que deveriam trabalhar em conjunto, podendo fazer melhor, do que trabalhar separadamente.

Que responsabilidades deve ter a família, a escola e a comunidade neste aspecto?

A família demitiu-se um bocado das funções de pais e não facilita a comunicação fora e dentro da escola.

A escola vive muito para a resolução dos seus problemas diários, esquecendo que as crianças também vivem para fora da escola, a escola não é muito apelativa para os pais, principalmente no 3º Ciclo.

A comunidade somos todos nós no fundo, falta juntar todas as partes e criar actividades em conjunto, que fizessem parte de um plano educativo, por exemplo que a Câmara Municipal apresenta-se um plano em que todos participassem obrigatoriamente, o que facilitaria a articulação. No concelho falta uma cultura de parcerias.

Como resolver esta questão das parcerias e da articulação?

Que a escola não tivesse de seguir um programa definido. Que a família não deposite toda a responsabilidade na escola e que houve-se um plano elaborado entre as três.

Quais as vantagens da participação dos pais na vida escolar dos seus filhos?

Os nossos pais até participam, o que é bom para as crianças, há mais motivação e mais gosto pelos trabalhos realizados e pela própria escola. Não encontro desvantagens, só vantagens.

Que benefícios haveriam para as crianças e para os idosos se houvesse uma troca de saberes entre estas duas gerações?

Seria óptimo a troca de saberes entre gerações, seria muito bom, seria um conhecimento cultural da vila. O facto de as educadoras serem de fora é difícil de isto se realizar.

O que as crianças poderiam ensinar aos idosos?

Poderiam ensinar como funciona a escola hoje em dia, a diferença do aprender hoje e do antigamente. A partilha de saberes entre idoso/criança seria benéfico para os idosos no sentido da promoção da sua qualidade de vida.

Estratégias para desenvolver este trabalho?

Criar aqui no Centro Infantil um atelier de reminiscência em que os idosos trabalhassem com as crianças o que gostariam de ter feito quando eram crianças. Como já referi mais atrás criar um plano educativo onde participassem a escola, a família e a comunidade.

Ent. nº6

Presidente da Associação de Defesa do Património de Mértola

No concelho de Mértola existe uma parceria cultural?

Eu diria que existe uma tradição de parceria cultural. Dir-lhe-ia que actualmente essa parceria é menos eficaz, ou seja, continua, no meu ponto de vista, a haver parcerias mas está muito aquém do que poderia acontecer.

E em relação à articulação entre a escola/família/comunidade, aqui no concelho, acha que existe ou não?

Eu acho que existe, é evidente que as características demográficas do concelho não facilitam essa articulação. O concelho é grande e muito disperso, muitas pequenas localidades, as dificuldades de transporte para os pais se deslocarem mais à escola para falar com os professores e, também não facilita o facto de haver famílias analfabetas ou pouco letradas não ajuda muito para esta articulação. Por parte das instituições de ensino, como a Escola Bento Jesus Caraça, o Agrupamento de Escolas, etc, tem sido feito um esforço muito grande para essa aproximação.

Falou da questão do concelho ser muito grande e de não facilitar a deslocação dos pais à escola e à vila onde tudo está concentrado, que outras limitações podem haver para esta articulação não ser maior?

Eu penso que não há uma grande tradição dos pais irem à escola falarem com os professores, a não ser quando há um problema ou, num momento qualquer muito particular, mas por norma não vão à escola falar com os professores, sobretudo nas escolas do 1º ciclo das localidades, na vila acho que as coisas são um pouco diferentes. Acho que os próprios pais quando foram à escola, não tiveram a participação dos seus pais na mesma, não têm essa cultura de irem falar com os professores, não tiveram essa aprendizagem. Depois nas pequenas localidades o facto das escolas serem muito pequenas e, no fundo de tudo se saber na comunidade sem que seja muito necessário, digamos assim, pelo menos aparentemente, para os pais irem falar com os professores, porque há uma turma de 4 ou 5 alunos e os problemas são o trivial. É evidente que o tipo de ensino que hoje se pratica ser muito livresco, muito urbano, não ajuda a esse tipo de relacionamento, não sei o facto de haver uma grande rotatividade dos professores, que acabam por não criarem raízes com o território e com os pais dos alunos, acho que isso também não ajuda muito a esse relacionamento.

Nesse sentido qual será a responsabilidade da escola?

É evidente que a escola tem sempre um papel importante, se estamos a falar de uma questão de mentalidades a escola tem um papel importante na mudança de mentalidades e, é nesse sentido que a escola pode desempenhar um papel importante. Não pode obrigar os pais a participarem, mas pode criar oportunidades, pode incentivar, pode encontrar desculpas, se assim quisermos, para "obrigarmos" os pais a virem à escola. Agora entendo que o problema está efectivamente nos pais e nas famílias é aí que reside a vontade e a disponibilidade. Se a própria tipologia do ensino for mais chegada ao território, se tiver muito mais haver com a própria cultura do território poderia facilitar a ida dos pais à escola, mas é um papel muito mais indirecto, digamos assim, que a escola possa ter.

Acha que os principais responsáveis são as famílias?

Exactamente.

Qual a responsabilidade que tem a comunidade em relação à educação das crianças?

Mais uma vez é uma questão de cultura. A comunidade tem um papel importantíssimo, as famílias compõem a comunidade e, é o conjunto das famílias que representam muita daquilo que a comunidade é. Se temos um conjunto muito grande de

famílias que não participam, que são problemáticas, que têm bolsas de pobreza isso significa que a comunidade não está bem. O desenvolvimento do território só é efectivo se de facto não houver diferenças muito grandes, sobretudo no que diz respeito às questões mais negativas. A comunidade quer em termos das instituições cívicas, quer das instituições de foro público, que têm um papel importantes, se não se preocupam em alterar mentalidades e encontrar formas de, por exemplo a ocupação dos tempos livres, formas de criar determinados tipos de valores que eventualmente, no contexto actual da sociedade contemporâneo, se estejam a perder, por exemplo os valores de referência como a família, se a comunidade não contribuir, o que é muito fácil, para esses valores se mantenham ou que deixem outros valores de referencia, pois a sociedade está em constante mutação. Eu acho que muitos dos problemas que os jovens têm hoje em dia, é pela falta de valores de referência, o que cria falta de auto estima, de identidade, que os levam, muitas vezes, a caminhos que não tem nada haver com uma vida salutar e, ai a comunidade tem um papel muito importante. Basta pensarmos no caso de Mértola, temos 3 ou 4 instituições muito forte no ponto de vista de trabalho com a comunidade, como a Misericórdia, a ADPM, Clube Náutico, escola C+S, etc, e jovens cidadãos activos, ou melhor participativos, muito mais do que os concelhos à volta e, provavelmente isto é reflexo de muito trabalho que efectivamente há na comunidade feito por estas instituições e por outras. Este trabalho não salta muito à vista, mas quando a comunidade desenvolve projectos que se reflectem mais tarde nos filhos dessa comunidade. Mértola caminha para um desenvolvimento cultural muito assente nos valores de património, de identidade, de cultura, da solidariedade e isso de uma certa forma cria um determinado tipo de valores nos jovens.

Qual seria o papel da escola para promover esta articulação?

Existem dois tipos de intervenção. Temos pessoas que participam alguma coisa, mas é uma participação de ver se está tudo bem, vão às reuniões e pouco mais. Depois temos outro nível que nem isso acontece, que as pessoas por e simplesmente não querem saber, não se preocupam. Num 1º nível em que as pessoas não participam muito e onde existe os sinais de pobreza e de exclusão, de dificuldades de aprendizagem, penso que a escola deveria ter um papel, não é por acaso que a escola tem um(a) psicólogo(a), mais interventivo a esse nível, que não se limitasse ao aprender a ler, a escrever e pouco mais, mas que tivesse um papel de detectar esse tipo de problemas, talvez isso com que neste 1º nível houvesse a participação por parte das famílias, de que a escola poderia ser um meio de mudança ou de alteração de qualquer coisa. No fundo que os pais e a famílias percebam que a escola, aquela coisa em que a criança anda, faz parte da vida em comunidade e mais, que é ali que provavelmente pode ditar se o(a) filho(a) vão ser bons cidadãos, se vão encontrar os valores que vão permitir ter um bom emprego, ter uma vida normal. Talvez, a pouco e pouco, as famílias se sentissem pelo menos com a curiosidade de ver melhor o que é aquela coisa, a escola, e participar um bocadinho. Num 2º nível já há as comissões de pais, a Associação de Pais, em que já há algumas pessoas, sobretudo mães, podia-se partir para um trabalho de reflexão, porque a ideia que tenho é que a participação é material, isto é, se a escola tem as condições, se o filhos têm de levar algum material, ou quando existe um problema, em fim nestas coisas mais materiais. Talvez a escola devesse encontrar formas de reflexão com os pais sobre este mundo que é a escola, sobre o tipo de escola que se quer, ou se tem, sem haver motivos para se reunirem e discutir com os pais as várias questões da escola, levando os pais a participarem mais.

Qual o papel da família para promover esta articulação?

A família é um dilema porque nós temos um concelho complicadíssimo. Se fosse possível que as três gerações tivessem contacto era extremamente importante, ou seja, numa altura em que a personalidade se está a formar, seria bom o contacto logo de pequeno com os avós pois estes passam muito facilmente determinados valores do que os pais. No nosso concelho

como há poucos empregos, os pais acabam por estar longe dos avós o que não facilita este contacto com estas duas gerações. O contacto logo de novo com a família, os tios os avós, etc, é muito importante pois muitas vezes são estes membros da família que se tornam facilitadores entre os conflitos geracionais. Muitas vezes são os tios e as tias que ajudam a resolver, ou abrem caminhos, os problemas sem deixar feridas entre os pais e os filhos, portanto a família no seu todo são importantes. Mas não é fácil juntar as famílias hoje em dia, mesmo nos dias festivos como o Natal, a Páscoa, os aniversários, etc, as pessoas têm tendência de ficar em casa, estão cada vez mais egoístas, a família que existe muitas vezes é só o agregado familiar. E muitas vezes os miúdos de 15, 16 e 17 anos já passam estes dias festivos longe da família e, isso não ajuda a determinado tipo de reflexões ou de conversas em família. Hoje em dia onde isso acontece é na matança do porco. Não há a televisão e, no caso do Natal, não há prendas para as pessoas se distraírem, as pessoas falam, conversam e estão mais desinibidas. As famílias deviam-se obrigar mais a encontrar-se e a falarem, o que deveria ajudar bastante.

Qual o papel da comunidade nesta articulação?

A comunidade tem o papel mais importante de todos. A comunidade reflectirá, como eu disse há pouco, o que são as famílias. Se nós temos muitas famílias que não querem estar preocupadas com o futuro dos filhos, ou se tivermos muitas famílias que não tenham filhos, ou famílias que os filhos já tenham uma idade maior e não queiram saber dos filhos dos outros ou dos jovens do concelho, ou seja, se tivermos uma comunidade egoísta, pouco solidária, pouco propensa em trabalhar em voluntariado, pouco propensa a ter associações cívicas que promovam determinado tipo de actividades, é muito difícil trabalhar determinado tipo de investigação. Nos concelhos urbanos os problemas são outros, mas, por exemplo, no concelho de Mértola onde a desigualdade de oportunidades ainda é grande, um miúdo do monte não tem oportunidade de contactar com as novas tecnologias, nem de contactar com determinado tipo de situações da vida, que quando for jovem ou adulto o iniba de muitas coisas. Eu vejo pela ADPM, para além dos vários postos de trabalho que cria e cursos de formação, tem feito um trabalho imaterial importante, por exemplo as colónias de férias, proporcionam experiências de vida aos miúdos, mesmo em relação ao tabu do sexo, que se as crianças começarem a ser desinibidas logo cedo para certas questões darão melhores membros da comunidade. Muitas vezes quando se pensa na comunidade penda num papel mais material, o que se pode fazer por isto ou por aquilo e, esquece-se muitas vezes da própria mente do miúdo, da própria psique do miúdo e, eu acho, que é neste aspecto que a comunidade tem um papel muito importante, por exemplo nos valores de referência, nas questões da auto estima, nas questões do orgulho, orgulho de ser da terra, dos valores da terra, dos valores da família. A comunidade acaba por ter um papel mais importante do que a família porque a pressão social que a comunidade exerce pode ajudar a que as pessoas tenham mais cuidado com determinado tipo de aspectos, agora a comunidade é o reflexo daquilo que existe.

Desvantagens que existe da não participação dos pais na escola?

Eu diria que a maior parte dos pais não tem oportunidade de acompanhar a formação escolar dos miúdos o que faz com que o miúdo passe muitas horas na escola, uma boa parte do seu carácter forma-se na escola. Se os pais não acompanharem e não tiveram uma preocupação, até porque o comportamento do miúdo na escola pode ser completamente diferente fora dela, e isso é muitas vezes notório, se os pais não acompanham essa faceta do miúdo, por um lado deixam nas mãos dos professores a formação, que é um risco enorme porque pode ter o azar de apanhar um mau professor, ou uma turma muito grande com alguns elementos complicados, se os pais não acompanharem faz com que os miúdos não sintam em casa determinado tipo de apoio ou de segurança, ou explicar as coisas que eles não conseguem perceber e lhes dêem algum conforto.

Acha importante o relacionamento entre os idosos e as crianças? Haver uma troca de saberes?

Sim, acho fundamental. Mas esta aproximação deveria ser feita em casa, no sei da família, em lares só se estes forem limpos e tiverem um ambiente familiar, porque caso contrário ainda aumentaria o fosso entre os idosos e as crianças. Agora o cerne da questão, digamos assim, em termos de relação entre crianças e os idosos, eu diria que é mais importante do que os pais, quase.

Porquê?

Porque os idosos não têm muitas vezes a responsabilidade de ser pais, isso faz com que tenha de contrariar os filhos, e os idosos são muitas vezes mais tolerantes, muito mais sábios, muito mais vividos do que os próprios pais. Por outro lado têm uma experiência acumulada e, sobretudo uma cultura oral que é de longe muito mais importante do que a cultura livresca. Falar com os idosos, por cada vez que se fala com um idoso, é uma experiência acumulada que eles têm e nos transmitem e, para além disso têm muito mais disponibilidade para tal do que os próprios pais. Estas circunstâncias podem-se proporcionar e aí a família tem essa função, essa obrigação, a comunidade pode fazer com que as gerações mais velhas e as gerações mais novas hajam um determinado tipo de penar, onde estejam os valores de solidariedade, de paz, de amizade, tolerância, que são transmitidos muito mais facilmente pelos avós, pois os pais estão mais preocupados com questões monetárias e acabam por transmitir este tipo de valores aos filhos, de terem sempre mais.

Os idosos transmitem valores de identidade, de cultura oral, de histórias, de contos e lendas, de gastronomia, etc.

As crianças, que podem elas ensinarem aos idosos?

Ensinar, ensinar não mas, as crianças podem mostrar aos idosos que até ao último dia têm um papel importante e, isso é o maior com tributo que as crianças possam dar aos idosos, se as crianças estabelecerem essa relação se as instituições, as escolas, as famílias proporcionarem esta colaboração, isso seria o maior contributo que a criança daria ao idoso. Se os avós sentirem que estão a dar um contributo grande para o crescimento e desenvolvimento dos netos, acabam por se sentirem úteis até ao fim.

Em relação às TICs? Acha que as crianças poderiam elucidar os idosos nesta questão?

Neste tipo de coisas, acho que sim, embora não ache muito importante. No nosso concelho as questões imateriais são mais importantes, via com melhores olhos se os idosos, do nosso concelho, participarem mais na vida das crianças, na escola, com coisas a sério, com projectos educativos a sério. Encontrar formas de a comunidade escolar poder contara com a participação dos idosos em projectos educativos, indo para além das histórias, etc.

Ent. N.º7

Presidente do Agrupamento de Escolas de Mértola

Na sua opinião, acha que em Mértola existe parcerias culturais?

Sinceramente se não fossem as parcerias que, entretanto foram protocoladas, seria quase impossível trabalhar. Por muitas razões temos parcerias com muitas, ou praticamente com todas as organizações, pelo menos tenho algumas projecções com na Vila de Mértola, que é o caso da ADPM, que é o caso do Clube Náutico, que é o caso da Câmara, que é o caso do Campo Arqueológico, por exemplo por cederem-nos os transportes, por cederem-nos muitas vezes ajuda monetária, nós cedemos os nossos recursos, os professores, equipamento, essas coisas. Realmente se não fossem as parcerias era muito difícil trabalhar. Nós temos recursos que eles não possuem e vice-versa e, se não se partilhar umas coisas seria muito difícil trabalhar e assim é muito mais fácil, fazemos um esforço para nos entendermos, fazemos um esforço para que os nossos objectivos em termos de planificação a longo prazo sejam, na medida do possível, comuns e, parece-me que, se vence muitos obstáculos que à partida seriam intransponíveis.

E no aspecto da articulação entre as instituições nestas parcerias, acha que há uma boa articulação?

Eu acho que poderia ser melhor, as coisas podem sempre melhorar, mas também tem haver com o volume de trabalho que existe na escola e que também existe nas outras organizações. É lógico que não fazemos tudo o que pretendemos fazer e o que inicialmente está planificado, fazemos o que é possível, há uma diferença entre uma coisa e outra. É lógico que é possível fazer ajustamentos, é lógico que se devem fazer ajustamentos, é lógico que se deve fazer mas, nem sempre é possível atingir todos os objectivos. As parcerias podiam ser melhores, mas no fundo faz-se aquilo que se consegue fazer, se pode, dentro das nossas limitações, também por o facto de estamos inseridos na região em que estamos, tendo em consideração todos os obstáculos que à partida, outras organizações inseridas noutros meios não têm, nós temos o isolamento, temos a distância entre as várias localidades, temos um conjunto de características que, se calhar, só o Concelho de Odemira é que tem. Portanto é difícil gerir as coisas de uma forma fácil.

Quais são as maiores limitações que existem em Mértola?

São as características intrínsecas do concelho.

Em relação à Família, qual seria o papel da Família nesta articulação?

O topo desta casa foi sempre abrir as portas, ou pelo menos fizemos todo por isso, abrir as portas à comunidade. Abrir as portas às famílias para verem o trabalho, que vejam o trabalho que é feito aqui na escola, porque não temos nada para esconder, rigorosamente nada a esconder, antes pelo contrário, só esperamos que as famílias participem mais na escola, que nos critiquem de uma forma construtiva, que apontem o que está mal, que apontem o que está bem que, no fundo, que nos ajudem e que sejam um parceiro nesta tarefa que todos nós temos, o que trabalhamos na escola, Educar, Formar e Socializar. Só me parece que as famílias se desligaram um pouco no processo educativo das crianças. Os pais estão cada vez interessam-se menos, e não estou a dizer como uma questão de personalidade ou de falta de princípios, que é um facto, é que a sociedade, hoje em dia, é muito exigente para com os indivíduos. Os casais trabalham, nem sempre têm tempo, nem a paciência, nem a disponibilidade para dar aos filhos e depois todos sofremos com isso, sofrem as crianças porque não têm a motivação que deveriam ter para alcançar os objectivos que a escola propõem, sofrem os professores que fazem um esforço adicional para se adaptar a essa falta de interesse, essa demonstração que todas as crianças de hoje em dia, mais ou menos, apresentam e, no fundo estão, de certa forma a comprometer o trabalho da escola que, hoje

está condenada a falhar. Está condenada a falhar porque os papéis inverteram de tal forma que reúne neste momento tantas competências e, cada vez mais, ainda no outro dia falava o Governo, pelo menos o Sr. Primeiro-ministro, a dizer que as escolas ainda podem fazer mais, porque podiam substituir os furos, porque podiam cuidar dos miúdos na férias ou seja, a escola hoje em dia tem tanta coisa para fazer que está condenada a falhar. Os professores hoje em dia são dos profissionais, da nossa sociedade, que mais são apontados, que mais são pressionados, muitas vezes mal entendidos, mas o papel do professor tem de ser considerado que hoje não é fácil, nunca foi e cada vez é mais difícil. A escola hoje em dia reúne todas as competências, tem de fazer tanta coisa, resolve tantos problemas que devia ser a família a resolver, que é um pouco difícil. A escola tem um papel muito difícil na sociedade, mas quer dizer, nós estamos aqui para nos esforçarmos e para fazermos, o que no fundo, está ao nosso alcance. Não podemos fazer mais do que isso.

Qual o papel da comunidade aqui?

Acho que a comunidade se deveria apresentar de outra forma, Nós temos, por exemplo, a Assembleia de Escola, é no fundo um órgão onde normalmente deveriam estar representados vários elementos da comunidade, geralmente não o fazem. Ainda não perceberam que a escola, em qualquer meio que esteja inserida, tem um papel determinante para o desenvolvimento desse mesmo meio. Como há muitas pessoas que ainda não perceberam isso, muitas pessoas que têm aqui os futuros profissionais, têm aqui no fundo o futuro desta terra também, todos passam por aqui. No fundo o que eu quero dizer é que não se dá a devida importância à escola. Hoje em dia a escola chama a comunidade a si, estou a dizer esta como qualquer outra, mas no fundo a comunidade não participa como nós queríamos. Interessa-se pelas actividades, mas não participam como deveriam participar. Isso é uma forma de motivar as crianças e, também os professores, porque se interessam por aquilo que eles fazem.

E a escola, acha que a escola já faz muito para tentar resolver esta situação ou poderia fazer mais alguma coisa?

Como disse há pouco, há sempre oportunidade para melhorar. Não me parece que a escola esteja a fazer tudo o que é possível fazer. Mas o que tentamos fazer, todos os dias é que a comunidade se aproxime cada vez mais, por exemplo, com a Câmara temos cada vez mais contactos, com a ADPM, temos cada vez mais protocolos com o Clube Náutico temos a funcionar a Rádio, que é dinamizada por elementos do Clube Náutico, temos um centro de formação desportiva que tem um professor, o nosso professor de educação física. No fundo é um Centro de Formação para professores de canoagem, do grupo de Educação Física e, eu acho que nós estamos a fazer um esforço para aproximarmo-nos e as respostas nem têm sido más, podia ser melhor, mas não tem sido mau. Estamos a ter dificuldades e com a colocação dos nossos alunos para fazer estágios, nesta área, ou seja, em mercado de trabalho Mértola é aquilo que é, não tem um tecido industrial e empresarial, certa forma não é nada de especial, e não tem capacidade para absorver os nossos alunos. Eu compreendo isso, mas nós também fazemos um esforço para formar pessoas que preencham os eventuais lugares que possam aparecer. Nós não temos interesse nenhum em formar pessoas, por exemplo na área dos têxteis ou da informática, porque sabemos que não os podemos encaixar aqui. Que o nosso interesse é formar pessoas que fiquem e que criem a sua família e, não vão daqui à procura de emprego, porque qualquer dia, se pensarmos assim, esta terra não tem cá ninguém. E eu entendi e, estudei sempre fora, estudei aqui até ao 9º ano, e a partir daí sai, só voltei quando terminei o curso e, eu realmente, não queria fazer parte do problema, queria fazer parte da solução, e fazer parte da solução é fixarmo-nos aqui, esta é a nossa terra e tentarmos desenvolvê-la. Não é agarrarmos as nossas coisinhas e na nossa família e vamos embora para outro sítio. Isso não é resolver o problema mas agonizar o problema.

Porque é que esta articulação não funciona bem?

Eu acho que o diálogo poderia ser mais frequente, acho que deveria haver planificações comuns entre as várias organizações, que tivessem como objectivo a fixação desta gente, que é um dos maiores problemas deste conselho, que é fixar os nossos recursos humanos. Curiosamente estamos a importar outros recursos de outras zonas não sei porquê, quando temos aqui gente capaz para fazer as coisas, é isso que não consigo compreender. Se é necessário criara incentivos para fixar esta gente e, enquanto não se criar incentivos para se fixar profissionalmente os recursos humanos, a escola estará sempre um pouco à margem. Se realmente o contexto empresarial fosse diferente eu tenho a certeza que a escola funcionaria de maneira diferente. Mas também é verdade que a escola se tenha de adaptar à realidade do mercado, nós tentamos fazer isso, tentamos ouvir as pessoas, tentamos saber, dentro das possibilidades dos alunos, o que é que se pode fazer por eles e não é por acaso que temos neste momento quatro cursos profissionalizantes. O que estamos a tentar fazer é que os miúdos não cheguem ao 9º ano e tenham de sair, nós estamos a fazer um esforço para que eles fiquem, se formem numa determinada área, porque isto é um país de Doutores, e Doutores já há demais. Temos é que formar técnicos, é isso que nós estamos a tentar a fazer. Formar técnicos numa área que na zona de Mértola não tenha muitos profissionais. Embora exista algumas profissões, muitos deles não têm formação necessária para dar resposta à necessidade de mercado, e o que acontece, as organizações vêm-se na contingência de ter de chamar pessoas de fora ou comprar coisas fora daqui. Isso não é bom para ninguém, nem para as organizações porque estão a importar um recurso, que poderia aceder mais facilmente nesta área e a preços mais competitivos aqui e, não está a beneficiar os recursos humanos do concelho porque, entretanto, chega a um ponto que se tem de ir embora ou tem de fechar as portas. Ora voltando à pergunta, eu acho que é sempre possível fazer melhor a escola pode e deve continuar a tentar abrir as portas, mas tudo está relacionado com o facto de os professores ainda entenderem que a escola é um espaço dos professores, e enquanto não tirarem essa ideia da cabeça as coisas nunca funcionam em pleno, felizmente as cabeças estão a mudar e os próprios miúdos fazem com que as pessoas, no fundo, comessem a mudar de ideias. Porque cada vez mais os pais têm de estar em contacto com os professores e vice-versa, os pais, hoje em dia, têm competências na área da avaliação das crianças, como tal é quase obrigatório haver uma estreita relação entre a escola e o meio. Mas não tem de ser uma relação imposta, tem de ser uma relação negociável. Porque nem os pais podem chegar aqui e dizer vocês vão fazer assim, e devem fazer assado, cozido e frito, nem nós professores devemos dizer aos pais como é que eles devem educar as crianças. É nesta fronteira que se deve trabalhar. Diálogo não é só criticar, é negociar e ceder, e é isto que as pessoas devem meter na cabeça.

Que papel deveria assumir a escola na tentativa de mudar?

Em termos legais a escola está a fazer tudo o que está ao seu alcance. O que se deve fazer é panificar mais actividade, que aproximem os professores e os encarregados de educação, ou seja, incentivar actividades organizadas pelos pais e professores que permitam a participação de pais, professores e alunos e que se comesse a ter uma consciência de Comunidade Educativa. Quando se fala de Comunidade Educativa é tudo muito engraçado, a Comunidade Educativa somos todos nós, mas é um cliché, não é mais do que isso. Comunidade Educativa existe quando todos nós conversa, quando toda a gente está interessada na conversa, e quando essa conversa produz qualquer coisa, isso é que é uma Comunidade Educativa. Se na escola se educar e em casa deseduca ou, se em casa se educa e na escola se deseduca, não é bem o temos mas tudo bem, as coisas não funcionam. Eu acho que passa por organizar mais iniciativas em conjunto, passa por dialogarmos mais e, passa no fundo em conversarmos de uma forma informal, de aceitarmos as críticas, de fazermos propostas, também de melhoria e de nós tentarmos melhor, que é isso que faz falta.

Em relação à família, que papel deveria tomar a família para alterar tudo isto?

Nisso toda a gente está de acordo. Estão os pais de acordo e estão os professores de acordo. Deviam participar mais na vida escolar das crianças e só isso. Desde que fizessem isso já era uma grande ajuda. Os encarregados de educação que se dirigem mais à escola são aqueles que não é preciso aparecerem, porque os filhos não faltam, têm boas notas, são alunos que não têm problemas de comportamento, nada, no entanto aparecem. Interessam-se e revelam também que em casa há um trabalho deles como educadores, e no fundo não procissão de vir à escola porque esse trabalho de casa é feito. Em contra partida temos os miúdos que dão problemas praticamente todos os dias, em que os pais não estão minimamente interessados em dirigisse à escola. Não sei se porque não querem ser chamados a atenção, e porque acham como educadores não falham, ou seja, não têm disponibilidade para o fazer. Só uma das coisas que eu realmente gostaria que se fizesse era um trabalho de fundo nessa área. Não os podemos obrigar a participar da vida escolar das crianças, mas tentarmos arranjar estratégias que os aproximar da escola e que fizesse com que eles participassem mais. Que tipos de incentivos de podem dar a essas pessoas? É difícil encontrar incentivos, toda a gente entra às 9 horas e as 8 horas e sai às 5 horas, é quando as crianças saem, nós já adaptamos os horários de recepção dos directores de turma para tentar receber as pessoas, marca-se para a hora de almoço, que é normalmente quando as pessoas têm disponibilidade para sair um bocadinho, ou ao fim da tarde, mas as pessoas ao fim de um dia de trabalho ainda ir à escola, para ouvir o que o professor vai dizer, que o filho fez isto ou aquilo, não é fácil. Mas realmente a única coisa que os pais podiam fazer era participar mais na vida escolar.

E a comunidade?

É assim a comunidade é muito abrangente. Há regras que estão oficiosamente em rigor na sociedade que no fundo influenciam a comunidade. E o que está a acontecer à nossa sociedade? Em termos gerais está a perder os valores, o respeito pelos idosos, os miúdos hoje em dia são educados para pedir. São educados para não ter responsabilidade e são muito mimados. Eles vão sofrer muito porque a sociedade que vão enfrentar, o mundo do trabalho que vão encontrar daqui a uns anos, quando abandonarem a escola, eles ainda tem uma ideia que vão continuar na escola para sempre, que isto é um mundo perfeito, entra aquelas horas, sai aquelas horas, cheguem a casa dorme, comem, vêm televisão divertem-se, ao sábado saem com uns amigos, bebem uns copos, vão à discoteca e acham que a vida vai ser sempre assim. Ainda se vê miúdos com 16 e 17 anos que têm esta forma de pensar, que acham que nunca vão chegar ao mundo do trabalho, não têm, de trabalhar, que não vão ter grandes responsabilidades e que as coisas vão ser uma pouco assim.

Há uma inversão de valores incrível. Vemos exemplos gritantes disto todos os dias na televisão e no nosso dia a dia, o que eu quero dizer com isto é que é muito difícil mudar ideias que neste momento já estão interiorizadas, que os professores ganham muito, trabalham pouco, têm muitas férias, o que se ensina hoje na escola é só conversa de "chacha", antes é que era bom, mas o que a escola tem feito nestes últimos anos é adaptar-se a este tipo de valores. Está instalada uma cultura de passividade nas escolas e de facilitismo, aquilo que os nossos miúdos aprendem na escola é aquilo que a nossa sociedade pede. E a escola só faz isso, a escola anda ao sabor desta corrente. Se antigamente se ensinava melhor, tenho dúvidas. Neste momento 95% dos nossos profissionais têm estágios profissionais, à 20 anos atrás, nesta casa, tínhamos 10%, isso quer dizer que funcionava melhor nessa altura? Não quer dizer isso. Nós temos de olhar para os números, temos de nos concentrar nos números, não podemos concentrar naquilo que as pessoas dizem. Mudar a comunidade é muito difícil. Agora o que a escola tem de fazer para mudar o estado das coisas? Para fazer mudar a sociedade tem de mostrar à comunidade que há responsabilidade, que temos valores, que ensinamos valores, que está instalado uma cultura de exigências e que tentamos fazer melhor pelos nossos alunos. É isso que a escola tem de mostrar à comunidade se quer mudar a comunidade, se quer mudar a imagem que passa lá para fora, tem de trabalhar assim porque se não continuamos

a impor exemplos que vêm de fora, que é isso que as escolas fazem e, depois damos a imagem que ninguém trabalha, que os professores ganham muito, trabalham pouco, e têm muitas férias. E é assim, e continuamos a ter mais competência, toda a gente descarrega competências em cima da escola, quando toda a gente já chegou à conclusão que não temos capacidade para fazer aquilo que já temos que fazer. Mudar a comunidade não é muito fácil, primeiro temos que nos mudar e com a imagem que deixamos depois transparecer é que mudamos a comunidade.

Possíveis vantagens para o aluno na participação dos pais na vida escolar?

Tantas. Hoje em dia os alunos têm todos os recursos à mão. Eu lembro-me, que frequentei esta escola até ao 9º ano, estamos a falar de há 20 anos atrás, frequentei esta mesma escola. Naquela altura havia um mediateca, uma biblioteca, não havia vídeos, nem CD, com meia dúzia de livros, os recursos eram escassos, ou praticamente inexistentes, não havia uma televisão, nem havia um vídeo, nem filmes, nem DVD, nem Cd-rom, nem acetatos, nada dessas coisas. Hoje em dia eles têm tudo e mais alguma coisa. Têm laboratórios, têm ateliers de arte, têm uma sala de alunos com televisão, com computadores, com CD-ROM, têm todos os livros e mais alguns que possam imaginar, têm uma biblioteca como deve de ser e, no entanto, eles não se esforçam. O que isto quer dizer é que os pais têm um papel determinante na potenciação dos nossos recursos, se eles se interessam pela vida escolar, se eles todos os dias, em casa, nem que seja meia hora, forem ver os cadernos para verem o que fizeram, quanto é que tiveram nos testes, basta mostrar interesse para os motivar, porque eles precisam de ser motivados. Eu tenho exemplos todos os dias, ainda no fim-de-semana fomos para Évora participar numas Olimpíadas de Química, ganharam o 2º e o 3º lugar, e pela primeira vez eu vi que a motivação é importante para projectar aqueles alunos. Se nós mostrarmos que nos interessamos, que ficamos felizes com os bons resultados, que não ficamos muito contentes com os maus resultados, basta mostrar que nos interessamos e que têm de trabalhar e incutir-lhe valores de excelência, de esforço e de sacrifício que hoje em dia é necessário. Hoje em dia quando se fala de escola não se fala de sacrifício, não se fala de estudo, não se fala de trabalho. Se realmente a família se interessar e mudar os métodos de trabalho das crianças e tirar a televisão do quarto e, só deixar jogar na PlayStation ao fim-de-semana, ou se lhes deram prémios se atingirem aqueles resultados e nem sempre o que lhes dá na cabeça, ou o que lhes pedem, as coisas mudavam. Agora o menino chumba compra-se o telemóvel à mesma, o menino tem uma negativa no teste Y ou Z, "olha deixa lá, para a próxima é melhor, mas tola lá isto.", se o menino chega à loja da Levi's ou da Salsa, "Olha quero aquelas calças. Quanto custa? Não sei. Toma lá.". Se eles não sentirem que há sacrifício da nossa parte para termos dinheiro para lhes dar as coisas, não dão valor a isso. Portanto é determinante o papel dos pais nestas coisas.

Vantagens que existe para a formação cultural dos jovens com a troca de saberes e uma lidação com os idosos?

Acho que os idosos são uma fonte de saber que ninguém deve ignorar. Também sinto que os miúdos de hoje em dia dão pouca importância a isso, acham que os velhos não têm nada para ensinar, já os pais não ensinam nada. Os miúdos de hoje em dia têm uma visão muito distorcida do que as pessoas lhes podem ensinar, são muito senhores do seu nariz, acham-se senhores da razão, acham que já sabem de tudo, é muito difícil convence-los a fazer determinado tipo de coisas. Acham que aquilo que os pais dizem é que é verdade e muitas vezes fazem com que os pais acreditem no que eles dizem e o que os outros dizem é mentira. Isto porque eles sentem força por parte da família. Se realmente não se educarem para os valores e para a cidadania, para eles terem uma formação cívica diferente, eles não vão dar valores a essas coisas. Os idosos hoje em dia são lixo, não têm nada para nos ensinar, não sabem de nada, são antiquados, estão ultrapassados, é esta a ideia que há na juventude. Têm interesses completamente divergentes daquilo que deveria de ser, hoje em dia interessam-se por telemóveis, pela discotecas, pelas musicas da moda, nós já tivemos esse comportamento, mas as coisas estão de tal ordem invertidas, ou não evoluímos, mas há uma inversão de valores, não respeito para com os outros, não se

dá valor ao sacrifício, não se dá valor ao esforço, e é isso que eu quero dizer com inversão de valores. Não há uma cultura de responsabilidade, ninguém quer ser responsável, toda a gente critica e não quer ser criticado, toda a gente quer ser respeitado e ninguém respeita, no que respeita aos jovens. Esta inversão realmente preocupa-me, a escola pode fazer algumas coisas e, tem neste momento, disciplinas de Cidadania e do Mundo Actual, para resolver estes problemas, mas quem tem um papel determinante são os pais. A escola não vai ensinar a respeitar os idosos ou ensinar a respeitar e a ser respeitado, abre as portas. A escola pode e tenta fazer mais, mas os pais não se podem desligar completamente, têm de dar o seu contributo, têm de perceber o papel da escola nesta área que é muito difícil. De facto existe uma inversão de valores, principalmente na questão da responsabilidade e do respeito. Só se respeita quem impõem regras de uma forma sisuda, quando não tinha de ser assim e eles também não se esforçam para serem respeitados, eles querem ser respeitados mas não se sabem dar ao respeito. Há muito trabalho nessa área que tem de se começar a fazer muito cedo. Há muitas coisas que podemos fazer mas depois temos os programas a cumprir e não se pode perder muito tempo com a questão da cidadania e da formação cívica, mas tem de ser feita alguma coisa.

O que os jovens podem ensinar aos idosos?

Também podem ensinar e é essa troca que podem nascer coisas bonitas. Hoje em dia já assistimos ao miúdo que vai no banco de trás do carro com o pai, o pai atira a biata pela janela e o filho chama-o à atenção que aquilo não se faz, que pode pegar fogo à mata, por exemplo. O pai quando houve dizer certas coisas ao filho tenta cumpri-las para parecer bem ao filho. No Centro dos Montes Altos foram os jovens que ensinaram os idosos a ligar e a desligar o computador, ver coisas na Internet, a consultara o jornal, etc. Na troca de experiências entre gerações nascem sempre coisas bonitas.

Ideias para promover esta articulação entre Família/Escola/Comunidade?

Mais abertura por parte dos professores. Mais propostas/criticas/sugestões da comunidade, dos encarregados de educação, da Associação de Pais. Mais participação por parte dos encarregados de educação, mais deslocações à escola, melhor acompanhamento do processo ensino/aprendizagem, consulta dos cadernos, acompanhamento na resolução de trabalhos e exercícios e contacto frequente com o Director de Turma.

Com a comunidade mais contactos, mais protocolos e mais parcerias. Mostrar à comunidade o que se faz e mudar a imagem da escola com muito trabalho, com sacrifício e com resultados.

Ent. 8

Directora Técnica da Santa Casa da Misericórdia de Mértola

Pergunta: Na sua opinião existem parcerias culturais, entre as instituições, aqui em Mértola?

Sim já se deram alguns passos nesse sentido, o certo é que grande parte destes projectos que se fazem já são parcerias, já surgiu a Rede Social, os projectos que existem neste momento, grande parte deles são parcerias, quer seja o Projecto Municipal, quer seja o de Prevenção à Toxicodependência, existe um projecto, que se está à espera de resposta, que é o projecto Progride, foi feito também em parceria, idêntico ao projecto Combate à Pobreza. Mas ainda falta fazer muita coisa nessa área, a cultura de parceria está a construir-se, não está no início, mas está a ser construída. As pessoas têm de se habituar a trabalhar em parceria.

Pergunta: Em relação a uma articulação entre escola/família/comunidade?

É difícil falar sobre isso, por não estar dentro do assunto, mas em relação às nossas valências da infância acho que existe uma relação com a família, às valências e ao trabalho que é feito na creche e no jardim-de-infância. Já na Oficina da Criança é um bocadinho mais separado porque é ATL e é diferente. Mais que isso não sei.

Pergunta: Em relação à comunidade?

Nós fazemos várias actividades e tentamos envolver a comunidade, muitas vezes a própria família e o resto da comunidade. Há muitas actividades que a Oficina da criança faz que vão os pais e não só. O exemplo foi a angariação de dinheiro para as vítimas do maremoto e outro tipo de actividades que se faz e que se procura envolver a comunidade. Somos uma instituição que trabalha com um público-alvo e com quem está relacionado. Quem trabalhará mais a esse nível é a Câmara Municipal com as actividades grandes que nós nos envolvemos também. O ano passado fizemos os Fórum das Profissões onde envolvemos toda as escolas e a comunidade também e penso que também se está a fazer alguma coisa nesse sentido. Quando realizamos os jogos de lazer para os idosos também tentamos envolver outras instituições da mesma área, também há sempre alguém que vai lá da própria localidade. Penso que este trabalho vai sendo feito e, vai sendo feito conforme é possível

Pergunta: Quais as principais limitações que existem para não haver uma maior articulação entre a escola/família/comunidade?

Eu acho que por vezes o envolvimento da família acaba por ser complicado no sentido de que os pais não têm muita disponibilidade para. Participam nas actividades quando são chamados, envolvem-se mas depois não há aquela proximidade sem ser assim, esporadicamente falam com a educadora e com as auxiliares a perguntar como é que o filho está. Penso que tem haver com isso porque eles já têm tanta coisa para fazer que depois falta tempo para isso, para participar em actividades onde têm sido solicitados. Houve algumas actividades que aderiram mas houve outras a que não aderiram. Pelo menos há essa tentativa e a insistir-se e deve-se continuar a insistir e sensibiliza-los para essa importância.

A família não participa por não ter tempo?

Quando penso que a família não participa porque não tem tempo, não quero penar que é por não valorizar o trabalho que é feito, mas se calhar também falta um bocadinho de desenvolvimento que não lhes permite reconhecer a importância daquele trabalho, a importância que tem o ensino pré-escolar, para não falar da creche em que já é feito um grande trabalho pedagógico, sobretudo nos dois anos. Mas no pré-escolar ainda há uma pedra para receber que é importante para as crianças. A educação deles "formais" começa ali. Faz-se muita coisa a partir dali, o pré-escolar deveria ser obrigatório. Ainda há muita coisa a fazer nessa área.

Pergunta: Na sua opinião o que poderia fazer a escola para os pais perceberem a importância deste trabalho?

Não sei, tem haver se calhar com a questão do envolvimento e com a abertura. Pode ter haver com uma questão de mentalidade, mas eu acho que está a mudar, não sei se tem haver com os novos pais, também não sei qual a ligação dos pais com certa formação ou com certa ocupação profissional, com os outros que não a têm. Eu acho que quanto mais envolvido se está mais se percebe disso, e se tiveres mais próximo ou um conhecido que dê apoio é depois mais fácil perceber essa importância, mas ainda há muita coisa a fazer. A criança vai ao pré-escolar mais por necessidade da família porque o pai está a trabalhar, do que pela prática pedagógica educacional, ainda continua a ser isso. Eu acho que aos poucos se vão apercebendo disso e vão comparando com as outras crianças outras crianças que vão reconhecendo o trabalho que é feito no pré-escolar.

Pergunta: Em relação à comunidade, que papel deveria ela assumir visto que ela também é importante no crescimento da criança?

Sim a relação com a comunidade com este tipo de ensino ainda não é muito visível. Uma das reacções que tivemos foi o grupo de voluntariado, um grupo de pessoas da comunidade que decidiram dar um bocadinho delas para ajudar e participar em actividades destas. Já é bom ter começado a existir.

Pergunta: Porque é que acha que entre estas três instituições não funcionam bem, visto que ainda há muito a fazer?

É a tal cultura que não está definida. Isto ainda não está dentro das pessoas, e que elas têm de se envolver em tudo isto. Se calhar há pessoas que sentem que não devem influenciar neste tipo de serviços e saberem até onde podem participar, falta um bocadinho isto. Tem haver com a nossa mentalidade, cada um no seu cantinho e pronto. Mas eu acho que está a ser feito um trabalho e que já existe alguma proximidade. São coisas que levam muito tempo, principalmente quando se falam em formas de pensar, são muito difíceis de mudar.

Pergunta: Quais serão as consequências de uma não participação dos pais na educação dos filhos?

É quase óbvio. O não haver a continuação de um trabalho que é feito, por exemplo no jardim-de-infância, coloca em causa o desenvolvimento da criança. Se a criança continua a ser estimulada em casa, se participar noutras actividades cá fora com a companhia dos pais, já incentivados um bocadinho pelo jardim-de-infância, é óbvio que o desenvolvimento da criança é muito mais saudável, mais global e é uma continuidade. Se isso não acontecer eu acho que é o caos. O facto de na escola ter um certo tipo de regras e são trabalhados vários aspectos e a criança chega a casa tem outras regras, ou não tem, chega a um ponto que a criança não sabe o que está correcto. Mas eu acho que se está a fazer um trabalho e que não se vai voltar atrás. Já há muitas famílias em risco a serem trabalhadas e é feito um trabalho para que não hajam barreiras no desenvolvimento destas crianças por não haver participação dos pais. Nestes projectos há uma articulação entre as instituições envolvidas. Agora há uma comunicação entre as instituições para ajudar essas pessoas a terem as informações que necessitam.

Pergunta: Qual a importância da relação entre os idosos e as crianças. Haver uma troca de saberes?

Nós já temos feito algum trabalho nessa área e já temos formas de dar continuidade àquilo que os idosos sabem, é passar isso às crianças. São hábitos diferentes, são educações diferentes, são actividades diferentes, mas que são também válidas embora já não existam. Os conhecimentos são diferentes e de facto há uma continuação e as crianças sabem o que se passou, o que aconteceu, é uma relação saudável para os dois lados, para eles idosos porque se sentem mais válidos e para as crianças porque gostam de ouvir aquelas coisas, como era antigamente, como se fazia, aprender actividades que se faziam. Temos trabalhado nesse sentido, realizamos várias actividades porque é bastante saudável, também para os idosos perceberem o que as crianças fazem agora, para conhecerem.

Pergunta: As crianças poderiam ensinar mais alguma coisa aos idosos, por exemplo em relação as novas tecnologias?

É muito giro quando se fala que os idosos também poderiam mexer no computador, ir à Internet, temos de pensar que idosos é que temos, são pessoas que se calhar isso não lhes diz nada. É muito difícil explicar o que é a Internet, explicar o que é uma tecla de computador e que se carrega e aparece no computador, a muitos deles não lhes diz nada, muitos deles não sabem ler nem escrever. Eu acho que se pode fazer alguma coisa com os novos idosos que já têm muitas noções nesta área, agora pessoas de 80 e 90 anos, como grande parte das pessoas que temos aqui em internamento, acho que não é útil e que não lhes vai beneficiar em nada. Poderá haver um ou outro que seja curioso e dar a oportunidade de ver e

mexer. Não vamos esperar que muitos adiram a essa proposta. Acho que a questão das TIC é complicado e não tem tanto resultado como outro tipo de actividades.

Ideias para fomentar mais esta cultura de parcerias?

Continuar a trabalhar mesmo que a adesão seja baixa, pode ser que vá aumentando e as pessoas se vão sensibilizando para isto. Não podemos desistir e deixar de fazer isto, porque são poucos, porque aparecem duas ou três pessoas, não pode ser por aí, e tem de realmente de continuar porque os novos pais, as pessoas mais novas vão percebendo que tem de existir este relacionamento entre todos eles. Entre a sociedade, entre a família, entre a escola, entre tudo isso. Ideias concretas não, mas parte das pessoas que estão a trabalhar com as crianças e com os idosos a ter esta iniciativa. Os idosos sempre que há um evento na comunidade e que possam participar eles vão, o mesmo acontece com as crianças.

Ent.nº9

Presidente da Associação de Pais

No Concelho de Mértola acha que existe alguma parceria cultural, entre por exemplo, estes três pilares: a escola, a família e a comunidade?

Há várias parcerias. Nós Associação de Pais temos com a Câmara Municipal, com o Clube Náutico, com a Santa Casa da Misericórdia, que entre tanto terminou. Gostamos de colaborar e de nos envolver nas coisas, mas quando nós começamos, o nosso trabalho, encontramos várias propostas de parcerias em que o que desejavam era que a gente assinasse sem conhecer nada e nós recusámos e não assinámos porque o hábito é assim, são maus hábitos na nossa opinião, mas temos parcerias, quer com a câmara, temos com o Clube Náutico e com a Santa Casa, já tivemos no Centro de Criança, mas entretanto já terminou, agora vamos nos candidatar a outro. Temos colaborado, está na nossa mão e está ao nosso

alcance. Todos trabalhamos, todos temos a nossa vida e não é muito fácil, não é? Mas pronto em tudo o que a gente consegue e achamos que tem interesse e portanto nós entramos e com gosto.

E no que existe: há articulação, ou desarticulação entre a escola, a família e a comunidade?

O que nós sentimos da parte da escola é um pouco o que também nos transmitem as outras associações de pais, aqui no Concelho de Mértola só há uma associação de pais, representa todos os encarregados de educação, quer sócios quer não sócios é o que diz o estatuto, quando surge alguma questão, como o de alguma criança ou ... nós vamos da mesma maneira tratar do assunto como os pais nos pedem, quer sejam sócios ou não, não nos preocupamos em saber se são e pronto. E relativamente a isso também houve com os governos do PSD e CDS houve um retrocesso porque os representantes dos pais participaram sempre, quando havia por exemplo, em processos disciplinares ou alguma ocorrência com algum aluno e isso foi retirado e agora é só a escola e os professores que participam. Portanto é chamado só aquele E. de educação da criança e não tem depois quando é decidido o que é que se faz relativamente à situação ocorrida o processo disciplinar que foi constituído, não é mais ninguém ouvido, isso foi um grande retrocesso que a nossa confederação diz que foi 20 anos para trás com estes governos anteriores. Esperamos agora que as coisas se modifiquem. Agora o que nós sentimos é que: palavras há muitas, " os pais nas escolas, os pais nas escolas, as famílias na escola porque os pais não aparecem é verdade que alguns não aparecem, isso é verdade, mas quando nós tentamos participar mais, não é muito bem visto eles tentam muitas vezes, e tanto que no último Conselho pedagógico onde fui, disse que: "afinal os pais na escola" e faltava dizer "queremos os pais longe da escola" falta uma palavra e portanto a participação, mas quando efectivamente se colocam questões que mexe digamos em termos de docentes e disciplinas e avaliações, não querem abrir, não querem concordar, não querem tentar, mas não conseguem porque a gente não desiste. Mas por outro lado as palavras são bonitas. Dizem sempre que querem.... Agora há pouco tempo até houve uma situação curiosa que foi: a associação de pais tinha antes de formar o agrupamento vertical tínhamos um representante no agrupamento de escolas, nas primárias, estou a falar no Conselho Pedagógico e na assembleia de escola e 2 na c+s como nós lhe chamávamos. Quando houve agora a junção do vertical, vai haver só um conselho pedagógico reduziram o representante para um E. de Educação, na reunião o representante disse que tinha feito pressão, achava que não podia ser porque o universo dos alunos é maior. Uma pessoa dificilmente consegue representar tudo. Mas disseram-lhe que era provisório... não sei quê... Depois quando houve outro pedagógico, antes da votação para a eleição do presidente do pedagógico "nós queremos desde já dizer que para representar apenas uma pessoa todos os pais a gente não vale a pena estar aqui. Pronto conseguimos dar a volta e já ficamos com dois. O que já não é mau porque 2 pelo menos 1 pode ter miúdos no c+s porque o concelho é muito disperso, é enorme e não é fácil, as pessoas não estão habituadas e nós contactamos às vezes com os representantes dos pais nesta escola e naquela e na outra e não é fácil esta ligação. E se uma pessoa tiver o concelho inteiro, pelo menos, que um tenha um nível de ensino, na c+s, por exemplo, e outro na primária ou na pré. Assim, pode-se acompanhar porque da outra forma é impossível. Mas estavam já arrumadinhos porque a participação na escola era essa. Se poderem ter 1 não têm 2. Mas quando são empurrados e confrontados acabam por ceder, mas tem que ser assim. Então, acho que sobre isso há muito trabalho a fazer, muito, muito trabalho e depois às vezes o que a gente verifica é que as pessoas, de um modo geral, não estamos a falar de ninguém em especial, o que desejam, portanto se pais põem um problema dizem que " sim senhor" e depois se o problema tem a ver com uma avaliação, umas aulas que não estão a decorrer da melhor maneira, o que temos que dizer aos filhos é que têm que respeitar os professores mas o contrário também tem que ser verdade, não pode ser como aconteceu há poucos dias, antes do final das aulas: "burros, estúpidos". O respeito, se queremos que os miúdos respeitem os professores tem primeiro de se fazer respeitar. E então se se entra

nisso há logo aquela barreira de protecção inacessível para que a gente não consiga, a abertura não é total nem pouco mais ao menos. O que temos que fazer muitas vezes é muita pressão, muito barulho e depois quando são confrontados com o facto, que já não têm saída, aí a gente ganha e ficamos muito satisfeitos. Tem que ser um trabalho assim, porque à primeira casos mais subtis, mais difíceis, não deixam entrar. Então reuniões que fazem com os pais às 2 da tarde, é para ir quem? Os pais têm direitos, os pais, alguns tão a contrato, como é que podem deixar... Alguns fazem as reuniões a um horário que os pais podem ir, alguns fazem, mas há outros que estão a borrifar para aquilo. O trabalho do Director de Turma (DT) é um trabalho muito importante e poucas pessoas o desempenham como deve ser.

Eu tenho a noção, mas não sou educadora, mas que é um sacrificio ser DT. Mas não devia ser, não devia ser porque, as pessoas têm essas horas, não estão a trabalhar gratuitamente. Têm essas horas, mas são lectivas, mas outras não são, é muito importante aproximar-se. Porque o que a gente sente o que os pais nos dizem o que os pais nos dizem é que vão lá uma vez, mas depois não têm muita vontade de ir, isto no geral, e pois há excepções, felizmente, mas devia ser ao contrário as excepções deveriam ser aqueles que não querem voltar. Mas como sentem um distanciamento grande " Sr/Sr^a prof flano tal", aqui deste lado há pessoas que até sentem vergonha de ir porque nem todas as pessoas estudaram e têm conhecimento das coisas e portanto em vez de sentirem uma voz amiga para os ajudarem, algumas vezes e muitas mais do que aquelas que nós desejávamos. A pessoa tem medo de dizer uma asneira do tamanho do mundo, mas se a pessoa tiver à vontade não tem problema nenhum em dizer. Há muito trabalho a fazer, enquanto as escolas não se abrirem não fizer entrar os pais não há nada a fazer. O que há a fazer é pressionar. Infelizmente é assim.

Aqui no concelho existem muitos pais com um nível de escolaridade muito baixo, devia ser papel dos professores ensinar aos pais como ajudar os filhos em casa...

Isso não acontece. Quando havia os tais processos em que nós participávamos, o objectivo não é haver processos disciplinares, nós não os queremos, mas quando existiam, nós tínhamos a preocupação de falar com o pai, com a mãe (às vezes estavam separados) e às vezes as pessoas perguntavam: "tenho vergonha, não sei como explicar", "Mas não tenha vergonha explique normalmente, todos somos Encarregados de Educação (E.E.) todos pais, o problema que o Sr. Ou Sr^a está a sentir hoje, podemos sentir amanhã, temos que falar à vontade." Seja em que área for, eu sou veterinária, lido com muita gente, tudo depende da maneira como as pessoas abordam os outros. Agora se a pessoa se distancia, as pessoas não se aproximam. O que nós sentimos, nas escolas é isso. O desejo deles é não dar muita confiança. Mas depois quando a gente os aperta com dados concretos, este jogo de cintura escusava de existir, porque todos queremos a mesma coisa: o melhor para os miúdos, a base de tudo têm que estar as crianças, mas muitas vezes o que é melhor para os miúdos vem em último. E enquanto assim for não conseguimos nada porque os miúdos acabam por pagar. A Associação de Pais tem ouvido situações de "bradar aos céus". Uma vez um Conselho Pedagógico estava eu e outra pessoa da Associação e estávamos a falar do insucesso da Matemática. Alunos que até ao 9º ano tinham 5, no 10º ano passaram para 3 e 4 de 1 a 20. Estranhissimo, não é?

E então a professora trazia lá escrito o que tinham dito na reunião, teve a ler:" Os alunos não faziam os trabalhos de casa, não se aplicavam..." Não pode ser a culpa só dos alunos. Não estamos a dizer que é dos docentes que estão cá agora, mas alguma coisa tem que ser feita. O que se faz para os motivar? " Motivar? Eu estou aqui para ensinar, não estou aqui para motivar!" E eu disse-lhe: "Olhe, Sra professora, desculpe-lá, a minha área não é esta, mas eu dei aulas por acidente, a Sra está para ensinar não está para motivar? Mas não sabe o que é ensinar, sendo assim!" Ouvem-se estas coisas, quer

dizer, de bradar aos céus. Andam aqui, mas o que é que andam a fazer? Não é? Como a questão de: os miúdos fazem mais perguntas " Não te preocupes isso não faz parte da matéria." Nunca se faz isso a um aluno! Mas faz-se tantas vezes. Hoje em dia eles já pouco se interessam, nestes meios rurais. A questão não é saber tudo, ninguém sabe tudo. Mas há muitas maneiras de dizer as coisas. Outros preferem dizer: " Para a próxima aula", pensando que os miúdos se esquecem, mas eles não esquecem e a resposta a seguir é essa.

As coisas como as coisas funcionam não tem a ver com a escola em si, não tem a ver com a colocação de professores, também tem a ver em termos de estabilidade, tem reflexo na qualidade de ensino, as pessoas não têm a mesma disponibilidade mental, tendo filhos longe. Mas não podem as coisas serem encaradas assim. Têm que ser encaradas... a pessoa se está longe ou se está perto, se está feliz e se estiver bem, a criança pode precisar de carinho. " Carinho? os pais que lhes dêem, eu não estou aqui para dar beijinhos". " Não desculpe lá, não estou a falar de beijinhos, o carinho não se transmite só com festinhas, o afecto há muitas maneiras de se transmitir. Há uma maneira " O que é que se passa contigo?". "Isso é o papel dos pais!" Agora, mais uma vez isso não é geral, mas o que é certo é que o outro lado poucas vezes ouve o contrário. Ouve isto que nos deixa abismados e poucas vezes se ouve o contrário. Por exemplo nessa altura que falámos da Matemática lembro-me de termos notícias fresquinhas sobre o facto de haver exercícios mal resolvidos, na aula, e como a professora estava para ensinar e não estava para motivar e os moços não valiam nada. É que deixam os moços de restos e alguns deixam de estudar, por causa disso. E a gente não pode deixar. Realmente não há motivação, os miúdos não podem ser os culpados de tudo, e são. Para a escola a culpa é sempre dos miúdos. Essa história da matemática, os alunos que até ao nono ano têm 5 e que passam para 3 ou 4? Alguma coisa se passou. A escola tem que ver o que se passa."Não fazem os trabalhos, não estudam" e então como é que se motiva esses alunos para eles estudarem mais? Já que eles não estudam? Mas que motivação possível? Eles olham para o quadro como um burro olha para um palácio! Essa professora já não está a dar aulas, ficou muito nervosa, ficou com insónias. Eu até dizia quando me contavam: "Mas que fique com insónias é melhor do que fique com os miúdos todos!" Ia dar aulas aos miúdos crescidos, não é mais importante dar aulas aos miúdos crescidos do que aos pequenos, é exactamente a mesma coisa... mas marca-os de uma forma... Não pode ser a gente tem que se insurgir contra isso e tem que dizer: "Um bom profissional aqui está". Eu conheci aí há tempos um bom DT que era professor de Educação Física, não é uma disciplina menor, é uma disciplina como outra qualquer, mas à partida há talvez disciplinas mais vocacionadas para a direcção de turma. O senhor era incansável, um amigo dos moços e quando ele dizia, eles nem reclamavam, adoram o professor. Havia disciplina, havia amizade, havia estima, mas porque é que uns conseguem e outros não? É a pergunta grande que se põe. Como é que essas coisas acontecem? Entristece-nos muito e nós não nos calam. A gente faz as nossas reuniões periódicas, conforme a necessidade, só que às vezes eu depois conto quando sou eu a ir conto aos outros "Mas conseguiste dizer isso? " Então, mas não era isso que tinha ficado combinado? " E mas é um bocado forte!" mas se não for assim não nos entendem. Só nos percebem quando a gente diz:" Não! Assim a gente deixa de vir cá" Se a gente conversa, ou se aparecesse aqui algum com responsabilidade na escola, o relacionamento óptimo que têm connosco "É tudo o que a gente quer e não sei quê..." Mas isso é só conversa porque tudo o que conseguimos, não vamos mentir, mas as coisas mais delicadas é que tem que ser porque de outra maneira... e o que nos desagrada é o jogo de cintura. A nós dizem uma coisa e do outro lado aos professores dizem outra sobre o mesmo assunto. Tem que ser a mesma coisa senão não vamos a lado nenhum. Nós queremos que as crianças aprendam felizes, "felizes? Alegria? Nós não somos palhaços!" Aprender com alegria é o desejável, aprender com alegria, porque é que há de aprender com tristeza?

Na minha formação inicial, eu tirei o meu curso na João de Deus sempre me disseram que a melhor maneira de aprender é brincando. E todos os materiais com que a gente trabalhava eram sempre com uma história...

A maneira de os motivar para chegar à aquisição de conhecimentos. Eu tenho uma amiga que tirou no João de Deus e que teve a dar aulas durante uns anos Anabela Chiola. Ela já saiu de lá há uns anos foi convidada para outra escola, para directora e ela depois saiu. No meio destes, como o nosso onde falando na c+s por ano mudam mais de 40 professores, quando vão conhecendo as dificuldades é altura de se irem embora. E depois vêm outros de princípio. Portanto, eu acho que não é assim. Em Mértola, se os professores tiverem estabilidade também fazem melhor, mas também não é desculpa para tudo, a colocação dos professores deverá ser pensada de outra maneira. Eu acho que não é a questão das pessoas não se preocuparem, assim chega. A minha mãe é professora, e o meu cunhado e ela, têm uma noção diferente de ver as coisas, mais ligada, ela está a dar aulas em Évora. E quando saio com ela há alunos que dizem "professora olá" Não preciso de falar dos outros tenho o meu que já tem 15 anos e tem o telemóvel de professores que passaram por aqui e manda mensagens pelos anos, Natal... Mas quantos são? Alguns nem dão os telemóveis aos pais "se precisar ligue para a escola!". Isto diz tudo! A reforma tem que ser grande, não só nos papéis, mas a nível das mentalidades. Pode estar tudo escrito nos decretos-lei, não se vai lá assim. Tem que ser a mentalidade. E o que às vezes, o que entristece, não são os mais velhos a terem as atitudes negativas, são os mais novos, mas são excepções. E como o quadro é diferente, é instável, vai sempre mudando... Se fosse estável, talvez ligavam-se mais à escola, ao meio, às vivências que eles têm, às suas famílias e as coisas iam-se encaixando, mas como mudam a toda a hora, não se consegue.

No início os professores vinham de longe, mas alugavam aqui casa e davam-se uns com os outros. Agora não se vê cá nenhum. Acho que há um grupo que vai para Évora outro que vai para Beja. Não há interacção com a comunidade, nem aproximação.

O desejável seria como há nalguns concelhos, casas de função para professores. Acho que é uma ideia que não está longe deste executivo. Se não há habitação para os residentes daqui, muito menos para..., mas isso seria uma ideia. As pessoas teriam casa, captava. As pessoas teriam casas a 1 preço mais baixo, por aí, seria um meio das pessoas se fixarem. As pessoas poderiam de vir para cá, seria uma ajuda. É uma maneira de se fixarem. De outra maneira as pessoas não se fixam cá. Não têm casa, os filhos estão num ano mais adiantado. A Secundária é mais complicado por causa da instabilidade para progredir para a universidade ou para um politécnico. E as pessoas começam a pensar nos miúdos e pensam ir embora. Nós temos um insucesso escolar e um abandono enorme no concelho. "E depois a escola é obrigatória manda a guarda". Isso não resolve nada. Na maior parte das vezes não vai guarda não vai nada. Os alunos não estão motivados, não falamos daqueles que têm as famílias disfuncionais, têm problemas grandes que não conseguem ultrapassar. Mesmo em famílias ditas normais, miúdos com 14/15 anos quando pergunto "o que é que queres fazer?" "quero ser como a minha mãe, ser cabeleireira" o desejável era ter outras aspirações, já que a mãe e o pai não tiveram essa facilidade. O desejável era por na cabeça deles, que podem ter um emprego melhor. Os miúdos não têm ambição. Aqueles que querem saber mais, dizer "Isso não vem não te preocupes" é muito negativo. Temos que acompanhar os miúdos que querem saber mais para motivar os que estão à volta. No primeiro período já se convidam os alunos a desistir, não estão lá fazendo nada. São os tais que olham para o quadro como um burro para um palácio, porque estes não entram no ranking1 Pois, o ranking é outra, o ranking só conta os que os que vão a exame, os que não vão não conta. Quando começam a ver: este vai para lá, em vez de dizer vamos recuperá-lo, mas que não passe este ano, em vez de saber para3 sabe para 7. Não

a ideia não é essa. Dedicam-se aos bons e os outros, realmente olham para o quadro como um burro para um palácio, porque ninguém lhes liga. De um modo geral claro. Depois desistem, fazem barulho...

No Algarve tenho uma amiga que é responsável de um projecto de currículos alternativos. Não é fazer guetos de miúdos, esses miúdos têm a atenção que eles precisa, mais especializada, matérias em termos de currículos que se adaptam melhor e os outros têm a atenção que precisam. O que é que acontece? Juntando turmas destas onde estão metade de um lado e metade do outro é um inferno, porque os outros não são miúdos com dificuldades de aprendizagem, são dificuldades das vivências que têm, da família, problemas que têm, os miúdos começam a ter problemas para estudar, para se concentrar. Uns são bons nisto, outros são bons naquilo, mas junto é difícil. Aqueles que querem estudar continuar, não conseguem puxar por eles porque passam todo o tempo "cala-te tu" e são todos prejudicados, são aqueles que estão mais à frente, que querem continuar e aqueles que não têm a atenção de que necessitam. Há outras perspectivas: vamos criar turmas disto, turmas daquilo. Cada um deve ter as suas necessidades. Se os alunos estiverem mais nivelados, todos estão a entender. Assim não! Até os professores dizem que "temos que nivelar pelo medíocre". Isto não é objectivo nenhum! Os outros que não conseguem mais, conseguem o melhor que podem e os outros vão descendo. Ouvem as tais respostas "Não te preocupes não vem...". Há muita coisa a fazer, inclusivamente, acho que deveria haver uma avaliação dos professores diferente. Se ninguém fiscalizar nada, porque hoje em dia como está, e nós vamos aos pedagógicos e o relatório feito das actividades desenvolvidas durante aquele período de tempo é satisfaz e toca andar e vai para todos. É preciso um professor não ligar coisa nenhuma, para não ter satisfaz. Se uma pessoa fosse avaliada de outra forma, seria diferente, as pessoas teriam que motivar. A gente já não ouviria aquela frase "Estou aqui para ensinar não para motivar!" Isto é uma frase que diz tudo.

Por exemplo, na João de Deus fui-me apercebendo disso, as educadoras, no fim de x anos para passarem de nível eram avaliadas pelos directores dos jardins-escola que eram também eles educadores de infância. Eram avaliadas por uma aula ou por uma actividade que preparassem.

Nós temos aqui situações de professores que são de cá, vivem cá, que quando os miúdos ..., estou só a dar exemplos negativos- mas também há muitos bons. Mas temos pena que os negativos sejam demais – uma professora que tem imensa experiência e até já fez um mestrado, dizer aos miúdos "quem é que vai fazer queixa à Associação de p.?" que era tipo queixa à judiciária. "o que se passa na aula é transparente, a porta da sala até estava aberta se não fizessem barulho. O que está na aula não é para ser segredo" Bem, pôs os miúdos de tal maneira, só que, o que é que tinha acontecido? Os pais dos moços vieram falar connosco e os moços não sabiam. Era uma turma de 12º. Nós nunca quando falamos, nunca dizemos se foi o pai deste ou daquele, só quando é um caso específico e que seja necessário. Senão nunca se refere nada, nem temos que referir. Levantou de tal maneira suspeitas que, colocou os miúdos uns contra os outros, um pavor que os moços viveram que é uma coisa completamente estúpida. Qual é o problema de dizer à Associação de p.?

É porque sabia que havia uma coisa que não estava bem. Se uma coisa não estava bem tinha que dizer: "Aconteceu isto assim por isto e por aquilo". Mas não, a tendência é logo camuflar e fazer com que os miúdos não contem. Tanto que depois os miúdos têm receio e não querem contar: "vou contar, vou dizer, depois eu é que sofro".

Mesmo na classificação dos testes, nos critérios de avaliação vem escrito que, quando solicitado pelos pais dos alunos, deve ser dada a percentagem. E no último Conselho Pedagógico, a pedido de alguns pais, nós falámos nisso. Vamos lá ver, um Satisfaz vai de 50 a 74, não é só para os alunos saberem, mas os pais. Um Não Satisfaz vai até 49. Portanto, qual é o problema de dizer? Ainda não percebi porque é que não vem lá escrito. Ficou combinado e decidido que vinha escrito, nos

últimos testes ninguém pôs, agora vamos lá ver e já tinha sido o Conselho Pedagógico. Agora vamos ver como vai ser no 3º período. Como vai ser? É a história do camuflar, esconder. Mas para quê? Não é? E os miúdos, alguns têm receio. Alguns dizem: "Olha lá a tua resposta, diz o mesmo, tu tens certo e eu tenho meio certo."

Entrevistadora: Infelizmente hoje, não podem descontar nos pais, descontam nos alunos.

Entrevistada – Há uns tempos atrás houve uma situação com um teste que nem se quer tinha a ver com a classificação, tinha a ver com a marcação. Porque outro problema que existe é o Desporto Escolar. O Desporto Escolar enquanto, nas primárias e nos jardins de infância tinham à 4ª a tarde livre, ali como uns entram às 8, dos muitos e não sei quê, nunca é à 4ª a tarde livre, pelo menos até agora. E depois fazem o desporto escolar nas horas que os outros, todos estão a ter aulas. Ficou decidido, e tinha toda a lógica, os meninos que participaram no desporto escolar não podem ser prejudicados. Então nesse dia, não só não se dá matéria e muito menos teste. Então houve um professor que teimou, virou-se para os moços e disse: "O problema é vosso se querem ir à prova, ao corta-mato". O professor em vez de auxiliar com a escola, ver o que se pode fazer, " vamos mudar o teste, para outro dia", fez o teste com os estavam na turma, e para os outros fez noutra dia em que eles já tinham um teste.

Entrevistadora – Que barreiras existem para não haver essa articulação tanto da parte da escola, como de família e da comunidade? Quais são as maiores barreiras?

Entrevistada – Vamos lá ver as barreiras do nosso ponto de vista são barreiras de mentalidades, porque cada grupo continua a pensar no seu cantinho.

Os Professores pensam entre si, protegem-se entre si, quem está na escola como é professor isso também é discutível questão do Conselho Executivo ser ou não constituído por professores, por um lado deveria ser, mas por outro lado deixa asas a estas coisas, como que defender profissionais infalíveis, não há, vou lhe dar um exemplo, para não dar só o exemplo dos professores. Nós quando foi o dia da escola que é em Janeiro, tinha ficado combinado no pedagógico anterior como é que nós podíamos participar em trazer alguém que motivasse os miúdos, um futebolista, um escritor, podia ser de várias áreas. Mas alguém que os chamasse a participar, Um dos elementos da associação que está responsável por esta parte, dos contactos, de organizar ... que é o Eng.º Vaz começou. Quando recebo no correio o convite já com o programa feito, sem nos perguntarem sequer portanto não sabiam se o contacto estava feito, já se tinha conseguido trazer ... não o programa foi recebido feito, isto diz tudo ... claro que cancelou-se logo tudo, não valia a pena contratar ninguém. Nós estávamos a aguardar resposta, tínhamos falado com várias pessoas e estava-se a aguardar, mas depois recebemos o programa já feito. Portanto, as barreiras, vamos lá ver, é claro que os pais têm que participar mais, porque nós representamos, mas os pais individualmente têm que se preocupar mais com os filhos, têm que acompanhar ... Nós sugerimos, que já funcionou este ano novamente porque já tinha havido há mais tempo, a caderneta do aluno para levar recadinhas para casa, para não ser só aquela carta quando já está tudo ... as faltas por aí aonde e outros problemas. Não só o DT mas qualquer professor a possibilidade de escreverem e os pais assinarem, tomaram conhecimento. Portanto os pais têm que participar mais é verdade que têm, se muitos não têm conhecimento, às vezes, são esses que vão, os outros não vão, preferem ficar no cafezinho e nem saber.

Uma coisa que me faz confusão é moços que vão para o 5º ano e os pais não sabem quando os moços têm testes. Eu no meu tempo a minha mãe não sabia mas a minha mãe não me sabia ensinar, tinha a 4ª classe, hoje tem 77 anos, agora, eles não sabem quando os moços têm ... então com a minha se não tiver essa preocupação, "Rita tens que estudar!" Na

Associação todos sabemos quando têm os testes para os motivar, para os ajudar se for preciso, agora uma criança de 10 anos, é que o 5º ano não é como era antes! E os professores no meu tempo até eram capazes de nos levar para casa, de nos ensinar, estar ali connosco. A vida agora tudo é diferente, não é? E faz-me impressão, "Parece-me que o meu já fez" não têm a certeza. E estou a falar de malta de 20 e tal anos, 20 e tal 30 anos deviam já ter outra mentalidade. Se não para estudar "não tenho tempo" a gente não tem tempo mas temos que ter prioridades. Por exemplo, eu quando calho a ter um Conselho Pedagógico que acabam sempre 10,10 e tal de noite, começa às 6 e acaba sempre depois das 10, em 90 e tal por cento das vezes, se a minha filha tem teste nesse dia, no dia seguinte, tenho que a ajudar. "Então mas afinal, a associação de pais, mas primeiro eu, quando é que faço as revisões". Porque a gente habituou-a a ela e o irmão, assim. E já é o irmão que a ajuda, não funciona sempre, que ela tem 15 e ele tem 10, nem sempre resulta, mas estimulá-los a ter boas notas, têm que ser os pais! E se alguns não podem fazer também é verdade. Há alguns pais que se demitem totalmente das suas funções, demitem-se simplesmente, não querem saber se são capazes de dar um abanão, que os moços não estudaram, mas entanto não fizeram nada para isso. Por exemplo, se tiver um problema e quiser ir de fim-de-semana não ver para onde, como já tem acontecido e eles terem testes, aquelas semanas em que eles têm testes antes das notas. Não podemos ir, não vamos! Porque a história de levar o livro ao pé do mar para estudar, não resulta coisa nenhuma, porque não estão concentrados. Agora, estou a falar daquela situação em que são vários testes, agora quando se tiver um teste à 3ª a gente não deixa ir. Eles têm que estar primeiro, podemos estar cansados, mas eles não podem ficar assim. E os pais, muitos pais demitem-se dessas funções. Os pais por um lado não participam como deve ser, não se interessam como devem e tudo isso deve ser cultivado e enraizado na cabeça das pessoas. Para o processo dos filhos, os pais são essenciais. Às vezes não quer dizer que saibam a matéria, não sabem, não precisam de saber, têm que se preocupar "vais ter teste vê lá se estudaste!" uma palavra... Os miúdos estão preocupados connosco e então esforçam-se por fazer as coisas. "Nem sabem quando é mau saber quanto eu tive", eles já não estão motivados e os pais a alguém desta maneira, nunca mais! Por um lado é o desgarrar que há entre os pais e a escola, por outro lado é o trabalho um lado que não é feito, nalguns casos o trabalho de motivar, estamos a falar de acompanhar os miúdos e por outro lado é a escola que se fecha, que diz "sim senhor, pais sim senhor", mas quando os pais começam a querer, nomeadamente quem os representa de vez em quando aquilo são umas barreiras porque "isso não é bem com vocês e não sei quê..." e nós forçamos, pegando na lei e informar e depois nós temos essa facilidade que somos muito carolas, entregamo-nos e quando entregamos, entregamos mesmo é mesmo para trabalhar. É evidente que são 6 ou 7 porque é mais do que isso, não é? Mas temos contactos com federação da associação de pais nacional, temos os telemóveis a qualquer altura ligamos "como é que é nas outras escolas? Como é que é? Como é que se passa?" já temos escrito para lá a pedir ajuda nalgumas situações para eles responderem por escrito. Quando há assuntos em que achamos que deve haver parte de pedagogos, psicólogos preocupamo-nos em fazer isso. Não é só as nossas cabeças, a gente também não sabe tudo, somos pais, mas têm esta formação outros têm outra. Mas quando precisamos de ajuda, pedimos ajuda, pedimos ajudas, pareceres, como é mais desejável, como é a nível social, como é que tem mais sucesso? Preocupamo-nos. Mas isto é uma coisa, que por não dar nada a ninguém, só dá aborrecimentos, que a pessoa depois tem que ir dizer que não concorda, tem que estar ali... portanto as pessoas não estão motivadas para estas coisas, não querem saber, só quando estão aflitos, com algum problema e têm receio de ir dar a cara porque o moço ou a moça depois... é a tal história do professor que não fez à mãe faz ao filho, a história de prejudicar de ver tudo ali à lupa. Quando se confrontam com uma situação destas pedem ajuda à Associação de Pais "O Meu" filho pergunta a questão da percentagem, mas eles não quiseram dizer e responderam não sei quê" E a gente leva a questão e resolve. Para isso é que nós existimos, agora vocês têm que nos fazer chegar mais coisas, inclusive dos pais. Para dar sugestões, dar ideias, às vezes a gente conhece os miúdos, dar essas opiniões, essas ideias para as coisas correrem bem. Porque o que nós queremos é o mesmo que vocês querem os caminhos é que são

diferentes. Nós achamos que deve ser todos juntos, mas todos juntos na realidade, e sem barreiras. Nós não defendemos que os miúdos têm sempre razão, nunca defendemos que os meninos têm sempre razão como Associação de Pais, os miúdos não têm sempre razão, mas quando não têm razão não têm razão e temos que ver o que se faz para os chamar à razão. Agora quando dizem que a culpa é dos meninos porque não trabalham e de repente passam de bestiais a bestas alguma coisa está a correr mal. E nessa altura, os pais e a associação têm que ter uma postura construtiva não é só criticar, tem que surgir o que se deve quando são áreas que a gente consiga, porque há áreas específicas da educação que nós não estudamos formados nem pouco mais ou menos para isso, agora sempre que se consiga dar volta às coisas é mais raro. Nós desejamos colaborar, mas não é colaborar como fazem, que é pedirem a ajuda: "então vá, muito bem". E depois aparece o programa em casa já feito. Mas os pais são bem vindos à escola, devem ir à escola, mas na realidade eu acho que o desejo da maior parte não é os pais participarem. No fundo não querem.

Efectivamente sermos um conjunto, um grupo de pessoas, de entidades, de pessoas ao fim ao cabo trabalhássemos todos para o mesmo, tendo como objectivo central o aluno.

A estabilidade emocional, motivação, o sucesso escolar e ter alegria e tal alegria que é tão necessária no trabalho, o trabalho deles é este, é estudar é brincar e é viver. Se os miúdos não tem gosto pela vida nesta idade vão ter quando? Não têm? Depois transformam-se em crianças apagadas, que a gente vê que não têm objectivos. Gosto de ouvir: "Eu quero ser não sei o quê..." o meu quando fez, quando lhe perguntaram qual seria a pessoa que gostaria de acompanhar um dia, dos psicotécnicos "O Bill Gates" eu disse-lhe: "Tu não escolheste nada assim..." "Mãe eu gostava era do Bill Gates" ele sabe que é praticamente impossível, mas pronto, quer ir para a área de informática, tem objectivos. Não é preciso ser doutor, mas querer ser isto ou ser aquilo, pensar, estudar.

O meu para o ano diz que quer ir para Beja. Quer ir para Beja porquê? Porque ouve os outros do Secundário que falam da mudança dos professores e depois matemática este ano é não sei quem e no outro ano é outro e os moços vêm-se aflitos com a matéria. Ele quer ir, porque há quadro estável. E depois tenho amigos que dizem "não te importes que ele vá para Beja, ele não se importa de deixar os amigos?" E ele dizem-me: "Eu importo-me, mas vão para meu bem? Mas não perco os meus amigos eu depois venho cá ao fim de semana ou durante a semana" É ele próprio que quer ir. É um trabalho nosso dos pais que é feito e que às vezes não tem sucesso, os meus não são estrelas, não são... são como os outros, mas a gente tem esta preocupação. Os pais têm que deixar de pensar que estão em primeiro lugar e pensar que os filhos é que estão em primeiro lugar, não é? A gente não se pode anular, pensar só nos miúdos, nós também temos que viver e ter a nossa vida profissional e tudo isso, agora ... se os pais prescindirem mais de algumas coisas a favor dos miúdos tudo isso também ajudava a escola. Espero que esse dia comece a chegar. Isso é reivindicar notas, nem achamos sempre que os meninos têm razão, nem achamos o contrário que eles nunca têm razão. Eles ganham e perdem, a vida é ganhar e perder, nem sempre é ... no outro dia soube que ter a primeira negativa e que se fartou de chorar. "Eu, uma negativa?" dizia ele à mãe. A vida é assim é perder e ganhar. Agora tens de te aplicar. Têm que saber que há um lado bom e há um lado mau. Agora os pais têm de prescindir de muitas coisas e muitos não prescindem. O que acontece é que dão aos miúdos tudo, mas não têm um bocadinho para falar com eles e isso a gente sabe que não pode um dia, pode no outro, as reuniões ... mas tem que arranjar uns dias em que têm tempo para isso se não os miúdos começam ... e depois se a gente os habitua a reivindicar a reivindicar, eles reivindicam e depois eles fazem o resto. Se a gente os habitua: é assim, é assim é que deve ser ... no dia em que a gente falha somos os primeiros a ser jogada a pedra. Então como é que é? Então e eu? E então aí temos o caminho aberto e feito e eles encarregam-se do resto. Agora se os moços não estão habituados, cá está os pais vão vendo os testes, vão vendo as notas e pouco mais do que isso e os moços acham depois que não vale a pena preocuparem-se muito com aquilo., não é? Por outro lado se não são motivados na escola, só são ensinados aquela

conversa ... começa "andar ali" é muito mais giro ir lá para cima beber uma Coca-Cola do que estar aqui a chatear-me porque isto não me interessa para nada! "Depois a partir daqui começa o resto: as más notas, começa o não sei quê"... pronto ficam por aí. Há muito trabalho de parte a parte muito grande. Quer dos pais, está longe de ter tudo feito, o que podem fazer longe, longe, longe. E a gente quando há assembleias de associação, ou de que assembleia for, quando há a dos agricultores é a mesma coisa, as pessoas não aparecem. Só aparecem, quando há algum problema, aí aparecem logo! Agora temos muito muito trabalho a fazer mas a escola tem que se abrir muito mais, não pode ser só abrir...

Entrevistador: - A escola é muito fechada!

Entrevistado: - É muito fechada, não pode ser.

Entrevistador: - E até mesmo, e se calhar é da mesma opinião do que que é: acho que é importante haver uma comunicação com os vários graus de ensino.

Entrevistado: - Diferenciada conforme ...

Entrevistador: O professor do pré-escolar comunica com o professor da primária.

Entrevistado: - Isso é muito importante, como é que a criança ...

Entrevistador: - Como é que é como é que não é, o que foi feito, o que não foi feito, como depois os da primária para os da preparatória e os da preparatória para o secundário. Acho que é um trabalho conjunto, Nós entre professores andamos todos de costas viradas uns com os outros e cada um faz o seu e acabou-se e isso é para eles.

Entrevistado: - Isso é importantíssimo também. Porque os miúdos vão sendo acompanhados durante aqueles anos já há experiência, já se sabe como reagem melhor tudo isso ... Eles dizem que isso vai na ficha do aluno, que vem tudo escrito aos pais dizem isso. Mas depois o que a gente vê na realidade é que as coisas não são assim, não é? E a ligação com o educador e com o Prof. Primário é a maior ligação que eles têm durante a vida toda sem ser a dos pais. A minha muitas vezes chamava-me professora lá em casa e lá na escola chamava mãe. E isso é tão bom, sentem a ligação. Existe efectivamente uma ligação, os miúdos vêm que naquele momento quem está a substituir a minha mãe ou o meu pai é aquela pessoa. E é muito bom. Lá em baixo é muito difícil isso. É difícil não é por serem muitos é que os professores se distanciam dos moços, porque aqueles que se aproximam, felizmente há alguns, revêem-se neles, combinam coisas fora do horário e gostam, são casos pontuais. Temos de pensar muito neles para esquecer os outros. Mas há situações assim. Mas o que eu acho é que precisam muito é manter muita afectividade nisto tudo. Porque é mesmo ver a as crianças como se vê uma cadeira, muitos fazem isso, é a tal história da alegria que não é preciso beijinhos que lhes dêem os pais, tudo isto é uma maneira de estar, muito fria, distante e os moços são mal comportados, os pais não os educam como deve de ser em termos de regras, mas isso é essencial. Depois como eles ultrapassam barreiras o professor não quer dar confiança se não o professor não dá tanto dele, mas não é assim. Lembro-me sempre do tal professor de que falei, o professor de educação física, não foi assim há tantos anos, como isso tudo, foi há 3 anos, no principio não houve grandes aproximações quis conhece-los primeiro. Ao principio e umas semanas e depois começou a estabelecer regras. E como director de turma foi o melhor director de turma que eu conheci na vida até hoje. Sim, uma maravilha, 5 estrelas mesmo. Um relacionamento extraordinário com os miúdos, não era preciso gritar, ele só dizia uma vez. Nas visitas de estudo a preocupação que ele tinha com... eu uma vez numa reunião dei-lhe um grande elogio e ele "mas eu só faço o que tenho que fazer" "eu não estou a dizer o contrário, só que é pena não podermos multiplicar as suas preocupações e a sua forma de agir para outros colegas". Mas extraordinário mesmo, isso é que é um director de turma. Porque ao fim ao cabo como é que acontece às vezes a questão das direcções de turma? "Tens aqui 3 horas, faltam-te 3 horas para o horário completo, toma ficas director de turma" não deveria ser assim.

Entrevistador: - Eu lembro-me na secundária, professores dizerem que eram o nosso Director de Turma, assim com um ar. E depois ainda dizem quando tiverem um problema falam connosco. Falar com ele se ele está com aquele ar de frete. Uma pessoa também não se sente à vontade.

Entrevistado: - É por isso que as coisas deviam ... eles aqui tentam que o mesmo director de turma, vá com a turma até onde poder, em termos de direcção de turma, siga a turma. Isso é bom. Eles tentam fazer isso, mas depois cá está como o quadro dos professores é muito instável muitos são directores de curso um ano e depois vão-se embora, não é? Não digo para os que cá estão serem directores de turma é impossível. Mas é um trabalho sempre bem feito quer dizer de uma distância brutal com as pessoas o nariz empinado, porque depois a pessoa é mais acanhada, não diz nada.

Entrevistador: - sem vontade de voltar.

Entrevistado: - E não voltam mesmo. Alguns dizem que não voltam mesmo.

Entrevistador: - E na comunidade também é muito importante, para a educação da criança e para a formação da criança, mas também está um bocado desvinculada da escola.

Entrevistador: - Pois está. Tente-se fazer actividades em conjunto ainda há dias, foi a semana cultural que organizou, como aquilo é agrupamento vertical, dá para todos os miúdos, não é? Da pré ao 12º ano, veio a GNR com os cães fazer aquelas demonstrações. Tenta-se fazer isso, mas os pais não são assíduos, nas Associações de Pais, pormos por acaso um representante lá e eu dei uma espreitadilha, mas deveria ser os pais, os que pudessem iriam. Eles já sabem que são tão poucos que vão, que se disserem ...Nessa semana cultural também houve, feito pelos professores de história, uma caracterização dos miúdos, os pais arranjavam os vestidos, figuras históricas, a rainha não sei quantas, ora isso é giro, porque os pais gostavam de participar se calhar muitos não podem ir, mas os que pudessem iriam, quer dizer .. abria de outra maneira... se calhar os professores têm receio "depois aparece muita gente" mas nunca aparece porque não têm disponibilidade àquelas horas, mas talvez houvesse pessoas que pudessem tirar o dia para isso.

Não é perdido é ganho, não é? Depois a questão com a Câmara, das actividades culturais, eles tentam envolver os miúdos e outra coisa que nós temos no concelho que nós também lutamos e que é muito difícil é a questão de trazer mais vezes os miúdos dos montes. Porque os miúdos dos montes ... nós organizamos o Inglês, para o ano que já vai a partir do 3º ano ter Inglês. Faz falta. Nós pagámos àqueles que não tinham recursos e que faltavam quase sempre. A gente aborrecia-se tanto...

Os pais inscreviam os membros, os meninos deixavam de ir, mas não avisavam nem o professor, não avisavam ninguém. A gente ainda se meteu, a Junta de Freguesia também colaborou com alguma coisa, ajudou-nos a pagar porque ficava lá uma hora e tinha que ser pago, não é? É legítimo. As horas que a gente disponibiliza para a Associação de Pais são tantas, tantas, tantas, quando há assuntos em debate questão da escola primária dos miúdos nem lá para baixo, parece que felizmente já não vão. Tantas vezes que a gente reúne das 9 às 1 da manhã. Para nada. A maior parte, 100% dos pais têm problemas com os filhos, às vezes podiam dizer foi para a associação de pais porque temem problemas com os filhos, são os que os que não têm. São coisas normalíssimas ... tantas as coisas... para tomar estas decisões e aquelas e outras ... e depois as pessoas não são capazes de fazer nada, rigorosamente nada. Se há coisas que se admite numa pessoa de 60 e

tal anos, uma pessoa de 20 ou 30 não se pode admitir. A mentalidade terá de ser outra. Não é? Porque há muitas que não estão com os pais e estão com os avós. E essas que se preocupam mais. E é isso que nos baralha um bocadinho. É com a história da pré há pais que se tivessem infantário das 8 da manhã às 10 da noite os moços ficavam lá o tempo todo e de fim de semana. Mas é o objectivo desses pais? Faz muita confusão. Há pais que têm necessidade, aí não há nada, gostariam de ter mais horas e podem, mas os outros casos são incompreensíveis, não dá para perceber. Com os meus sempre que podia e ficavam horas demais, mas tem a haver com a vida profissional que se tem. Mas de resto ... o trabalho que tem que ser feito é muito grande a nível da mentalidade, tem que ser conjunto tendo como centro a criança e não os interesses dos profissionais ou dos pais enquanto colaboram o interessezinho dos pais, dá mais jeito, não sei quê, ou do professor, dá mais jeito, não sei que mais ou da escola... os miúdos ficam para trás e isso não pode ser, nem que tenhamos todos de fazer cedências ninguém os manda vir, não é? Agora não se percebe porque é que as crianças vêem sem os pais desejarem. Sem falar naqueles casos complicados, que também há mas são poucos, felizmente, também não é por aí. Os casos disfuncionais são mais do que aqueles que deverias, no nosso concelho, mas não justificam o resto nem pouco mais ou menos. Felizmente, mal de nós se fosse ao contrário, não é mas pronto, vamos tentando e voltamos a insistir. E depois nestes meios pequenos, não entendem que ser amigo, não é aquele que diz sempre que sim. Mas as pessoas não entendem, quando a gente não concorda com as coisas e diz, por exemplo nos Conselhos Municipais as pessoas não gostam nada, ficam mesmo zangados.

Somos um grupo na Associação, mas todos somos diferentes em termos de temperamento, não é? Há uns que ouvem, essa história do "estou para ensinar, não estou para motivar e são capazes de reagir" mas como isso pode ser? E há outros, em que por exemplo sou explosiva, eu digo logo: "como é que isso pode ser?" mas é o temperamento das pessoas, todos desejamos a mesma coisa. As pessoas não estão habituadas, não querem, preferem a hipocrisia, nós dizemos que sim com a cabeça e sentirmos que não é isso não conseguimos fazer. E como é um meio muito pequeno, as pessoas conhecem-se todas, sabe-se tudo. Por exemplo a questão da escola primária a intenção de mandar os miúdos lá para baixo parece que está afastado, meu Deus...os Carnavais que aí não houve... os cenários que faziam, podemos ser amigos das pessoas mas ... eu no meu trabalho não misturo. Eu posso ter que na minha actividade de veterinária do concelho e tanto tenho que exercer certas funções com as pessoas que eu gosto mais e com outras que me merecem pouco respeito que são mal educados. O trabalho é feito igual. Para mim é igual ir à casa agrícola de uma qualquer. Sou capaz de estar com uma pessoa que tem 10 ovelhas e estar-lhe a explicar meia hora as coisas e com outro que tem 1000 e se calhar pouco mais tempo com o que tem 10, que sabe menos como se trata dos papeis e das coisas. Não querendo comparar os animais com as crianças, como veterinária obviamente gosto muito deles, mas com os miúdos passa-se um bocado isso. Os miúdos são todos iguais e só assim é que faz sentido, o que é que a gente estava cá fazendo? Tudo igual. Nem pensar nisso. E quando nós fomos a uma reunião na Direcção Regional, faz agora 1 ano em Abril e o Senhor quando propôs o negócio dos moços irem lá para baixo, da primária porque aquele espaço estava vazio, isso não pode ser a única razão, está vazio, tem espaço a gente pode pôr lá os miúdos, não? E a Sra. depois de uma forma pouco inteligente acabou por escorregar e dizer que ... e nós começamos ... "Há já não sei quantos exemplos no país" e nós tínhamos feito o trabalho de casa e sabíamos que não havia. "Mas está para haver" está para haver é outra coisa, mas há nas Ilhas e nas Ilhas porquê? Porque se calhar há 10 meninos no secundário e não vão fazer uma escola ali e uma escola aqui. Então a Sra. Quando viu que tínhamos o trabalho feito ... mas depois há mais para a frente na conversa" nós ainda não fizemos este tipo de ... juntar tudo da primária ao secundário apenas por uma questão de bom senso!" O que ela foi dizer. "Bom senso? então o bom senso acabou quando chegou a Mértola? Continue com o bom senso, qual é a vantagem de misturar miúdos dos 6 anos aos 20 é mais?" E mais com a escolaridade obrigatória ... mas qual é a vantagem? Deixem crescer os miúdos no nível deles etário, de brincar, não precisam de conviver com os outros... mas foi uma batalha grande que a gente teve e as coisas ainda não ... A

Sra. Directora disse que a Direcção Regional faria todas as alterações necessárias e as alterações necessárias seria que : baixam os quadros, punham água nas salas estavam as alterações feitas. Depois de muito barulho fazia-se um parquezinho para os moços, pequenino ... primeiro queriam-nos cada um nas salas disponíveis, em mete naquela ponta o outro na outra, não pode ser. Acabaram por dizer que ficavam todos em baixo, só para a primária. E depois em cima? Os outros níveis de ensino têm que subir. "Para isso põe-se um portão e fecha-se o portão quando eles ... abre-se o portão" Por amor de Deus, isto é irrealista! E depois as alterações a gente pergunta para a Regional, a Câmara disse que estava à espera de um projecto de alterações que não chegou a vir, ligamos para Évora para saber o ponto da situação e responderam mandando o projecto que a gente tem que dar a autorização sempre. Como não fizeram mais nada na Assembleia Municipal parece que já informaram que vão. Não pode ser. Mas foi uma batalha muito grande, criamos aí muitos amigos! Porque a gente não quer porque está outro isto ou outro aquilo, não tem nada a ver. O que a gente faz é para os miúdos e os miúdos têm ... e o que a minha me diz "Mãe, eu fui lá atrás e se tu visses estavam lá uns ..."então e em casa? Eles não vêem televisão? Em casa é diferente, é diferente se a gente quiser que eles vejam televisão e não é para verem uma novela onde um dá um beijinho e não sei o quê. Agora o que acontece são miúdas de 10 anos a namorar gaiatos de 15. E os 15 já sabem muito bem o que estão fazendo a os de 10 não sabem de nada. Se a gente fizer isto ainda para mais velhos, e as de 10 já andam no 5º, se pusermos isto mais para trás não há menor vantagem. Nós mais uma vez pedimos parceiros, não houve um único, nem um psicólogo, nem pedagogo, nem professor, aliás havia professores, curiosamente de Mértola que achavam bem. O que a gente não percebe. Lá está, porque os miúdos não vinham em 1º, vinham eles. Foi a leitura que acabamos por fazer porque temos tido todos muita sorte. Nós: os pais, a escola porque naquele sítio lá em baixo ninguém sabe onde os moços andam. Tem sido uma sorte, não tem lá acontecido nada porque não calha. Os miúdos saem da sala, é que sabe onde eles estão? Ninguém? E se acontece alguma coisa? A gente prefere prevenir para que não aconteça. Lá em cima era muito pior porque não se controlava o recreio, não se controlava porque? Era muito mais fácil comparado com aquela área. Mas um dos pretextos era que ali se controlava mais o recreio, por isso é que a gente não percebe. Agora a questão dos miúdos dos montes, quando tentamos o Inglês não se consegue porque só pode ser extracurricular. E agora vamos batalhar porque como este não é nem agrupamento vertical, vão ser os primeiros a ter o Inglês no 3º ano pelo menos é o que está nas notícias. Se for assim, os moços dos montes não podem ficar de fora, também têm que ter. Isso vai ser uma guerra desgraçada, para os professores irem à escola ou trazer os miúdos cá, não sei tem-se que se organizar isso. Esses ficam sempre de fora.

Entrevistador: - O grande problema aqui é o concelho ser muito extenso é muito grande.

Entrevistado: - Eu por exemplo na vacinação dos cães, eu vou aos montes todos, não recebo mais por isso, sai-me do cabedal porque anda aí em Maio, Junho com temperaturas de 40 e tal, a vacinar ao sol, mas eu vou lá. Eu vou lá com espírito de missão porque não ganho mais por isso. Vou lá aos buraquinhos todos. As pessoas são idosas, não se podem deslocar, os filhos têm os cães, estão a trabalhar e em vou lá mais facilmente de carro do que as pessoas trazerem cá cães. Mas isso sou eu que vou, não sou a madre Teresa, mas isso à escala mais pequena as pessoas também podem fazer isso, basta querer. Não é assim tão fácil organizar, havendo dois professores de Inglês, um vai para uma zona, outro vai para outra. Mas não são só os miúdos da vila que vão ter, a gente vai batalhar por isso. Ficam esquecidos. É outra coisa, a questão das actividades fica ao critério do professor, não digo que esteja mal ou esteja bem, mas tem que ser decidido em Conselho Pedagógico porque o que é que acontece? Há um conjunto de actividades o professor escolhe, eu vou com os meus a esta, àquela e à outra. Não deve ser assim, deve ser em conjunto, não estou a dizer que são os pais que decidem, obviamente quais são ... Mas deve haver um consenso. Qual é o objectivo da actividade, o que é melhor? A maior parte

dos miúdos dos montes não são mais parvos, nem mais espertos são iguais, mas chegam ali inibidos. A maior parte ... Quando havia a Telescola, a desgraça era maior. Os pais queriam a viva força e eu percebo se morasse em Almodovar, sentiria a mesma coisa, tê-los mais debaixo da asa porque são muito pequeninos para vir aqui e tudo a gente percebe. Agora, os miúdos não podem ser prejudicados, já os de Mértola são prejudicados por estarem em Mértola e nós temos que continuar aqui esta é a nossa terra. Em Lisboa para aqui e não me quer ir embora a pensar neles. Um quer ir para Beja, diz que quer ir, vamos ver como é que as coisas são. Agora os miúdos não podem ser ainda mais castigados do que aquilo que são por estarem em Mértola e isso os pais têm que ter abertura tem que ser conversado. O que nós temos pena é de não ter mais tempo para ir mais vezes à escola porque depois as coisas se metem nisso são as que têm mais actividade. Porquê? As que têm mais tempo não se metem em nada. Mesmo dentro da Associação as pessoas que mais trabalho têm e menos tempo livre têm são as que trabalham mais é um paradoxo, mas é tudo assim. E é isso que a gente tem que combater para os miúdos ... esta diferença que existe entre Mértola e o resto do país, não existe só em Mértola também noutros concelhos, não é só o nosso. Essa dos montes podemos esbate-la ou tentar esbate-la, é a nossa obrigação, mas tem sido difícil até agora. Agora já tiveram a combinar actividades no último pedagógico para trazer também cá os miúdos para ver o telescópio, fazer outras actividades, fazerem horários para todos irem. Mas cá está os colegas que estavam no pedagógico disseram: "Não sei se os meus colegas querem vir" Aquilo deve ser decidido em conjunto, não deve ser o professor sozinho, os pais não se querem meter nisso. Mesmo porque se eu quiser ir com os meus filhos a algum sitio, eu vou com eles, mas e os que podem ir? Não vão a lado nenhum, nunca. E é isso que ... felizmente não são muitos, mas ainda há, ainda há muitos aqui no nosso concelho.

E é isso que temos que conseguir esbater e em conjunto, não estamos no zero mas andamos lá perto apesar de ... a gente tem conseguido algumas coisas e temos conseguido mudar alguma coisa. Eles sabem que nós estamos atentos, mas não podemos funcionar como policia, nem pouco ou menos, nós queremos ... e essa mentalidade também tem que mudar, porque o docente quando se fala de alguma disciplina ou nalguma coisa que está a correr menos bem a alguma sugestão que se diga, não gostam. Não gostou, nem pouco mais ou menos que ... às vezes não se está a apontar nada negativo está-se a sugerir, mas não. O que é que dizem logo? "Quem foi que foi dizer?".

A Associação de Pais é entendida como entidade fiscalizadora, nós não queremos isso, não queremos, nem desejamos, nem é esse o nosso objectivo. Mas o que é triste é que os professores a encaram como tal. Se há alguma coisa que sabem que não está bem e que pode merecer alguma reacção por parte dos pais o melhor é esconder e dizer aos moços para não contarem. O que é completamente errado . E essa parte que tem que haver ... a aula tem que ser uma porta aberta, os professores lá dentro ... seja de que idade for. Então os miúdos, os pequeninos não precisam tanto de afectividade, a questão de chamarem mãe e coiso ... então as crianças não têm que se tratadas com carinho? Não começam ali a desenvolver os primeiros passos a criar as primeiras regras? Não deve haver entre os pais, a educadora e os funcionários um bem relacionamento? Tudo isso é essencial para a criança, até gostar de lá estar e falar. Outra coisa que os pais não devem fazer é dizer mal dos professores a frente dos moços, ainda que possam ter alguma razão não o devem fazer. A gente tentar saber depois o que é que aconteceu, não é dar logo a razão. No outro dia, uns do 5º ano, a professora de não sei o quê chamou-lhes "estúpidos, seus burros ... " Os filhos chegam a casa e contam isso o que é que os pais podem dizer" é difícil a gente defender alguém que diz isso. Não é? É quase impossível "imagino o que vocês devem ter feito para a professora ter dito isso" É difícil é impossível, os pais têm que ter cuidado não deixar transparecer e depois resolvem os assuntos com os professores, às vezes há aquela sensação que os pais estão ali problemas para arranjar problemas e para achar o que está mal, não é verdade. Na minha actividade se fizer as coisas o melhor que sei e posso, seguindo as directrizes que me dão que receio é que eu tenho que venham ver o que quiserem. Quando as pessoas têm receio, leva a que alguma coisa está mal, não é? É transparência, abrir as partes sem receio e se todos formos mentalmente saudáveis a

nível de relacionamento uns com os outros, as coisas vão lá. Agora se cada um começar a ver qual é a melhor maneira de ... eu digo cada um, os pais, a escola, os professores e funcionários, não dá. Há uns anos houve um problema com um funcionário, chamava os miúdos que não gostava, metia-os numa sala fechada, não batia era só o que faltava, se não tínhamos ido mais longe logo. Dava-lhes raspanetes desgraçados que os miúdos saiam de lá tremendo. Nós sabemos disso e falámos só uma vez. Só que esse docente já tinha agredido um do Conselho Executivo. Portanto quando deixam passar isso a seguir deixam passar tudo. Mas o que é certo é que nunca mais se meteu com os moços. Ele desconfia que nós estaríamos lá falar sobre isso, bateu quatro vezes à porta enquanto nós lá estávamos, em reunião. Nós dissemos; "Nós só avisamos uma vez, porque para aproxima recebe uma cartinha com conhecimento daquilo que escrevemos para cima: Não se passa mais vez nenhuma isto. Não há nenhuma justificação o aluno porta-se mal não se encerre o aluno na aula. Acabou, isso não são métodos. E queremos esse funcionário afastado do convívio com os alunos. Põem-no a fazer jardinagem, o que vocês quisessem, mas afastado dos alunos. Avisámos uma vez, deu resultado, nunca mais tivemos queixa nenhuma. Mas tem que ser assim.

Dá-nos trabalho, dá-nos amargos de boca, porque as pessoas não entendem porque acham que "Fulano tal é um amido como é capaz de não concordar comigo. Como é que ele foi capaz até de dizer isto".

Mas um ou dois é que pode ir para lá, um o outro já é crescidinho, por isso já não deve apanhar a escola nova, mas aquele está a sofrer alterações e vai ficar boa, não é? A Escola antiga vai fazer um recreio, vão fazer modificações grandes já não será para este período, mas seja para o próximo ano, já com tudo em condições. Mas é evidente, a gente envolve-se nas coisas, não ganha nada com isso, só ganha aborrecimentos, mas depois há compensações que não são directamente para nós, não é para isso que a gente lá está. Mas quando conseguimos isto, isto é bom para os miúdos, é bom ter mais qualidade de ensino.

Por exemplo, quando os professores faltam muito a gente sugere que haja aulas de compensação, anos de exames, 12º ou mesmo os miúdos que estão a iniciar a Inglês, Matemática ou seja o que for. E depois se conseguimos ficamos satisfeitas depois eles aproveitarem ou não já não está na nossa mão, isso aí ... mas ficam em igualdade de circunstâncias com os outros. É isso que nos move, a gente conseguir coisas que numa forma despendida, porque não estamos aqui para nós. Nem muitas vezes 99% para os nossos. Porque elas têm quem os acompanhe em casa, quem se mete nisso são pessoas que se preocupam.

Entrevistadora – Acho que para mudar essa mentalidade a escola deveria ser aberta.

Entrevistado – Devia ser efectivamente aberta e não reclamar só, dizer que é aberta, mas ser mesmo aberta.

Entrevistadora – E os pais? Participarem mais.

Entrevistada – Participarem mais.

Entrevistadora – E a comunidade? Qual seria o papel da comunidade para permitir esta articulação? A comunidade em geral.

Entrevistada – A comunidade em geral deverá haver mais actividades onde os miúdos participam todos em conjunto, não só a nível do Concelho, o Concelho obviamente em primeiro para os miúdos saberem o meio em que vivem quer a nível dos idosos e de tudo, saberem um pouco como é a vida da nossa terra. Cá dentro haver mais actividades, não só para os

miúdos, como para os pais relacionados com isto de educação. Porque quando de fazem, estes artshots muitas vezes quem lá vai não precisa de ouvir aquilo que está a ouvir. A nível, do papel da comunidade e até nesse sentido podemos ter mais vantagens por ser um meio pequeno. Em Lisboa é completamente impossível um envolvimento maior.

Mas aqui eu julgo que ... nós tentamos fazer isso, não muitas vezes porque também não tem grande disponibilidade, mas fazer um colóquio, fizemos um colóquio sobre o Insucesso Escolar foram 20 e tal pais e disponibilizemos transporte, tentámos arranjar os nossos carros a circular e pusemos a ideia de um autocarro da Câmara que ainda funcionou, mas curiosamente quem veio são os pais dos montes, muito interessante vieram bastantes, o número que ali estava, 80% era dos montes.

Entrevistadora – Falo à bocado dos idosos, eles têm papel importante, principalmente nesta vila tão pequena, onde são um maior número e onde há muitas histórias que só os idosos é que sabem e que se perdem e que fazem parte da identidade vila e das crianças.

Entrevistada – Já este ano houve iniciativas vinham para fazer teatro com os colegas para o lar. Ouvir as histórias e transmitir-lhes carinho porque eles têm carinho pelos avós pelas tias mais velhas, mas eles têm que perceber que aquelas pessoas idosas já foram novos também e muitas vezes os miúdos, e nós basta pensar, eu que sou mais velha a gente na altura quando tinha 15 anos pensávamos que com 40 já era velha, na altura não havia cotas, era outras coisa qualquer ... mas

Perceber que aquela pessoa não é um velhinho só, é uma pessoa que viveu muitos anos tem muita coisa para ensinar, a quem se deve dar carinho e devemos ouvir e respeitar. É o que muitas vezes os moços se não são ensinados, não têm esse ... o carinho para com eles ... ao fim ao cabo viveram aqui nos seus afazeres, por exemplo as mulheres em casa, não trabalhavam fora, mas não tiveram uma vida fácil, muitos filhos ...

Entrevistador – Põe exemplo quem vivia na mina, mulher de mineiro tem muitas histórias para contar.

Entrevistada – Exactamente! E muitas profissões que se estão a perder, não há um sapateiro em Mértola, se a gente falar ... quer que o seu filho seja sapateiro! Então se ele quiser ser ...

Conhecia a profissão do pai, normalmente trabalhava no campo era pastor, não é? .Falo dos miúdos que vêm aqui das redondezas, dos montes, uns professores.

Havia profissões que eles não tinham aspirações a ser a maior parte queria fazer o que os pais faziam.

Quando se falava na questão das profissões era muito importante fazer os fóruns das profissões, porque os putos que saiam menos que levam os dias no infantário e na escola e que saiam pouco daqui não conhecem muitas profissões, o leque deles de conhecimento é muito reduzido. Por vezes não à comunicação entre a escola e os pais, para estes irem à escola participar em certas actividades.

Os professores fecham-se na sua salinha e aqui mando eu e mais ninguém. Esta mentalidade dos professores tem de mudar. Os professores querem criar uma criança que fique quieta e caladinha. Não desenvolvem o seu espírito crítico e isso não é o que nós, pais pretendemos.

Os professores agora só estão preocupados em cumprir o programa, e não têm noção se os seus alunos perceberam as matérias ou não. Existe um trabalho muito grande em trabalhar a personalidade dos filhos e muitos pais não estão para de "chatear" e não os colocam em primeiro lugar. Muitas vezes os miúdos acabam por não ser educados em casa e na escola os professores não conseguem fazer nada deles. Aí os professores têm razão, este trabalho tem de ser começado em casa

e não na escola. Nós na Associação de Pais, trabalhamos os nossos miúdos e incentivamos os pais a participar na escola, sem medo de falarem e exporem as suas ideias.

- O que as crianças poderiam ensinar aos idosos?

Transmitir como eles aprendem agora, como é que é a vida deles agora que é totalmente diferente, situações novas que não existiam no tempo deles, falaram sobre o que sabem. Haver uma troca de experiências, eles transmitam a sua experiência que é pequena de vida como é a vida deles, o seu quotidiano, como é a vida agora, que brincadeiras é que eles têm, que jogos é que eles fazem, o que eles gostavam de aprender e de ser um dia. Traçar afecto entre eles, que é muito importante.

Ent.nº10

Entrevista ao Presidente da Escola Profissional Bento de Jesus Caraça

Na sua opinião existe alguma cultura da parceria cultural aqui em Mértola?

- Acho que sim. Repare, pelo menos é isso que a história recente nos indica. Tudo isto foi feito se não fosse em regime de parceria entre as várias instituições, não se teria certamente realizado. Estou-me a referir concretamente ao museu e toda esta oferta cultural que Mértola tem e claro isto foi feito recorrendo às parcerias, recorrendo à inter ajuda entre as várias instituições que existem aqui em Mértola e instituições várias sobre vários pontos de vista. Em termos culturais, pois sabemos que há aqui actividades, há questões que têm outra visibilidade que outras não têm, mas suponho que todo o trabalho que tem sido feito têm sido em regime de parceria. A escola fazia um projecto a câmara fazia outro e o objectivo era criar estrutura cultural e natureza museológica e isso foi possível graças ao trabalho de parcerias. Que por vezes não precisavam estar institucionalizadas, muitas vezes essas parcerias funcionavam de forma fluida e menos sob o ponto de vista burocrático e institucional.

Em termos de articulação entre as várias instituições existe ou não essa articulação?

- Aqui há uma instituição chave em todo este processo, que é a Câmara, que de certa forma não é o motor de tudo aquilo que acontece em Mértola mas é o motor de boa parte dos inventos que vão surgindo. Eu acho que qualquer instituição só tem a lucrar trabalhando neste regime de parcerias, estabelecendo parcerias, estabelecendo colaborações estabelecendo interajudas, penso que qualquer instituição tem de ganhar procedendo desta maneira. Repare, deve ter consciência do número de habitantes que Mértola tem, que é pouca gente, e se essa pouca gente decide andar às turras uns com os outros é o fim de algumas partes boas que Mértola ainda tem. Perante este número cada vez menor que Mértola tem, que remédio temos se não juntarmos-nos e tentar trabalhar em articulação e tentar trabalhar uns com os outros.

Acha que poderia ser feito mais alguma coisa para trabalhar nesse sentido?

- Repare é sempre possível fazer mais e melhor. Agora entram aqui vários factores, isto é uma terra pequena, muitas vezes há aqui "areias" na engrenagem que às vezes, em vez de facilitar a comunicação, em vez de facilitar o relacionamento entre as instituições, às vezes complica. Eu suponho que todas as instituições que trabalham em Mértola têm articulação entre si. Muitas vezes todos nós precisamos de parceiros institucionais e é natural que essas parcerias surjam e sejam desenvolvidas.

Quais as barreiras para este trabalho em parceria não ser, muitas vezes o mais desejável? Alguns entrevistados apontam o facto do concelho ser grande e não haver ainda a cultura de parceria nalgumas pessoas.

- Repare, isto é todo o processo que estamos todos a aprender, que vamos aprendendo fazendo, que cometemos asneiras, cometemos erros. Não há propriamente um manual de procedimentos que nós ensinamos como estas coisas se processam. Estamos a falar de relações humanas, de relações institucionais e natural que surjam alguns problemas. É obvio que o concelho tem a dispersão que tem não abana muito. Mas suponho que os meios de comunicação que existem as coisas tendem a estar mais facilitadas. Eu vejo como maior dificuldade as pessoas estarem mais embrenhadas nas suas questões de funcionamento, nas questões de trabalho e não terem tempo para essa reflexão conjunta e para reunir e para conseguir que toda a gente esteja presente ou o maior número de pessoas possível para discutir em determinado tema. Vejo a maior dificuldade nisso o excesso de trabalho que as pessoas têm, e que possa isso ser impeditivo que possa haver mais comunicação entre as instituições, maior diálogo, maior reflexão inclusive.

Na sua opinião qual seria o papel da escola para promover mais esta articulação?

Nós aqui em termos da articulação entre a família, isto também é uma questão cultural, os pais não têm por hábito vir à escola. Se calhar enquanto os filhos são mais pequeno, sei lá, até ao 1.º ciclo, 2.º ciclo, há uma maior preocupação porque a criança ainda é criancinha. Quando chegam a esta altura são muito poucos os pais que vêm à escola. Isso é uma coisa de que todos os orientadores educativos de turma se queixam. Muitas vezes vimo-nos gregos para contactar os pais, quando há alguma questão ou problema a abordar, não há o hábito nem esta cultura dos pais virem à escola, quando se marcam reuniões, é para tentarem resolver problemas com a ajuda dos pais. Nós aqui também temos alunos que não são de cá do concelho e isso também dificulta um pouco as coisas. Mas nós na medida do possível tentamos ter sempre os pais informados sobre a situação do seu educando, trimestralmente são mandadas para casa as notas, as faltas, mensalmente é-lhe mandada uma carta aos pais com a questão dos dinheiros que os alunos têm a pagar ou a receber, a questão dos subsídios. Tem havido este contacto formal da escola com as famílias, claro a escola está sempre disponível a receber os pais sempre que há iniciativas, festas, coisinhas que a gente organiza aqui tenta também convidar os pais, vem aqueles vêm, mas em regra geral são poucos os que vem à escola.

E na perspectiva dos pais e da família, que atitudes deverão tomar para aumentar esta articulação entre a escola?

- Nós não podemos, como professores que somos pagos à hora, é esta triste situação, não podemos pedir ao orientador educativo de uma turma que vá aí pelos montes e vales falar com os pais, não há essa possibilidade, Já fizemos em caso as pontuais, quando é necessário também nos fartamos de fazer isso, já que Maomé não vem à montanha vem à montanha, vai a montanha a Maomé, como já disse são casos muito pontuais. Quando surgem problemas, quando surgem questões, quando há necessidade, pois hoje em dia com os telefones colocamos os pais ocorrentes, os professores têm horas para receber os pais. Eu acho que são questões culturais, são questões dos afazeres do dia a dia, bem gostaríamos que os pais viessem mais à escola, saberem onde estão os seus filhos, o que andam a fazer, quais os problemas, quais são as virtudes, porque os pais têm que estar envolvidos no processo educativo dos filhos. Mas infelizmente isso acontece pouco. O chamar os pais à escola não é para falar "mal" dos filhos, é para tentar resolver problemas, procurar soluções, quem conhece melhor os filhos que os professores se não os pais, se os pais tivessem um envolvimento maior muitos dos problemas dos quais nos deparamos desapareceriam.

Em relação à comunidade em geral?

- Repare, nós aqui na escola, faz parte da filosofia da escola, que os alunos aprendam a aprender fazendo, daí a grande diferença de isto ser uma escola profissional, portanto no fundo procuramos habilitar os alunos a uma profissão. Temos andando nas áreas da museografia arqueológica, temos andando nas áreas do turismo, da animação, do património em geral, e sempre que possível gostamos que os alunos façam trabalhos práticos. Aprendendo fazendo e o reflexo daquilo que se faz fique para a comunidade. A escola tenta organizar-se, e tenta articular com as iniciativas que vão sendo produzidas em Mértola. Sempre que possível entregarem estas iniciativas na formação dos nossos alunos, fazemos questão que eles participem e que de certa forma se articulem e produzam algo de útil para a comunidade, é um pouco esta dinâmica que temos e que gostaríamos de ter.

Não acha que a comunidade deveria ser um pouco mais participativa nas escolas?

A comunidade é uma palavra um pouco vaga. Quem é a comunidade? São as instituições, somos todos, são as pessoas, repare que entre instituições as coisas vão funcionando. É óbvio e é de salutar que se houvesse uma maior participação da sociedade civil na escola mas nem sempre é fácil que isso aconteça. Digamos que há relações privilegiadas como a Câmara Municipal com o Campo Arqueológico, com o Parque Natural, mas também sempre que a escola pede essas instituições para intervir, nomeadamente, em parcerias, os cursos que pretendemos, uma vez por ano reunimos num conselho consultivo, em que são convidados uma série de instituições relacionadas com formação e instituições que são possíveis empregadoras, estamos a fazer esse conselho consultivo trazendo cá á escola as forças vivas não só da terra como da região, para se pronunciarem sobre vários aspectos.

Quais as maiores vantagens da família participar na vida activa dos filhos?

- Certamente isso reflectia-se no próprio aproveitamento dos alunos. Suponho que houvesse uma maior uma maior intervenção, uma maior participação dos pais na vida da escola, e na vida fora da escola mas que tem haver com a formação e as aprendizagens dos filhos, eu penso que alguns dos problemas seriam minimizados se houvesse uma maior articulação das famílias e a escola e a escola e as famílias.

Falando um pouco nos idosos, o que eles poderiam ensinar e ajudar estes jovens com os seus saberes, se houvesse uma troca de saberes entre estas duas gerações?

- Nós aqui na escola profissional temos, felizmente alguma autonomia, pedagógica, autonomia de contratação de pessoas, nós podemos contratar um pedreiro para dar formação na área e sempre que possível vamos à procura dos velho mestres que estejam ainda capazes de ensinar e transmitir os conhecimentos, em termos do curso de animação também alguns trabalhos de fim de curso tem haver com essa área, da população mais velha. Tentamos aproveitar o melhor esse saber, aproveitando esse senhores e senhoras menos jovens a dar a formação sempre que é possível. No curso de animação tentamos que os conhecimentos sejam postos em prática e suprimam algumas necessidades da população mais envelhecida.

Acha importante esta comunicação entre estas duas gerações?

- É óbvio que são sempre comunicações difíceis devido à diferença de idades e a diferença de interesses mas quando se consegue estabelecer essas ligações penso que as coisas corram bem. É preciso é crer.

O que acha que os idosos possam aprender com este jovens e vice-versa?

- A aprendizagem é sempre o processo de interacção, quer dizer quem ensina também aprende, é óbvio que estes jovens puderam fazer alguma coisa por estes idosos como os idosos puderam fazer algo por estes jovens. Nomeadamente este transmitir de conhecimentos, transmitir experiências, transmitir vivências e claro os jovens podem sempre retribuir criando-lhe iniciativas que correspondam o seu normal quotidiano que por vezes aborrecido.

Ideias ou sugestões para que estas parcerias não se percam e sejam melhores?

- Todas estas parcerias passam por haver diálogo entre as instituições, haver diálogo entre as pessoas, haver possibilidades de discutir, discutir os assuntos, discutir os interesses, discutir um pouco os caminhos futuros, e se isso acontece de certeza absoluta que estas parcerias são para manter, são para melhorar, são para enriquecer, são para alargar na medida do possível. Acho que somos poucos para um concelho tão grande, para um concelho com os problemas que tem, nomeadamente o despovoamento, a própria desertificação natural que está a ter progressivamente, falta de gente, pouca gente que aqui se fixa, tudo o que podermos fazer para tentar inverter esta tendência serão esforços interessantes de se fazer.

Ent.nº11

Entrevista ao Representante do 1º ciclo (rede pública)

Existe uma cultura de parcerias culturais, aqui em Mértola?

Eu acho que sim, aliás quando vim trabalhar para o concelho de Mértola, eu já tinha trabalhado noutros concelhos, noutras escolas, e não existia o Ambiente que se verifica aqui. Portanto se formos aqui perto, a Serpa a outros concelhos, não se vê a colaboração nem a preocupação que existe à volta da educação por parte da câmara, as entidades locais, eu não digo todas juntas, mas todas elas têm técnicos e projectos e áreas que se viram muito para a área da educação. Quanto ao facto de trabalhar em parceria e existir uma cultura eu, pessoalmente, acho que já houve mais do que há agora. Tenho essa ideia até porque, eu trabalho aqui há 10 anos, já tenho alguma experiência nessa matéria, e quando andava com a Ludoteca itinerante, fazia a articulação entre as instituições e as escolas, trabalhava directamente, e no principio eu sentia, isto à 10

anos atrás, eu sentia que havia um certo afastamento entre as escolas e as instituições que estavam aqui. Embora houvesse projectos que envolvessem as escolas, mas as escolas como estavam lá longe portanto chegava um ofício a dizer temos um projecto assim assim, vocês querem ser envolvidos, habitualmente as pessoas diziam que não. Depois com a Ludoteca e com o hábito das escolas se juntarem mensalmente para discutir os seus problemas e fazerem as suas planificações ai começou-se a trabalhar em parcerias e fizeram-se grandes encontros em que participavam todas as instituições. Lembro-me que à 4 ou 5 anos a ADPM, a câmara, o Clube náutico, o Parque Natural, no final do ano faziam um convívio com os miúdos todos, e isso era o resultado, onde havia uma exposição em que todos os trabalhos que cada uma das instituições foi desenvolvendo ao longo do ano, estava patente quer em cartazes, quer em maquetes, quer em vídeo, quer em fotografias, era tudo exposto e depois preparavam-se pequenos ateliers que cada instituição dinamizava e no fundo isso é que era uma verdadeira parceria. Agora ultimamente isso já não é feito.

Em relação a uma articulação entre as instituições, a escola, a família, a comunidade, existe ou não?

Eu acho que não existe. Articulação exige um esforço, exige um grande esforço. Se falares com o pessoal docente as pessoas dizem-te assim: "à porque realmente os pais não participam, os pais não sei que". Se falares com os pais dizem: "à mas a escola não tem condições, e não tem horários" se falares com as instituições dizem: "não nós trabalhamos com as escolas, nós temos projectos e não sei quê". Mas a verdadeira articulação, ou seja a escola no seu projecto educativo tem patente, objectivos do tipo: "vou colaborar com instituições tal, ou posso, já não digo na área dos objectivos, porque a escola tem de ter o seu caminho ai tem de aparecer objectos relacionados com os problemas da própria escola, mas na parte em que um projecto educativo fala dos recursos, a escola tem lá patente que a ADPM, a Santa Casa, tem determinado tipo de recursos que podem ser utilizados e depois mobiliza-os para as actividades, eles podem aparecer lá, e a gente sabe que eles existem, mas habitualmente as pessoas chegam ao pé da gente e dizem: "gostava tanto de fazer uma coisa destas e não tenho, porque não transporte, ou porque não tenho um vídeo sobre a natureza." Porque a pessoa não tem noção que existe um grande centro de recursos no concelho que existem transportes, que existem recursos técnicos e humanos, a escola não percebe isso. Embora as outras instituições trabalhem muito viradas para a escola. Essa articulação não é feita sobretudo ou um simples motivo. Porque a nossa variação do nosso corpo docente não permite que ano após ano, normalmente quando chega ao fim do ano as pessoas estão preparadas e conhecem o meio, e no fim do ano vai para outro sítio e pronto. Se as pessoas fossem ficando 1 ano, 2 anos, 3 anos, 4 anos ai sim, quando chega-se a altura de nos sentarmos todos e discutir o projecto educativo, as pessoas diziam: "olha podia-mos fazer isto, porque a Santa casa tem isto recurso e podemos porque a câmara tem este". Essa articulação é impossível na medida em que as pessoas mudam, os autores mudam.

Os professores rodam. Esse é o problema fundamental.

Quais as principais barreiras para não haver esta articulação?

Nesta questão da articulação, também se melhorou, eu lembro-me que por exemplo, à 6, 7 anos atrás, fizemos um grande esforço, e Ludoteca estava empenhada nisso, em juntar, fazer uma reunião com a câmara, com as instituições todas e dizer: "o que é que vocês vão fazer este ano?" Até porque na Ludoteca, no ano em que eu lá estava, precisava de definir o meu plano de actividades. Como era um plano que tinha como missão levar as instituições às escolas e trazer as escolas às instituições, e tinha que fazer precisamente o que as instituições iam fazer ao longo do ano. Fazia-lhes esta proposta no

mês de Setembro. No Mês de Setembro estavam eles no final de execução de um ano, nós funcionamos por anos lectivos e eles funcionam por anos civis. Eles estavam no final da execução de um ano e os projectos que tinham em desenvolvimento estavam a terminar, não podiam avançar grande coisa, e os projectos que se tinham candidatado ainda não estavam aprovados. Quando chegava a altura de perguntar e de organizar o meu trabalho e de mobilizar as escolas essa reunião não passava de: "a gente está a pensar, e candidatamos assim, e candidatamos assado", parece aquele tipo de conversa política, não aparecia nada. Para mim não tinha nenhum valor, para os actores envolvidos não nenhum valor, porque as instituições no fundo era só uma reunião de intenções.

Deixar de se fazer essas reuniões e depois o que acontecia ao longo do ano, acontecia que há medida que iam sendo aprovados os projectos das instituições vinham ter comigo e eu levava, mas era uma coisa que apareceria a meio do campeonato, sempre era um pico que entra num corpo estranho, que dizer a pessoa já está motivada, já está a desenvolver um determinado tipo de projecto, pois vem esta instituição: "olha eu gostava que vocês fizessem um trabalho nesta área, o que é que acham?". As pessoas até são muito colaboradoras e até tem participado, mas chegou-se agora a uma fase que o Clube Náutico tem projectos e apresenta-os à última da hora, no mês de Janeiro Fevereiro, Março, Abril, a Santa casa vai também apresentando, também tudo depois ou antes, ou se calhar apresentam projectos no mês de Julho, para se desenvolverem em Setembro, já não são as mesmas pessoas que pegam neles. Portanto, isso tem causado algum atrito a nível da articulação. Uma coisa que tem feito com que articulação possa ser melhor, mas que nem por isso tem funcionado bem, é o Conselho Municipal de Educação. Este é o órgão máximo que toma as decisões estratégicas relativamente à educação do concelho. Quem tem assento nesse Conselho para além dos eleitos locais, como o Presidente da Câmara, o Vereador da Educação, os representantes das Juntas das Freguesias, um representante da Escola EB2,3, um representante da Associação de Pais, um representante do Pré-escolar, um representante do 1.º ciclo, do 2.º ciclo e por ai fora, e depois as entidades também. Mas o que acontece, é que normalmente quem está a par dos projectos, das dificuldades, dos problemas, são as pessoas que estavam no terreno. É como quem está lá são os representantes, eles às vezes têm muito as dificuldades em tomar decisões, e em decidir e em avançar com soluções para problemas que eles não estão a sentir na pele. Eu sei isso, porque estive no lado de lá a trabalhar directamente na escola e agora estou na gestão. Às vezes as pessoas vêm com determinado tipo de problemas que são fáceis de resolver, mas para eles é com grande problema. Mas eu não tenho a noção que eles têm esse problema. Se algum dia numa reunião surgir-se a hipótese de eu resolver o problema de uma forma muito fácil, ou eu tenho já esse problema por escrito ou não faço a mínima ideia. Esse órgão é importante, pretende articular os planos de actividades uns com os outros, mas o que acontece, é que reúne 3 a 4 vezes ou ano, o que não dá para sequenciar um trabalho, nem dá para avaliar. Chega-se lá à reunião de Setembro, para nós é a reunião inicial e podemos falar nas actividades, mas para as outras instituições é a reunião final do ano que já desenvolveram trabalho. Há muita coisa a afinar ainda. Se calhar um dos problemas é a escola trabalhar em contra mão, o que não acontece em certos países, nós começamos a trabalhar em Setembro é uma questão de calendário escolar.

Em relação à família, é complicado, tem haver com o estilo de vida moderno, eu próprio sinto esse problema, se a minha mãe não viesse lá do norte, se eu não a conseguisse convencer, não havendo vaga na Santa Casa, para ficar com o miúdo, eu estava à rasca, quer dizer a Elisabete é professora eu sou professor, trabalho aqui 5 a 7 horas diárias, ela vai para a escola e leva o miúdo ou então não sei como fazíamos, ele sozinho em casa não podia ficar. O que é que acontece, os meus filhos, a mais velha, a partir dos 4 anos, passa mais tempo com outras pessoas. Eu, em contra partida dialogava com essas pessoas, e mantenho um contacto muito directo com o que se passa na escola eu tento. E por regra a gente fala sempre um bocadinho, porque somos da área da educação e sabemos que é importante manter esta comunicação ter um

diálogo constante, mesmo quando chega a cãs e perguntar o que ela fez. Muitas vezes apercebemo-nos de muitas coisas que se passaram; às vezes atitudes que se não foram boas dentro da sala e no dia seguinte vamos e dizemos que se passou assim e a miúda não gostou, damos a oportunidade às pessoas que trabalham com ela, de se justificarem, porque estamos sensibilizados para isso e porque somos da mesma área. A maior parte das pessoas não funcionam assim. Não tem muito tempo. Chegam lá a correr, pegam nos miúdos quer seja no infantário, no 1.º ciclo ou no pré-escolar, paga nos miúdos e vai a correr para casa e só quando surge algum problema, que o miúdo vai fazer alguma queixa a casa é que eles vêm à escola pedir justificações, ou então ao contrário, quando o miúdo tem algum tipo de comportamento desviante ou está a ter sucesso em que tenha de se envolver em provas vocacionais ou alguma coisa que tenhamos de pedir autorização aos pais para eles participarem, ou pela via negativa, ou pela via demasiado positiva, porque ele se está a destacar, e nós entramos em contacto com os pais. Ai, eles vêm e participam. Fora disso acho que a participação está muito além daquilo que deveria ser o normal. Porque sinto que as pessoas não têm um projecto para os seus filhos, nisto não quero dizer que eles queiram decidir sobre o futuro deles. Não quero dizer com isto que as pessoas têm de ter um projecto definido para o seu filho, mas têm de ter um projecto de acção para acompanhar a educação deles, ou seja eles têm de se aperceber primeiro que ninguém, qual é a capacidade que os seus filhos têm. Porque nós na escola lidamos com eles em tempo lectivo, num relacionamento de autoridade que por vezes tem que se impor, em que não lhes permite, sobretudo porque é uma escola grande, a muitas conjunções, nós não conseguimos perceber algumas capacidades inatas que as crianças têm, que estão um bocadinho extra - escola e que os pais nos podiam ajudar. Mas os pais, não estão interessados com isso. Estão mais bons resultados escolares do que descobrir quais são as verdadeiras capacidades deles para depois encaminharem, e isso é que é realmente importante. Esse é que é diálogo constante da escola, é de alguma forma nas actividades curriculares, quando a criança tem dificuldade em que o pai entram em diálogo com a escola para saber porque é que o miúdo não está a encarrilhar bem nas áreas curriculares, ou por exemplo quando o pai sente que o filho gosta de um determinado aspecto mas que a escola não está a facilitar o desenvolvimento daquela apetência e de também têm obrigação de ir à escola e falar.

Qual a responsabilidade da escola em relação a isto?

- A responsabilidade da escola é a primeira e a última. Primeiro a escola é que paga e é financiada para educar e de certa forma ela está tão preocupada em manter determinados requisitos, que também lhe são pedidos superiormente, que significam aumentar as competências, por exemplo na Língua Portuguesa, e na Matemática, que se acha que é fundamental, aumentar as competências a nível das novas tecnologias que também se acha que é fundamental, e a escola preocupa-se de ir em contra a esses 3 grandes desafios que lhe são propostos. Mas não está a conseguir por várias razões, uma delas tem haver com a dificuldade de gerir problemas pessoais dos alunos e inclusivamente dos próprios professores. Isto vai bater na questão que foi perguntada á bocado sobre a estabilidade, e eu estou directamente no Conselho Directivo, e eu assisto quase diariamente, a conflitos que têm de ser resolvidos, ou funcionários por questões de mau desempenho profissional, de professores e alunos, que alunos vêm fazer queixas dos professores, de professores que vêm fazer queixas de alunos, de alunos que vem fazer queixa de alunos, de pessoas exteriores à comunidade que vêm levantar problemas na escola e alunos que levantam fora da escola.

Isto significa o reflexo da instabilidade, é o reflexo da falta de emprego das pessoas, da pouca estabilidade económica e mental, as coisas não correm bem e os miúdos são o reflexo disso. São reflexo do nervosismo, são o reflexo dessa forma de estar na vida, que as coisas se resolvem com meia dúzia de palavões, em que se desabafa muito à base da palavra e da asneira, onde se resolvem os problemas não através do diálogo, mas como o chamar nomes aos outros, e esta cultura

que ainda está muito aqui na nossa zona, pobre, que a qualidade de vida é muito abaixo do nível que se esperava, e isto tudo reflecte-se aqui dentro da escola e é uma bomba que está sempre a rebentar. Isto acontece com os miúdos, acontece com qualquer pessoa, está relacionado com o bem-estar pessoal das pessoas. Enquanto esse problema não se resolve o ataque desenfreado da publicidade dos supermercados, dos bens de consumo, as pessoas não tem poder de compra mas desejam as coisas. Os bancos dão facilidades às pessoas endividam-se e andam cada vez mais com a cabeça respirando ali, isso causa nervosismo, causa insatisfação e nos ambientes em casa são terríveis. A maior parte destes problemas, destas reacções de crianças que assistimos aqui na escola são miúdos que têm o mesmo tipo de respostas típicas em casa e habitam-se durante uma dúzia de anos a esse tipo de respostas e stress, aquele tipo de correria e desabafo e depois vêm para a escola fazem o mesmo. Nós lutamos, nós explicamos e eles dizem depois de arrefecerem e terem pensado um bocadinho sobre os assuntos que desconhecem, eles dizem que estão errados e que não voltam a fazer aquilo, mas voltam a fazer no dia seguinte porque aquilo é uma maneira de estar.

Qual a responsabilidade da família?

Eu não sei até que ponto se pode pedir a responsabilidade a uma pessoa quando ele a própria reage de uma maneira humana e perfeitamente natural e selvagem, no fundo somos animais. Pedir-lhes responsabilidades e as pessoas têm mil e um argumentos para dizer que não tem responsabilidades e não tem mão naquilo que se está a passar. Nós temos falado com os pais, sobretudo por via do diálogo para constituam a família e motiva-la para que seja nossa colaborado a e não nossa atacante. O que se verifica agora, e quando nós conseguimos, e com a maior parte dos pais já se vai conseguindo fazem isso com um diálogo aberto e sincero sobre aquilo que se passou e pedir justificação à família, responsabilidades à família e, acontecendo uma ou duas vezes, as pessoas acabam por desabafar: "Eu não sei o que hei-de fazer". Eu em casa também não consigo: há livros de auto-ajuda mas eles não funcionam para a maior parte das pessoas. Porque os livros funcionam para pessoas que estão cientes do seu problema que ainda têm mão e conhecem as faces e as vertentes do seu problema, sabem o seu problema e conseguem-se controlar e têm de alguma forma uma tábu de salvação, alguém que colabora com ele, com a família que seja um pouco mais apoiante, que tenha os olhos esclarecidos, abertos e que possa dar uma ajuda quando é preciso. Mas na generalidade as pessoas não têm essa tábu de salvação. As pessoas não sabem como reagir e reagem de uma forma natural. São reacções que eles próprios vêem nos pais. Por outro lado, quando temos este tipo de diálogo, também não temos argumentos para explicar às pessoas que se aplicar vai ter resultados. Porque o que se verifica na prática é quando a escola diz "se estudar o seu filho vais ter sucesso, olhe para este, este e este caso. Nós podemos apontar 3 ou 4 casos mas eles apontam 10 das pessoas que fizeram o mesmo percurso mas não conseguiram chegar a lado nenhum. Porquê? Por causa dos pais onde estamos, por causa da política das influências da corrupção do apadrinhamento dessas coisas todas. Um país como este é difícil pedir responsabilidades a alguém, seja daquilo que for.

A comunidade, será que se pode pedir algumas responsabilidades?

- A comunidade somos todos, todas as pessoas.

A comunidade, eu se olhar para a comunidade enquanto grupos que acolhe as crianças as envolve, sempre me parece que a comunidade sempre fez de tudo para que elas fossem bem acolhidas. E vê os hábitos culturais quando cresce uma criança, de ir levar uma prendinha de visitar a mãe, o que significa que a comunidade em si ela está motivada e culturalmente está preparada para acolher as crianças, desenvolver-lhes e darem-lhe o seu melhor. O problema é o que é

que a comunidade tem para dar? O que acontece na generalidade dos casos é que se a criança atinge um determinado tipo grau de desenvolvimento, por exemplo ligado às novas tecnologias, a novas formas de diversão, as novas formas de conhecimento que se afasta da comunidade é posta de lado, ou ela própria se põe de lado em relação à comunidade. Se for um meio muito pequeno e em miúdo trabalhe muito com o computador e que passa muito tempo em casa, começa a ser posto um pouco de lado, embora as pessoas sorriam para ele na rua, mas começa a ser um indivíduo estranho. Porquê? Porque os valores da comunidade em si são definidos de uma forma mais lenta, andam de uma forma mais lenta e os valores da comunidade em si que aqui se vêem desenvolver não são os mais aconselháveis para a juventude e para um amadurecer da personalidade, por exemplo, na aldeia onde estou a morar, aquilo que valoriza é o machismo, há falta de dinamização cultural e aí a comunidade tem culpa disso porque as instituições não se preocupam com essa face do problema, ou seja, quando se cria animação cultural, quando se cria desenvolvimento local tem que se pensar neste tipo de problema como a mulher estar muito dentro de casa, e o homem andar sempre no petisco e não tomarem conta das suas famílias. A comunidade está virada para um certo tipo de valores que está muito longe dos valores da escola, e a escola, de certa forma tem muita dificuldade em pegar nessa estrutura cultural, porque o ir aos petiscos é uma riqueza cultural, mas é uma riqueza que está a ser mal mobilizada. A escola também não está a conseguir interpretar essa riqueza cultural que existe, quer seja o facto da pesca, da caça, do petisco, determinado tipo de coisas que se fazem pequenas festas, pequenos convívios, e ir tentar captar essas forças e trazê-las para a escola. Portanto a solução está aqui no meio, entre este entendimento entre uma coisa e outra. Temos alguns exemplos em que a escola tem vivido essas, portanto como professores que têm se dedicado mais ao meio, conseguem interpretar bem o meio, em que as crianças entram dentro neste tipo de brincadeira, ou seja, é uma escola aberta ao meio, que investiga, que vai à casa das pessoas que pergunta o que é que se faz, o que é que as mulheres fazem, é uma escola que faz exposições, é uma escola que chama as pessoas para fazer petiscos e que junta os pais todos para fazerem um petisco, a gente também não quer influenciar a vida das pessoas no fim de semana. Mas isto trás envolvimento para a escola e sobretudo tem de ser a escola, tem de ser a escola porque a responsabilidade à educação é a primeira e a última, ou seja somos responsáveis, temos de promover actividades e estratégias de educação, temos que avaliar e perceber porque as coisas não funcionam. A escola é que tem de se voltar para a comunidade. Não podemos estar à espera que a comunidade em si se vá preocupar com os problemas de educação, porque a comunidade não tem a responsabilidade de educar ninguém. A comunidade tem o poder de acolher as pessoas no seu seio. Pedir à comunidade responsabilidades sobre o que se passa na escola não acho que é correcto. A escola sim, pode ir à comunidade aproveitar a sua riqueza, agora o contrário não deve ser, até nalguns casos pode ser considerado como alguma ingerência dos assuntos escolares.

Porque é que a escola, a família, a comunidade, não podem trabalhar mais juntas?

- Nós temos várias realidades no concelho. Se eu te falar das escolas do 1.º ciclo eu não consigo perceber porquê. Se eu te falo de uma escola grande como esta, já consigo encontrar uma série de justificações.

É uma escola grande, fisicamente está longe da maior parte da residência das pessoas e dos miúdos que aqui estão tudo bem. Agora as escolas do 1.º ciclo que estão enraizadas naquele meio e no máximo dos máximos, o caso dos miúdos transportados, os pais estão ali a 4, 5, 6 km daquela escola. Eu não percebo porque é que não há diálogo e concordância. Hoje em dia o professor pode realizar actividades fora da escola perfeitamente cobertas com seguro escolar, com tudo aquilo que é necessário, têm apoios, os alunos que, por exemplo, não têm dinheiro para comprar uma sandes, ou ir a um convívio, ou um transporte, tem apoios, a Acção Social escolar tem verbas para isso, portanto o professor pode-se mobilizar para a comunidade pode ir ter com os pais, pode exclusivamente, no seu horário de trabalho, falando com o órgão de

gestão uma reunião se precisa de falar com os pais, em vez de ser às 4 da tarde, que convém a ele, pode ser às 8, que convém aos pais e o professor pode ficar lá mais tarde e no dia seguinte trabalhar menos tempo, é uma questão de chegar a um acordo. Não percebo muito bem porque as coisas não funcionam. Até porque as turmas são muito pequenas, um máximo 10,12,13,14 alunos, eu acho que é no fundo, a experiência que nós temos e olhando para aqueles professores que não conseguem fazer isso, é falta de motivação da parte deles. Instabilidade do corpo docente, estão aqui pela primeira vez, não sabem se ficam mais ano nenhum, desistem desligam-se um bocadinho, não se querem ligar. A instabilidade é um factor e o facto de eles não residirem cá e terem de se deslocar diariamente para Beja e para outros sítios, quando chegam já estão cansados e quando chegou ao fim do dia já estou a pensar no que têm de fazer a seguir, e têm que se preocupar em ter alguém que vá buscar o filho dele ao infantário, essa correria a essa instabilidade, traz muitos problemas e faz com que as pessoas não se debrucem sobre o meio. Aqueles professores que são de cá, que de alguma forma moram ali muito perto da escola e que facilmente contactou com as pessoas não têm tido problemas de integração, a aliás têm sido feitos projectos muito engraçados. Quando um professor sozinho tem que assumir a matemática, o português e o desenvolvimento do currículo e depois ainda lhe pedem para vir ter com a comunidade, e já pediu muita coisa uma pessoa só. Porque a pessoa tem de ficar para além do tempo lectivo, e não cabe na cabeça de ninguém pediu a professor para ficar mais duas horas e planificar e depois são mais duas horas para chegar a casa e isso uma sobrecarga muito grande para os professores, essas duas horas o professor planifica em casa. Pedir ao professor para andar no meio da comunidade e fazer isso tudo, pede-se e insiste-se mais é uma sobrecarga de trabalho grande sobretudo para quem não consegue assimilar e não é de cá e para quem não consegue perceber muito bem essas coisas.

- Que papel devia assumir a Escola?

- O papel da escola não como entidade local, mas enquanto, imaginarmos que é uma escola de excelência que tinha recursos e possibilidades, de ser uma escola que se pede hoje em dia, e as escolas particulares assemelham-se muito mais disso do que as escolas públicas porque estão limitadas por orçamentos e por falta de recursos, uma escola desse tipo é como que tem de ter um projecto. Um projecto em uma criança entra na sua escola, onde é obrigada a aceitar as ordens e o projecto que estamos a desenvolver.

O projecto tem de ser muito claro, ou seja tem de haver um projecto de aluno que ao fim de terminar uma escolaridade a terminar uma permanência na escola, sejam, 10 ou 12 anos, seja muito claro para o encarregado de educação que ela tenha essa ideia clara que a criança entra com este nível de escolaridade, mas quando sair tem de ser assim. Isso não é só a nível de desenvolvimento a nível de língua portuguesa e matemática, tem haver com o comportamento, com atitudes, com valores tem de respeitador, tem de ser trabalhador, tem de ter espírito de grupo, tem de respeitar os colegas, tem de respeitar os bonitos, os feios, os ricos, os pobres. Tem de haver um projecto escola muito claro que depois fosse cumprido e houvesse alguma formas claras que quando houvesse um problema com alguma criança que obtivesse a desviar-se do modelo que a escola está a seguir, devíamos ter o poder, que não temos, de chamar o encarregado de educação e dixe: "O seu filho não está a ir de encontro ao nosso modelo de aluno". Isso até poderia dizer que o aluno não estava a ter sucesso na língua portuguesa em matemática. Mas aí estaríamos que esteve preparados para acolher aquela criança e dar-lhe um outro futuro noutra área. É uma escola muito complicada, é uma escola aberta é uma escola com vários recursos, é uma escola que não se limita a transmiti-la sé esses saberes formais do currículo nacional, é uma escola que tem de ter mais recursos mais meios, é uma escola que tem por exemplo e que se nota hoje em dia muitos alguns recursos na área da psicologia e da sociologia, porquê, para perceber porque é que aquela criança funciona daquela maneira, porque é que aquela criança não está a aprender e então encontrava o caminho dela, ou seja, se ela não está a render nesta área um

psicólogo consegue fazer testes, fazer uma investigação sobre essa criança e ter obrigação de nos dizer que ela não tem jeito para isto mas tem jeito para aquilo.

E a escola mobiliza-se para um quantitativo de crianças que estariam naquela situação. Isto implica mais investimento. E implica sobretudo um diálogo mais aberto e muito directo com os pais, mas é preciso haver a tal forma. Ele está-se a desviar, como vamos fazer daqui para a frente, tem de haver uma série de normas e de regras que nos permitissem empurrar também as pessoas contra a parede e chama-las há responsabilidades: " Você aceitou as regras da escola. A partir de agora ou ele passa a ser aquilo que agente quer que ele seja, respeitador, trabalhador, cidadão, amigo do seu amigo, colaborador, ou então vai ter um determinado tipo de consequência que será muito pior do que não continuar. "Basicamente era aumentar isso tudo, mas não vejo como, a não ser com mais investimento, com mais pessoas a trabalhar, No 1º ciclo devia haver um investimento maior, pois os professores acabam por passar mais tempo com um aluno mas deixando os alunos médios e os alunos bons um pouco de parte.

Mas têm para ai umas soluções de recursos e uns professores de apoios educativos, que são professores normais que não conseguem lidar com aquele tipo de dificuldades. Porque ensinar um aluno normal é fácil, o problema é o aluno que por algum motivo ou alguma falha genética, física ou psicológica não consegue entender uma mensagem normal. O professor está habituado, e na formação dos professores não há uma área como lidar com crianças fora do normal, É uma área bastante vasta, que está dividida em várias especialidades. Parte da solução está nesse investimento que se faz no 1º ciclo, se o professor fosse ajudado por especialista, este conseguia desempenhar um bom trabalho, por vezes há crianças que o problema é um simples caso de dislexia. Mas as soluções que tem aparecido são do tipo para 16 escolas, para de um concelho inteiro para 400 alunos a 1 200 alunos que tem a EB 2,3 dá-se um psicólogo.

O que é esse psicólogo vai fazer para 1 200 alunos para um concelho com 400 alunos para 60 e tal casos de necessidades educativas especiais e com crianças com problemas de aprendizagem deu-nos 4 professores de apoios por ano.

Esses 4 professores não podem andar de avião de uma escola para a outra irem dar um só dia numa escola e depois irem a outra e depois ai o apoio acaba por não ser nada, tem que dar um apoio minimamente consistente pois três dias por semana, acabam por ir só a dois ou três estabelecimentos no máximo, que trabalho está esse professor a fazer? Não sendo especializado, não tendo capacidade técnica para desembrulhar aquela mantazinha que ali está, o que esse professor está a fazer? Que investimento está a ser feito na educação.

Que papel deveria a família assumir para fazer alguma coisa?

Isto é difícil, a família é complicado para já porque a família evolui à medida que os dois pares fundamentais, o marido e a mulher, se juntam a sua noção de matrimónio, a sua noção da família a sua noção de educação se vai desenvolvendo e eles próprios na sua relação pessoal vão tendo atitudes perante os seus filhos que é uma coisa muito própria é uma célula familiar é a primeira instituição de todas e é algo que não se consegue entrar de uma forma muito fácil, porque são dias pessoas e elas próprias levam uma vida inteira a tentar perceber como se hão de relacionar. Evoluem muito ao sabor de estímulos exteriores, aquilo que vem na televisão, daquilo que lêem nos jornais, quando lêem, das convivências diárias e as suas representações e que vão fazer com que.

Aqui que nos podemos fazer em quanto escola é chamar a atenção é alertar é falar com as instituições locais para que se façam mais coisas dirigidas à família. Mas aquilo que temos notado é que a participação é reduzida. Não sei se tem um motivo, mas julgo que tem haver com um desenvolvimento geral com estas matérias. Eu lembro-me que há um cinco, seis anos atrás, não sei se foi a biblioteca a câmara, organizou uma palestra sobre os brinquedos e os avós, como trabalhar a questão do brinquedo, o lúdico, na família.

Eu andava na ludoteca e estava a dar aulas no ensino recorrente numa aldeia próxima, estava lá com os velhotes e perguntei se não queriam assistir a uma palestra que há sobre crianças e os brinquedos. Os velhotes estavam com vontade de ir mas os problemas eram o transporte, e eu ofereci-me para os trazer, e eles vieram. Quando Chegamos lá estavam os quatro velhotes que eu tinha trazido mais duas ou três pessoas aqui de Mértola. A lição que eu tirei disso foi: Se houvesse mais 7 ou 8 pessoas a fazer este tipo de motivação, ofereceu condições, se houvesse um esforço das instituições a facilitem os caminhos e se houvesse um contacto mais directo. Mas passa por aqui, passa a motivação, as pessoas já estão tão desligadas de tudo e não participem em nada. Isto não é muito fácil!

Em relação à comunidade, acha se deveria assumir algum papel também para facilitar?

- Eu acho que a comunidade funciona para nós como inspiradora, como um centro de riqueza emenda que a escola pode aproveitar. Partindo de lá nós conseguimos chegar aos alunos, nos ignoramos a comunidade o sitio onde eles vêm, até numa simples briga, nós podemos tentar resolver o problema de uma briga, tentando perceber porque é que aquela briga aconteceu. A comunidade tem uma riqueza imensa e a escola tem de dirigir à comunidade e deve sobretudo tentar perceber como é que a comunidade funciona, o que eu a comunidade pode trazer à escola, aquilo que pode orgulhar os alunos na escola e os façam sentir orgulhosos por serem daquele monte ou pertencerem aquela comunidade. No fundo também é preciso lhe lá buscar essa riqueza e tentar que eles, porque a gente na escola tem muito a tendência de os recriminar, e existem centros comportamentos que são habituais do sitio onde ele está a morar, isto é uma mensagem contraditória. Mas por um lado se acarinharemos essa comunidade acarinharemos a sua sabedoria cultural e, por outro lado divulgaremos por parte da escola junto da comunidade o que os alunos estão a fazer e o seu sucesso, a comunidade também desfaz uma série, porque hoje em dia toda a gente percebe mais de educação do que os professores. E a própria comunidade condena muito a escola porque o aluno não aprende ou porque leva um problema, ou porque há isto ou aquilo. A escola tem feito um esforço imenso em conseguir o acolhimento das crianças, desde conseguir que eles alcem cá, o acolhimento, o acompanhamento a vigilância, o facto de se porem redes, câmaras, pessoas porteiros para vigiarem a saída e entradas quer de pessoas estranhas do exterior para o interior, como eles saírem sem a autorização dos pais, para manter a segurança das crianças. Têm-se investido em diversificado algumas coisas, por exemplo a biblioteca, aumentar o tipo de coisas que se lhe dá, para também motivar a aprendizagem deles. Só que estas experiências a comunidade não vê, porque habitualmente não vem à escola. Os nossos alunos, por exemplo têm sucesso na natação, têm sucesso na canoagem, têm sucesso nalguns desportos, é preciso que a comunidade saiba disso e ela própria orgulhar-se dos seus alunos e da escola que tem. Tem de haver esse trabalho. Esse trabalho não é preciso muita coisa.

Vantagem e desvantagens, se existirem, de uma participação activa dos pais na vida escolar ?

- Segundo os entendidos, encontram-se grandes vantagens na participação dos pais e no envolvimento dos pais na escola. Isso reflecte-se na motivação com que alunos vai para a escola, reflecte-se na aprendizagem e no sucesso escolar. Reflecte-se também na sua integração porque no fundo quando os pais vai muitas vezes à escola nós ficamos a percebê-los e a conhecê-los bem, as outras crianças também os conhecem. Depende da participação se o pai for à escola dizer disparates, este tipo de participação também não vai dar em nada. Mas o tipo de participação que já se falou em acompanhar o desenvolvimento do aluno de uma forma muito próxima, tentar, em conjunto com o professor, eliminar algumas pequenas dificuldades, criar em casa uma continuação do ambiente educativo, criar um horário de trabalho para dar continuidade ao estudo em casa e perceber também o que o professor está a exigir aos seus alunos. Tudo isto é uma

preocupação que se for bem desenvolvida entre o pai, o encarregado de educação e o professor vai levar a que no fim do ano o aluno tenha boas notas. Desvantagens não encontro nenhuma, no fundo a principal desvantagem é que a escola terá de estar muito mais aberta e tem que funcionar noutra hora, significaria que os professores teriam que estar disponíveis de acordo com os interesses dos encarregados de educação porque isso é fundamental. Eu parece-me que o novo código da lei de trabalho já reserva 4 horas por trimestre, em que as entidades laborais são obrigadas em deixar os pais participarem em reuniões de forma a promoverem a participação destes na escola. Mas, sem dúvida que é pouco, dá uma hora por mês, isto não é uma participação, é uma passagem, é uma informação. Agora se pegarmos nessa 4 horas e falamos com os professores e se naquelas turma de 20 alunos há um pai que só pode estar cá às oito horas, o professor que esteja lá às oito horas o professor passa ter uma compensação horária noutra dia, eu julgo que isso é ótimo e é por aí que temos que ir. Só que isso tem de desenvolver à escola uma autonomia que ela não tem. Autonomia na definição dos horários, porque nós aprovamos os horários do funcionamento da escola, dos alunos das turmas e dos funcionários,mas aprovamos de acordo com uma lei.

Se a escola tivesse essa autonomia de dar essas bonificações aos professores, eles iam compreender. Nós exigimos aos professores para ficarem uma determinada hora e não haver uma contrapartida, só mesmo uma boa vontade.

Voltando à questão dos avós e dos idosos, qual as vantagens de aproveitar o conhecimento dos idosos a nível de uma educação cultural das crianças?

- Todos, se calhar hoje, mais do que nunca porque as crianças não passam tanto tempo em casa quanto seria desejável. Temos miúdos aqui que devem chegar a casa, no Inverno, de noite. Saírem de casa de noite e chegarem à noite. O diálogo e a própria compreensão da cultura do seu próprio avô, a não ser ao fim de semana, é muito reduzida.

Por um lado os pais virem a escola dá importância à criança, à sua família, dá importância a ele próprio.

Depois tem a ver com diversificação, com uma cultura que está a duas gerações com aquela que se está a desenvolver e que tem também muita riqueza e acho que é importantíssimo. As experiências que temos tido com o envolvimento dos avós na escola têm sido ótimas, não vejo nenhum problema nessa área.

O que as crianças e os jovens ainda poderiam ensinar os idosos?

- Há sempre um conflito entre gerações, especialmente entre pais e filhos, porque quando o pai passa a ser avô, ele passa a ser mais tolerante do que ele era com os seus próprios filhos. Há aqui uma vertente no meio disto tudo que tem haver com o facto de a pessoa ter passado já por muitas coisa e ter entendido que não adianta outras exigências, que é preciso ter mais calma, ter mais paciência. Se calhar é a idade, a maturidade que faz com que isso aconteça. Eu acho que entre avós e netos se consegue passar muitos mais valores e mensagens do que entre pais e filhos. Sobretudo já não digo tanto no pré-escolar e no 1.º ciclo, porque ainda há uma grande dependência dos pais mas sobretudo na fase da adolescência é habitual nós sentirmos, e observa-se que o aluno não é confiante do pai e nem da mãe, mas é da avó, do avô ou de um familiar que dá um bocadinho mais de atenção. Especialmente na fase da adolescência eles podem ser importantes, os alunos podem dar a sua experiência pessoal e os avós podem se eles funcionarem como avós, fortalecem os alunos e a solução dos seus problemas. O que os alunos podem dar aos avós? Tornarem a vida deles mais agradável, diverti-los um bocadinho. É raro encontrar avós que não se divirtam com as crianças, que lhes façam perguntas, isso dá-lhes força fá-los sentir úteis, numa fase da vida que é complicado para as pessoas. Não precisa de ser um avô com muita idade, naquela fase as pessoas se reformam, ficam em casa e começam os problemas, é fundamental sentirem-se úteis. Vir à escola

trabalhar a tal questão dos computadores, mas sobretudo sentir-se útil e sentir-se envolvido vais dar-lhe muita força de viver. Muitas vezes deixam-se ficar doentes porque não sentem motivação, estão sozinhos em casa, ninguém os chama a fazer nada se forem para um lar ainda é pior.

Ideias ou estratégias para promover esta articulação?

- As ideias estão patentes no meio da nossa conversa toda. Eu entendo que a escola tem de ter mais autonomia. Em primeiro lugar tem de ter mais estabilidade do corpo docente, para nós podermos passar uma mensagem e trabalhar um objectivo de trabalho com os seus professores o mínimo 3 anos. Porque se estão a trabalhar objectivos estratégicos para a educação do conselho dês ta escola e para o próximo ano vão ter de começar tudo de novo, isso é muito complicado. A estabilidade do corpo docente passa tanto por estarem cá e morarem cá. Depois incentivar os professores que cá estão com o tempo e que se debrucem sobre o meio. Isso é fácil, às vezes há pequenos projectos de outras instituições, até prémios e candidaturas que podemos passar às pessoas, e muitas vezes não passamos por sabermos que aquilo não vai dar em nada. As instituições por vezes fazem projectos ligados à cidadania, nós também podemos atribuir aos professores e responsabiliza-los por investigarem o meio e envolverem-se com o meio. E aí se nós soubermos conhece-los minimamente, sabemos como jogar com eles. Por outro lado termos autonomia para podermos agradecer aos pais, podermos manobrar os horários, podermos ter uma escola mais aberta e termos no fundo mais recursos para poder justificar perante os pais de que aquele modelo de aluno existe nós vamos fazer tudo para que o filho dele atinja aquele modelo de aluno, mas não é um modelo de aluno baseado no modelo em que o aluno tem 20 a matemática, 20 a português e 20 a desenho, não é um modelo desse tipo. É um modelo muito mais humanista, muito mais ligado às competências pessoais de cada um, à exploração de competências. É nessa exploração competências individuais e pessoais e de grandes trunfos, dotes ou talento, que a escola tem de estar preparada para interagir. E o pai tem de perceber isso. Se nós tivermos equipas de trabalho que diagnosticam as crianças, acompanha-las, dar-lhes pistas dar-lhes novos caminhos, novas estratégias para elas percorrerem, o pai vai se sentir seguro e vai sentir que aquilo que nós vem dizer é importante porque ele está a participar activamente. Agora enquanto eu chegar ao pé do pai, e também a maior parte do diálogo que eu faço é chama-lo à atenção que o miúdo se porta mal, também o pai quando recebe o telefonema, em casa pensa: "O que terá ele feito desta vez?" Se tivermos essa autonomia e essa capacidade as coisas podiam correr melhor. Haver alguém especializado só para trabalhar esta questão da articulação entre a escola/família/comunidade.

Ent.nº12

Entrevista à Representante do Pré-Escolar (rede pública)

Na sua opinião existem parcerias culturais em Mértola?

Existem. Podem existir algumas de forma incipiente, mas já há vários anos que se tenta trabalhar nesse sentido.

Em relação à articulação entre instituições, a comunidade, a família e a escola, acha que existe?

Existe, também depende do nível de ensino que estamos a falar. Se calhar no pré-escolar encontramos essa proximidade com a família e com a comunidade, noutro nível de ensino pomos a questão mais entre entidades, que se ajudam mutuamente porque há mais vantagens nisso, mas penso que existe.

Poderíamos melhorar esta articulação e, se existem, quais as barreiras?

Eu penso que as coisas podem ser sempre melhoradas. Eu acho que o que há aqui em Mértola é a sobreposição de projectos, estão várias entidades a tratar do mesmo assunto e aqui há uma falta de articulação, todos querem candidatar os seus projectos, terem os seus financiamentos e, às vezes falta essa coordenação de esforços e, apontar de baterias e esforços para o mesmo alvo. Mas também penso que, nesta questão, as pessoas estão a aprender que é importante haver diálogo, unir esforços e depois dividir tarefas. Acho que já se fez alguns esforços nesse sentido.

Qual a responsabilidade da escola?

A escola tem de ser mais activa. É nela que se aprende e é à escola que lhe compete todo este desafio.

Qual a responsabilidade da família?

A família demitiu-se do seu papel culturalmente, passou esse papel para a escola. Não participam na vida escolar dos seus filhos, mas também as famílias têm pouco tempo e uma carga horária muito grande.

Responsabilidade da comunidade?

Eu acho que há muita protecção das famílias e, se calhar, esse protecçãoismo retira autonomia e auto determinação das pessoas. Há famílias que precisam de ser acompanhadas, mas não sei até que ponto não há um protecçãoismo extremo e, depois, não sei em certo ponto, não há o contrario do outro lado, em que há de facto famílias podem ser ajudadas neste, e

noutro ponto, e não são. A comunidade não tem respostas para certos problemas de famílias que se esforçam para acompanhar a educação dos filhos.

Qual o papel da escola?

Tem um papel importante, se é à escola que lhe compete o desafio também tem de ser mais activa. É à escola que lhe compete a aprendizagem e interessa-lhe ter os parceiros consigo e manipula-los.

Qual o papel da família?

Como disse há pouco a família demitiu-se culturalmente. Deixou de ter o papel que tinha e deixou-o para a escola. Enquanto achar que as coisas assim estão bem não vão mudar. Mas como já referi, as alternativas são poucas, as pessoas têm que trabalhar, têm uma grande carga horária fora de casa, as famílias são reduzidas, já não temos as famílias nucleares, mesmo nas aldeias. Não vejo nos próximos tempos, a família mudar, vamos ter uma família completamente demitida das suas funções. O que vai fazer com que isso mude não sei. Acho que a escola não tem esse peso para mudar, e os interesses podem ser conflituosos por vezes. Respondendo à questão a família deveria ter um papel mais activo na escola e na educação dos seus filhos.

Qual o papel da comunidade?

Deixar de ser tão proteccionista em relação à família.

Quais as principais vantagens da participação mais activa dos pais, na vida escolar dos filhos?

As vezes a grande vantagem é absterem-se completamente, Porque todos os pais têm preocupação da vida escolar dos filhos. Depois há diferenças pessoais, há famílias que entendem que há regras e limites e outras não. Todos querem que os filhos tenham sucesso na vida e que aprendam, agora a maneira de por em pratica é diferente. As famílias da vila têm perspectivas diferentes das famílias das aldeias e dos montes. Muitas vezes o bem sucedido não é acabar um curso, é ganhar dinheiro. São questões culturais e são matrizes que pelas quais cada família se orienta.

Em relação aos idosos no jardim-de-infância, quais as vantagens?

Todos os projectos intergeracionais são positivos e só têm a ganhar de parte a parte. Não é só a criança que ganha a figura do avô ou da avó, mas o idoso também pode ganhar, porque as crianças permitem um espaço de desinibição e de espontaneidade. Não é só a nível de ensinar computadores, tem haver com a transmissão daquilo que são fragmentos da nossa cultura, tem haver com jogos, danças, canções e os idosos são um bom veiculo de transmissão oral.

O que podem as crianças ensinar aos idosos?

A ter momentos de descontração, a dar boas gargalhadas e podem ensinar a ver as coisas numa perspectiva ingénua e imaginativa.

Ideias e estratégias para promover esta articulação?

Penso que não há um projecto que tenha pernas para andar se não tiver enraizado na comunidade. Existem projectos muito bonitos no papel mas depois, na prática, não interessam a ninguém. Todos os projectos que nascem da necessidade só fazem sentido que se façam com uma articulação. Fazem um projecto, sabem quem está interessado nessa caminhada, depois partir para o diálogo e negociar.

Ent.nº13

Entrevista a uma educadora do Centro Infantil
da Santa Casa da Misericórdia de Mértola

Existe uma cultura de parcerias culturais em Mértola?

Acho que sim, porque todas as instituições locais têm a preocupação de articular esforços no sentido de proporcionarem, entre si, a experiências que cada uma tem para oferecer. Desta partilha de experiências nasce uma mais valia da qual vem a beneficiar todo o público alvo.

Existe uma articulação entre a família/comunidade/escola?

Tem vindo a ser feitos alguns esforços no sentido de sensibilizar a família para a importância que esta indiscutivelmente tem na evolução da criança. No entanto da coerência desta importância aí não se encontra bem presente no seio da família. Neste sentido, e respondendo à pergunta, ainda não existe uma articulação efectiva de facto.

Quais as barreiras para não haver uma melhor articulação?

Uma das principais barreiras a apontar enraiza-se numa questão de origem cultural. Uma vez que a família nunca se sentiu como sendo corresponsável no acto de educar, delegando essa função única e exclusivamente à instituição escola. Demitindo-se por isso dessa parceria. Como facto, de aspecto secundário, pode ainda ser referido o facto de nem sempre haver disponibilidade de tempo, uma vez que cada vez mais o tempo se encontra sempre contado.

Qual a responsabilidade da escola?

Acho que a escola não tem responsabilidade, visto que tem feito um esforço no sentido de envolver a família.

Qual a responsabilidade da família?

A família por vezes demite-se desse papel, por falta de consciência da importância do papel que assume.

Qual a responsabilidade da comunidade?

A comunidade dentro daquilo que é possível tem vindo a promover iniciativas, de forma a estimular o envolvimento por parte da família.

Qual o papel da escola?

A escola deverá, sempre que possível, fazer sentir que o acto de educar não é um acto isolado. Necessitando por isso de todo o tipo de apoio no sentido de promover e otimizar o produto final: uma educação conjunta.

Qual o papel da família?

A família deveria assumir o papel de maior participação em todas as iniciativas desenvolvidas pela instituição escola.

Qual o papel da comunidade?

A comunidade deverá assumir um papel de divulgação e organização de iniciativas que despoletem o envolvimento conjunto de parcerias.

Vantagens de uma maior participação dos pais na vida escolar dos seus filhos?

Uma educação conjunta, trabalhando todos no mesmo sentido: um bom desenvolvimento global da criança.

Quais as vantagens de uma intersecção com os idosos?

Essencialmente o envolvimento dos idosos é sempre válida pela riqueza de experiências e conhecimentos acumulados, e pela forma como essa mesma experiência poderia engrandecer e enriquecer a educação da criança.

O que poderiam aprender os idosos com as crianças?

Os idosos, além de se sentirem úteis e válidos através do seu contributo, terem um papel activo na educação da criança, além disso sempre que cada idoso tem um momento conjunto com uma criança, rejuvenesce pela alegria e espontaneidade que esta transmite.

Em relação às novas tecnologias, poderia haver alguma partilha mas duvido da sua eficácia.

Ideias e estratégias para promover esta articulação?

Todo o tipo de iniciativas de sensibilização, como acções de formação, workshops, partilha de ideias.

Ent.nº14

Entrevista a uma professora do 1º ciclo da rede pública

Existe uma cultura de parcerias culturais em Mértola?

Existe várias parcerias entre escola/instituições visto ser um meio pequeno. Não existe as burocracias que existem em grande centros, factor positivo que toda a gente se conhece, o que contribui para uma eficácia de recursos, contribuindo para uma prática pedagógica positiva.

Existe uma articulação entre a escola/família/comunidade?

Entre a escola/instituições existe. Na minha opinião, e da experiência que tenho tido existe uma boa articulação entre os intervenientes.

Quais as barreiras e limitações existentes?

Apesar de ser boa há sempre arestas a limar, uma vêz que existe sempre aspectos que podem ser melhorados afim de obter ainda melhores resultados. Depende muito do docente, a forma de ser, e não é num dia que se conquista uma família. Como sabemos é difícil entrar numa família. É necessário haver diálogo, confiança e interesse de ambas as partes.

Qual a responsabilidade da escola?

Na minha opinião a escola tem vindo cada vez mais a abrir as portas à família. Temos uma escola "aberta" onde todos podem manifestar e contribuir para uma melhor articulação. No meu ponto de vista escola/sala onde lecciono, não é uma sala isolada, egocêntrica.

Qual a responsabilidade da família?

Alguns já são participativos e responsáveis nesse processo. Outros têm de ser responsabilizados para lá chegarem.

Qual a responsabilidade da comunidade?

Uma vez que vivemos em sociedade todos devemos e temos de dar o nosso contributo para essa parceria, pois não devemos apenas cingir apenas às actividades curriculares, mas apelar à comunidade para nos ajudar nas extra curriculares.

Qual o papel da escola?

Eu acho que a escola no seu todo tem feito melhorias. Podemos no entanto, reflectir e pensar em sensibilizar com: acções, tertúlias com toda a comunidade sobre esta temática.

Qual o papel da família?

Algumas famílias deveriam assumir um papel mais dinâmico e activo na escola, não só para dizer os aspectos negativos, mas antes para encontrar soluções e irem, também, realizar actividades positivas. Serem mais participativos e não darem tanta importância às pequenas coisas que os seus filhos lhe dizem, pois em educador é um educador...

Qual o papel da comunidade?

Deve também ter um papel mais activo, participativo e de interligação entre todos. Irem com uma visão positiva e não com ideia de mandar e impor as suas ideias.

Quais as vantagens de uma participação mais activo dos pais na vida escolar dos seus filhos?

Todas as vantagens, tanto no desenvolvimento e crescimento global e integral da criança.

Qual a importância da partilha de conhecimentos entre os idosos e as crianças?

Muito importante a troca de entre gerações, pois algumas tradições tendem a desaparecer e, se não existir esse feedback a maior parte da nossa cultura e tradições vai desaparecer. Porque todos aprendemos uns com os outros.

O que as crianças podem ensinar aos idosos?

O que as crianças lhes podem ensinar é a alegria de viver, a vontade de sorrir, a afectividade e o carinho.

Ideias e estratégias para melhorar esta articulação?

Fazer colóquios, tertúlias, pequenos grupos de reflexão, criar um espaço interactivo onde participassem todas as pessoas (crianças, pais, professores, idosos, comunidade.)

